

SYSTEMATIC THEOLOGY

Gordon H Clark



SYSTEMATIC THEOLOGY

Gordon H Clark

TEOLOGIA SISTEMÁTICA

Gordon H Clark

Em memória da minha esposa e mãe

Índice

Introdução

Capítulo um
As Escrituras

1. Métodos em Apologética
2. O método de revelação
3. A afirmação bíblica
4. Outro texto
5. Versículos Adicionais
6. Novo Versus Antigo Testamento
7. A reivindicação da verdade
8. A afirmação é verdadeira?

9. Axiomas
10. O Papa
11. Perspicácia
12. O método da experiência
13. Conhecimento é essencial
14. Uma visão neocalvinista
15. O método de prova de texto
16. Idioma

Capítulo dois
Deus

1. Onipotência
2. Onisciência
3. Eternidade
4. Imutabilidade
5. Relação entre onipotência e onisciência
6. Todos os atributos são um?
7. O infinito e o finito
8. Um Deus finito
9. Finitude e conhecimento

10. Deus é Espírito

11. Dificuldades Filosóficas

a) O argumento cosmológico

b) Cinco objeções

(c) Um argumento reconstruído

(d) As Escrituras exigem um argumento?

(e) Uma palavra sem sentido

(f) Deus pode ser conhecido?

(g) A natureza ou definição de Deus

h) Substância e atributos

(i) A Glória de Deus

Capítulo três
A Trindade

1. Escritura Preliminar

2. A Deidade de Cristo

3. Atanásio

4. Geração Eterna

5. Terminologia

6. O Deus Único

7. Realismo

8. O Espírito Santo: Sua Personalidade

9. A Procissão do Espírito

10. A Obra do Espírito

Capítulo quatro
Criação

1. Criação Ex Nihilo
2. Ex Nihilo
3. Platão e Filo
4. Materialismo
5. Mecanismo
6. Teleologia Bíblica

7. A Glória de Deus
8. Quatro partes do propósito de Deus
9. O Propósito Particular da Criação
10. Imutabilidade e Criação

Capítulo Cinco Homem

1. Criação
2. Evolução
3. A imagem de Deus
4. Vistas anteriores da imagem
5. Behaviorismo
6. Dicotomia e Tricotomia
7. Traducianismo e Criacionismo
8. Adam
9. Chefia Federal
10. A queda e o decreto
11. Imputação imediata
12. Depravação Total

Capítulo Seis A Expiação

1. A penalidade pelo pecado
2. Obediência Perfeita
3. A Aliança da Redenção
4. A Aliança da Graça
5. A Encarnação
6. O nascimento virginal
7. A natureza humana de Cristo
8. O Propósito da Encarnação

9. Obediência ativa
10. O sacrifício vicário
11. Uma penalidade
12. Expiação
13. Propiciação
14. Extensão e Intenção
15. A distorção arminiana
16. O tríplice ofício de Cristo

Capítulo Sete salvação

Introdução

Parte I Regeneração e Graça

parte II Fé

1 Contexto bíblico

2) Necessidade de fé

3. O idioma

4) Pessoa ou Proposição

5) Nota histórica

6 Psicologia

7. John Owen

8. O Objeto

Parte III Justificação

1. Definições
2. Um ato
3. Perdão
4. O fundamento da justificação
5. Imputação e chefia federal
6. Berkouwer

Capítulo Oito Santificação

1. Conversão ou arrependimento
2. Teorias Aberrantes
3. Perseverança
4. A vida cristã

5. Os Sacramentos

Capítulo Nove
Escatologia

1. A definição

2. O Estado Intermediário

3. O Segundo Advento

4. Julgamento e Inferno

5. Céu

PRIMEIRAS LIÇÕES EM TEOLOGIA

Observações Introdutórias

A teologia é às vezes mantida em desprezo. Mesmo os cristãos devotos, que deveriam ser seus amigos, podem rejeitar isso é tão arrepiante; e alguns deles contrastam a ortodoxia morta com a vida cristã pulsante. Seus inimigos são mais graves. Os positivistas lógicos chamam de bobagem. Os devotos do cientismo chamam intolerância. Os esquerdistas políticos o atacam como um obstáculo reacionário ao avanço social. Mas antes que alguém possa julgá-lo adequadamente como bom ou mau, ele deve saber o que a palavra teologia significa.

A palavra em inglês vem de duas palavras gregas: *theos-logos* . Como a biologia é o estudo, conhecimento ou ciência da *bios* , a vida; e como antropologia é o estudo de *anthropos* , homem; e como sociologia é o estudo da sociedade, e fisiologia, geologia e o resto; então a teologia é o estudo ou conhecimento de Deus (*Theos*).

Teologia não é a única palavra estranha que o aluno deve aprender. Ele deve estar disposto a conhecer e conquistar *a liderança federal* , *imputação imediata* , *pré-milenismo* e até *Trinity* . Algumas pessoas têm medo de palavras longas; mas nem todo mundo. O povo da Alemanha parece gostar deles.

Um deles é o Constantinopolitanischerdudelsachspfeiffenmachergesellschaft. Significa uma empresa em Constantinopla que fabrica gaitas de foles. A palavra inglesa mais longa em que consigo pensar, se você excluir
'supercalifragilisticexpialidocious' por motivos técnicos lexicográficos é 'Antidisestablishmentarianism'. É ainda mais inútil do que a palavra alemã.

Outro termo técnico, embora mais fácil, é ateísmo. Ateus são pessoas que afirmam que Deus não existe para estudar. Eles podem dizer que os átomos no espaço compõem a soma total da realidade. Ou na ciência mais moderna, os átomos podem ser analisados em nêutrons ou, finalmente, em energia. Seja qual for a análise, essas pessoas afirmam que não há mais nada. A realidade física é tudo o que existe.

Não é de surpreender que os ateus ridicularizem a teologia. Uma vez que negam a existência de Deus, eles naturalmente consideram a teologia falsa, inútil e prejudicial. Nisto eles são indubitavelmente consistentes. Há, no entanto, outro grupo que também pode se opor consistentemente à teologia. São pessoas religiosas que realmente acreditam em algum tipo de Deus, mas que estão convencidas de que ele não pode ser conhecido. Ateus negam a Deus; místicos negam conhecimento. A religião deste último é baseada e limitada a transes, experiências indescritíveis ou emoções inexplicáveis. Nessas experiências, nenhum conhecimento é obtido. É inteiramente uma questão de sentimentos subjetivos. De fato, existem alguns semi-místicos que permitem uma teologia. Schleiermacher, um teólogo alemão do início do século XIX, fundador do modernismo, construiu uma "teologia" baseada no sentimento. A rigor, não era teologia; era a psicologia da experiência religiosa. O próprio Deus não era o objeto de estudo; sentimentos eram. Emil Brunner, um teólogo suíço de meados do século XX, também escreveu livros sobre teologia; mas sua "teologia" não é conhecimento de Deus. Deus e o meio da conceitualidade são mutuamente exclusivos. Se falamos *sobre* Deus, ele diz, não estamos a falar de *Deus* . Mas ele de fato formula uma teoria da religião e tenta encontrar algum tipo de utilidade para ela. Então, é claro, existem os místicos mais puros e consistentes que, embora possam escrever literatura, não pretendem escrever teologia. Esses dois grupos, ateus e místicos, são provavelmente os únicos dois grupos que podem objetar consistentemente a teologia. Os verdadeiros cristãos, por causa da imaturidade e ignorância, podem menosprezar a teologia, mas seu antagonismo não é consistente com a fé cristã.

Outro grupo que merece menção, apresenta uma aparência intrigante. Eles de fato afirmam que a existência de Deus e suas teorias podem ser adequadamente chamadas de teologia. Eles não querem ser conhecidos como ateus ou irreligiosos, mas definem Deus como tudo o que existe. Espinosa usou a frase *Deus sive Natura* , Deus, isto é, Natureza. Alguns podem usar o termo *Ser Puro* , ou a frase de Tillich, a *Base de Todo Ser* . Assim, Deus é o próprio universo. Ele não é seu Criador. Como eles dizem que Deus é o Todo, essas pessoas são chamadas de *panteístas* - outro termo técnico.

Logicamente, não há diferença entre ateísmo e panteísmo. Negar que existe um Deus e aplicar o nome Deus a tudo é conceitualmente idêntico. É como se eu devesse afirmar a existência de gatos e tentar prová-lo apontando para girafas, estrelas, montanhas e livros: são todos gatos, eu diria, e, portanto, existem gatos. Os panteístas apontam para girafas, estrelas e assim por diante, e dizem, portanto, Deus existe. Mas esse tipo de argumento não tem mais aplicação em Deus do que em gatos - os pequenos animais domésticos que choram miau. Aqueles que negam a Deus, ateus, e aqueles que dizem que Deus é tudo, panteístas, estão afirmando que nada além do mundo físico é real. Na linguagem cristã, e nas línguas comuns ao redor do mundo, Deus é diferente do universo, assim como um gato é uma girafa, e mais ainda.

Outras pessoas são *agnósticas* . Eles não afirmam que existe um Deus; nem afirmam que Deus não existe; eles simplesmente dizem que não sabem. Eles alegam ignorância. A ignorância, no entanto, não é uma teoria sobre a qual se deva discutir. A ignorância é um estado de espírito individual. Um ignorante
a pessoa não é obrigada a provar, por argumentos aprendidos, que é ignorante. Ele simplesmente não sabe. Essa pessoa precisa ser ensinada.

Provavelmente, a maioria das pessoas hoje nos Estados Unidos é de algum tipo ateu. Se você perguntar, eles podem dizer que acreditam em Deus. Mas eles podem muito bem não acreditar em Deus por todo o bem que isso lhes faz. A menos que alguém mencione Deus para eles, eles nunca pensam nele; eles nunca rezam para ele; ele não entra em seus planos e cálculos diários. Suas vidas não são essencialmente diferentes das vidas de ateus e agnósticos. Eles estão praticando ateus.

Mas todos esses termos técnicos, e muito mais por vir, têm algo a ver com a oração e a religião "sentida pelo coração"? O cristianismo não consiste em cantar refrões gospel para rock e guitarra? De que serve a teologia, de que servem termos pedantes?

Os jovens estudantes costumam ser impacientes e, sem pensar, deixam de lado assuntos importantes. Mas a pergunta deles sobre o valor da teologia é apropriada, pertinente e importante. Tem três respostas. A primeira é: Deus, se existe um Deus, é alguém que devemos conhecer. Se deveríamos conhecer estrelas (astronomia) simplesmente porque existem estrelas, e cobre e ferro (química) simplesmente porque elas existem e são úteis para nós, também se Deus está lá e se ele colide com nossa vida de alguma maneira, nós deveria conhecê-lo. Essa primeira resposta precisa de mais elucidação; mas antes de continuar com ela e antes de começar a segunda resposta, a discussão considerará brevemente como é possível conhecer a Deus. Onde descobrimos sobre Deus? Qual é a fonte do nosso conhecimento? Para essas perguntas, existem duas respostas. Algumas pessoas aceitam a primeira resposta e rejeitam a segunda; algumas pessoas aceitam o segundo e rejeitam o primeiro; e alguns usam ambos.

O primeiro método para descobrir algo sobre Deus, de acordo com um grande número de autores respeitáveis, é estudar o crescimento de uma planta, o movimento dos planetas e a queda de uma pedra. Agora, se for possível aprender algo sobre Deus por esse método, ele tem duas desvantagens. Primeiro, é um método muito difícil; e, segundo, não se pode aprender muito dessa maneira. Suponha que possamos obter um microscópio e examinar o floema interno do *lykopersikon esculentum* (L.). Oh eu, oh meu Deus, essas palavras são muito longas. Bem, o estudo da botânica ainda é mais longo; e não está claro imediatamente o que podemos descobrir sobre Deus nos tomates. Ou, você pode observar o movimento dos planetas. Se você os observar com muito cuidado, verá que os quadrados de seus períodos periódicos são proporcionais às distâncias médias do sol. Mas você tem que olhar muito de perto. Isso não é fácil. Se conseguirmos obter essa informação, podemos concluir que Deus é um grande matemático e que a salvação depende de se especializar em
matemática. Tal foi essencialmente o que a antiga escola filosófica grega dos pitagóricos disse. Eles acreditavam que uma vida feliz após a morte era a recompensa por estudar aritmética e geometria. Hoje, uma visão um tanto semelhante é defendida por pessoas que pensam que todos os problemas deste mundo podem ser resolvidos pela ciência. Mas, diferentemente dos pitagóricos, eles não acreditam em uma vida após a morte, nem pensam que as leis da astronomia podem provar que existe um Deus. Convencê-los deduzindo a existência de Deus das leis da ciência seria extremamente difícil e talvez impossível. Se por algum outro método primeiro

Se Deus existe, o estudo da astronomia pode mostrar que ele é um matemático. Mas teríamos que conhecer a Deus primeiro.

Existe um segundo método, diferente da ciência, pelo qual podemos aprender sobre Deus. Onde o primeiro método tem duas desvantagens, este segundo método tem dois pontos a seu favor. Em vez de ser difícil, é fácil; e, em vez de fornecer apenas um pouco de informação, fornece-nos bastante.

Este segundo método consiste em simplesmente ouvir o que Deus nos diz. Se Deus dissesse a alguém: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso, ande diante de mim e seja perfeito” (como ele disse a Abraão em Gênesis 17: 1), então esse homem saberia algo sobre Deus e poderia dizer a outros homens. . Nem ele nem os outros teriam que estudar ciências ou matemática. Tudo o que teríamos que entender seriam algumas palavras curtas, a mais longa das quais é Todo-Poderoso.

Cada uma dessas duas maneiras de aprender sobre Deus tem seu próprio nome. O primeiro é chamado de *teologia natural* . Seu conteúdo é o que podemos conhecer de Deus estudando a natureza. É o caminho mais difícil. Pode ser uma maneira impossível. No entanto, o filósofo grego antigo Aristóteles pensou que ele poderia provar a existência de Deus por esse método; e o teólogo católico romano Thomas Aquinas o copiou. Mas seus argumentos são extremamente complicados. É claro que os Salmos dizem que os céus declaram a glória de Deus; e o apóstolo faz a afirmação paradoxal de que o atributo divino *invisível* da onipotência é claramente *visto* nas coisas que Deus fez. Versos como esses, no entanto, não garantem que Aristóteles não cometa erros. O apóstolo Paulo não diz tanto que os homens provam a *existência* de Deus estudando as estrelas, como ele diz que a *onipotência* de um Deus anteriormente conhecido por existir é exibida nas estrelas. Essa onipotência se manifesta aos homens, não por meio de um argumento complicado, mas porque "Deus lhes mostrou isso". De qualquer forma, em contraste com o catolicismo romano, a teologia da Reforma, como encontrada em Lutero e Calvino, não fez uso de argumentos da natureza.

Se o nome da primeira maneira de aprender sobre Deus é teologia *natural* , o nome da segunda é *revelação especial* . É a maneira fácil de simplesmente ouvir o que Deus diz. Não faz sentido tentar provar a existência de Deus, pois se ele nos diz algo, ele obviamente existe. Um nada inexistente não poderia nos dizer nada. O que é mais importante, se Deus fala conosco, além de saber que existe algum tipo de Deus, começamos a aprender que tipo de Deus existe.

A princípio, pode parecer estranho que o conhecimento do que Deus é seja mais importante do que saber que existe um Deus. Pode parecer estranho que sua existência seja menos importante que sua natureza. No entanto, este é o caso, por duas razões. Primeiro, como vimos, algumas páginas atrás os panteístas identificam Deus com o universo. O simples fato de usarem o nome de Deus para o universo e, assim, afirmarem que "Deus" existe, não ajuda o cristianismo. O falecido professor Wieman insistiu na existência de Deus; mas para ele "Deus" não é nem todo o universo - ele é apenas algumas partes do universo. Os cristãos não estão tão interessados na existência de Deus quanto em que tipo de Deus existe.

A segunda razão para não estar muito interessado na *existência* de Deus é um pouco semelhante à primeira. A ideia da *existência* é uma ideia sem conteúdo. As estrelas existem - mas isso não nos diz nada sobre as estrelas; a matemática existe - mas isso não nos ensina matemática; alucinações existem também. Um predicado, como a existência, que pode ser anexado a tudo indiscriminadamente, não nos diz nada sobre nada.

Quando Deus fala, ele nos diz algo sobre si mesmo. Ele nos diz que tipo de Deus ele é. Se, então, nosso conhecimento de Deus não provém da matemática e da astronomia, mas consiste no que Deus nos disse sobre si mesmo, a teologia como um estudo formal de Deus será essencialmente uma pesquisa do que Deus disse. Ele disse a Abraão que ele era Todo-Poderoso. Todo-Poderoso significa onipotente. Agora não temos mais medo de palavras longas como onipotente. Significa simplesmente que Deus pode fazer qualquer coisa. Mas Deus não disse a Abraão

tudo sobre si mesmo, naquela ocasião ou em todas as ocasiões em que Deus falou a Abraão. Para descobrir que tipo de Deus é Deus, um aluno deve coletar e resumir tudo o que Deus nos disse sobre si mesmo.

A menção de Abraão pode nos levar a vários parágrafos de volta à pergunta de um estudante impaciente que perguntou sobre o valor de um assunto tão obscuro como a

teologia. Existem três respostas. A primeira resposta foi iniciada apenas. Mesmo à custa de um pouco de repetição, pode valer a pena refazer nossos passos e começar de novo.

Primeiro, Deus, se existe um Deus, é alguém que devemos conhecer. Todo mundo gosta de receber informações sobre seus melhores amigos, pelo menos se as informações forem boas notícias. Até queremos ouvir más notícias, como ferimentos ou acidentes, embora isso nos entristece. Se agora alguém como Abraão é amigo de Deus, notícias sobre Deus são bem-vindas; e mais bem-vindo na proporção em que Deus é um melhor amigo que os colegas de classe. Para colocar de uma maneira mais bíblica: "Esta é a vida eterna, para que eles te conheçam, o único Deus verdadeiro e Jesus Cristo, a quem enviaste." Há mais neste versículo do que parece para um leitor apressado; mas o suficiente parece mostrar que não se pode ser cristão sem teologia - um conhecimento de Deus.

Esse primeiro ponto em responder à pergunta sobre o valor da teologia é tão esmagador que quaisquer outras razões parecem triviais e desnecessárias. No entanto, o temperamento americano, mais ativista e "prático" do que a mentalidade européia relativamente mais contemplativa, pode ficar ainda mais impressionado com a necessidade da teologia para o evangelismo. Dizer: “Cristo morreu pelos nossos pecados, de acordo com as Escrituras”, é falar de teologia. De fato, este versículo resume uma grande quantidade de teologia; e apenas o conhecimento do que é "de acordo com as Escrituras" pode garantir um evangelismo bíblico. Também quando um cristão tenta evangelizar estudantes universitários, ele encontra todo tipo de objeção. É fatal descartá-las como hipocrisia, mesmo que algumas vezes sejam; mas mais frequentemente são as opiniões arraigadas que foram inculcadas por uma educação humanística. Foi ensinado ao estudante universitário que a ciência refuta conclusivamente todas as alegações de milagres, e que não é mais possível para um homem ressuscitar dentre os mortos do que para uma vaca pular sobre a lua. A ciência colocou um homem na lua; talvez a ciência em algum momento no futuro descubra como ressuscitar os mortos; mas isso nunca aconteceu ainda. Infelizmente, alguns “evangelistas” evitam essa objeção ao retirar a ressurreição de Cristo de seu “evangelho”. Ou eles nunca mencionam isso, ou como é o caso dos teólogos dialéticos, eles o existencializam e definem *ressurreição* como aquele sentimento feliz de confiança quando alguém sai das profundezas da frustração. Os estudantes sob essas instruções, se fizeram um curso universitário de religião, acreditam que o Pentateuco é uma compilação de vários autores (datados talvez da época de Davi em diante) reunidos por um editor desconhecido por volta de 500 aC Esses estudantes são possivelmente behavioristas em psicologia , e uma universitária disse abertamente na sala de aula: "Bem, sou apenas um animal". Em vista de tais desafios evangelísticos, é lamentável que o cristão conheça a Bíblia menos profundamente do que o estudante universitário conhece seu humanismo.

Há uma terceira razão para estudar teologia, uma razão mais ampla da qual a segunda foi sem dúvida apenas uma parte. A religião do modernismo que floresceu entre 1875 e 1925 foi iniciada por Friedrich Schleiermacher por volta do centenário de 1800. Muitos americanos, pessoas que nunca ouviram o nome Schleiermacher, começaram a desacreditar no nascimento virginal e na expiação vicária por causa de sua influência. Os grandes pensadores, seja em teologia, filosofia ou ciência, estabelecem um padrão no qual milhões de pessoas se enquadram no século seguinte. As obras de um teólogo dinamarquês, Soren Kierkegaard, por volta de 1840, através de Karl Barth, por volta de 1920, e Emil Brunner, alguns anos depois, produziram nos EUA e na Europa um "existencialismo cristão" que é muito mais existencial do que cristão.

Esses homens e suas teorias são sem dúvida um lugar errado para começar um estudo de teologia; mas depois de algumas primeiras lições no sistema bíblico de pensamento, é capitulação ignorá-las. Somente de fortes estudantes de teologia pode surgir outro Atanásio para defender a Deidade de Cristo, um Agostinho para manter as doutrinas da graça, e Lutero e Calvino para rejeitar a tradição e o misticismo e defender o primeiro princípio da "Escritura somente".

Agora deve ficar claro que a metodologia do presente volume é bíblica. Nem a teologia natural derivada da ciência, nem a teologia mística derivada da chamada 'experiência religiosa', desempenham algum papel. O conteúdo desta teologia vem inteiramente da Bíblia. A importância da metodologia não pode ser enfatizada demais.

Para ilustrar: Supondo que haja um Deus de algum tipo, muitas pessoas, mesmo que de maneira leve, fazem declarações sobre ele. Uma dessas afirmações pode ser: Deus ama a todos. Outra afirmação, feita em conversa por um presbiteriano mais velho, foi que o hinduísmo tem "valor redentor". A declaração em si não contém a palavra *Deus* , mas reflete uma crença sobre o que Deus é e como ele opera em escala mundial . As pessoas estão fazendo declarações sobre Deus o tempo todo. Ao conversar com essas pessoas, a pergunta básica a ser feita, especialmente para o cristão que discorda da afirmação, é: como você sabe? Como você sabe que Deus fornece redenção através do hinduísmo? Como você sabe alguma coisa sobre Deus? Como você sabe? Um ateu fará a mesma pergunta a um cristão ortodoxo. Ele dirá: Você acredita que existe um Deus; como você sabe, qual é a sua evidência, por que alguém deveria aceitar essa noção?

Na história da teologia cristã, muitos autores desde o início tentaram responder ao ateu construindo um argumento que demonstra validamente a existência de Deus. A tentativa de Tomás de Aquino foi mencionada alguns parágrafos atrás. Mas, embora isso pareça um lugar tão lógico para começar a teologia, a reflexão mostra que dificilmente é útil, do ponto de vista cristão, provar apenas a existência de algum tipo de Deus ou de outro. Toda mente séria quer saber que tipo de ser Deus é. Ele é uma pessoa que ama todo mundo? Deus é uma pessoa? Espinosa teve um argumento mais complicado que o de Tomás de Aquino; mas o Deus cuja existência ele alegou ter provado era apenas o próprio universo. Suponha que um hindu provasse a existência de Shiva. Nesse caso, a prova da existência de Deus seria a reprovação do cristianismo. É por isso que o Catecismo Mais Curto de Westminster, logo no início, pergunta: *O que* é Deus? Nenhum deus qualquer fará.

Essa é uma das razões pelas quais a metodologia deve ser cuidadosamente considerada. É o método certo para começar com a experiência sensorial, ou com um transe místico, e concluir com o tipo de Deus que aparece mais tarde? Em particular, algo mais tarde aparecerá sobre pecado, expiação, ressurreição e assim por diante? O cristão precisa de um método que chegue a tudo isso. Ele precisa de um único método. Dois métodos produzem uma bifurcação que não pode ser unificada. A teologia então seria esquizofrênica. Uma teoria do conhecimento deve abranger todo o conhecimento. Se não, e se uma pessoa usa dois métodos, ela não pode responder à pergunta: onde um deve ser usado e onde o outro? Ele não pode usar a teoria número um para definir o lugar da teoria número dois, nem inversamente, e, portanto, ele não tem base para escolher uma em vez da outra a qualquer momento. Isso significa que ele realmente não tem nenhuma teoria do conhecimento. Que teoria então nos dará o conhecimento de que Cristo foi ressuscitado para nossa justificação?

Após a Primeira Guerra Mundial, Karl Barth introduziu um método teológico que capturou muitos seminários e produziu uma literatura volumosa. O método pode ser um pouco difícil de descrever, mas Barth afirma inequivocamente o que não é: “Na dogmática, nunca pode ser uma questão de mera combinação, repetição e resumo da doutrina bíblica” (*Church Dogmatics* , I, 1, p. 16; Thomson tr.).

As duas páginas de contexto imediato são confusas. Se Barth quisesse apenas que os livros que os homens publicam sobre teologia não são infalíveis, um teólogo ortodoxo concordaria. Mas como Barth sustenta que os apóstolos,

mesmo em sua capacidade oficial, cometeram vários erros, não era isso que ele poderia ter significado. Em uma página posterior, ele diz: “O fato de a teologia que defendemos ser pura e unicamente evangélica [embora o atual escritor nunca reconheça Barth como evangélico], podemos discutir e explicar tão pouco quanto o fato de sermos batizados e acredite ”(p. 37). Esta frase combina duas partes incongruentes. O fato de acreditarmos, se não o fato de termos sido batizados, não pode ser explicado, exceto por uma referência ao poder regenerador de Deus e seu dom de fé para nós. Mas o fato de a teologia que

defendemos ser evangélica, se é realmente evangélica, requer uma forma diferente de contabilidade. Essa contabilidade não pode ser outra coisa que o método que Barth proíbe dogmáticos usar: a saber, exegese das Escrituras e sistematização lógica. Sem isso, nenhum liberal pode provar que ele é evangélico; com ele, ele apenas prova que não é evangélico; nem ele pode justificar sua escolha de quais proposições bíblicas são verdadeiras e quais são falsas, sem falar em quais são as doutrinas não bíblicas . Para um evangélico, no sentido histórico da palavra, a teologia é - obviamente não "a mera combinação, repetição" de textos bíblicos, mas

- certamente uma organização resumida e especialmente lógica das principais doutrinas das Escrituras. O método usado neste livro e a teologia que necessariamente resulta são bíblicos. o

O princípio é levar a Bíblia como uma revelação de Deus. Nele, ele nos dá a informação que deseja que tenhamos. Nossa tarefa é coletar essas informações, "entendê-las" de maneira preliminar e depois sistematizá-las. A menos que Deus seja irracional, não podemos ficar satisfeitos com dados desconexos e não relacionados.

Para entender os dados de maneira mais que preliminar, eles devem ser agrupados, sistematizados e organizados. Papel de parede, um barril de pregos espalhados, uma pia de cozinha em pé, uma pilha de tijolos e alguns sacos de cimento não são uma casa. Eles devem ser reunidos, se quisermos viver algo. Assim, também um cristão pode ter memorizado alguns ou mesmo muitos versículos de vários livros da Bíblia, ele pode saber qual é o versículo mais curto e o capítulo mais longo, ele pode até possui algum conhecimento elementar da Expiação e, no entanto, sua mente pode ser em grande parte a confusão de materiais de construção espalhados livremente. Bem, é bom ter materiais de construção. Na verdade, eles são indispensáveis. Mas é melhor morar em uma casa.

Contrastando com o conceito de teologia aqui mantido, está o primeiro parágrafo de *A fé evangélica,* de Helmut Thielicke (William B. Eerdmans, 1974). “Fazer teologia é atualizar a verdade cristã, ou, melhor, apresentá-la em sua atualidade e entendê-la novamente. Nessa medida, a teologia é por natureza, e não apenas em suas implicações pedagógicas, histórica. Não tem nada a ver com a verdade atemporal. Portanto, não pode haver teologia atemporal ou supertemporal (*theologia perennis*). ”
Não vale a pena dizer que um autor, como eu, deve entender a teologia novamente. É claro que meu pai conhecia alguma teologia e eu, quando jovem, tive que começar de novo. O conhecimento não é transmitido pela hereditariedade. Além disso, escusado será dizer que fui influenciado por meu pai, pelos livros que li e por quaisquer outros fatores que possam ter havido. Mas não se segue que isso "não tenha nada a ver com verdade atemporal". O objetivo de todo teólogo ortodoxo é chegar a algumas verdades eternas. Ao fazer isso, ele pode cometer alguns erros. Mas se ele aprende que Deus justifica alguns homens pela imputação da justiça de Cristo, ele compreendeu a verdade atemporal. Até a mera afirmação histórica de que Cristo morreu na primeira metade do primeiro século é uma verdade atemporal. Meu aprendizado, as implicações pedagógicas como Thielicke o chama, não o torna temporal, relativo ou duvidoso. É a verdade, e é a verdade que aprendemos.

Mas o significado de Thielicke não se esgota em tais trivialidades pedagógicas. O que ele tem em mente é uma idéia completamente diferente do que é a teologia, ou pelo menos a teologia cristã. Na página 66, ele escreve: "Parte da honestidade intelectual do homem adulto é que, na área da fé, ele não aceitará nenhuma alegação de verdade que entre em conflito com o conhecimento científico".

A isso, respondemos imediatamente que o chamado "conhecimento científico" não é uma descoberta irrevogável fixa. Virtualmente, nenhuma das aulas de física que aprendi nos meus dias de graduação é agora ministrada nas aulas de física. A ciência é experimental; muda constantemente. O que é ensinado hoje será descartado dentro de uma década ou duas. As teorias da luz são um exemplo bem conhecido de mudança científica. A teoria do flogisto já está esquecida. Como Einstein substituiu Newton, um gênio sucessivo substituirá Einstein - como ele próprio sabia tão bem. Portanto, a proposta

de Thielicke de testar todas as alegações teológicas da verdade pela física do dia é tola. É mais que tolice. A idéia de que a ciência pode decidir antecipadamente o que Deus pode e não pode revelar é totalmente anticristã. Além disso, seus cristãos são desonestos porque acreditam que Deus, em vez de engolir as leis atuais da física, é arrogante.

Nesse ponto, pode ser sensato considerar uma objeção que alguns revisores certamente farão contra o presente volume. Mas não é uma objeção que os alunos do primeiro ano do seminário possam suscitar. A objeção é que tão pouca atenção é dada aos grandes desenvolvimentos teológicos da última metade do século XX.

Há boas razões para essas extensas omissões. Resumidamente, a razão é que eles têm pouco a oferecer no avanço ou na explicação da teologia bíblica. Karl Barth já foi citado. Se um estudante quer saber o que Deus disse, a melhor fonte não é um homem que acredita que os apóstolos erraram mesmo em sua capacidade oficial de escritores canônicos. Agora, é possível e é verdade que de vez em quando Bultmann ou alguém pode apresentar análises úteis de um ou dois versos. De fato, os comentaristas neo-ortodoxos são melhores que os velhos modernistas. Os modernistas tinham algum respeito pela Bíblia, e tentaram distorcer a Bíblia para que ela significasse o que eles acreditavam. Mas homens como Bultmann estão bastante dispostos a deixar claro o significado exato de um verso; pois, embora o significado esteja de acordo com o evangelicalismo histórico, Bultmann o descarta como mitologia. Por outro lado, são tão difundidas suas pressuposições existenciais que é preciso percorrer cansadamente um pântano de bobagens para encontrar esses bons exemplos de exegese. Dificilmente vale o tempo.

Outros autores são ainda mais inúteis para o nosso propósito. Por exemplo, James H. Cone publicou três volumes, o último sendo, *Deus dos Oprimidos* . É um volume da chamada teologia negra. O título indica e o conteúdo garante que, para ele, a teologia negra e outros tipos não sejam os mesmos. Isso se assemelha à teoria medieval da verdade dupla : o que é verdadeiro na filosofia é falso na teologia e vice-versa. Ou seja, a teoria negra de Cone se assemelha à verdade dupla , se ele admitir que existe alguma verdade na teologia branca ou amarela. Naturalmente, o autor não está muito interessado na Bíblia. A sociologia, uma forma particular de sociologia, é seu cânone. Nesta base, um americano rico, como Abraão e Jó, simplesmente não pode ter a verdade de Deus. A escravidão dos séculos XVIII e XIX era repreensível e as injustiças cometidas desde 1865 não justificam a proposição de que "qualquer teólogo que não coloque essa questão no centro de sua obra ignorou a essência do evangelho" (p 9).

Para nós, a essência ou centro do evangelho é a Expiação; a base é a Trindade; a fonte e a única fonte é a Bíblia.

Outras obras contemporâneas sobre teologia podem não ser tão pervertidas, mas são igualmente anticristãs. Um deles quer substituir a proclamação verbal pela música. Outros são mais místicos. Mas todos rejeitam as Escrituras e depositam toda a sua confiança em alguma forma de experiência. Como o presente volume pretende dar os principais pontos do cristianismo, é apenas ocasionalmente lucrativo referir-se a teólogos, melhores filósofos religiosos, desse tipo. Não pretendemos satisfazer seus valores e premissas; nossa disputa com eles é a disputa entre duas religiões incompatíveis e antagônicas. Não pretendemos cooperar com eles na busca da mensagem de Deus. De fato, não podemos cooperar porque o ponto de partida deles e o nosso são diferentes. O que eles apelam, nós rejeitamos; e as Escrituras às quais apelamos, elas rejeitam.

O que podemos e devemos fazer é pregar a mensagem para eles e orar por sua regeneração.

Com essas observações preliminares sobre metodologia, observa que o próximo capítulo será expandido e explicado, observações que também se aplicam de maneira geral a todos os livros ortodoxos de teologia, algo sobre o presente volume em particular precisa ser adicionado.

Escrita em nível elementar, essa tentativa tem pelo menos dois defeitos. Primeiro, nenhum dos grandes sujeitos recebe tratamento adequado. A biblioteca pessoal de um ministro deve conter vários volumes somente na Expiação. *A Existência e Atributos de Deus, de* Stephen Charnock, se estende por mil páginas. E a escatologia oferece mais livros do que qualquer um pode se preocupar. O aluno iniciante pode não acreditar, mas o presente volume é muito elementar.

No entanto, mesmo uma teologia elementar pode e deve discutir algumas visões opostas. Um estudante nunca terá uma visão satisfatória da Deidade de Cristo sem saber algo sobre a luta de Atanásio contra Arius e o Credo Niceno resultante. Este livro não é uma história da teologia; mas quem pode escrever um capítulo sobre justificação pela fé sem prestar respeito a Martin Luther e seus desrespeitos ao papa e aos cânones de Trento? Esse material não é apenas historicamente interessante, é necessário logicamente. É simplesmente impossível discutir a Expiação ou o Batismo com consciência, sem considerar objeções e pontos de vista opostos. Negativo e positivo são correlativos. Para saber o que é algo, é preciso saber o que não é. Um gato não é um cachorro. Um número par não é ímpar. E uma idéia completamente errada da Expiação realmente ajuda o aluno a entender a verdade.

O segundo defeito do presente volume é semelhante ao primeiro. Para manter a discussão em um nível elementar, uma grande parte, digamos, da filosofia, foi omitida. Mas saiba que a teologia e o que é comumente chamado de filosofia são inseparáveis. Qualquer discussão que elimine problemas filosóficos simplesmente se esconde sob suas linhas ambíguas. Infelizmente, porém, as maiores dificuldades filosóficas ocorrem nas primeiras seções de um livro sobre teologia. Lá eles estão logo no início. Isso facilmente desencoraja o jovem estudante. Por exemplo, o argumento ontológico da existência de Deus, que Aristóteles formulou em menos de quatrocentas palavras, produziu mais de quatrocentos volumes de análises exaustivas. Os alunos podem pular esse material a princípio, pular para algo mais fácil e voltar a esses assuntos mais tarde. Se recém-casados, iniciantes na vida adulta estão comprando uma casa, é claro que devem estar interessados na sala de jantar, nos quartos, na cozinha e até no papel de parede. E eles podem ver isso primeiro. Mas não seria sensato ignorar o fundamento, mesmo que eles possam examiná-lo por último. Na construção da casa, a fundação vem primeiro. Se comprar uma casa já construída, o exame do porão pode vir por último. Da mesma forma, um iniciante em teologia pode considerar o fundamento menos emocionante que o papel de parede. Se necessário, deixe-o pular e começar com o pecado ou a salvação. Ele pode voltar a Deus mais tarde. É melhor ele ter!

Agora, para abordar o final dessas observações introdutórias, o autor direciona o leitor para as numerosas citações das Escrituras nas páginas seguintes. Seu objetivo não é fornecer uma lista exaustiva de todas as passagens das Escrituras sobre o assunto em questão. É melhor lembrar o leitor de muitos outros por meio das amostras citadas.

A tradução real segue mais ou menos uma regra geral. Se a citação é simplesmente para estimular a memória dos alunos, e esse geralmente é o caso, as palavras serão as da Versão King James. Quando não é a versão King James, a motivação é algum ponto de significado, alguma ênfase, que o King James não trouxe suficientemente à tona.

Assim termina a Introdução. Ou melhor, as observações introdutórias sobre metodologia serão agora expandidas no Capítulo Um.

CAPÍTULO UM

1. Métodos em Apologética

Basicamente, existem apenas três respostas para as perguntas: Como você sabe que existe um Deus e, se existe, que tipo de ser ele é? A primeira resposta é experiência. Existem dois tipos de experiência, e o tom religioso de suas conclusões é consideravelmente diferente. O primeiro tipo de experiência é a sensação comum: vemos uma pedra redonda preta rolando em um plano inclinado.

O segundo tipo é freqüentemente chamado de "experiência religiosa". Isso varia de sentimentos sobre a moralidade, de Rudolph Otto ***Idea do Santo*** , para visões místicas e transes. A segunda resposta à pergunta são os ditames da Igreja, a infalibilidade dos Concílios e, desde 1870, a infalibilidade do Papa. A terceira resposta é a revelação bíblica.

O próximo capítulo, sob o título DEUS, analisará o argumento da existência de Deus com base na experiência sensorial. Logicamente, ele se encaixa melhor ali, pois a ênfase estará no ser de Deus e na validade do argumento, e não na natureza do método; e este capítulo tem a ver com método. O misticismo, que pode ser descrito como todo método e sem resultados, encontrará um lugar mais adiante neste capítulo. Da mesma forma, o romanismo, porque seus métodos e resultados se entrelaçam, deve ser considerado aqui. Mas, como o objetivo deste volume é expor positivamente o sistema cristão, usando objeções e teorias contrárias apenas por uma questão de contraste, o método da revelação bíblica é o primeiro tópico de estudo.

2. O método de revelação

Se Deus é o tipo de Deus que os cristãos acreditam que ele seja, se, isto é, Deus é o tipo de Deus que planejou a redenção de toda a eternidade, é ***prima facie*** improvável que qualquer homem poderia descobrir os fatos sem uma revelação. Essa revelação pode vir através do papa, ou pode vir através da Bíblia; mas não é provável que seja descoberto em sensações ou transes místicos. Mas se pudermos aprender sobre a Expiação somente através de uma revelação, também está claro que podemos aprender o que é a revelação somente através da própria revelação. Ou seja, a revelação é auto-autenticada. Para os incrédulos, isso soa como um argumento circular, e eles acusam os cristãos de cometer uma falácia lógica neste momento. No entanto, uma testemunha em um julgamento por júri jura que ele dirá a verdade. Ele

testemunha de sua própria veracidade, não apenas à verdade da evidência que ele apresentará, mas antes de tudo à verdade de seu juramento. Isso é circular? Alguém dirá que seu testemunho sobre os fatos pode ser testado por outras evidências e, portanto, seu juramento também pode ser testado. Isso evita o círculo. Mas às vezes é impossível testar a verdade das afirmações da

testemunha. O júri pode acreditar nele, ou pode descrê-lo; mas não há evidências a favor ou contra seu testemunho. Este é frequentemente o caso de uma testemunha no tribunal. É sempre o caso de Deus. Os fariseus viram Jesus pregado na cruz, mas não havia evidência visível de que ele morresse pelo pecado. Os próprios discípulos, em vez de deduzirem a doutrina da Expiação, concluíram que sua afirmação de ser Messias era falsa. A verdade tinha que ser revelada.

Os profetas e os apóstolos foram os que receberam uma revelação direta. Hoje temos seus escritos. Sob juramento, por assim dizer:

ROM. 1: 9 Pois Deus é minha testemunha.

ROM. 9: 1 Falo a verdade em Cristo, não minto

Garota. 1:20 O que escrevo para você, olhe, diante de Deus, não estou mentindo.

Eu Tim. 2: 7 Falo a verdade, não minto.

Eles juram dizer a verdade, não toda a verdade, pois nem toda a verdade lhes foi revelada, mas mesmo assim a verdade e nada além da verdade. A Bíblia afirma ser verdadeira. Isso é circular? Se sim, como não é circular quando os positivistas lógicos afirmam que uma sentença não tem sentido a menos que seja verificável pela experiência sensorial? A sensação pode provar sua veracidade apelando à sensação? As questões filosóficas aqui serão discutidas em detalhes um pouco maiores no próximo capítulo. O que este capítulo deve fazer é determinar o que exatamente a Bíblia afirma ao assumir o testemunho. Realmente diz a verdade e nada além da verdade?

3. A afirmação bíblica

Quase todo mundo que lê este livro sabe, e quando ele abordar o assunto das Escrituras, pensará em:

Eu Tim. 3: 1617 Toda a Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, refutar, aperfeiçoar, instruir na justiça, para que o homem de Deus seja competente, completamente equipado para toda boa obra.

Mas até os graduados do seminário, quando fazem os exames de ordenação, esquecem quase todo o resto do que a Bíblia diz sobre si mesma. A Bíblia diz muito mais do que a maioria das pessoas percebe quando a lê rapidamente. Aqui, então, começa nossa primeira lição de teologia: O que a Bíblia diz sobre si mesma e quanto esse versículo nos diz?

A primeira palavra deste verso, a palavra ***All*** , introduz a doutrina da “inspiração plena”.

Assim como a palavra ***teologia*** é um termo técnico, também o estudante deve aprender alguns outros termos técnicos. Expiação é um termo técnico; o mesmo acontece com a regeneração; e Trinity. Existem muitos outros, não tão conhecidos: atributos incomunicáveis, chefia federal, justificativa, imputação imediata, o milênio. Uma parte importante do processo de aprendizagem é a compreensão da terminologia. Terminologia técnica séria não é um obstáculo, é uma grande ajuda em qualquer assunto. Se o termo ***representação federal*** não poderia ser usado, seria necessário escrever um parágrafo cada vez que queria para falar do relacionamento de Adão à sua posteridade. Se a palavra ***trindade*** deve ser excluído do nosso vocabulário, seria necessário repetir todo o Credo Niceno sempre que queria falar da Divindade.

Agora, o termo ***plenárias inspiração*** significa que a Bíblia é inspirada do começo ao fim: ***tudo*** isso é inspirada. E enquanto outros versos será citado nesse ponto, a palavra ***todos*** em II Tim. 3:16 é uma afirmação indiscutível de inspiração plenária.

No entanto, é preciso perguntar: o que é inspirado? Muitos livros teológicos, em sua discussão sobre revelação, começam com a inspiração dos profetas e apóstolos. Agora, há um sentido em que esses homens santos foram inspirados. Até o rei Saul foi inspirado e profetizado em uma ocasião, mas quem sabe o que ele disse e quem pode acreditar em tudo o que ele disse? Suas fulminações contra Davi eram verdadeiras? Sem dúvida, o próprio Paul em algumas de suas conversas diárias cometeu erros. Mas o versículo em análise não diz nada sobre a inspiração dos apóstolos. Que o aluno seja avisado e observe com atenção que o versículo diz que as Escrituras são inspiradas. O assunto não são os escritores, mas as palavras escritas. O termo ***Escritura*** , como uma palavra comum na língua grega, significa algo escrito. Como termo técnico na Bíblia, significa os escritos divinos, o cânon hebraico em primeira instância, e veremos se ele se refere ou não ao Novo Testamento também.

Note que o versículo não distingue entre o que os escritores pensaram e sua expressão escrita talvez inadequada de seus pensamentos. Alguns primeiros liberais, os modernistas da Primeira Guerra Mundial, adotaram essa distinção porque lhes permitiu alterar o sentido do texto, de modo a se conformar com o que eles pensavam que Deus deveria ter dito, mas não o fez. Este método não permite controle. Cada pessoa pode, por si mesma, de acordo com suas próprias preferências, selecionar o que quiser que os apóstolos tenham dito; e, como o apelo é para o pensamento desconhecido e não é restrito pela própria redação do texto, a alteração de um homem é tão boa quanto a de qualquer outro.

No entanto, para tudo o que II Timóteo diz, os apóstolos podem não ter pensado em nada. De fato, às vezes os escritores não pensavam ou, mais precisamente, não entendiam o que

escreviam.

> Dan. 12: 8, 9 E ouvi, mas não entendi ... E ele disse: Vai, Daniel, porque as palavras estão caladas e seladas até o tempo do fim.

> 1 Pedro 1:10, 11 A respeito de que salvação os profetas consultaram e procuraram, que profetizaram sobre a graça [que veio] a você, procurando por que ou que tipo de tempo o Espírito neles significava ...

Por esse motivo, é preciso discordar de um teólogo contemporâneo, popularmente conhecido como conservador e evangélico, que escreveu: "Nós defendemos a inerrância do significado que os escritores inspirados pretendiam transmitir em seus manuscritos originais". Primeiro, os versículos acima mostram que às vezes os próprios escritores não tinham nenhum significado para transmitir. Segundo, o assunto diante de nós não é a inspiração dos escritores, mas, repetindo-o para enfatizar, a inspiração do que foi escrito.

> Um cristão deve insistir que foram as palavras escritas no pergaminho que Deus inspirou.

A doutrina, portanto, não é apenas a da inspiração plenária, mas também a da inspiração verbal.

Plenária refere-se a ***todas*** as palavras; verbal refere-se a todas as ***palavras*** .

Até agora, as duas primeiras palavras de II Timóteo 3:16 foram discutidas: "Toda a Escritura". Tanto o adjetivo quanto o substantivo foram enfatizados. Agora é necessário prosseguir para a terceira palavra (em grego) deste versículo: "inspirado por Deus". É claro que a idéia de inspiração teve que ocorrer em

a discussão anterior; mas não estava lá definido satisfatoriamente. Aqui devemos perguntar: o que é
inspiração? ***Inspiração*** é realmente uma palavra pobre para expressar em Inglês o que Paulo escreveu em grego. A frase Inglês “inspirada por Deus” é uma palavra, ***theopneustos*** .No seu nada significa melhor pode ser citado que tremenda parágrafo do BB Warfield.

“O termo grego tem, no entanto, nada a dizer de ***em*** spiring ou ***em*** spiration: ele só fala de uma 'spiring' ou 'spiration.' O que diz das Escrituras é que não é 'inspirado por Deus' ou é o produto do 'inspirar' Divino para seus autores humanos, mas que é inspirado por Deus, 'inspirado por Deus', o produto do criador sopro de Deus Nenhum termo, no entanto, poderia ter

foi escolhido o que teria afirmado mais enfaticamente a produção divina das Escrituras do que a que aqui é empregada. O 'sopro de Deus' está nas Escrituras apenas o símbolo de Seu poder onipotente, o portador de Sua palavra criativa. 'Pela palavra de Jeová' lemos no significativo paralelo de Sl 33: 6. 'foram feitos os céus e todo o exército deles pelo sopro da sua boca.' ... O fôlego de Deus é o fluxo irresistível de Seu poder. Quando Paulo declara, então, que 'toda Escritura' ou 'toda escritura' é o produto do sopro Divino, 'é divina', ele afirma com tanta energia quanto poderia empregar.
As escrituras são o produto de uma operação especificamente divina. " **1 1**

O que outras pessoas estão dizendo

Que as palavras que Deus soprou eram verdadeiras e não falsas ou errôneas podem ser facilmente supostas; pois Deus não mentiria, mentiria? Contudo, este resultado da atividade divina e seus propósitos serão discutidos na análise de outras passagens das Escrituras.

4. Outro texto

Embora II Timóteo 3:16 seja o mais conhecido, e para algumas pessoas o único lembrado, os outros textos sobre a natureza das Escrituras são extremamente numerosos e, em muitos casos, mais convincentes e informativos. De fato, existem tantos que poucos serão dados; e é difícil decidir em que ordem citá-los. Pode não ser o procedimento mais lógico, mas há algum valor pedagógico na seleção do próximo versículo mais conhecido sobre o assunto.

11. Pedro 1:20, 21Sabendo isso primeiro, que nenhuma profecia das Escrituras vem por iniciativa individual; porque a profecia nunca foi trazidos pela vontade humana, mas levados pelo Espírito Santo, os homens falavam de Deus.

Pedro, diante da morte iminente (v. 14), quer que seus destinatários saibam que o evangelho não é um mito (v. 16). A palavra Inglês ***fábula*** (KJ, ARV) ou ***contos*** (NAS), é a palavra grega ***mito*** .Esta tem algum ponto em conexão com a teoria de Rudolf Bultmann que a Bíblia é inteiramente mitologia e precisa ser desmistificado. Peter insiste em não ter inventado histórias inteligentes, mas que ele relata eventos históricos que ele próprio havia testemunhado, em particular a Transfiguração (v.

17) A Transfiguração, no entanto, foi momentânea, e os cristãos têm "a palavra de profecia mais durável (ou permanente)". É uma má interpretação dizer a palavra "mais certa" da profecia, pois certamente o Antigo Testamento não é mais verdadeiro do que a própria declaração de Deus na nuvem. Mas o Antigo Testamento foi escrito e, portanto, permanente. A voz de Deus foi momentânea - embora mais tarde tenha sido escrita nos Evangelhos. De qualquer forma, a razão pela qual sabemos que temos uma revelação

mais permanente, ou melhor, a razão pela qual conhecemos o Antigo Testamento é uma revelação, é antes de tudo que nenhuma profecia escrita jamais foi lançada por iniciativa humana. Sabendo disso ***primeiro*** , enfatiza a importância do que se segue. Se houver outros motivos, eles são secundários; mas ***primeiro*** nós sabemos que não "profecia da Escritura", ou seja, a profecia escrita no manuscrito, passou a existir por iniciativa humana. As duas últimas palavras em grego são ***idias epiluseōs*** , que KJ e RV traduzem como "interpretação particular", enquanto o NAS diz, "uma questão de interpretação do próprio um." Esta tradução, no entanto, não se encaixa no contexto. Dizer que a Escritura não é uma questão de própria interpretação não é uma razão pela qual o Antigo Testamento é uma revelação. Mais particularmente, o próximo versículo, que diz que a profecia não veio pela vontade do homem, não é uma razão contra a interpretação particular. No entanto, a negação de que a Escritura foi escrito como resultado da vontade humana e a afirmação de que foi iniciado pelo Espírito Santo é certamente uma razão para traduzir a frase em questão como "nenhuma profecia escrita é da iniciativa humana." ***Epilusis*** lata liberação ou solução média, bem como interpretação. O verbo tem dois conjuntos principais de significados:

(1) soltar, desatar, libertar, liberar; e (2) resolver, explicar, refutar. O segundo conjunto de significados é ruim para este versículo. Devemos, portanto, escolher o primeiro. A profecia foi, portanto, liberada por Deus, não pelo homem. Isaías não saiu da cama uma manhã e disse: Decidi escrever algumas profecias hoje. Pelo contrário, Deus pegou Isaías da cama e o levou junto; e entao

Ezek. 3: 4

Jer. 1: 9

5. Versículos adicionais

Num. 23: 5 Dt. 18:18

apoiado, Isaías falou palavras de Deus. Nada pode ser mais claro que o v. 21: "Porque a profecia nunca foi trazida pela vontade humana, mas os homens santos, trazidos pelo Espírito Santo, falaram de Deus".

Ênfase foi colocada no fato de que as palavras escritas nas Escrituras são as palavras de Deus. Visto que isso é tão claro, pode-se reconhecer sem relutância que os profetas e apóstolos também foram inspirados, especialmente os profetas do Antigo Testamento. Nem todas as conversas foram inspiradas, mas o que eles primeiro falaram e depois escreveram pelo mandamento de Deus foi. Muitos versículos

que se referem a eles apóiam as conclusões anteriores e, como quase não precisam de explicação, apenas alguns serão citados.

> E Jeová pôs uma palavra na boca de Balaão e disse: Volta para Balaque e assim falarás.

> Eu os levantarei como profeta ... como você; e porei minhas palavras na boca dele.

> É sou. 23: 2 O Espírito do Senhor falou por mim, e a sua palavra estava na minha língua.

> Então Jeová estendeu a mão e tocou minha boca; e o Senhor me disse: Eis que pus as minhas palavras na tua boca. (cf. 9:12, 13:15, 30: 4, 50: 1).

> E ele me disse: Vai, entra na casa de Israel e fala-lhes as minhas palavras. (cf. 3: 1, 11).

Além dessas expressões apontadas, há mais versículos que podem ser citados, que dizem: Assim diz o Senhor: A palavra do Senhor veio a mim, ou frases com o mesmo efeito.

A partir do Novo Testamento, três versículos serão agora citados porque são muito claros quanto ao que a Bíblia afirma ser.

> Atos 1:16 Irmãos, era necessário que as escrituras fossem cumpridas, as quais o Espírito Santo falou antes pela boca de Davi.

> Atos 3: 1821 Mas as coisas que Deus predisse pela boca de todos os

> profetas, para que seu Cristo sofresse, ele assim cumpriu. ... Jesus, a quem o céu deve receber até os tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de seus santos profetas, desde os tempos antigos.

> Atos 4:25 Ó Senhor ... que pelo Espírito Santo, pela boca de nosso pai
> Davi, teu servo, disse: Por que os gentios se enfureceram ...

Esses versículos em Atos são inequívocos. Não é necessário extrair inferências ou tentar interpretá-las - embora a inferência e a interpretação sejam sempre legítimas - eles dizem explicitamente que Deus falou pela boca dos profetas do Antigo Testamento. As palavras que saíram da boca de Davi, e que ele escreveu no segundo Salmo, foram as palavras de Deus.

Alguns teólogos devotos de um século anterior, que tinham um toque poético sobre ele, usavam uma flauta como uma ilustração pitoresca. Davi e Moisés eram como uma flauta, e Deus soprou notas (palavras) através deles. Os incrédulos opuseram-se tanto a esta ilustração quanto à doutrina da inspiração verbal com base no fato de que conflitam com a inviolabilidade da personalidade humana e com as óbvias diferenças no estilo literário de Moisés, Davi e Isaías. Agora, é sempre imprudente levar as ilustrações muito a sério e pressioná-las além de sua função de embelezamento literário. No entanto, esta ilustração não é tão ruim; e no que diz respeito à doutrina da inspiração verbal, a tréplica seguinte é suficiente para a objeção dos críticos.

> Primeiro, a personalidade humana não é inviolável como pensam esses críticos.

> Ex. 4:11, 15 Quem fez a boca do homem? Ou quem o deixou burro ou surdo, ou vendo ou cego? Não sou eu o Senhor? ... Eu até estarei com sua boca e a boca de [Aaron], e ensinarei o que você deve fazer.

A doutrina de Deus e a criação do homem, na qual o papel de Deus é o de um oleiro fazendo uma panela de barro para se adequar à sua própria escolha - doutrinas que devem ser discutidas em capítulos posteriores - mostram que a personalidade de todo homem é controlada por Deus. O homem não se fez, nem se controla. Segundo, nem a ilustração nem a verdade literal entram em conflito com as óbvias diferenças estilísticas entre Moisés e Davi. Se um músico toca B em uma flauta, a nota é B; se ele tocar B em um oboé ou trompete, a nota ainda será B, mas a qualidade tonal será

diferente. Da mesma forma, Deus pode falar a verdade através de Moisés e também através de Davi - Deus não sempre fala a verdade? - mas o estilo literário está em conformidade com o instrumento utilizado. E porque não? Foi Deus quem criou o instrumento para atender a seus propósitos. Se Deus quer um homem que teve experiência com ovelhas, ele não apenas o chama, como primeiro criou e treinou Davi e Amós como tal. Quando Deus precisava de alguém com capacidade executiva, ele salvou a vida do pequeno Moisés, o criou na corte do Faraó e, por fim, Moisés usou o estilo literário que Deus queria e administrou os assuntos de uma nova nação.

6. Novo Versus Antigo Testamento

Através desses instrumentos, musicais ou não, Deus soprou as notas da verdade. Antes que a questão da verdade seja mais enfatizada, há outra questão que não deve ser deixada pendurada. A maior parte da discussão até agora se refere ao Antigo Testamento. Até os dois principais versículos do Novo Testamento têm a ver com o Antigo. Quando Paulo diz: "Todas as Escrituras", ele não quis dizer o cânon judaico? Da mesma forma não Peter tem o Antigo Testamento em mente quando ele diz: “Não escrito profecia ***nunca*** veio por iniciativa humana”?

No entanto, os incrédulos mostram-se desajeitados se pressionarem isso como uma objeção contra a inspiração do Novo Testamento. A posição liberal regular é que o Novo é uma melhoria em relação ao Antigo. Dizem que o Velho descreve um Deus de ira; o Novo nos dá um Deus de amor. A moralidade de Abraão e Davi deixou algo a desejar. O Sermão da Montanha expressou os mais altos princípios morais que já haviam sido ouvidos. Mas, se sim, não seria possível que o Novo Testamento seja mais inspirado que o Antigo? Certamente não menos. É claro que os liberais negam que qualquer um dos Testamentos seja inspirado no sentido bíblico da inspiração plenária e verbal. Mas eles não têm motivos para afirmar que as reivindicações do Novo Testamento são inferiores às do Antigo. Se alguns liberais respondem ironicamente: É uma das melhorias do Novo Testamento que ele não faz as alegações ultrajantes que o Antigo Testamento faz, o cristão o encontra com um exame substantivo do que exatamente o Novo Testamento reivindica.

Um dos melhores livros sobre a inspiração é ***Theopneustia*** por Louis Gaussen (17901863), um teólogo suíço que foi censurado, suspenso, e deposto por seus colegas descrentes. BB Warfield pode ser melhor em vários aspectos, mas nenhum aluno aprende muito sobre inspiração

a menos que ele leia um desses dois autores. Em homenagem ao suíço reformado autor não siga aqui algumas passagens de sua seção intitulada ***Todas as Escrituras do Novo Testamento são proféticos*** .

“Todo o teor das Escrituras coloca os escritores do Novo Testamento na mesma posição que os profetas do Antigo ... Na vida dos apóstolos, o livro do Novo Testamento

já estava quase totalmente formado, a fim de formar um todo junto com o Velho. Passados vinte ou trinta anos após o dia de Pentecostes, São Pedro sentiu-se satisfeito ao se referir a TODAS AS EPÍSTOLAS DE PAULO, seu amado irmão, e falou delas como escritos sagrados que, mesmo no tempo dele, faziam parte do santas Letras (***Hieron Grammaton***), e convinha ser classificado com as outras escrituras (***HOS kai tasmânia loipas graphas***) atribui .ele a eles a mesma pontuação, e declara que homens iletrados pode arrancar-los, mas para sua própria destruição.

Marque esta importante passagem: 'Nosso amado irmão Paulo também segundo a sabedoria que lhe foi dada lhe escreveu; como também em todas as suas epístolas, falando nelas dessas coisas; nas quais algumas coisas são difíceis de entender, as que são indoutas e instáveis, como as outras escrituras, para sua própria destruição. (II Pedro 3:13, 16.)

“O apóstolo, no segundo verso do mesmo capítulo, já havia se colocado, junto com os outros apóstolos, na mesma posição e assumido a mesma autoridade que os escritores sagrados do Antigo Testamento, quando disse: 'Isso lembre-se das palavras ditas antes pelos santos profetas e do mandamento de nós, os apóstolos do Senhor e Salvador. ‘”

Em vez de outras citações de Gaussen, a quem todo aluno deveria ler por si mesmo, seguem alguns versos que Gaussen usa para mostrar que o Novo Testamento não está apenas no mesmo nível do Antigo, mas superior a ele, não que seja mais verdadeiro ou verdadeiro. mais inspirado, mas que completa e cumpre o Antigo.

Matt. 28: 1920

Atos 1: 8

João 20:21

Ide, pois, e ensina todas as nações ... ensinando-as a observar todas as coisas que eu lhes ordenei; e eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo. Mas recebereis poder depois que o Espírito Santo vier sobre vós; e vós sereis minhas testemunhas ...

Como meu Pai me enviou, também eu te envio.

II Cor. 5:20 Somos embaixadores de Cristo, como se Deus suplicasse você por nós; Oramos em lugar de Cristo, sede reconciliados com Deus.

Lucas 10:16 Quem te ouve, ouve-me; e aquele que te despreza,

me despreza; e aquele que me despreza, despreza aquele que me enviou.

Estes são apenas cinco dos quarenta versículos que Gaussen usa para mostrar que o Novo Testamento é tanto a palavra de Deus quanto o Velho. E como o Velho diz que Deus colocou suas palavras na boca dos profetas, não podemos dizer menos sobre as palavras dos apóstolos.

7. A reivindicação da verdade

Agora que Gaussen mostrou que os dois testamentos são igualmente inspirados, é hora de voltar à questão da verdade. É claro que alguém pode argumentar: as Escrituras são as palavras de Deus, Deus sempre diz a verdade, portanto as Escrituras são inerrantes. Tal argumento poderia muito bem ser colocado no próximo capítulo sobre a natureza de Deus. Porém, como a natureza de Deus é descoberta apenas nas Escrituras e não na experiência religiosa, uma boa metodologia exige que a verdade das Escrituras seja colocada em primeiro lugar. Portanto, em vez de deduzir a verdade das palavras de Deus do caráter de Deus, as reivindicações explícitas das Escrituras serão citadas. Existem muitos desses versículos, e não é óbvio quantos devem ser citados e com que extensão eles devem ser explicados. Eles variam em peso e aplicação ao assunto em questão. Algumas são afirmações definidas e universais; outros são menos básicos e se aplicam a apenas um livro ou um discurso, embora sejam úteis como evidência de apoio. Como exemplo, e para tirá-los do caminho primeiro, aqui estão alguns versículos menos definidos. Como João, tanto no Evangelho quanto em suas epístolas, enfatiza a verdade, essa lista vem inteiramente de João.

João 1:14 E a Palavra se fez carne ... cheia de graça e verdade.

João 1:17 A graça e a verdade vieram por Jesus Cristo.

João 4:23 Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade.

João 8:31 Se continuais na minha palavra, então sois meus discípulos.

João 8:40 Agora você procura me matar, um homem que lhe disse a verdade que eu ouvi de Deus.

João 14: 6 Eu sou o caminho, a verdade e a vida.

João 14:17 Até o Espírito da Verdade.

João 16: 7 Não obstante, digo a verdade.

João 17:19 E por eles eu me santifico, para que também eles sejam santificados pela verdade.

João 18:37 Para esse fim eu nasci ... que eu deveria dar testemunho da verdade.

Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.

O segundo verso desta lista pode conter uma pequena explicação e levará a versos que se aplicam mais estritamente à inerrância de todas as Escrituras. João 1:17 diz: "Porque a lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo". A partir disso, alguém pode concluir que Moisés não disse nada da graça e que nada do que ele disse era a verdade. Mas os últimos nove versículos do capítulo cinco dizem:

Examine as Escrituras, pois você acha que tem vida eterna nelas; e são eles que testificam de mim. Eu venho em nome de meu pai e você não me recebe. Como você pode

acreditam? (…) Se você acreditasse em Moisés, teria acreditado em mim, pois ele escreveu sobre mim. Mas se você não acredita nos escritos dele, como deve acreditar nas minhas palavras?

Esta é uma passagem muito importante, primeiro para declarar a afirmação da Bíblia sobre si mesma, e segundo, para mostrar a visão de Cristo sobre o Antigo Testamento. Os fariseus professavam acreditar nas Escrituras. Eles os interpretaram mal, mas, como alegaram reverenciar Moisés, Cristo o apela. Cristo faz isso porque Moisés testificou dele. Embora os fariseus reconhecessem algumas profecias como messiânicas, eles haviam perdido muitas outras e não aplicaram nenhuma a Jesus. Mas, como ele mostrou mais tarde aos dois discípulos no caminho de Emaús, o Antigo Testamento está cheio de Cristo. Aqui o aluno faria bem em fazer uma lista de todas as passagens do Novo Testamento que interpretam versículos específicos no Antigo. Esses versículos acusam os fariseus do Pai; pois, se tivessem acreditado em Moisés, teriam crido em Jesus. Aqui Jesus identifica Moisés como o autor do Pentateuco. Não há indícios de que esses cinco livros sejam uma compilação da era babilônica. Moisés escreveu: "ele escreveu sobre mim". Se uma pessoa não acredita de Moisés ***escritos*** , como ele pode acreditar de Cristo ***palavras*** ? O pressuposto dificilmente disfarçado é que ambos Moisés e Jesus falou a verdade.

Existem outros versículos que afirmam a inerrância de toda a Escritura. Aqui estão dois: um de Matthew que não pede comentários e outro de John novamente, ao qual um comentário será adicionado.

> Matt. 5:18 Até que o céu e a terra passem, nem um único pingo nem um serifa passarão da lei até que tudo seja cumprido.
>
> João 10:35 A Escritura não pode ser quebrada.

O comentário neste versículo é motivado pelo fato de que muitos cristãos têm grande consideração pelos Salmos, mas não tanto pelas II Crônicas ou pelas profecias de Naum e Sofonias. Por essa razão, pode haver um pensamento latente de que talvez os Salmos sejam realmente inspirados, mas talvez não os outros, ou nem tanto. O argumento de Cristo, no entanto, não depende da excelência dos Salmos. É o contrário. Cristo deduz a autoridade dos Salmos da dos outros livros, de todo o Antigo Testamento. Não é que o Salmo 82 seja superior a Jó ou Lamentações. O salmo diz a verdade porque a lei em sua totalidade não pode ser violada. O salmo faz parte do cânon judaico: "Está escrito em sua lei". Note-se que o termo ***lei*** não se refere apenas ao Pentateuco, mas para os Salmos, bem como, a todo o Antigo Testamento. O todo é inviolável: não pode ser quebrado a qualquer momento.

> Um versículo final do Evangelho de João é:
>
> João 17:17 Santifica-os pela verdade. Tua palavra é verdade.

Dificilmente pode haver um verso mais simples ou mais claro do que isso para mostrar que as palavras que Deus soprou no manuscrito são verdadeiras. Embora apenas uma fração das passagens que Gaussen tenha sido citada aqui, estas, com esta última, sejam uma base suficiente para a doutrina da inspiração plenária e verbal. A palavra de Deus é verdade.

8. A afirmação é verdadeira?

Os incrédulos, no entanto, rapidamente dirão que, mesmo que esses versículos sejam entendidos, eles apenas expressam a afirmação que a Bíblia faz. Eles não provam a alegação.

Em resposta, muitos cristãos contemporâneos apontam com orgulho as surpreendentes descobertas arqueológicas deste século, que apóiam a precisão histórica de várias passagens da Bíblia. De fato, essas corroborações do relato bíblico são muitas vezes surpreendentes. Um dos mais esmagadores

as derrotas administradas aos liberais tinham a ver com a nação hitita. A derrota ocorreu cerca de setenta e cinco anos atrás agora, de modo que não é mais novidade para a primeira página de um jornal; mas foi tão tremendo que nunca deve ser esquecido. No século XIX, não havia evidências de que alguma nação hitita existisse, exceto as declarações da Bíblia. E a Bíblia os descreve como uma nação que existe desde Gênesis a Neemias - um período de mil e quinhentos anos. Agora, não é estranho que uma nação, se durou tanto tempo, não tivesse deixado nenhum registro, nem monumentos, nem vestígios de si mesma - exceto na Bíblia? Bem, a Bíblia, dizem os críticos, é uma novela histórica e também ruim, pois os autores realmente não sabiam nada das eras anteriores e simplesmente imaginavam o que precisavam para sua história. Como nenhuma evidência corrobora a Bíblia, segue-se por lógica rigorosa (não é?) Que os hititas nunca existiram. Hoje, um estudante ambicioso pode ir ao Instituto Oriental em Chicago, aprender a língua hitita e traduzir os livros que estavam nas bibliotecas hititas.

Mais recentemente, em uma escala menor, de longe, mas consideravelmente embaraçosa para os liberais dedicados, foi uma descoberta feita em 1962. Os críticos argumentaram que Moisés não poderia ter escrito Êxodo porque o livro menciona uma lâmpada com sete hastes; e sete lâmpadas de haste não foram inventadas até o final do Império Persa. A Bíblia, você vê, é um romance histórico, escrito sem o conhecimento dos tempos que deveria descrever. Mas agora há uma lâmpada de sete hastes que data de quinhentos anos antes de Abraão, mil anos antes de Moisés escrever o livro de Êxodo. Falando de Moisés, Cristo estava certo, e os críticos estavam errados.

No entanto, embora a arqueologia seja um assunto intrigante, e embora um obreiro cristão deva conhecer um grande número desses resultados gratificantes, a arqueologia, no que diz respeito à inerrância da Bíblia, está seriamente defeituosa. Em primeiro lugar, se a arqueologia pudesse mostrar que a história da Bíblia estava correta em cem casos, isso não provaria que ela sempre estivesse correta. JB Bury ***História da Grécia*** , para não mencionar obra de vários volumes de Grote, pode ser preciso maior parte do tempo; ainda é possível, e provável e até certo, que eles estejam enganados em alguns pontos. Em segundo lugar, a arqueologia, na melhor das hipóteses, pode corroborar apenas afirmações históricas. O material doutrinário, que torna a Bíblia um livro religioso e cristão, não pode ser deduzido de uma observação de cerâmica quebrada e armas enferrujadas.

> De fato, simplesmente não há possibilidade de demonstrar a infalibilidade da Bíblia.

9. Axiomas

Os alunos devem estudar geometria no ensino médio. Ao fazer geometria, o aluno deve aprender o que é uma demonstração e quando é legítimo colocar o QED após uma discussão. Se o curso for melhor que o normal, o aluno aprenderá que os teoremas são demonstrados com base em axiomas. Mas os axiomas nunca são demonstrados. Todo argumento, todo sistema de pensamento, se o assunto é geometria, botânica ou sociologia, deve começar em algum lugar; mas porque o começo é o começo, não pode ter sido precedido por uma demonstração.

Tomemos, por exemplo, a filosofia de Aristóteles e John Locke. Ambos assumiram que todo conhecimento é baseado na experiência sensorial. Mas a experiência sensorial pode demonstrar que a única fonte de conhecimento é a experiência sensorial? O positivismo lógico, uma forma mais moderna e avançada de empirismo, afirma que qualquer sentença (particularmente sentenças metafísicas e teológicas) é um absurdo, isto é, não tem sentido, se não é verificável pela sensação. Mas a sensação, mesmo a mais complexa experimentação de laboratório, já verificou a verdade dessa suposição básica? É simplesmente impossível para a sensação verificar o princípio de que o significado depende da sensação. O mesmo acontece com todas as suposições básicas. Por serem básicos e primeiro, nunca podem ser verificados ou demonstrados.

No entanto, todo sistema de filosofia depende de uma suposição básica, ou nunca seria iniciado. Portanto, o incrédulo não pode objetar, por princípio, a um cristão que escolhe uma suposição básica. É pelo menos tão legítimo para o cristão escolher a Bíblia quanto sua suposição básica quanto para o empirista escolher a experiência.

Esse procedimento, que pode parecer estranho para alguns cristãos que nunca estudaram geometria e ultrajante para incrédulos que mantêm tenazmente sua própria fé, mas negam aos cristãos o direito à deles, foi bem delineado na Confissão de Fé de Westminster. Este documento, no qual os teólogos mais instruídos do século XVII resumiram com mais precisão os principais ensinamentos da Bíblia do que qualquer um antes ou depois, fala da seguinte maneira.

“A autoridade das Sagradas Escrituras, pela qual deve ser crida e obedecida, depende não do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas totalmente de Deus (que é a própria verdade), seu autor; e, portanto, deve ser recebido, porque é a palavra de Deus.

“Podemos ser movidos e induzidos pelo testemunho da Igreja a uma alta e reverente estima da Sagrada Escritura, e a celestialidade do assunto, a eficácia da doutrina, a majestade do estilo, o consentimento de todas as partes ...; não obstante, nossa total persuasão e segurança da verdade infalível e autoridade divina é proveniente da obra interior do Espírito Santo, testemunhando pela e com a palavra em nossos corações ”(I, 4, 5).

Não é tolice basear a verdade da Bíblia, todas as doutrinas da graça e nossa esperança do céu, no trabalho da senhorita Kenyon e do Dr. Albright?

10. O Papa

Nesse ponto, alguém pode observar, talvez um católico romano, se esse comentário se encaixa na sua teologia, que, no que diz respeito a uma fonte de revelação auto-autenticadora, o papa é logicamente tão bom quanto a Bíblia. O papa pode jurar sua própria veracidade; suas encíclicas reivindicam infalibilidade; e eles fornecem o conteúdo necessário para uma religião reconhecível. Para conhecer a Deus, a revelação é indubitavelmente necessária; mas por que a revelação não deveria vir através de sua santidade, papa Júlio?

Este é um caso, no entanto, em que a testemunha no estande deve enfrentar evidências externas. A história não se inclina a considerar os papas como homens santos de Deus, levados pelo Espírito Santo. Além disso, há uma dificuldade lógica embaraçosa. Se os papas reivindicassem a autenticação automática e nada mais, sua posição seria melhor. Mas eles também afirmam que a Bíblia é infalível. Isso causa uma dificuldade lógica insuperável quando fica claro que suas encíclicas contradizem o que a Bíblia ensina. Algumas dessas contradições serão trazidas à tona nas próximas páginas e, para o restante, serão suficientes estudos adicionais em teologia. Portanto, contrastaremos imediatamente o que a Bíblia diz sobre si mesma com o que o Papa diz.

A posição bíblica sustenta não apenas que as Escrituras são a verdade, como agora foi esclarecido, mas também que não há outra fonte de verdade. O romanismo e pelo menos alguns anglicanos (luteranos também com referência a alguns detalhes de adoração) sustentam que a tradição de alguma forma completa as Escrituras. O Concílio de Trento, cujos decretos permanecem até hoje, a principal declaração da religião romana, em sua quarta sessão, declarou:

“O evangelho ... de nosso Senhor Jesus Cristo ... primeiro promulgado com sua própria boca ... [o Sínodo de Trento], vendo claramente que essa verdade e disciplina estão contidas nos livros escritos e na tradição não escrita ... que vieram até nós ... recebe e recebe venera com igual afeto de piedade e reverência todos os livros do Antigo e do Novo Testamento ... como também as tradições ditas ... Se alguém não recebe ... e, consciente e deliberadamente, despreza as tradições acima mencionadas, seja anátema. "

Esta declaração coloca a tradição não escrita no mesmo nível das palavras das Escrituras. Na prática, porém, o papa é superior a ambos, pois afirma interpretar ambos infalivelmente. Antes de o Papa ser declarado infalível, a teoria era que os Concílios eram infalíveis. Sem dúvida eles continuam assim. De qualquer forma, o romanismo não depende apenas das Escrituras, mas da voz viva da igreja. Assim, sob a autoridade da igreja, a concepção imaculada de Maria e sua suposição no céu são feitas dogmas vinculativos.

Mais tarde, será dada atenção a esses dogmas, pelo menos à visão romana da Expiação e Justificação. A afirmação de que os apóstolos transferiram seus plenos poderes aos papas como seus sucessores, incluindo alguns poderes que os próprios apóstolos nunca afirmaram ter, é uma questão de interesse e importância. Mas, para não se perder em outros assuntos, o ponto aqui abordado é a Escritura como a única fonte da verdade. Este ponto é expresso claramente em Deuteronômio.

> Deut. 4: 2 Não acrescentareis à palavra que eu te ordeno, nem subtraímos dela.
>
> Deut. 5:32 Observarás fazer, pois, como o Senhor teu Deus te ordenou; você não se desviará para a mão direita ou para a esquerda.
>
> Deut. 12:32 O que quer que eu te ordene, que observareis fazer; você não a adicionará nem a diminuirá.
>
> Deut. 17:11, 20 e Dt. 28:14 diz a mesma coisa.
>
> É um. 1:12 Quando você aparece diante de mim, quem exigiu isso de sua mão?

Os versículos de Deuteronômio são tão explícitos quanto as palavras. Eles dizem que, ao adorar a Deus, seus servos não devem adicionar cerimônias ao que é ordenado, nem devem omitir qualquer coisa que Deus lhes ordenou. O contexto em Isaías dá alguns detalhes. Embora esses israelitas profanassem os sacrifícios e orações ao se envolverem neles enquanto estavam poluídos em pecados graves, o versículo citado mostra que Deus exige certas coisas, e implica ainda que se Deus não exige um determinado serviço, não deve ser realizada. Devemos fazer o que Deus exigiu. Mas se fizermos o sinal da cruz, genuflexivamente, observar a Quaresma e a Sexta-feira Santa, ou qualquer outra coisa que Deus não tenha ordenado, ele nos denunciará dizendo: Quem exigiu essa bobagem de você?

> O verso com o qual esse estudo de inspiração começou também implica a mesma coisa.

13. Tim. 3:16, 17Toda a Escritura é inspirada por Deus e é proveitosa para a doutrina ... para que o homem de Deus possa encontrar todos

> demandas (***artios***), completamente equipado para toda boa obra.

Se, agora, as Escrituras nos equipam completamente para toda boa obra, e se as Escrituras não nos mandam orar a Maria ou andar de joelhos pela praça em Guadalupe até a catedral ou coisas semelhantes, podemos ter certeza de que Deus detesta o fato de fazê-los. John Gill, um teólogo Batista soube do século XVIII, escreveu várias páginas sobre este assunto em seu ***Corpo de Divindade*** .Aqui é um pequeno trecho que se sobrepõe presente ponto.

" ***Em sétimo lugar*** , isso pode ser discutido a partir da suficiência deles para responder os fins e propósitos para o qual são escritos: como ***para o ensino*** , ***para a repreensão*** , ***para a correção*** , ***e para instrução em justiça*** (II Tim. 3:16). Eles são suficientemente rentável e útil ***para o ensino*** .Não há verdade espiritual, nem doutrina evangélica, mas o que eles contêm. Eles são chamados de ***Escrituras da verdade*** , não só porque eles vêm de Deus da verdade, e tudo o que neles é verdade, mas eles contêm ***toda a verdade*** , que o Espírito de Deus, o ditador deles, guias para, e isso por meio deles (ver Dan. 10:21, João 16:13). Toda doutrina deve ser confirmada e estabelecida por eles ... Toda doutrina proposta pelos homens, para o consentimento de outros, não deve ser imediatamente creditada; mas deve ser provado e provado, e julgado pelas Escrituras sagradas, que devem ser pesquisadas, como eram pelos bereanos, para ver se essas coisas são assim ou não. "

Alguns outros desvios da Bíblia são os seguintes: A Bíblia proíbe o uso de imagens esculpidas na adoração, não apenas no segundo mandamento, mas também por implicação em Atos 19. A Bíblia ensina justificação somente pela fé e não tolera flagelação. O casamento não é considerado um sacramento; a Bíblia permite o divórcio; que a igreja romana proíbe, apenas para abrir uma escotilha de fuga em anulações. Neste século, vemos um novo desenvolvimento. Como os protestantes decadentes que negam a autoria mosaica do Pentateuco, os romanistas, em uma nova tradução da Bíblia, ***The New American Bible*** (com um ***Nihil obstat*** e ***Imprimatur***), defender o documentário da teoria JEDP. Sua introdução ao Pentateuco diz: "A grandeza dessa varredura histórica é o resultado de uma união cuidadosa e complexa de várias tradições ou fontes históricas. Estes são basicamente quatro: os chamados fios Yahwista, Elohista, Sacerdotal e Deuteronômico que atravessam o Pentateuco. ... Cada uma dessas tradições individuais incorpora material muito mais antigo. O Yahwist era ele próprio colecionador e adaptador. ... Isso não é negar o papel de Moisés no desenvolvimento do Pentateuco. É verdade que não o concebemos como o autor dos livros no sentido moderno ... "Nem no sentido de Cristo também; para "Moisés ... escreveu de mim." Cristo disse que eram os escritos de Moisés. Mas nesta teoria documental, embora Moisés possa ter tido um "papel ... no desenvolvimento do Pentateuco", ele não deveria ter escrito muito ou mesmo escrito.

A denegação das Escrituras também é encontrada nas notas desta versão. Em Gênesis 6:14, diz: "Este é aparentemente um fragmento de uma antiga lenda que havia emprestado muito da mitologia antiga". O relato da inundação nos capítulos seguintes é chamado de "uma colcha de retalhos complexa". E tudo isso é afirmado, embora não exista nenhum manuscrito de nenhum desses supostos documentos de origem, nem menção a esse fato na literatura antiga. O Antigo Testamento menciona o livro de Jasher; e Heródoto menciona Thales, cujas obras desapareceram; mas não há evidências de um Yahwist ou Elohist ou um redator para fazer os retalhos.

As notas sobre o Novo Testamento não são tão radicais; mas o evangelho de João também é retratado como uma colcha de retalhos de vários autores, e a autenticidade das epístolas da prisão, II Pedro e Apocalipse, é pelo menos posta em causa. No entanto, se o Papa é infalível, ele pode estabelecer doutrina por sua própria autoridade, e a infalibilidade da Bíblia não será perdida.

Essa idéia está claramente expressa em um panfleto projetado para distribuição entre os leigos. ***A Bíblia Hoje*** por Frederick L. Moriarty, SJ (Liguorian panfletos e livros, pelos Padres Redentoristas, com o Imprimatur de José Cardinal Ritter, Quinta impressão, junho de 1872) diz o seguinte:

"No entanto, ao ouvir que algumas seções do Antigo Testamento agora são consideradas parábolas ou poemas dramáticos, em vez de história estrita, alguns católicos podem se sentir desconfortáveis e perguntar: 'O que isso faz com o Novo Testamento? Até que ponto é essa história verdadeira? Ouvimos dúvidas expressas sobre a história dos Magos e a aparição real de um anjo para Maria na anunciação.

" Esta é uma boa pergunta e vamos tentar resolvê-lo da melhor maneira possível, mas devemos sempre lembrar que nenhum católico precisa ter medo ou molestado pelos novos avanços no estudo das escrituras. Deus deixou Sua Igreja na terra como guardiã e intérprete autêntica das Escrituras. Ele prometeu a ela a infalível orientação do Espírito Santo até o fim dos tempos. A Igreja nunca nos deixará desviar de assuntos que dizem respeito à nossa salvação. "

11. Perspicuidade

Em oposição a isso degradar a Bíblia para o segundo lugar, sujeito à interpretação autêntica de Roma, há outro ponto na teologia da Reforma que precisa ser enfatizado. Isso é freqüentemente chamado de perspicácia da Escritura. A igreja romana há muito se opõe à tradução da Bíblia para os idiomas comuns, embora sua capacidade de fazê-lo tenha sido reduzida neste século e condenou as Sociedades Bíblicas por distribuir as Escrituras entre os leigos. Mas os reformadores argumentaram que as Escrituras eram endereços para " ***todos os*** que estais em Roma"; isto é, aos membros das congregações. Paulo dirigiu-se às cartas de Corinto:

> I Cor. 1: 2 à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados a ser santos, com ***todos os*** que invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo ***lugar inevery*** .

> I Cor. 1: 1 À igreja de Deus que está em Corinto, com ***todos*** os santos que estão em toda a Acaia.

As Escrituras definitivamente não estavam restritas a uma hierarquia autorizada, pois os Bereanos eram mais nobres do que alguns outros, porque procuraram nas Escrituras para ver se o que Paulo havia pregado era verdadeiro. As próximas palavras são: "Portanto, muitos deles creram". A procura deles nas Escrituras os convenceu.

Não é necessário dizer que há algumas coisas nas epístolas de Paulo difíceis de entender. Nem é preciso negar que os servos de Satanás torçam a Escritura para sua própria destruição. E concorda-se que uma leitura do conhecimento do grego e do hebraico é muito útil. Mas note bem, as epístolas foram dirigidas a pessoas que tinham menos do que uma boa educação no ensino médio. Alguns deles não sabiam ler nem escrever e precisavam que seus amigos lessem as cartas de Paulo para eles. Pessoas mais estudiosas têm a obrigação de explicar as Escrituras para os menos instruídos; mas os últimos têm a obrigação de pesquisar e estudar e ver se as explicações estão corretas ou não. Novamente, nos referimos ao verso inicial de II Tim. 3: 1617. Toda Escritura é proveitosa para o homem de Deus, qualquer homem de Deus, e devemos lê-la, porque todos nós podemos entender algumas delas.

12. O método da experiência

As perguntas com as quais este capítulo começou foram: Como sabemos que existe um Deus; e se houver, que tipo de ser ele é? Uma resposta foi a revelação bíblica; a segunda resposta foi o papa ou concílios. A terceira resposta listada no início foi a experiência. Mas, sob esse título, existem dois grupos de pessoas, ou talvez três grupos, pois o primeiro pode ser subdividido. A primeira das duas subdivisões é melhor representada pelo grande filósofo Thomas Aquinas. Ele usou o pensamento básico de Aristóteles para construir um argumento que começou com a sensação mais simples e, por um raciocínio impecável e demonstrativo, chegou à conclusão de que Deus existe. Este argumento cosmológico será discutido no próximo capítulo. A segunda subdivisão do primeiro grupo difere da primeira, não em nenhum apelo básico à experiência, mas em ampliar o conceito de experiência, com o resultado de que esses pensadores não têm tanta certeza de que realmente demonstraram a existência de Deus com a necessidade lógica que Aquino afirma.

Por exemplo, na ***experiência e Deus*** John E. Smith força repudia a restrição de “experiência” a percepção sensorial. Sua razão é que o empirismo puramente sensorial leva a

idealismo subjetivo. Após o tempo de Tomás de Aquino, os empiristas britânicos Locke, Berkeley e Hume mostraram que se o conhecimento é baseado apenas na "experiência", não pode haver outro conhecimento além de imagens na mente individual. Smith, portanto, deseja estender a experiência para incluir algo que não seja sensação e percepção. A experiência, ele diz, é encontro; é objetivo, não subjetivo; é um produto crítico da interseção entre a realidade e um ser inconsciente. A experiência não reside exclusivamente na pessoa que a possui. De fato, a experiência não é de todo mental (p. 36); tem um caráter social. “A experiência de ser um eu distinto de um mundo de eventos e de outros seres é em si um evento e geralmente acompanhado de um choque” (p. 32).

O escritor atual não consegue se lembrar de tal choque. Ele parece sempre ter percebido que não era o garotinho que morava ao lado. Talvez antes que isso seja chamado de incomum, uma pesquisa deve ser realizada. O escritor atual também se lembra de ter sido atingido por um taco de beisebol em tenra idade, quando o batedor atirou o taco e correu primeiro. O jogo foi sem dúvida uma situação social, mas a mágoa e a contusão eram particulares e individuais. Assim, também, quando a lei exigia a vacinação contra a varíola, o médico vacinou esse menino; ele não vacinou a situação social.

Existem outras dificuldades. Mesmo se “experiência” é alargado para além sensação, e é chamado ***encontro*** , não há nenhuma garantia de que ele escapa do idealismo subjetivo do primeiro. O termo ***encontro*** pode parecer escapar subjetivismo porque conota um encontro com a realidade. Mas não ***percepção*** também conotar uma percepção da realidade? Que informação um encontro com uma árvore nos dá que uma percepção não dá? O que há sobre o termo ***encontro*** que impede seu ser analisados em estados subjetivos da mente? O que significa a palavra? O professor Smith deixa uma lacuna entre sua "experiência" e qualquer objeto, seja uma árvore ou Deus. Ele não oferece continuidade entre sua experiência indefinida e sua afirmação da realidade de um objeto religioso. Nem o ser de um Deus nem a obrigação de quaisquer normas morais podem ser derivados do encontro.

Em vez de justificar objetos e normas reais, o autor afirma, reitera e pede a pergunta. Por exemplo, “Ignorar as dimensões religiosas da experiência em favor de uma abordagem totalmente dogmática de Deus através da revelação é um erro” (p. 64). Mas por que um erro? A revelação dogmática não poderia ser a dimensão religiosa da experiência? Então ele continua:

tentativa de apresentar Deus como um ser que invade o mundo ea vida humana inteiramente ***ab adicional*** através de pura selfdisclosure sempre deve deixar de transmitir ao wouldbe crente uma compreensão adequada de sua crença “. Apenas o que as palavras “totalmente ***ab extra de*** ” destinam-se a média é difícil de dizer. Mas por que ***deve*** a mera divulgação de uma revelação verbal ***sempre*** não conseguem transmitir uma ***adequada*** compreensão? Essa frase implora a pergunta três vezes. Para apoiar o "sempre", o autor não fez a pesquisa sugerida anteriormente. Ele também não mostrou como pode justificar sua noção do que é "adequado". E Abraão concordaria com o "imperativo"? Se o autor acredita que Abraão foi enganado ou sem o devido entendimento, é necessário algo mais do que a simples afirmação: "Isso é um erro".

Para fazer justiça ao professor Smith, é preciso relatar que ele reconhece uma lacuna entre o início e as conclusões. É impossível, ele concorda, derivar qualquer religião positiva da "dimensão religiosa da experiência". Isso deixa sem apoio, não tanto sua negação de que o cristianismo é final e exaustivo (p. 74), como sua afirmação de que o budismo e o hinduísmo contêm verdadeiras revelações de Deus. Alguém gostaria de ver um relato passo a passo de como a experiência justifica essa ou aquela verdade no hinduísmo. Se a alegada verdade é definitiva, até o autor admite a lacuna; mas se a “verdade” é vaga o suficiente para ser encontrada de alguma forma nas três religiões, então “Deus” é a característica comum de Jeová, Shiva e Nirvana; e isso não é nada.

Existe um terceiro tipo de religião empírica. Os dois primeiros, o primeiro mais que o segundo, reconhecem que algo pode ser conhecido sobre Deus. Esta terceira visão afirma que Deus não pode ser conhecido. Esta é a visão do misticismo. Misticismo é uma palavra em inglês com uma grande variedade de significados. Na sua forma mais pura ou extrema, é uma religião de transes. Certas pessoas afirmam ter sido temporariamente absorvidas pelo ser divino. Tempo, espaço e sensação desapareceram; o mesmo fez o conhecimento; e eles eram um com Deus. No outro extremo da escala, existem pessoas que podem estar apenas brincando de palpites. Essas pessoas poderiam ter sido filosóficas se seus primeiro e segundo palpites tivessem sido logicamente desenvolvidos em um sistema. Mas a educação ou a falta dela impede que sejam sistemáticas, e existe uma desinclinação geral em falar com muita precisão ou lógica. Entre esses dois extremos, existem todos os tons e graus. No século XIX, Soren Kierkegaard insistiu que, para ser cristão, era necessário acreditar nas duas proposições contraditórias. Era necessário abandonar a razão. Conhecimento era

inútil e impossível, a menos que se saiba que um ser eterno não poderia se tornar encarnado e, no entanto, o fez. O conteúdo da crença não fez diferença. A crença em Jeová e a Shiva são igualmente lucrativas, desde que somente se acredite com paixão, paixão infinita.

Este não é um lugar para dar uma história de misticismo. É suficientemente caracterizado como negando a possibilidade de conhecimento, ou pelo menos conhecimento de Deus, e em geral mantendo o intelecto em baixa estima. Um exemplo antigo foi Dionísio, o Areopagita. Este autor não foi o discípulo que Paulo ganhou em Atenas. Foi um homem que usou esse nome no século V e incluiu em seus escritos algumas seções de Proclo, o Neoplatonista. Ele abre sua obra de ***Místico Teologia*** com esta oração:

"A tríade superna, tanto de Deus quanto de super-boa, Guardiã da Teosofia do homem cristão, nos leva diretamente ao cume super-conhecido, super-brilhante e mais alto dos Oráculos místicos, onde os mistérios simples, absolutos e imutáveis da teologia estão escondidos na obscuridade superluminosa da o silêncio, revelando coisas ocultas, que nas trevas mais profundas brilha acima das mais brilhantes, e nas mais impalpáveis e invisíveis, enche-se de transbordar as mentes sem olhos com glórias de uma beleza que supera. "

Uma forma leve de misticismo, supostamente bíblica, é defendida por RW Dale em sua ***Doutrina Cristã*** , capítulo um. Ele descreve um homem que, depois de passear uma milha ou duas em uma gloriosa tarde de domingo, deitou-se em um banco gramado. Ao olhar para os prados e pomares e o céu sem nuvens atrás deles, ele viu a própria glória de Deus. Conhecemos Deus, ele conclui, não por busca deliberada, não por inferir a existência de Deus a partir da observação do universo, mas por "percepção imediata" (p. 15). "Seu eterno poder e divindade ... não são atingidos por dedução lógica: são ***vistos*** , eles são ***percebidos*** , pelos órgãos da mente; como, não podemos dizer ... é uma percepção direta "(pp. 16, 18, 19). "A existência de Deus é garantida para nós

não pelo raciocínio, mas pela experiência. Deus é percebido e conhecido pelos órgãos da mente, assim como o mundo material é percebido e conhecido pelos órgãos dos sentidos "(p. 22).

Tais expressões de êxtase supor que a percepção é ***imediato*** .Hegel não é o único que negou essa possibilidade, e RW Dale deve defender a afirmação de que, provavelmente, a maioria dos psicólogos negam. Note também que nossos sentidos são notoriamente enganosos; e se sim a comparação

Dale depende está com defeito. Além disso, sem dúvida, os olhos e os ouvidos são órgãos dos sentidos. Quais são os órgãos da mente? Vários filósofos disseram que a mente não tem órgãos. A linguagem de Dale não é tão extrema quanto a de Dionísio, mas é igualmente vazia.

Desde o último terço do século XX, testemunhou um notável aumento do misticismo, tanto no chamado movimento carismático pentecostal como também no influxo do zen-budismo e outras tendências orientais, o estudante pode querer considerar alguns pontos adicionais. Por um lado, a absorção do indivíduo no Ser primordial é essencialmente uma construção panteísta. John Scotus Eriugena tentou evitar a acusação dizendo que, embora o ferro no fogo brilhasse com o fogo, ele ainda permanecia ferro. Mas outros perdem ou negam explicitamente a existência individual continuada.

Por outro lado, o misticismo minimiza regularmente a verdade doutrinária. É o caso, não apenas do Zen, mas também do Pentecostalismo. Os pentecostais ficaram muito felizes quando os romanistas da Universidade de Notre Dame falaram em línguas. Eles os receberam como irmãos e não tinham consciência da mariolatria e da justificação pelas obras. É natural que, quando a experiência subjetiva se torna suprema, eventos históricos, como a morte de Cristo, e doutrinas intelectuais como Justificação são obscurecidas.

É claro que é por isso que o pentecostalismo, que já foi evangélico, agora pode aceitar o romanismo, e talvez o zen também. É a experiência que é importante, não a teoria. Sem dúvida, os pentecostais variam quanto a que extensão devem ir, mas o princípio do misticismo une todos os que têm a experiência. Portanto, o misticismo deve ser intolerante ao cristianismo evangélico, porque este restringe o caminho da salvação somente ao nome de Cristo.

Nesse ponto, algumas palavras do professor William E. Hocking são apropriadas. Em seu ***religiões vivas e uma Fé Mundial*** , ele começa dizendo: “Em sua natureza religião é universal e um.” No volume mais tarde, ***The Coming Civilização Mundial*** , Professor Hocking repete suas afirmações vigorosas de unidade. Com efeito, ele diz que a fé cristã e ***afortiori*** a doutrina budista não oferecem-se como hipóteses concorrentes com outras hipóteses. Cada um diz: Este é um caminho para a paz; e tal afirmação não exclui outras maneiras. Em certo sentido, existe um único caminho, mas não é o único caminho de uma religião particular. A essência dos preceitos e doutrinas que os místicos em todas as religiões discerniram é a mesma. Os acordos nem sequer são

meras semelhanças; eles são identidades. Assim, a única maneira não é a maneira que as marcas fora uma religião de outro, mas "é o caminho ***já está presente em todos*** . ... As várias religiões universais ***já estão fundidos***
juntos , ***por assim dizer*** , ***atthe top*** "(p 149;.. ital seu).

13. Conhecimento é essencial

Em oposição ao misticismo, será suficiente mostrar como a Bíblia é rentável e lucrativa pelo conhecimento que nos dá. Certamente, isso dificilmente poderia estar ausente do que já foi discutido, pois todas as partes da teologia se encaixam para formar um sistema. Nenhum verso é intelectualmente ou logicamente não relacionado ao resto. Agora, o versículo inicial ou dois versículos na subseção três declaram o propósito, ou pelo menos o principal objetivo das Escrituras. É que o homem de Deus deve estar completamente equipado para toda boa obra. Outro versículo, já citado, diz que os cristãos são santificados pela verdade (João 17:17, 19).

Vários versículos, nos quais os cristãos parecem nunca pensar, colocam grande ênfase no conhecimento.

11. Pedro 1: 2, 3 A graça e a paz se multiplicam em você pelo conhecimento de Deus e de Jesus, nosso Senhor, na proporção que o poder divino nos concedeu, pelo conhecimento daquele que nos chamou por sua própria glória e virtude. coisas que tendem à vida e piedade.

Esta frase, não completamente citada aqui, é complicada na construção; deve ser lido duas vezes; e, se lermos devagar, veremos que todos os dons de Deus que tendem à vida e à piedade vêm por meio do conhecimento. Como John Trapp escreveu em seu Comentário: "Não há uma nova noção ou ampliação adicional do conhecimento salvador, mas isso traz alguma graça e paz com ele. Toda a graça que um homem tem, passa pelo entendimento; e a diferença de estatura no cristianismo cresce a partir dos diferentes graus de conhecimento. " A ênfase de Pedro no conhecimento, que só pode ser obtida com o estudo da Bíblia, continua sua conclusão em 3: 1718.

A ênfase de Pedro no conhecimento, que pressupõe a perspicácia das Escrituras, não é única no Novo Testamento. Paul enfatiza a idéia usando-a cinco vezes em duas linhas.

Eph. 1:17, 18 Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dará [a, ou, o] espírito de ***sabedoria*** e de ***revelação*** no

> ***conhecimento*** dele, os olhos do vosso coração [ie mente] sendo ***iluminados*** de forma que você pode ***saber*** qual é a esperança da sua vocação ...

Uma ênfase adicional na sabedoria, conhecimento e revelação com o propósito de edificação e santificação ocorre em todo Coríntios. Há o argumento extenso dos capítulos dois e três. Então também no capítulo sobre línguas, Paulo prefere falar cinco palavras inteligíveis que dez mil em uma língua estrangeira, porque o objetivo de falar em um culto na igreja é a edificação da congregação; e a congregação não pode ser edificada sem uma compreensão intelectual do que é dito.

Até agora, a evidência de que o conhecimento é essencial para uma vida piedosa, e para esse propósito Deus nos deu sua revelação, foi retirada apenas do Novo Testamento. O Antigo Testamento é dificilmente menos explícito.

> Salmo 119 Bem-aventurados os imaculados ... que andam na lei do Senhor ... nos ordenou que guardássemos diligentemente os teus preceitos ... Para onde um jovem purificará o seu caminho? Observando-o conforme a tua palavra ... Escondi a tua palavra no coração para não pecar contra ti.

É realmente necessário citar todos os cento e setenta e seis versículos deste Salmo, além de outros cento e setenta e seis de outras passagens do Antigo Testamento para justificar a posição de que as Escrituras são perspícuas para que os servos de Deus sejam edificados, santificados e preparados para que reino eterno em que habita a justiça?

Infelizmente, nesta época, o conhecimento e a bolsa de estudos são frequentemente depreciados por pessoas religiosas que se autoproclamam. O "coração" é superior, muito superior à "cabeça". Confusão de espírito é confundida com espiritualidade. As emoções estão vivas, mas a lógica e a teologia estão frias e mortas. Mas não é isso que a Bíblia diz, como se pode ver nos dois versículos que seguem o próximo parágrafo.

Às vezes, o ecumenismo liberal, o pentecostalismo geralmente e o romanismo sempre contrastam a posição da Reforma na Bíblia como a única fonte de conhecimento com "a voz viva da igreja". Os pentecostalistas não querem nada com "ortodoxia morta". Os liberais

interpretando mal o verso, a letra mata, mas o espírito dá vida, como se a letra da Bíblia fosse uma coisa, geralmente errada, e o espírito da Bíblia fosse outra, geralmente certo. É claro que o versículo significa que a Lei impõe a pena de morte ao pecado, e o Espírito, não o espírito da lei, mas o Espírito Santo, regenera e dá vida. Quanto à voz viva da igreja, insista de fato que existe uma voz viva, mas não é o que o romanismo ou o pentecostalismo pensa que é. A voz viva de Deus é a própria Bíblia.

> Atos 7:38 Moisés ... que estava na igreja no deserto ... recebeu oráculos vivos para passar para você.

> João 6:63, 68 É o Espírito que dá vida ... as palavras que eu lhes falei são espírito e vida. ... Simão Pedro respondeu-lhe ... Você tem as palavras da vida eterna.

14. Uma visão neo-calvinista

Recentemente, alguns estudiosos professamente reformados, principalmente com formação cristã reformada, e seguindo a sugestão do professor Herman Dooyeweerd da Universidade Livre de Amsterdã, organizaram a Associação Americana de Bolsas de Estudo Cristãs, com sede em Toronto. Sua visão da Bíblia deriva de seu conceito mais geral da Palavra de Deus. Que a Bíblia e a Palavra de Deus não sejam termos sinônimos, pode ser concedido pelo mais ortodoxo dos teólogos. Deus falou com Adão, Noé, Abraão e os profetas. Falar não é a palavra escrita, mesmo que tudo o que foi falado e isso seja duvidoso tenha sido posteriormente escrito na Bíblia. Também os teólogos mais ortodoxos admitem que Jesus, a Palavra de Deus, não era literalmente os símbolos de tinta escritos em um pedaço de papiro ou pergaminho. Além disso, o poder de Deus e a sabedoria de Deus, conforme identificados em 1 Coríntios. 1:24, bem como a Palavra criativa em Prov. 3: 1920, não são os caracteres hebraicos em uma página. Por isso, pode-se dizer legitimamente que a Bíblia é a Palavra de Deus, mesmo que a Palavra de Deus não seja a Bíblia.

Mas outras idéias, não tão legítimas, também são encontradas nos escritos do grupo de Toronto. Existe uma tendência desconcertante de se referir à Bíblia como um objeto físico que consiste em papel com manchas de tinta. Há uma tendência a se concentrar nas palavras, impressas ou faladas, em vez do pensamento e da mensagem em que os pontos de tinta são meramente símbolos. Assim Hendrik Hart (***pode o***

Bíblia ser um ídolo , pp. 910) pode dizer: “Esses escritos não são essa Palavra, eles a revelam.

chamar a Bíblia ***inan sentido analógico*** a Palavra de Deus. Mas quando perdemos a analogia, o apontar além de si mesmo para o seu significado original, a testemunha revelacional fora de vista; quando identificarmos os dois significados, nunca iremos a Cristo, como ele mesmo disse (João 5:39,

46) A Palavra de Deus é Deus, era no princípio criador, sabedoria, verdade ... Não podemos dizer tudo isso sobre a Bíblia ... A Palavra de Deus não é um livro. ”

É preciso observar a confusão, a mistura de verdade e erro, a ambiguidade nesta citação. Se "esses escritos" são considerados um livro no sentido do papel e da tinta, eles realmente não são "essa Palavra". Mas se o termo ***bíblico*** é usado para designar o significado desses escritos, a mensagem, o conteúdo intelectual simbolizada em manchas de tinta, é fato que a Palavra. Esses escritos não apenas revelam essa Palavra. Eles não são essa Palavra em um sentido "analógico" indefinido. Eles não apontam para algum significado original por trás do significado das palavras, algo "fora da vista". Não, esses escritos ***são*** , ou mais pedante, se desejar, esta mensagem é em si a própria Palavra de Deus. Hart pode dizer que dessa maneira nunca iremos a Cristo; mas os versículos que ele cita não o apóiam, e outros versos continuam a refutá-lo.

João 5:39 não deprecia a pesquisa nas Escrituras. Mesmo que o primeiro verbo seja declarativo, "você procura", a implicação de Hart não pode ser validamente desenhada, pois a última frase é "eles são os que testemunham de mim". Se o verbo é imperativo, como é mais provável, menos ainda se segue a implicação de Hart. Além disso, Jesus não diz ou implica que os fariseus estavam errados ao pensar que a vida eterna seria encontrada nas Escrituras. O outro versículo que Hart cita afirma explicitamente que se os fariseus tivessem entendido e crido nas Escrituras que pesquisavam, teriam crido em Cristo. A descrença nos escritos de Moisés, mesmo em pergaminho como eram, impede a crença nas palavras de Cristo, ditas no ar.

Além desses dois versículos que Hart cita e entende mal, João (8:32) também disse: "Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará". Mais uma vez João (17:17) diz: “Santifica-os na verdade; tua palavra é a verdade. ” Versículos como esses afirmam que a mensagem da Bíblia é verdadeira. Não é uma "analogia" da verdade fora de si para a qual aponta. É ela própria a verdade que santifica.

A Bíblia então é a verdade e sabedoria de Deus, a mente de Cristo, as Escrituras que não podem ser quebradas. A ortodoxia facilmente admite que a Bíblia não revela toda a mente de Cristo. A Sabedoria de Deus contém coisas secretas (Dt 29:29) que Deus não revelou e pode nunca revelar. Mas quando James Olthuis (***A Palavra de Deus e Hermenêutica*** , p. 5), diz: "Não é que as Escrituras são uma parte da Palavra de Deus e que há outras partes", ele parece negar a distinção em Deuteronômio. De qualquer forma, essa distinção não tem nenhum papel na teoria da AACS. Mas o ensino bíblico sobre a Bíblia neste ponto parece ser satisfeito ao sustentar que as proposições que compõem a Bíblia são apenas algumas das proposições no sistema divino da verdade. Assim, a Bíblia é realmente uma parte da Palavra de Deus e existem outras partes.

Além disso, embora essas pessoas permitem que a Bíblia é, em certo sentido a Palavra inscripturated (cf. Hart, ***O desafio do nosso tempo*** , p. 119), a sua antipatia para com proposições que parece fazer escrituração impossível. O que mais pode ser inscrito, exceto proposições? Obviamente, perguntas e comandos podem ser escritos. Essas não são proposições. Mas a Bíblia consiste apenas de perguntas e ordens? 1 Samuel 25:42 diz: "Abigail ... foi atrás dos mensageiros de Davi e se tornou sua esposa." Esta é uma proposição, uma sentença declarativa, uma informação. Alguém pode explicar como isso poderia ser uma inscrição de algo não proposicional, não cognitivo, sem sentido? Talvez a resposta é que Hart (ibid. P. 118) inscripturates absurdo ininteligível quando escreve: "A Palavra de Deus, a revelação de Deus, foi inscripturated sem ***se tornar*** uma Escritura."

Se o exposto acima não é suficiente para mostrar a que distância os teólogos de Toronto estão da posição calvinista, talvez esse ponto final seja suficiente para exibir a natureza neo-ortodoxa de seus pensamentos. Em ***Compreensão das Escrituras*** (pp. 910, e 2) Arnold De Graaff escreve: "Para tratar as Escrituras como se ele continha afirmações teológicas gerais tais e verdades proposicionais, portanto, seria distorcer a própria natureza e finalidade da Palavra de Deus. A Bíblia quer proclamar, não explicar! É somente em suas ações que o ser de Deus e seus atributos são revelados "(pp. 9, 10).

As declarações de De Graaff são tão obviamente falsas que comentários adicionais são desnecessários.

15. O método ProofText

Para concluir este capítulo, mais duas subdivisões parecem úteis. O primeiro é uma defesa do chamado método de texto de prova e, segundo, embora as objeções externas devam ser reduzidas ao mínimo ao longo deste volume, uma refutação da teoria de que a linguagem humana é tão imperfeita que nem mesmo Deus pode nos dizer a verdade.

É difícil descobrir qualquer razão honesta para se opor ao método de texto de prova. A piada antiga de Judas saiu e se enforcou; Vá e faça o mesmo; e o que você faz, rapidamente, dificilmente pode ser levado a sério o suficiente, mesmo por um liberal, para justificar a objeção. É claro que é possível citar versículos e, por desconsiderar seu contexto, aplicá-los indevidamente. Nem é preciso negar que alguns teólogos cometeram erros, até mesmo erros, ao citar e desenhar implicações. Os liberais podem facilmente apontar para muitos desses exemplos. Nenhum método se garante contra todos os usos indevidos. Os físicos do laboratório, com as melhores intenções, se perderam. E certamente os liberais, que usaram seu chamado método científico e concluíram que os hititas nunca existiram não estão em posição de lançar a primeira pedra.

Os estudiosos seculares não desdenham o método do texto de prova. Examine as antigas edições do ***Archiv für***
Geschichte der Philosophie , o ***New Escolástica*** , ou o ***Philosophical comentário*** e ler alguns artigos sobre Platão e Aristóteles. Quanto mais acadêmicos são esses artigos, mais obviamente eles dependem da citação de textos. O excelente sistema educacional francês em lugar de destaque a ***explicação du texte*** .Como outra coisa se poderia entender pontos de vista de Aristóteles sobre qualquer assunto? Ou além artigos, levar livros. ***Das Problem der Materie*** por Clemens Baeumker, um exemplo da maior bolsa de estudos, é repleta de notas de rodapé citando os textos que apoiam suas afirmações. Então os liberais zombam, Judas saiu e se enforcou.

Para uma primeira lição de teologia, no entanto, o aluno deve aprender a usar o texto corretamente. Alguns alunos memorizaram versículos aqui e ali e esqueceram, se souberam, quais são os contextos. Não é de surpreender se eles os aplicarem mal. O presente volume cita bastante. O autor espera que ele não tenha violado seu próprio preceito, mas o aluno é encorajado a ver se ele o violou. Esse exame também inclui a questão de saber se o autor citou versículos suficientes. Em uma página ou duas, onde Gaussen foi mencionado, cinco versículos foram citados

quarenta em um determinado ponto. Versículos suficientes devem ser citados para indicar qualquer ponto que esteja sendo considerado; mas o aluno achará útil fazer extensas listas de versículos sobre cada ponto para uma referência conveniente durante seu ministério posterior. É verdade que o método do texto de prova não é à prova de idiotas, mas seria necessário mais do que tolos para trazer desonra ao próprio método.

16. Idioma

Agora, o ponto final para discussão neste capítulo tem a ver com teorias da linguagem. Isso será um pouco técnico e um pouco difícil. Se um jovem estudante ficar atolado, deixe-o pular para o capítulo dois. No entanto, mesmo que este livro seja um resumo do ensino bíblico, e embora as teorias da linguagem não pareçam permitir a comprovação de textos de prova, ainda assim, desenvolvimentos recentes exigem esse assunto. A Bíblia também não é totalmente silenciosa sobre a natureza da linguagem. Críticos anteriores atacaram alguns detalhes históricos da Bíblia; ou talvez eles tenham tentado mostrar que o texto bíblico não ensina infalibilidade verbal. Mas críticos mais recentes, em vez de atacar esse ou aquele ponto, argumentaram que a natureza da linguagem humana impede qualquer discussão significativa sobre tópicos religiosos. Portanto, não é um argumento ou dois, mas toda a Bíblia que é descartada.

A história é resumida a seguir. No início deste século, Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, muito exercitados sobre as frequentes confusões e ambiguidades nas discussões metafísicas, propuseram a invenção de uma linguagem artificial que evitasse todas as dificuldades do inglês comum. Após a Primeira Guerra Mundial, o Círculo de Viena iniciou o Positivismo Lógico com seu princípio de verificação sensorial, fazendo bobagens de teologia e metafísica. Essa visão rapidamente se espalhou pelos Estados Unidos, em parte porque vários de seus expoentes fugiram para cá para escapar de Hitler. Na Inglaterra AJ Ayer escreveu seu ***Linguagem, verdade e lógica*** em 1936. Estes homens foram minuciosas secularistas. Mais tarde, alguns filósofos da religião modificaram o positivismo extremo secular, de modo a fornecer uma esfera legítima para a religião.

Mas o que não é tão conhecido é uma catena de teólogos do início do século XIX que anteciparam, em aspectos substanciais, as teorias da linguagem do final do século XX. Talvez o mais influente deles tenha sido Horace Bushnell (18021876). Os teólogos conservadores tomaram nota e argumentaram contra sua teoria da Influência Moral da Expiação e, em menor grau, sua

vista da Trindade; mas, talvez com exceção de Charles Hodge, eles prestaram pouca ou nenhuma atenção à sua teoria da linguagem, na qual se baseavam aquelas visões da Expiação e da Trindade.

Em 1975, a teoria da linguagem de Bushnell foi brilhantemente ressuscitada por um estudioso mais jovem, muito competente, mesmo que apaixonado pelo seu precursor do século XIX: Donald A. Crosby,

Teoria da linguagem de Horace Bushnell .

Antes de Bushnell, os teólogos calvinistas e luteranos praticamente restringiram seus comentários sobre a linguagem à afirmação de que Deus deu linguagem a Adão na criação. Bushnell respondeu, embora a evidência parece impossível de obter, que Deus deu a Adão, e não ***palavras*** , mas um ***instinto*** para a linguagem. O Gênesis, no entanto, registra conversas entre Deus e Adão e, portanto, qualquer suposto instinto deve ter produzido um grande vocabulário em um tempo muito curto.

Bushnell, tendo rejeitado o Gênesis como verdade literal, ensinou que a linguagem começou pela ligação de sons a objetos físicos. Foi a princípio uma linguagem de substantivos. Todas as palavras, sustentou, são originárias de imagens físicas. Com o tempo, uma impossibilidade parece frequentemente possível se diluída por um longo período de tempo termos intelectuais entraram em uso. Assim, os objetos físicos fornecem o fundamento, o único fundamento, para palavras simbólicas e metafóricas do discurso intelectual. Mas como as palavras não podem representar adequadamente nem mesmo as formas físicas, pois, na verdade, apenas citam nossas sensações subjetivas, a inexatidão da linguagem física aumenta muito quando as palavras são usadas para conceitos intelectuais. Não há como erradicar essa distorção. Como a lógica se baseia na gramática, e como a gramática vem das relações na natureza, a linguagem pode se aplicar à verdade apenas em sentido analógico. A compreensão requer "insight poético"; só nos aproximamos da verdade quando ela é oferecida "paradoxalmente". A poesia é melhor que a prosa; as contradições do poeta são todas as facetas da verdade complexa; a poesia fornece imagens; inconsistência é um bem positivo; e a verdade reside no sentimento.

Nesse ponto, uma observação preliminar vem à mente. Se alguém puder afirmar que imagens variadas e inconsistentes se aproximam da verdade, seria necessário conhecê-la para julgar a aproximação. Um passageiro não pode saber que o avião de Nova York está se aproximando de Los Angeles, a menos que ele saiba primeiro onde fica Los Angeles.

Desconsiderando essas considerações lógicas, Bushnell achou tolo debater se a fé precede o arrependimento ou outras sutilezas teológicas, porque esses detalhes ignoram o todo facetado. O Evangelho de João, por exemplo, é o maior dos quatro, pois contém o maior número de contradições. Em seu ***Deus e Cristo*** (p. 96) Bushnell escreveu: "A dificuldade princípio que temos com a linguagem agora é, que ele não vai colocar na compreensão teórica que a imaginação só pode receber, e não será aberto à cabeça o que o coração só pode interpretar. " Teologia ou pelo menos religião verdadeira é uma questão de metáforas e imagens, não definições lógicas. De fato, os unitaristas são tão ruins quanto os trinitarianos porque ambos usam a lógica. Realmente, os unitaristas são piores porque usam melhor a lógica. Mas fé é sentimento, não pensamento; é imaginativo e poético, não literal e prosaico. "O grande teste de ortodoxia está no que o coração recebe, não no que o chefe pensa" (***Cristo em Teologia*** , p. 77).

Em vários lugares, Bushnell contrasta a cabeça e o coração. Esse contraste é baseado em sua própria experiência estética e emocional. Não tem base na Bíblia. Pelo contrário, é claramente antibíblico. A Bíblia realmente contrasta os lábios e o coração: isto é, hipocrisia versus sinceridade. Mas na Bíblia é o coração que pensa. Pensar é a função do coração. Dezenas de versos podem ser e mais tarde serão citados. Contrastar coração com cabeça é rejeitar o ensino bíblico sobre a criação do homem à imagem de Deus; e veremos como isso afeta a tarefa do evangelismo, pois essas teorias filosóficas, remotas como parecem ser, afetam todos os assuntos de fé e prática.

> Um dos admiradores de Bushnell, George H. Hastings, coloca o assunto de maneira metafórica

termos: "É muito lamentável que, para a massa de leitores, a Bíblia seja toda prosa…

caixa homeopático medicina ..."(***Lyrical Poesia da Bíblia*** , no Repositório bíblica, 1847, p.

323) Por causa de tais visões, Bushnell insistiu que a pregação deveria ser oratória, projetada para

produz um efeito emocional, não para ensinar a verdade, as noções tão frigidamente e distorcidas agregadas

em nossos compêndios doutrinários. Em vez de um dogmatismo enfadonho e discreto, autoridade arrogante e meramente

respostas tradicionais às perguntas tradicionais, o pregador deve ser eloqüente e expressar sua

envolvimento pessoal com imagens ricas. E de acordo com relatos, é assim que Bushnell realmente

pregado. Ele foi extraordinariamente eficaz em minar a verdade bíblica.

Para tudo isso, um crente na Bíblia pode dar várias respostas. Primeiro, embora admitindo que os Salmos são poesia e que muitos livros contêm figuras de linguagem e metáforas, como as visões difíceis em Apocalipse, o crente deve insistir em que, sem linguagem literal, o corpo da Bíblia, use algumas metáforas próprias , por mais cosmético que pareça, não teria esqueleto nem músculos. Que Moisés libertou os israelitas da escravidão egípcia é história literal. Ou considere um parágrafo casual no Novo Testamento, Marcos 6:16: "E saiu dali e entrou em seu próprio país ... e, quando chegou o sábado, começou a ensinar na sinagoga ... E eles se ofenderam. ele ... E ficou maravilhado por causa da incredulidade deles. E andou pelas aldeias ensinando ". Tudo isso é linguagem literal, não há sequer uma parábola no parágrafo. Acima de tudo, o que o livro de Bushnell chama de o mais contraditório de todos? João 19 lê, em parte: “Os soldados colocaram uma coroa de espinhos e vestiram-na sua cabeça ... Eles o crucificaram e outros dois com ele. Quando Jesus, portanto, recebeu o vinagre, ele disse: Está consumado. Proposições diretas, literais, inteligíveis, frases, informações. Sem isso, a poesia da Bíblia

seria uma farsa. Igualmente indispensável é a linguagem literal dos Dez Mandamentos. Um comando não é uma sentença histórica, não é verdadeira ou falsa como proposições. são; mas não é poesia, quer, ea menos que os comandos, não furtarás ***et al*** . são literal e inteligível, o cristão é deixado sem as normas morais Bushnell em sua dependência de experiência existencial e preferências pessoais é colocar difícil para justificar qualquer tipo objetivo de moralidade.

Essas críticas pressupõem que o cristianismo requer informações históricas literais e princípios morais bem definidos. Isso exige uma linguagem capaz e adequada para expressar tais significados. Se a Escritura diz: “homens deixando o uso natural da mulher queimados em sua luxúria uns pelos outros”, isso não deve ser tomado como uma justificativa simbólica da ordenação de tais homens e mulheres ao ministério. Não apenas a história e a ética, mas também as doutrinas da Deidade de Cristo, a perseverança dos santos e assim por diante, devem ser colocadas em linguagem compreensível, pois há uma grande diferença entre a idéia de conquistar o céu pelos próprios méritos e receber a salvação. a base do mérito de Cristo, ou entre o unitarismo e o trinitarianismo.

O estudante de teologia, no entanto, se satisfeito com esse apelo à Bíblia, não deve ignorar objeções filosóficas mais gerais à teoria da linguagem de Bushnell. Aqui estão algumas amostras breves e mais virão mais tarde.

Um lingüista ou pelo menos um matemático pode muito bem apontar que o conceito da raiz quadrada de menos um, ou o conceito da cônica geral, não tem conteúdo sensorial e não pode ser produzido a partir da sensação. Um dos críticos acerbos de Bushnell, David Lord, provocou: "A dificuldade com ele não é de todo ... que não há palavras que sejam adequadas para transmitir os pensamentos com os quais sua mente se une; mas, em vez disso, ele não tem os pensamentos que é o cargo das palavras que ele usa para transmitir. " Sem dúvida, isso se aproxima da verdade; mas pode ser mais espirituoso do que preciso. Pode-se dizer simplesmente que suas pressuposições contra o calvinismo lógico o levaram a análises errôneas da linguagem.

Claramente, a objeção básica à teoria da linguagem de Bushnell é a negação implícita de toda distinção entre verdade e erro. Unitarismo e Trinitarianismo se tornam a mesma coisa. Para ele, a doutrina é a formulação metafórica da experiência subjetiva. Para escapar da subjetividade completa, Bushnell às vezes apela à história da igreja ou à sociedade (ocidental). A experiência social, no entanto, não pode fornecer a objetividade necessária, pois, para usá-la, o indivíduo deve primeiro julgar uma sociedade mais aceitável que outra. Os chineses, os bantos, os hindus e os hippies não compartilham a preferência de Bushnell pelo americanismo do século XIX. A sociedade, portanto, não pode fornecer defesa objetiva contra as tendências pessoais.

Bushnell tinha certa influência contra seus críticos do século XIX, porque eles também operavam empirismo filosófico. O empirismo resulta em ceticismo total, mesmo que Locke, Edwards e Hodge não o reconheçam. No entanto, toda a controvérsia do início do século XIX ocorreu dentro de limites empíricos. Uma refutação mais profunda e fundamental de Bushnell, sua trindade unitária e sua teoria da influência moral da expiação, pode ser feita com base em um realismo não empírico. Essa foi a teoria das idéias de Platão, que Philo e Agostinho alteraram para melhor. Os capítulos posteriores discutirão sua relação com a imputação imediata, o estado intermediário e outras doutrinas.

O século XX, a teoria mais proeminente da linguagem, como observou o início da presente subseção, é a do positivismo lógico. É mais consistentemente empírico do que

Bushnell e não deixa mais espaço para sua religião emocional do que para o calvinismo teológico. Resumidamente, os positivistas lógicos sustentam que a linguagem é um desenvolvimento evolutivo dos gritos dos animais e que os organismos mais complicados a consideraram útil para suas necessidades imediatas. Com essa origem empírica, a linguagem não pode ser adequadamente estendida à metafísica, à filosofia ou à religião não empírica. Uma sentença é significativa apenas se puder ser testada pela percepção sensorial. Como a religião pretende expressar o transfenomenal ou transcendental, a linguagem não tem sentido.

A citação de Leonard Bloomfield, ***Internacional Enciclopédia de Ciência Unificado*** (Vol. I, p. 227) vai servir como um exemplo de Positivism lógico.

"A linguagem cria e exemplifica um valor duplo de algumas ações humanas. Na sua ***biofísico*** linguagem aspecto consiste em movimentos soundproducing e das ondas sonoras e resultantes da vibração da orelha do ouvinte. O ***biossocial*** aspecto da linguagem consiste no fato de que as pessoas em uma comunidade foram treinados para produzir estes sons ... Eles foram treinados para sons convencionais proferem como uma resposta secundária a situações e responder a estas ligeiras sons em uma espécie de efeito gatilho ". Na página 233, ele continua: "A linguagem preenche a lacuna entre os sistemas nervosos individuais… Os movimentos da fala [movimentos labiais das crianças] são substituídos por movimentos internos… Essa fala interna é responsável pelo corpo principal dos sistemas de ações vagamente limitados que a linguagem cotidiana tem o nome de 'pensamento' "(p. 235).

Esta cotação contém três partes. Primeiro, é uma descrição da produção puramente física de ruídos, mas não realmente, apenas vibrações nos tímpanos. Tais movimentos físicos podem ser identificados com sensações ou percepções; ou, se não forem identificados como desejam os positivistas lógicos, podem produzir um evento mental? A segunda parte da citação salta para uma sociedade que treinou pessoas para emitir sons convencionais. Como uma sociedade poderia ser organizada e como várias pessoas poderiam dar a um som um significado convencional, apenas com base em movimentos físicos, são questões que o behaviorismo não pode responder. Física e química não produzem base para fazer um movimento se referir a outra coisa. A referência é estritamente mental. Bloomfield depende de um "efeito gatilho". Assim, referências convencionais são produzidas da maneira que uma mola se rompe. A terceira parte da citação é igualmente impossível. Se os sinais convencionais são apenas efeitos de gatilho, seus

os snappings podem de fato "preencher a lacuna entre os sistemas nervosos individuais", assim como um choque elétrico pode estimular o músculo gastrocnêmio de um sapo morto; mas o sapo nunca consegue entender as crenças filosóficas da eletricidade.

As dificuldades inerentes ao positivismo lógico forçaram extensas alterações na teoria. Além disso, outros autores abordaram outras teorias da linguagem. Wilbur Marshall Urban não era um defensor do calvinismo; mas ele também não era um behaviorista. Seu volume de extremamente interessante, ***linguagem e realidade*** , propõe uma teoria diferente da linguagem que permite a um tipo de religião e revelação. Como seu livro cativante tem cerca de setecentas páginas, é óbvio que o que se segue é totalmente inadequado; mas pode-se ter uma pequena visão de uma teoria não comportamental.

Contra o behaviorismo Urban observa que o naturalismo darwiniano torna a linguagem meramente um instrumento de adaptação e controle e, portanto, incapaz de se aplicar a tudo o que não é físico (p. 31). Isso inclui matemática e religião. A grande falha no naturalismo, que sustenta que a linguagem é "natural" e não divina, e evoluiu de grunhidos e gritos, é sua incapacidade de explicar o significado (p. 67). Coloque um alfinete em um cachorro e ele uiva; mas como, em uma visão evolucionária, um uivo pode se tornar um símbolo de outra coisa, como o cachorro sadio é um símbolo do animal preso? Ruídos de animais meros não ***simbolizam*** , ***indicam*** , ou ***representar*** objetos (p. 75). Quando o behaviorismo depende da teoria causal do significado, isto é, da teoria de que o significado da coisa e da palavra são idênticos ao nosso modo de reagir, isso acaba com a representação e a correspondência. Um som não se torna uma palavra até que seja separado do contexto causal, e esse desapego não pode ser uma função do ambiente físico (p. 129).

Urbano é para ser admirado. Ele tenta dar uma teoria positiva da linguagem, além de seus argumentos críticos contra o positivismo lógico. Mas pode-se questionar se seu procedimento positivo é ou não tão bom quanto seu negativo.

Urban enfatiza muito o fato de a linguagem ser significativa. Essa é a qualidade pela qual ele refuta o darwinismo e o behaviorismo. Para esse fim, ele constrói um argumento magistral em muitas páginas (185225). Pelo conceito de significado, ele também tenta construir uma teoria positiva. Alguns sons, diz ele, embora não com grande plausibilidade, são auto-autenticados. As palavras ***doer*** e

zumbido som como o seu significado. Então ele parece pular de algumas dessas palavras para uma extensão metafórica delas. A palavra ***filho*** (? Embora quem diria que soou como uma cabra) significa um cabrito, mas por metáfora ele é transferido para uma criança humana; e daí Urban conclui que a metáfora é a principal lei da construção da fala (p. 112 e segs.). Em conformidade com isso, ele ocorrências da palavra primitiva ***ouatou*** , o que significa fluxo. Então ***ouatououcu*** vem a significar oceano. Isso, ele diz, é expressividade intrínseca. É mais que indicação; é representação. O símbolo é imitativo e evoca a coisa em si.

Mas quantos leitores, quando veio pela primeira vez para as letras ***ouatou*** acima, evocado a ideia de uma corrente? Faça um experimento com alguns amigos. Diga a eles que aprendeu uma nova palavra em um idioma primitivo e peça que adivinhem seu significado. Será que vinte e cinco por cento palpite ***fluxo*** ?

Provavelmente, menos de cinco por cento, ou menos de um por cento, adivinharia corretamente. Que não podia ser a palavra Navajo para ***agave*** ?

De qualquer maneira, Urban teria a linguagem crescida por metáfora, e a metáfora está intimamente ligada à mitologia (p. 176). Embora nenhuma evidência seja dada de que a metáfora esteja mais intimamente ligada à mitologia do que aos poemas de amor, o ponto é interessante para o estudante cristão, porque a teologia liberal recente geralmente considera que a revelação é mitológica.

Em seus esforços para evitar o behaviorismo, e ainda para fazer justiça a objetos de conhecimento não sensoriais, propósitos que pressionam tanto a metáfora quanto a mitologia, Urban inicia uma longa seção metafísica, cuja consistência não é aparente. Ele sustenta que a linguagem se desenvolve desde o estágio perceptivo, passando pelo metafórico e passando pelo simbólico. No estágio simbólico, descobrimos a lógica; e a lógica leva a uma metafísica de categorias (p. 305). Se essa metafica é falsa, como insiste o positivismo, a lógica não pode mostrar que é falsa; somente outra metafica poderia; mas como o positivismo repudia toda metafísica, sua teoria da linguagem falha em refutar a teoria oposta. Além disso, a lógica é normativa. A psicologia pode dizer como realmente pensamos; a lógica nos diz como devemos pensar. E, presumivelmente, Urban quer mostrar que o positivismo não tem lugar para normas universais.

Depois de uma longa discussão sobre poesia e física, Urban passa a considerar a religião. Religião e poesia, ele diz, são quase idênticas. A linguagem é emotiva e dramática; e ele se refere aos Salmos e João 17 como exemplos. Mas enquanto a poesia não é seriamente "evocativa", a religião é

evocativo, invocativo e tem a qualidade do santo. Portanto, a religião tem um Deus pessoal, e isso é dramático (pp. 573, 574). Mas, por essa mesma razão, a linguagem religiosa também é mitológica; isto é, busca uma inteligibilidade não científica que a linguagem dramática sozinha não pode expressar. Portanto, a linguagem religiosa comunica algo que outra língua não pode. Todas as religiões falam uma língua comum e são imediatamente amigas. As palavras de todas as religiões têm uma referência comum.

Todo simbolismo é distorção; mas símbolos religiosos são distorções de realidades [sensoriais] intuitivas com o objetivo de expressar o que é infinito e transfenomenal. Urban usa o exemplo dos muitos braços e pernas de um ídolo hindu; e ele deveria ter acrescentado que o ídolo e a cruz significam a mesma coisa. A passagem é completamente idólatra (pp. 582 e segs.). Tais mitos, diz ele, representam o mundo noumenal, mas nunca são imagens literais desse mundo. "A essência do símbolo religioso ... é que ambos são e não são a verdade sobre o objeto simbolizado" (p. 585). A Ceia do Senhor, por exemplo, expressa idéias grandes demais para a linguagem comum; mas quando perguntamos o significado dos símbolos, a resposta é dada em palavras. Portanto, a linguagem da religião deve ser teológica e, obviamente, Urban considera isso inadequado, uma distorção e não verdadeira.

O relato de Gênesis sobre Adão e Eva, por exemplo, não é verdade literalmente. Como uma fábula, representa a separação do homem de Deus, e este é um fenômeno da vida religiosa. Mas se alguém separar o "conteúdo da crença" da linguagem mítica, não resta mais religião. O mito é indispensável à religião porque (1) o mito é a única fonte de simbolismo religioso e (2) o mito é uma maneira única de apreender a realidade (pp. 590593). O que a religião nos diz implicitamente é mais importante do que o que diz explicitamente. Religião é a crença na conservação de valores. As idéias de um Criador e um julgamento final significam que os valores têm significado cósmico. Portanto, ciência e matemática nunca podem contradizer a religião porque não falam a mesma língua (pp. 619624).

A tudo isso, um cristão pode responder que o significado explícito de Deus Todo-Poderoso criar o universo pela palavra de seu poder é de muito maior importância do que uma vaga crença na conservação de alguns valores indefinidos. A ressurreição literal de Cristo dentre os mortos pode entrar em conflito com a ciência ou o cientificismo, mas muito pior para o cientificismo. A declaração em prosa de

justificação pela fé em Romanos 3: 2426 supera toda a poesia mitológica. Urbano responderá: você perdeu toda religião e não falamos a mesma língua. Respondemos: Correto, não falamos a mesma língua e também não aceitamos sua religião ininteligível.

No início desta subseção, o aluno foi avisado para ignorá-lo, caso achasse difícil. Mas qualquer estudante que não seguiu esse bom conselho e já leu até esse ponto deve agora tentar perceber que o assunto não é estranho às doutrinas mais importantes do cristianismo. É fundamental, pois se a linguagem é inerentemente incompetente para expressar a verdade teológica com precisão, então nenhuma doutrina pode ser aceita. O todo é poesia, mito ou absurdo. Wittgenstein sustentou que a linguagem é um molde inadequado de pensamento. Bergson e Whitehead dizem que a linguagem distorce a realidade porque o objetivo da linguagem é prático. Urbano, acabamos de concluir; e Brunner insiste que não apenas a linguagem, mas o próprio pensamento não pode compreender Deus.

Outro exemplo, embora não tão intrincada, da relação entre religião e língua, é encontrado em Frederick Sontag ***Como Filosofia Shapes Teologia*** .Após terminando capítulo dois com a observação de que as filosofias de Spinoza, Hume e Kant são todos “padrões verbais de termos crucialmente definidos ", Sontag começa o capítulo três com a observação adicional de que" é possível levar uma vida religiosa sem discuti-la ou verbalizar muito sobre ela ". Embora essas afirmações sejam literalmente verdadeiras, como no caso de um idiota mudo, elas parecem convidar mal-entendidos. Primeiro, muitos livros contemporâneos sobre religião, ou mesmo sobre filosofia como um todo, reduzem o assunto à "verbalização", com o resultado de que o teste de aceitabilidade, para não dizer a verdade, é simplesmente gramatical. Se o idioma usado for o inglês "comum", o falante não poderá ser criticado. No que diz respeito aos filósofos declarados da "linguagem comum", parece não haver dúvida além da determinação de se o falante está ou não em conformidade com algum uso lingüístico relativamente amplo. O ***pensamento*** por trás das palavras tenha evaporado. Em segundo lugar, ninguém negará que uma vida religiosa possa continuar "sem discutir ou verbalizar muito sobre isso". Além dos surdos e mudos, os dervixes rodopiantes são bons exemplos. Mesmo alguns cristãos devotos, sem instrução e nascidos sem inteligência, podem deixar de verbalizar e até de pensar muito. Mas é preciso duvidar que é possível levar uma vida cristã sem pensar. O uso de Sontag da "vida religiosa", e não apenas o de Sontag, depende da classificação de todas as "religiões" professadas em uma categoria. Isso resulta em confusão. Tais filósofos

pode afirmar que todas as religiões acreditam em algum tipo de Deus e, assim, encontram uma religião unitária e inclusiva. Mas o termo ***Deus*** é um exemplo excelente e fatal de verbalizar sem pensar. Spinoza fala constantemente de Deus ***Deus natura sive*** e significa que o universo; Os muçulmanos têm um conceito bastante definido de Allah, bem distinto do conceito de Spinoza; e cristãos querem dizer a Trindade. Se o budismo é uma religião, como costuma ser em linguagem "comum", é falso dizer que todas as religiões acreditam em algum tipo de Deus. Talvez, no entanto, todas as religiões acreditem em algum tipo de "céu". Novamente, isso é verbalização sem pensamento. Nirvana, o céu islâmica, eo céu cristão, para não falar de Spinoza ***espécies aeternitatis*** , não têm conteúdo intelectual comum. Portanto, uma discussão sobre "vida religiosa" deve ser viciada desde o início por ambiguidades radicais. A clareza de pensamento, e não a semelhança de palavras, pode ser alcançada apenas por discussões explícitas da visão de vida do Corão, ou da Bíblia ou de Spinoza. A ambiguidade de classificá-los todos juntos permite que Sontag diga: "se isso for verdade, a religião como modo de vida pode ser bastante independente da filosofia" (p. 46). Mas o modo de vida cristão não pode ser independente do pensamento. A partir da afirmação ambígua e verdadeira citada, Sontag desenha a afirmação inequívoca de que "para entender a religião ou a filosofia, a independência da vida religiosa deve ser realizada". Não deveria ser necessário acrescentar, mas para evitar críticas não inteligentes, que o cristianismo não considera a devoção inarticulada e não inteligente de uma criança desfavorecida como a vida cristã ideal. Atanásio, Lutero e Calvino parecem ser melhores imitadores de Paulo.

I Cor. 11: 1 Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo.

Um exemplo final e última das teorias da linguagem e sua aplicação a religião será ***palavras ea palavra*** por Kenneth Hamilton (Eerdmans, 1971). Embora a teoria seja basicamente a mesma, Hamilton difere de Urban em dois pontos: ele é um teólogo e não um filósofo secular, e ele leva sua teoria além do estágio da linguagem mitológica na tentativa de explicar a linguagem religiosa. Como Urban, ele rejeita o Positivismo Lógico, pois transforma a teologia em bobagens; e ele também considera o idealismo inadequado porque, ao estender a linguagem para cobrir a realidade transfenomenal, perde o mundo dos sentidos, onde a história ocupa tempo e espaço.

Embora o autor rejeite o idealismo, ele mantém uma visão um pouco semelhante da linguagem mítica. Na página 86, onde ele deixou suas descrições de outros pontos de vista e está totalmente envolvido

Ao explicar o seu próprio, ele diz: "No entanto, como vimos, toda linguagem cresce fora do pensamento mítico e ainda carrega as marcas de sua origem". Esta é uma afirmação surpreendente por duas razões. Primeiro, as palavras "como vimos" são surpreendentes porque o leitor nunca a viu. Hamilton não forneceu nenhuma razão. Em segundo lugar, é igualmente implausível afirmar, sem evidências, que toda linguagem ainda possui as marcas de sua origem mitológica. É verdade que Hamilton admite que o pensamento científico "tenta, tanto quanto possível, escapar das subjetividades da linguagem usando a linguagem dos sinais da matemática" (p. 87). Mas não é suficiente afastar a matemática com uma breve admissão. é necessário é evidência de que as palavras ***de dois*** e ***três*** carregam as marcas da sua origem mítica. Quais são essas marcas? Eles devem ser especificados. para essa matéria Hamilton não faz nenhum esforço para mostrar que mesmo a palavra ***gato*** tem um origem mitológica e ainda guarda vestígios discerníveis da mesma.

O capítulo dois, onde Hamilton aparentemente tenta justificar sua visão mítica, está repleto de afirmações não fundamentadas. Os exemplos são: (1) “O mito não é, em primeira instância, uma ficção imposta ao mundo já dado ...” Eu acho que é; (2) “cada vida reconstitui em parte a história da raça humana” suficientemente vaga para ser verdadeira em um sentido ou outro, mas Hamilton quer dizer 'a ontogenia recapitula a filogenia', ou que cada garoto às vezes sofre um complexo napoleônico; (3) “A estreita relação entre o mítico e da consciência religiosa é muito visível ***aqui*** [grifo meu]”, ou seja, no fato de que das crianças “excursões pessoais em mito fazendo resultado em seu ser acusado de ser mentirosos deliberadas!” onde há ***aqui*** qualquer relação entre a consciência religiosa e mito; (4) da mesma forma que um pensamento anterior: “Sendo algo [como um gato] recebeu um nome, permanece desconhecido ... Nomear ele faz com que 'seja' no sentido em que agora entra na consciência humana como uma entidade existente no mundo. por direito próprio ... ”

isso foi verdade para o planeta Netuno depois que foi descoberto e antes de ser nomeado, ou o continente agora chamado América?

Aqui estão quatro casos em que Hamilton não deu motivos para afirmar que "toda linguagem cresce fora do pensamento mítico e ainda carrega as marcas de sua origem".

Embora a mitologia seja a base da teoria da linguagem e da inspiração de Hamilton, não se deve supor que ele seja um simples "mitologista". Ele está longe de apoiar o programa de desmitologização de Bultmann. Para chegar à linguagem bíblica, a dois passos da mitologia

Devem ser tomadas. O primeiro é diluir ou refinar o mito em poesia. Esse avanço, diz ele, nos dá um Deus que realmente existe, em oposição aos deuses mitológicos que não existem.

De qualquer forma, a poesia não pode nos dar nenhuma verdade literal sobre Deus. Ainda mantém muito mito. Obviamente, a retenção não é de todo ruim. O mito, diz o autor, não é meramente superstição (p. 63). "A verdadeira religião nasce no meio de muitas religiões falsas." A partir do qual se pode concluir que a mitologia teve que trabalhar em direção a um conceito de Jeová antes que Adão pudesse ter essa idéia. Nenhuma evidência para a declaração citada é fornecida. Aparentemente, depende do princípio evolutivo de que o monoteísmo é um desenvolvimento tardio.

Mesmo assim, a influência da antiga linguagem mitológica continua, seja na poesia ou no segundo passo de Hamilton. 'As Escrituras não caíram do céu ... ”(p. 63). Bem, é claro, nem mesmo as tábuas de pedra nas quais Deus escreveu os Dez Mandamentos caíram do céu. Moisés usou uma caneta para escrevê-los. Portanto, o que o autor diz expressamente é literalmente verdade. Mas ele não pretende sugerir que a mensagem verbal das Escrituras não veio do céu? "A Palavra de Deus chega até nós como as palavras dos homens, homens enraizados em seus tempos e falando a língua de seu país." Mais uma vez, verdade literalmente, independentemente do seu contexto. As Escrituras vêm ***tous*** no século XX traduzida em Inglês. Eles não caíram do céu para nós em nossa vida. Mas e as revelações a Adão, Abraão e até a Moisés antes que ele as anotasse? Deus não poderia ter usado o hebraico? Deus deve ter usado a linguagem formada pela mitologia? Deus é incapaz de revelar a verdade literal? Hamilton afirma claramente que a linguagem humana é incapaz de expressar a verdade literal sobre Deus. Sua última frase no capítulo dois teria sido desnecessária e impossível se ele pensasse que a linguagem bíblica era literal. A última frase é: “Como a linguagem humana, formada em padrões que surgiram do mito, pode nos transmitir a verdade da revelação de Deus: esse é o assunto das minhas próximas duas palestras” (p. 63)

Antes de resumir capítulos três e quatro, pode-se também fazer uma pausa para considerar a frase ***linguagem humana*** .Quando Paul em humanos grego diz que os crentes Deus justifica, ele falou a verdade literal ou algum outro, tipo desconhecido da verdade, isso não é verdade em todos? Uma frase semelhante à "linguagem humana" ocorre com frequência em outros autores. Eles contrastam "lógica humana" com "lógica divina". Mas eles ousam explicitar o que essa frase significa? A lógica humana diz: Se todos os homens são

mortal, e se Sócrates é um homem, então Sócrates é mortal. Mas se a lógica divina é diferente, todos os homens podem ser mortais e Sócrates pode ser um homem, mas Sócrates não será mortal. Ou, novamente, se a matemática humana diz que dois mais dois são quatro, e se a verdade divina difere da nossa, então para Deus dois e dois são cinco ou dez ou qualquer coisa, menos quatro. O ponto aqui é que a lógica humana e a lógica divina são idênticas. A lógica humana faz parte da imagem divina no homem. É a marca registrada de Deus estampada em nós. Somente rejeitando a doutrina bíblica da imagem de Deus é que podemos contrastar a linguagem humana com a linguagem divina e a lógica divina com a humana.

Finalmente, se a linguagem humana não pode ser literalmente verdadeira, qualquer afirmação "a linguagem não é literal" não pode ser literalmente verdadeira. A posição é auto-refutadora; e pode-se ter pouca esperança de explicar como "a linguagem formada em padrões míticos" pode transmitir a verdade de Deus.

Nesse ponto, Hamilton começa a dar o segundo passo para longe do mito. Ele vai do mito à poesia e à parábola. “A fé cristã ... admite com satisfação que um melhor conhecimento do mundo objetivo fez
religiões fundadas na aceitação literal do mito insustentável ”(p. 67). **2** No entanto, ele terá o homem, pela razão

O que outras pessoas estão dizendo

linguagem simbólica, permanecem uma "criatura criadora de mitos". Então, ele continua, a fé cristã “não dá instruções privilegiadas sobre 'qual é o caso' no mundo criado” ”, por exemplo, que Davi era rei de Israel,“ no entanto [isso] fornece a ele conhecimento essencial sobre o mundo criado divinamente. Também lhe garante o significado humano de sua existência. Medeia esse significado além dos limites de sua própria consciência ... ”

Mas se a fé ou a revelação não pode nos falar sobre Davi, como pode nos dizer sobre a criação divina do mundo? Certamente o último é mais difícil de descobrir. Além disso, como a fé pode “mediar” algum significado além da consciência? A fé não é um elemento da consciência?

Mas vamos continuar com o segundo passo, da linguagem mítica, para a linguagem parabólica que supostamente revela a verdade divina melhor do que a afirmação literal simples. Por que e como Hamilton chega à parábola? O como não é nada claro. Nenhuma teoria é elaborada para mostrar que a linguagem, assumida como originária do mito, deve, pelas leis da evolução, tornar-se poesia e, em seguida, pelas mesmas leis tornar-se parabólica. Hamilton é ***por isso que*** é mais claro do que o seu ***como*** .A razão é que ele não quer ficar tão longe da mitologia como de chegar à verdade literal. Ele quer preparar o terreno rejeitando a inspiração plenária e verbal. “Teorias da revelação 'ditado'

às vezes parece supor que Deus comunica Sua Palavra através de vocábulos, [3] para que a compreensão do

O que outras pessoas estão dizendo

O sentido exato de um conjunto de proposições é receber a Palavra de Deus. Isso é certamente para vincular a Palavra divina à medida das palavras humanas ... ”

Esse tipo de argumento é essencialmente semelhante à acusação pentecostalista de que aqueles que repudiam falar em línguas 'ligam o Espírito divino à medida de sua teologia humana'. Isso é irrelevância. Não se trata da onipotência do Espírito. É uma questão do que o Espírito deseja fazer. Se Deus restringiu a operação de milagres à era dos profetas e apóstolos, não limita seu poder dizer que hoje não há milagres. Da mesma forma, quando dizemos que Deus falou hebraico a Abraão e grego a Paulo, não ligamos a Deus; simplesmente recorremos ao que ele fez. É Hamilton que liga Deus, negando-lhe a capacidade de falar linguagem literal para suas criaturas.

Essa visão empobrecida da Bíblia parece levar Hamilton a esperar revelações fora das Escrituras. O restante de sua sentença, meio citado acima, é:

"Pois é dizer que já temos as palavras que podem indicar tudo o que Deus pode querer que saibamos." "Possivelmente" é a linguagem da propaganda. A questão não diz respeito ao que Deus pode fazer: é uma questão do que Deus realmente fez. A visão da Reforma é que as Escrituras nos dão todas as informações sobre salvação que Deus quer que saibamos. Como II Pedro 1: 3 diz, o “poder divino de Deus [já] nos deu tudo referente à vida e à piedade”. E o wellknown II Timóteo 3: 1617 diz que a Escritura fornece um homem ***completamente*** para ***cada*** um bom trabalho. Nada mais é necessário. Por esse motivo, a palavra "estado" de Hamilton também é um dispositivo de propaganda. Nunca foi a visão da Reforma que a Bíblia declara, explicitamente, tudo o que Deus quer que saibamos. Mas, como diz a Confissão de Westminster, “Todo o conselho de Deus, referente a todas as coisas necessárias para Sua própria glória, salvação, fé e vida do homem, é expressamente estabelecido nas Escrituras, ou por conseqüência boa e necessária pode ser deduzida das Escrituras. , ”Isto é, pela lógica humana que é lógica porque é a primeira lógica divina.

Portanto, o que Hamilton objeta parece ser a verdade divina bíblica, a saber, "fé em Deus consiste essencialmente na recepção crente de ..." não talvez de "toda e qualquer afirmação bíblica", pois isso exigiria uma memória prodigiosa, mas em menos da teologia básica “como objetivamente verdadeira” (p. 75).

É bem claro que Hamilton não aceita a Bíblia como a Palavra de Deus. “O fato de as palavras estarem na Bíblia ... não significa que nossa leitura delas necessariamente deva produzir declarações autorizadas
que possamos proceder imediatamente para nos identificarmos com a Palavra de Deus. ” Bem, é claro, não ***necessariamente*** , para algumas pessoas por algum tempo não entender as palavras que lêem; de modo que "nossa leitura" das palavras, se somos tais pessoas, não produz necessariamente proposições corretas. A ***fraseologia*** aqui é novamente propaganda, para a questão importante não é se algumas pessoas interpretam mal a Bíblia, mas se as palavras e frases da Bíblia são declarações autorizadas porque eles são verdadeiros, porque eles são as palavras de Deus. Obviamente, é um pensamento ruim atacar uma teoria da inspiração e verdade das Escrituras com base no fato de que algumas pessoas não entendem as palavras. É preciso considerar um livro didático de cálculo como mitológico, poético ou parabólico e não literalmente verdadeiro, porque alguns alunos do ensino médio não conseguem entender? É por esse raciocínio inválido que Hamilton rejeita as Escrituras como revelação. Ele diz: “Foi esse o caso [identificar as palavras da Bíblia com a palavra de Deus] e depois a Bíblia, em vez de ser esse registro inspirado ... seria a lei escrita de Deus”.

Agora, há um sentido em que a Bíblia é um registro inspirado. Registra de maneira inerrante a revelação de Deus a Abraão e as guerras de David King de Israel. Mas, além de ser um registro de revelações divinas, é ela própria a revelação completa. Como diz a seção de abertura da Confissão de Westminster (determinante da posição evangélica), “agradou ao Senhor (...) cometer as mesmas [revelações anteriores] totalmente ao escrever ... aqueles antigos caminhos de Deus revelando sua vontade ao seu povo. sendo agora cessado. " Assim, em contraste com a negação de Hamilton, a Bíblia é realmente a lei escrita de Deus.

Deve-se enfatizar que Hamilton rejeitou a posição histórica do protestantismo e, ao fazer isso, entendeu mal qual é essa posição. Ele fala de “um lapso no legalismo entre os seguidores de Calvin que tinham ido além do alcance prático robusto de Calvino da fé cristã para erigir, ***como não fez ali*** [itálicos meus], teorias de inspiração verbalmente infalível.”

Agora, além do uso pejorativo da palavra ***lapso*** e ***legalismo*** em contraste com ***robusta*** , deve-se notar a referência histórica nas palavras “como ele não o fez.”

A posição de Calvino, que é um pouco diferente do que Hamilton nos querem fazer crer, é apresentada no comprimento por Kenneth Kantzer na publicação ETS, ***Inspiração e***

Interpretação (editado por John F. Walvoord, Eerdmans, 1957) capítulo quatro, ***Calvin e as Sagradas Escrituras*** .Aqui Kantzer cita de Calvino ***Institutes*** : “Deus ... o prazer de cometer e consignar sua palavra à escrita ... ele ordenou também que as profecias fossem comprometidas com a escrita e mantidas parte de sua palavra. A esses, ao mesmo tempo, foram acrescentados detalhes históricos, que também são a composição dos profetas, mas ditados pelo Espírito Santo ”(p. 137).

De fato, como Kantzer aponta, Calvino frequentemente afirmava que Deus "ditava" o texto. É verdade que Calvin não usou o verbo que se aplica a um escritório comercial moderno. Mas sua frequência deve alertar a todos contra a atribuição a Calvino de que Deus dita erros. Kantzer se refere ao chamado de Calvino aos profetas de "escriturários" e "penmen", "amanuenses seguros e autênticos do Espírito Santo; e, portanto, seus escritos devem ser considerados como os oráculos de Deus. ” Ele também os chama de "órgãos e instrumentos". Ele se refere às Escrituras como o “registro seguro e infalível”, “o padrão infalível” aqui é a inerrância, “a pura Palavra de Deus” e “a regra infalível de sua santa verdade”. Citando nada menos que treze outras passagens, Kantzer observa: “O simples olhar dos comentários de Calvino demonstrará quão seriamente o reformador aplicou sua rígida doutrina de inerrância verbal à sua exegese das Escrituras” (p. 142).

Posso também adicionar uma citação do Institutes I, VII, 1: “Os crentes ... estão satisfeitos de sua origem divina, como se ouviram ***as mesmas palavras*** pronunciadas pelo próprio Deus.”

Apesar de Hamilton querer escapar do mito através da poesia para parábola, ele continua dizendo: "A linguagem das Escrituras ... teria sido incompreensível caso contrário ..." ou seja, a menos que padrões míticos tivessem sido usados. Ananias não teria entendido as instruções para Straight St, se não tivesse uma forma mitológica. “Os mitos sumérios, babilônios, fenícios e egípcios [foram] incorporados na Bíblia. relatos da criação ”e" mitos gnósticos [estão] presentes nas descrições do NT de Cristo [4] ...

O que outras pessoas estão dizendo

a linguagem emprega as imagens do mito, enquanto transforma seu conteúdo. [5] mitos da criação em que os deuses

O que outras pessoas estão dizendo

arrancou a terra e o céu do corpo do monstro Caos explica parte do fraseado do relato bíblico da criação ”(p. 89).

Claramente, por mais que Hamilton queira ir além do mito, ele não parece estar muito longe, pois na próxima página ele diz: “Faltando ao padrão mítico [do gnosticismo] que originalmente

produzindo a terminologia necessária, não devemos ser capazes de falar da morte e ressurreição de Cristo ”(p. 90).

Isso não é um absurdo completo? Sou dependente de mitos gnósticos ou outros quando falo de soldados romanos colocando Jesus em uma cruz e batendo unhas em suas mãos e pés? Certamente entendi isso na infância muito antes de ouvir falar de gnosticismo. Nem tenho certeza de que Mateus sabia alguma coisa sobre o gnosticismo. Se agora alguém responder que Matthew e eu não precisamos conhecer o gnosticismo porque usamos a linguagem já formada, deixe-nos explicar como a mitologia formou as palavras: pregos, soldados, cruz, lança e morte. Da mesma forma, que mitologia é necessária para Pedro ver que a tumba estava vazia e depois ver Jesus na Galiléia e conversar com ele? Não é, portanto, um

absurdo completo dizer que não poderíamos falar sobre a morte de Cristo, a menos que a mitologia tivesse nos dado essas palavras?

Quase não se escapa à impressão de que o autor não trata seus oponentes de maneira justa. Ele diz: “No entanto, como a revelação é dada em palavras humanas, ela não pode ser mais precisa do que a linguagem permite. [Que verdade! Uma tautologia perfeita. Mas Deus, que 'produziu a linguagem, é incapaz de usá-la com perfeita precisão?]
a crença de que a Bíblia é composta de declarações de ***literal verdade*** [itálicos dele], portanto, é illconceived. [A ***, portanto,*** é uma falácia lógica.] A noção de verdade literal é totalmente correcta se opor literal para o
mítico ... Neste sentido, devemos dizer que Deus ***literalmente*** criou o mundo .... É outra questão,
no entanto, se insistirmos que todas as declarações de

As escrituras são literalmente verdadeiras ... ”(p. 91). Esse tipo de argumento dificilmente é justo com a visão da Reforma, porque ninguém, desde a época de Moisés até o presente, jamais disse que todas as declarações são estritamente literais. Lutero fez; Quenstedt, Gaussen ou Warfield já disseram isso? Claro que existem figuras de linguagem, metáforas, antropomorfismos e coisas do gênero. Mas isso não teria sentido se não houvesse afirmações literais que lhes dessem significado. Por exemplo, II Crônicas 16: 9, “Os olhos do Senhor correm de um lado para o outro por toda a terra” é ridiculamente ridículo se considerado literalmente: pequenos globos oculares rolando sobre o chão empoeirado. Mas a menos que a afirmação, Deus seja onisciente, seja literal, a figura não tem nada a que se referir. Certamente Hamilton não publicou seu livro para nos lembrar que a Bíblia contém algumas figuras de linguagem. E, no entanto, seu argumento aqui depende do alegado fato de que alguém disse que "todas as declarações das Escrituras são literalmente verdadeiras".

Considere a nota de rodapé nesta página: “'Literal' não é sinônimo de 'histórico' '. A inspiração não implica que o que é inspirado deve ser entendido literalmente, e menos ainda que tudo deve ser visto como realmente aconteceu ... Para ser franco, para aceitar tudo o que é relatado na Bíblia como realmente aconteceu, é preciso mexer no texto. " Essas palavras, que Hamilton com citações de aprovação de HM Kuitert não são claras. A linguagem é típica dos liberais que querem parecer conservadores para as pessoas ortodoxas, enquanto minam a verdade das Escrituras. Quando Kuitert diz "tudo relatado", ele se refere a metáforas, a declarações feitas por Satanás, ou "tudo relatado" refere-se a tudo relatado como tendo realmente ocorrido? As duas primeiras possibilidades são pueris. O terceiro é um repúdio à religião evangélica. É difícil evitar a conclusão de que o último é o significado pretendido. Por exemplo, II Pedro afirma que foi escrito por Pedro. Sobre essa afirmação, Hamilton escreve: “Há muito tempo, todos os autores são considerados proprietários de suas obras. Mas os livros bíblicos surgiram de um ambiente em que esse conceito era desconhecido, e onde não havia problema de verdade ou falsidade envolvido no uso de um nome reverenciado em conexão com escritos de outras mãos. ” Essa afirmação não é verdadeira nem mesmo sobre os estudos pagãos, pois os filósofos alexandrinos distinguiam cuidadosamente entre trinta e seis genuínos. Diálogos platônicos e dez espúrios. Veja também EMB Verde, ***segundo Peter Reconsidered*** (Tyndale Press, 1960), onde ele escreve no sentido de que falsificações não foram cordialmente recebidos como os críticos afirmam, mas que os subapostolics-se e até mesmo Apolo distinguidos dos apóstolos, e depôs o autor de ***Paul e Thekla*** por sua impostura. Outro exemplo foi Serapião, que proibiu o ***Evangelho de Pedro*** de sua igreja porque, cuidadosa investigação que tinha descoberto que era uma falsificação.

Após suas observações sobre a autoria de escritos espúrios, Hamilton chega rapidamente à sua solução para o problema de como a linguagem com sua herança mítica pode expressar a verdade divina. É feito por parábola. O livro de Jonas, ele diz, não relata ocorrências reais. Sua forma literária mostra que é uma parábola. [Nunca houve um Jonas. Acho que também não havia Nínive.] Todos reconhecem que Cristo ensinado em parábolas. [6] Nem tudo na Bíblia, reconhece Hamilton, é uma parábola; o apocalíptico

visões não são. Mas “se quisermos procurar uma 'chave'

modo de uso da linguagem nas Escrituras, a parábola se encaixa nessa posição muito mais adequadamente do que o mito ”(p. 100).

Vamos concordar imediatamente. Há também outras frases no livro, que, se destacadas de seu contexto, podem ser entendidas em um sentido ortodoxo. Portanto, é verdade que a parábola é mais adequada que a mitologia. Mas a parábola é mais adequada e um substituto para a linguagem literal? Hamilton fez a comparação errada. Ele aqui evitou mencionar o elo fraco em seu argumento; pois se não há verdade literal da qual a parábola é uma ilustração, ela não tem referente e se torna inútil.

Concluindo, primeiro, a teoria da linguagem de Hamilton destrói a verdade cristã. Certamente a linguagem, como presente de Deus a Adão, tem como objetivo, não apenas a comunicação entre os homens, mas a comunicação entre o homem e Deus. Deus falou palavras para Adão e Adão falou palavras para Deus. Uma vez que essa é a intenção divina, palavras ou linguagem são adequadas. Certamente, em algumas ocasiões, mesmo em ocasiões frequentes, o homem pecador não consegue encontrar as palavras certas para expressar seu pensamento; mas isso é um defeito do homem, não uma inadequação da linguagem. A Bíblia não aceita uma teoria que origine a linguagem na mitologia pagã, com o resultado de que a verdade divina é ininteligível. Da mesma forma, segundo, na teoria de Hamilton, Deus permanece incognoscível. A principal dificuldade dos mitos não é que eles sejam literalmente falsos, mas que sua alegada “verdade” não-literal não tem sentido. Hamilton fugiu do mito, da poesia para a parábola, a fim de chegar a algum tipo de revelação, mas nunca conseguiu mostrar como as parábolas transmitem a verdade ou o que as parábolas das verdades transmitem. Sua "mensagem" permanece ininteligível.

Terceiro, Hamilton rejeitou a doutrina da inspiração verbal e plenária e se coloca fora dos limites do evangelicalismo histórico.

A refutação bíblica da teoria da linguagem parabólica de Hamilton, bem como a de outras teorias que dependem de poesia, mito ou outras expressões não literais, é muito clara e literalmente declarada pelo próprio Jesus, conforme registrado em

João 16:25, 29 Estas coisas vos falei em provérbios; mas chega o tempo em que não falarei mais com você em provérbios; mas eu lhe mostrarei claramente o Pai. Seus discípulos disseram-lhe: Eis que agora tu falas

claramente, e sem falar nenhum provérbio.

Isso conclui o capítulo sobre a doutrina bíblica das Escrituras. Quanto a essas teorias da linguagem, sua qualidade auto-refutadora é suficiente para desacreditá-las. Mesmo que não fossem auto-refutadores, sua futilidade na prática de qualquer religião inteligível os torna inúteis. Mas, para o estabelecimento de uma teoria positiva da linguagem, é necessário considerar a natureza de Deus como um ser racional, a natureza do homem como um ser criado, a natureza da mensagem revelacional como uma comunicação inteligível; e esses assuntos são devidamente considerados em seus lugares nos capítulos seguintes.

1 ***Revelação e inspiração*** , p. 79. Oxford Univ. Press, 1927.

17. Ao ***mundo objetivo*** aqui Hamilton parece significar ***mundo sensorial*** , como se o mundo de significado ou inteligibilidade foram subjetiva. Ainda na p.

68 ele fala do próprio Verbo - certamente não é um objeto sensorial - como objetivo. É difícil dizer com precisão qual é o argumento dele sobre esses

Duas páginas.

3 Por exemplo, Deus instruiu Abraão a sacrificar Isaque, ou Deus instruiu Ananias para ir ao

casa de Judas na rua Straight e peça um homem chamado Saulo de Tarso. Ou não são essas passagens, com suas direções específicas, a palavra de Deus?

4 Para uma refutação definitiva ver ***A Origem das de Paulo Religião*** , J. Gresham Machen.

7. faz? Quão? Com que resultado?

6 Um critério comum para distinguir uma parábola de Cristo de algo que ele relata como ocorrido é a ausência no primeiro e a presença no segundo de nomes: um homem que era um
O chefe de família saiu cedo para contratar trabalhadores, ou um certo rei fez um banquete de casamento para seu filho, versus o sangue de Abel ... de Zacarias, filho de Baracias, a quem você matou, ou outras referências a eventos do AT.

Capítulo dois

DEUS

Como o capítulo um explicou, é a Bíblia, os sessenta e seis livros do Antigo e do Novo Testamentos, que fornece à humanidade o conteúdo da Teologia. Esses livros, este livro, a Sagrada Escritura nos dão uma enorme quantidade de informações. É informação, não menos. Os liberais freqüentemente mostram aversão à informação. Eles reduzem a história do Antigo Testamento aos níveis das fábulas de Esopo - interessantes, até lucrativas, mas não verdadeiras. Ou, se algumas das narrativas históricas são verdadeiras, elas não passam de bons exemplos e reações psicológicas às experiências religiosas. Esta não é a posição cristã. A Bíblia fornece informações. Ele contém genealogias desinteressantes e histórias de arrepiar os cabelos, além de poesia lírica e profecias intrigantes. Tudo isso de uma maneira ou de outra se relaciona com Deus. Por onde começar? Bem, já que a palavra teologia significa a conta, o estudo, a teoria de Deus, é melhor adiar tudo, até mesmo a atividade salvadora de Cristo encarnado, e começar com Deus como Ele é em si mesmo sozinho. "No começo, Deus."

A pergunta quatro no Catecismo Mais Curto de Westminster pergunta: "O que é Deus?" O catecismo responde então: “Deus é espírito, infinito, eterno e imutável, em seu ser, sabedoria, poder, santidade,
justiça, bondade e verdade. ” Os últimos várias palavras são normalmente chamados os atributos de Deus. São as características dele. Se conhecemos as características de Deus, conhecemos seu caráter. Sabemos que tipo de ser Deus é. Quem pode dizer que esse conhecimento não é importante? Teologia é o conhecimento mais importante que existe.

O termo atributo , ea pergunta que um atributo é um atributo de , e alguns assuntos semelhantes, deram origem a discussões extremamente complicados de problemas filosóficos difíceis. Eles dificilmente podem ser chamados de elementares. Portanto, eles parecem fora de lugar aqui. No entanto, como todo ministro do Evangelho deve saber algo sobre eles, eles não podem ser completamente omitidos. Para se comprometerem, eles serão reservados para uma seção final deste capítulo, e o jovem estudante pode ignorá-los, se desejar.

Agora, então, a Bíblia começa com Deus. Diz que Deus estava no princípio. Isso pode não dizer exatamente que Deus é eterno; de qualquer forma, essa não é a ênfase. A ênfase é que "No princípio, Deus criou os céus e a terra". A criação, é claro, é uma ação divina. É algo que Deus fez. Nesse sentido, não é diretamente uma afirmação do que Deus é em si mesmo. No entanto, a ideia de criação pressupõe o atributo de onipotência. Pode ser necessário um poder considerável para mover uma rocha de dez toneladas. Mas quanta energia é necessária para produzir um décimo de grama de rocha do absolutamente nada? Criação e onipotência, portanto, parecem ser a primeira coisa que a Bíblia quer que aprendamos sobre Deus.

18. Onipotência

Além do fato de que a Bíblia começa com a onipotência divina, provavelmente existem mais versículos no restante da Bíblia que afirmam esse atributo do que há outros atributos, como onisciência, por exemplo. A seguir, alguns, apenas alguns, que atribuem onipotência a Deus.

Gn 17: 1 Jeová apareceu a Abrão e disse: Eu sou Deus Todo-Poderoso.

Gn 28: 3 Deus Todo-Poderoso te abençoe.

Gênesis 35:11 E Deus lhe disse: Eu sou Deus Todo-Poderoso.

Jó 24: 1 Por que os tempos não são guardados pelo Todo-Poderoso?

Jó 42: 2 Eu sei que você pode fazer todas as coisas, e que nenhum objetivo seu pode ser impedido.

Psa. 135: 6 O que o Senhor quisesse, ele fez.

Jer. 32:17 Não há nada difícil para ti.

Dan. 4:35 Ele faz conforme a sua vontade no exército do céu e entre os habitantes da terra. E ninguém pode ficar com a mão ou dizer-lhe: O que fazes?

Matt. 19:36 Com Deus todas as coisas são possíveis.

Esta breve lista, à qual dezenas de versículos mais ou menos explícitos podem ser adicionados, é suficiente para mostrar que a Bíblia representa Deus como Todo-Poderoso. Nada é muito difícil para ele; ele pode fazer qualquer coisa e, na verdade, faz tudo o que quer. Nenhum poder pode detê-lo.

A Bíblia não ensina assim? Estranhamente, Geddes MacGregor, professor na Bryn Mawr College, em sua Introdução à filosofia religiosa (p. 269) diz: “Não há sugestões em nenhum lugar, nem no AT nem no NT, da noção de onipotência no sentido de 'a capacidade de fazer qualquer coisa'. Nor ... foi isso implicava no uso da palavra pantokrator nos antigos credos “.

A questão aqui não é se Deus é onipotente. A questão é simplesmente: A Bíblia ensina que Deus é onipotente? Outra pergunta responde a esta última. Os textos citados não mostram com clareza suficiente que MacGregor realmente entendeu muito a Bíblia? Que o professor e todos os outros secularistas acreditem em qualquer tipo de Deus que desejem, ou em nenhum Deus; mas deixe a erudição determinar com precisão o que a Bíblia diz em vez de alterar a mensagem da Bíblia para se adequar à noção do erudito sobre o que a Bíblia deveria ter dito, mas não o fez. Quanto à questão principal, a Bíblia ensina onipotência? deixe-se perguntar: o que poderia estar além do poder de um Ser que poderia criar algo, até o mínimo, do nada?

Algumas pessoas que não pensam muito claramente objetaram que onipotência é um conceito auto-contraditório. Se Deus pode fazer tudo, ele deve ser capaz de criar uma pedra tão pesada que não a possa levantar. Ou ele deveria ser capaz de desenhar um quadrado euclidiano com apenas três linhas retas. No entanto, não é o conceito de onipotência que é auto-contraditório; São esses dois exemplos. Um quadrado por definição é uma figura de quatro lados. Falar de um quadrado com apenas três lados é falar bobagem. A frase não significa nada. Um quadrado de três lados é

nada. Portanto, desafiar Deus a desenhar um quadrado de três lados não é desafiá-lo. Da mesma forma, se um pouco menos obviamente, uma pedra tão pesada que a onipotência não pudesse levantá-la não é uma pedra. Pedras por definição são coisas que a onipotência pode viver. Ou, em geral, o que a onipotência não pode fazer, quando expressa em palavras, é uma sentença que não tem significado. A objeção, portanto, é vazia porque não propôs nada que possa ser entendido. Não apresenta um problema inteligível.

Há outra forma mais objetiva dessa objeção. Deus pode pecar? Uma resposta é que Deus pode pecar, se quiser, mas ele nunca desejará. Essa resposta, no entanto, é bastante pobre porque permite a próxima pergunta: Deus pode pecar? Se Deus pode fazer tudo, ele não pode querer pecar? A resposta deve ser a mesma que a dada à objeção mais obviamente defeituosa sobre um quadrado de três lados; ou seja, que disfarça uma auto-contradição. Por um lado, isso depende da definição de pecado. Mais tarde, o pecado será definido como "qualquer falta de conformidade ou transgressão da lei de Deus". Essas leis, no entanto, se aplicam ao homem, e não a Deus. Deus não pode desonrar seu pai e sua mãe porque ele não tem. Ele pode, é claro, matar um homem, e o fez no caso de Ananias e Saphira; mas ele não pode cometer o crime de assassinato porque ele é o Potter e tem todo o direito de fazer qualquer coisa com o barro. O homem não tem direitos em suas relações com Deus. Da mesma forma, Deus não pode roubar porque ele é dono de tudo. Por trás desses detalhes, há uma razão mais profunda. Deus deseja a lei moral tanto quanto deseja a criação. Seu comando, a lei que promulga, é ipso facto a norma de certo e errado. Portanto, o que ele faz é, por definição, correto. Suponha que Deus possa desejar pecar porque Deus pode fazer tudo é atolar na autocontradição. Em relação a esse ponto, é preciso dizer mais em conexões posteriores, pois tudo de alguma forma se encaixa em todo o resto. Portanto, é melhor continuar enumerando os atributos.

3 onisciência

Um segundo atributo é onisciência. Está relacionado à onipotência e aos demais atributos; mas os relacionamentos não podem ser discutidos sem antes olhar para os dados bíblicos de cada um. Quanto à onisciência, algumas passagens da Bíblia são afirmações perfeitamente gerais de que Deus sabe tudo. Mas há também uma variedade de itens específicos de conhecimento mencionados que, quando compilados, apóiam a generalização mais ampla. O primeiro grupo é menor em número.

É sou. 2: 3 O Senhor é um Deus de conhecimento.

II Chron. 16: 9 Os olhos do Senhor correm para e por toda a terra. cf.

Zech. 4:10

Psa. 147: 5 Seu entendimento é infinito.

1 João 3:20 Deus ... conhece todas as coisas.

O primeiro desses versículos, uma vez que não especifica quanto Deus sabe, está mais bem adaptado para sustentar o argumento de que Deus é espírito do que de onisciente. O segundo é pitoresco, e de certa forma sugere que Deus sabe pelo menos o que acontece na terra. O quarto é completamente geral e conclusivo.

O terceiro da lista acima pode precisar de alguma exegese. Deus é infinito? O conhecimento de Deus é infinito? O que significa o termo infinito significa? Sujeitos a qualificações posteriores, podemos perguntar, e alguns teólogos perguntaram, se existe um número infinito de proposições para Deus saber?

Deus pode ser onisciente, ou seja, ele pode conhecer toda verdade que há para saber, mas toda verdade é um número finito ou infinito de proposições?

Se os versículos que afirmam onisciência em toda a sua generalidade são apenas poucos em número poucos, mas suficiente, o número de versículos que especificam itens particulares do conhecimento de Deus é muito numeroso. A lista aqui é longa e, no entanto, é apenas uma amostra.

I Cor. 2:10 O Espírito busca ... as coisas profundas de Deus ... as coisas de

Deus, ninguém sabe salvar o Espírito de Deus.

Ex. 4:11 Quem fez a boca do homem ... não sou eu o Senhor?

Psa. 90: 4,8. Por mil anos aos teus olhos são como ontem quando é

passado ... Puseste as nossas iniqüidades diante de ti.

Eccl. 3:15 Aquilo que tem sido há muito tempo ... e Deus busca novamente que

que é falecido.

É um. 43, 44, 45 Eu dei o Egito como resgate. ... Mas agora ouça, ó Jacob ...

quem eu escolhi. ... eu fiz a terra ... eu, até minhas mãos, estendi os céus.

Os 11: 1 Quando Israel era criança, eu o amava.

Jó 38: 41 Quem providencia para o corvo sua presa, quando seus jovens choram para Deus.

Psa. 103: 14 Pois ele conhece a nossa estrutura; ele lembra que somos pó.

Psa. 139: 16 Ó Senhor, você me procurou e me conheceu ... entende meu pensamento ... tu o conheces completamente ...

Prov. 5:21 Os caminhos do homem estão diante dos olhos do Senhor.

Matt. 10:30 Os próprios cabelos da sua cabeça estão numerados. (cf. Atos 27:34)

Atos 15:18 O Senhor, que faz saber estas coisas desde a antiguidade.

Gênesis 3:15 porei inimizade entre ti e a mulher ... ele ferirá

tua cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.

I Reis 13: 2 Nascerá um filho na casa de Davi.

É um. 45:11 Pergunte-me o que está por vir.

É um. 46:10 Declarando o fim desde o início.

Dan. 2:47 Na verdade, seu Deus é o Deus dos deuses ... e um revelador de

segredos.

João 6:64 Jesus sabia desde o início quem eram eles que não acreditavam,

e quem era que deveria traí-lo.

Heb. 4:13 Não há criatura que não se manifeste à sua vista; mas todas as coisas

estão nus e abertos diante dos olhos
daquele com quem temos que fazer.

Alguns desses versículos podem parecer irrelevantes, e é certo que eles nem todos têm o mesmo

peso para o assunto em questão. Êxodo 4 e Isaías 43 não foram escritos principalmente para ensinar a onisciência de Deus; mas eles indicam que Deus sabia, no tempo daqueles profetas, o que ele havia criado anteriormente. Da mesma forma, Jó 38 e Salmo 103 enfatizam o cuidado providencial de Deus; mas, para isso, ele deve conhecer os corvos e nós. Assim, cada

um desses versículos, com centenas de outros, tem seu objetivo e contribui para uma descrição cumulativa de Deus como onisciente.

Que Deus sabe a si mesmo pode parecer ir sem dizer. Sua utilidade, no entanto, reside no fato de que, desde 1 Cor. 2 mostra que Deus conhece sua própria mente, e essas outras particularidades também, somos advertidos contra os teólogos dialéticos ou neo-ortodoxos (Barth, Brunner et al) que afirmam que Deus é "totalmente outro". Se Deus fosse totalmente outro, então, como o homem é racional, Deus seria irracional. Já que o homem conhece uma ou duas verdades, segue-se que um Deus totalmente diferente não poderia saber de nada. O que é totalmente outro não pode ser um objeto de conhecimento: uma vez que o homem é um objeto de conhecimento para o homem, para si e para os outros, Deus não poderia ser um

objeto de conhecimento, nem para si nem para nós. Esse é um dos resultados infelizes da neo-ortodoxia.

Que Deus fez a boca do homem e, por assim dizer, lembra que ele fez isso; as iniqüidades daquele homem estão diante de sua mente; que ele sabe que deu o Egito em troca de resgate e que Deus sabe que os eventos passados também parecem dificilmente mencionados. Mas serve para distinguir a posição cristã da posição de Aristóteles. Este filósofo argumentou que, como Deus era o melhor de todos os seres, e para ser o melhor incluído, tendo apenas os melhores pensamentos, pensamentos das melhores coisas, Deus não podia degradar sua mente pensando nos males dos homens. Deus também não poderia conhecer os eventos da história, pois, mesmo que não fossem positivamente maus, ainda assim eram triviais e sob seu conhecimento. Para Aristóteles, portanto, Deus poderia conhecer apenas a si mesmo. O Deus da Bíblia sabe quantos cabelos temos em nossas cabeças. Deus também conhece nossos pensamentos secretos. Ele sabia que os homens de Queilah queriam matar Davi. É impossível para o homem fechar sua mente para Deus. Algumas pessoas têm uma noção exagerada da inviolabilidade da personalidade. Na visão deles, Deus deve respeitar nossa individualidade, nosso pensamento, nossos direitos, nossa liberdade social. Mas Jeová penetra nossa mente e entende completamente nosso pensamento.

Todas as previsões da Bíblia atestam que Deus conhece o futuro. Ele profetizou o nascimento de Josias cerca de trezentos anos antes do tempo. Ele previu que Cyrus favoreceria os judeus. Não é como se Deus tivesse dito: eu administrarei isso de alguma maneira; se Cyrus não quiser favorecer os judeus, posso conseguir alguém que esteja disposto. O evento futuro foi a ação de Cyrus. Também há previsões de eventos que ainda são futuros para nós. Aristóteles disse que isso era impossível. Sua razão não era apenas que esses eventos são muito triviais para Deus se preocupar; mas, mais particularmente, que eventos futuros não podem ser conhecidos porque o futuro não existe. Somente

o que é, pode ser conhecido. O futuro não apenas não é, mas é incerto. Pode acontecer de uma maneira ou de outra. Agora, o cristianismo admitirá que apenas o fixo e o determinado podem ser conhecidos. Dizer que o futuro pode acabar de uma maneira ou de outra certamente torna o futuro incognoscível. Mas o cristianismo ensina que o futuro é inevitável. Judas foi escolhido como discípulo porque ele era o único a trair a Cristo. E a traição e a morte de Cristo eram conhecidas desde a eternidade. Deus pode declarar o fim desde o princípio, pois ele fez o começo para alcançar o fim. Assim, a lista de citações acima se refere não apenas ao que está presente, mas a todas as coisas, passado, presente e futuro: todas as coisas estão nuas e abertas diante dos olhos de Deus.

4 Eternidade .

O próximo atributo para discussão é a eternidade de Deus, pois eternidade e onisciência estão intimamente relacionadas. Talvez eles sejam idênticos! A primeira coisa a fazer é ver se a Bíblia ensina que Deus é eterno e se a noção de eternidade está bem definida. Os itens da lista exigirão alguma explicação.

Gn 21:33 Ali invocou o nome do Senhor, o Deus eterno.

Ex. 3:14 EU SOU O QUE SOU.

Psa. 41:13 Abençoado pelo Senhor, Deus de Israel, de eternidade a

eterno. cf psa. 90: 2

É um. 9: 6 Seu nome será chamado ... Pai Eterno.

João 5:26 O Pai tem vida em si mesmo.

ROM. 1:20 seu poder eterno e divindade.

ROM. 16:26 o Deus eterno.

Com a possível exceção do Ex. 3:14, onde a versão francesa traduz o nome de Deus como L'Eternel, esses versículos podem dizer meramente que Deus é eterno, que seus anos são incontáveis, mas que ainda são anos, e que, portanto, Deus não é eterno . a teologia eternidade costuma ser vista como algo diferente do tempo sem fim. Popularmente, no entanto, a maioria das pessoas não faz
tal distinção. Parece que J. Oliver Buswell, Jr. em assistemática Teologia da Christian Religion (pp. 40 e segs.) Mantém a visão popular e nega a eternidade atemporal. Ele escreve: “Os escritores da Bíblia ensinam explicitamente ... que o ser de Deus é eterno, tanto no passado quanto no futuro. Deus sempre existiu e sempre existirá ... Ao discutir o argumento cosmológico da existência de Deus, mostraremos que todos os pensadores sistemáticos são obrigados a postular algum ser eterno sem causa. Se alguma coisa existe agora, então algo deve ser eterno, a menos que algo possa vir do nada. Os materialistas geralmente sustentam que o sistema cósmico material é ele próprio eterno como um sistema e como uma cadeia de causalidade. ” Como nenhum materialista

jamais sustentou que o universo é atemporal, essa comparação entre Deus e o universo, pois, nos respectivos sistemas, ambos eternos, mostra que o Dr. Buswell considera que Deus existe prolongado no tempo. Em outras palavras, Deus é eterno, mas não eterno. Abaixo ele tem um subtítulo, Eternidade não é Atemporalidade .

Parmênides, um filósofo grego antigo, argumentou que a origem, origem absoluta, é impossível. Desde o seu dia, provavelmente ninguém nunca sustentou que algo vem do nada. Portanto, ou existe uma realidade eterna, atemporal e imutável, e nada mais surge (e essa foi a conclusão de Parmênides), ou há uma série eterna de eventos (que é a posição do materialismo chamado); ou existe uma realidade eterna e uma série temporal de eventos. A última é a posição cristã padrão, que, para ser defendida, deve ser mostrada como uma implicação dos dados bíblicos.

Essa implicação não pode ser baseada em frases como “antes da fundação do mundo” (João 17:24, Ef. 1: 4). Tais versículos, se houver implicações claras da eternidade em outros lugares, podem ser interpretados como fraseologia humana como “os olhos do Senhor”, mas não podem ser a principal.

terreno para uma crença na eternidade de Deus. Existem outros versículos, no entanto; e eles têm a ver com onisciência, já discutida um pouco, e imutabilidade, ainda a ser considerada.

A questão pode ser colocada de várias maneiras. Alguém pode perguntar: a eternidade é qualitativamente diferente do tempo? Ou há tempo no próprio ser de Deus ou é algo criado? E certamente devemos perguntar, que horas são? A menos que saibamos que horas são, não podemos começar a considerar se ele foi criado ou não e tem apenas um passado finito. O mesmo vale para o espaço.

Se o estudante de teologia iniciante teve alguns cursos de Física antes de ingressar no Seminário, ele pode ter encontrado argumentos que refutam a teoria newtoniana de espaço e tempo como estruturas independentes. A física moderna fala sobre um continuum quadridimensional, chamado espaço-tempo. Antes da física do século XX, o filósofo trabalhou com grande diligência sobre os problemas do espaço e do tempo. Este material pode ser incluído em um apêndice, mas não vamos desordenar o presente parágrafo. No entanto, é preciso insistir que, a menos que tenhamos alguma noção do que é o tempo, não podemos decidir se Deus é temporal ou não. Seria como tentar decidir se Deus é spalificerous ou doriconimous.

O grande filósofo cristão, Agostinho de Hipona, conectou o tempo à sucessão de idéias em uma mente. Hoje sabemos algumas coisas; amanhã aprendemos mais; no dia seguinte esquecemos um pouco. Mesmo em qualquer período de cinco ou um minuto, as idéias vêm e vão. Agostinho diz que é hora.

Agora, Deus é onisciente. Ele não aprende o que não sabia e nunca esquece.

Não pode haver sucessão de idéias na mente divina. Portanto, Deus não é um ser temporal.

Onisciência requer eternidade, e eternidade é atemporalidade.

.

8. <u>Imutabilidade</u> .

Corroborando esse argumento está o ensino bíblico sobre imutabilidade. Alguns versos são:

Num. 23:19 Deus não é homem para que minta; nem o filho do homem que

ele deveria se arrepender. cf. É sou. 15:29

Dan. 6:26 Ele é o Deus vivo e firme para sempre.

Mal. 3: 6 Eu, o Senhor, não mudo.

Matt. 5:48 Seu Pai celestial é perfeito.

Heb. 1: 1012 as obras das tuas mãos perecerão, mas tu farás

continue ... eles serão mudados, mas tu és o mesmo. cf psa.

102: 27.

Heb. 6:17 a imutabilidade de seu conselho.

Tiago 1:17, o Pai das luzes, com quem não pode haver variação, nem

sombra projetada girando.

Primeiro, alguns comentários sobre esses versículos. Na seção sobre linguagem no capítulo um acima, foi apontado que a linguagem figurada não entra em conflito com a inerrância, pois sempre pode ser traduzida em prosa comum. Um verso impressionante já foi mencionado várias vezes agora: os olhos do Senhor correm de e para toda a terra. O primeiro versículo da última lista diz literalmente que Deus não se arrepende ou muda de idéia. As palavras são repetidas em I Sam. 15:29. Um contraste notável ocorre neste capítulo. O versículo II diz: Me arrependo de ter criado Saul para ser rei. O versículo 35 diz: O Senhor se arrependeu de ter feito Saul sobre Israel. E entre esses dois versículos, 1 Samuel cita Números e diz: "A Força de Israel não mentirá nem se arrependerá, pois ele não é um homem para se arrepender".

Existem dois termos técnicos que nomeiam esses tipos de expressão figurativa. Quando braços, pernas ou

os olhos são atribuídos ao Senhor, a figura é chamada antropomorfismo. Isso significa que as partes corporais são figurativamente atribuídas a Deus. Mas quando paixões mentais são atribuídas a Deus, isso é chamado antropopatismo. Os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra e Westminster

A confissão nega que Deus tenha corpo, partes ou paixões. As palavras são "Deus ... um Espírito mais puro

6 sem corpo, partes ou paixões. ” O teste de prova na Confissão de Westminster é Atos 14:15, onde obviamente se pretendem paixões mentais ou psicológicas. Observe que essas confissões não dizem que Deus está sem "partes e paixões corporais". Essas palavras poderiam significar, embora não tivessem que significar partes corporais e paixões corporais.

Essa ambiguidade é evitada. Não há menção de paixões corporais. Deus não tem corpo, partes e paixões.

O versículo em Atos 14:15 e suas implicações merecem algum exame. Paul acabara de curar o coxo de Lystra. As multidões chegaram então à conclusão de que Barnabé era Zeus e que Paulo era Hermes. Eles se prepararam para sacrificar bois para eles. Então Paulo disse: "Senhores, por que fazem essas coisas? Também somos homens de paixões semelhantes a você. O principal significado do

palavra pathos é sofrimento, e é usado com referência aos sofrimentos de Cristo. Ele também é usado para designar paixões sensuais sexuais, raiva, emoções, e, em geral, no entanto um é afetado por qualquer coisa. Paulo afirma que experimenta essas mudanças mentais e, por esse motivo, não é Deus porque Deus não tem emoções, mudanças mentais repentinas, mudanças graduais também e é completamente intransitável.

Em um volume muito elementar como esse, talvez seja sensato reconhecer aqui, e mais tarde quando a encarnação é discutida, que Cristo em sua natureza humana sofreu e experimentou paixões. Mas, como diz Atanásio (em seu Discurso III de seus Seleccione Treatises Na contenda com os arianos , capítulo XXVI, parágrafo 13) "Que nenhum homem tropeçar nesses afetos humanos, mas sim deixar um homem saber que na natureza o próprio Palavra é impassível. ... Ele mesmo, sendo intransitável por natureza, permanece como é, não sendo prejudicado por essas afeições. "

O que é verdade do Filho a esse respeito é certamente verdadeiro do Pai. Deus é intransitável. Isso não é negar a ira e a ira de Deus contra o pecado. Mas a ira e a ira em Deus, como o arrependimento, são figuras de linguagem que nos tornam vivas a imutável vontade de Deus de punir o pecado.

Para retornar agora à lista: Mal. 3: 6 é literal e conclusivo. Matt. 5:48 implica

imutabilidade porque uma mudança significaria que Deus não havia sido perfeito antes, ou é

agora não é mais perfeito. Tiago 1:17, apesar de alguma linguagem florida, é essencialmente literal, óbvio e conclusivo: não há variação (paralaxe) em Deus, nem qualquer sombra causada pela mudança (como ocorre quando os corpos celestes mudam de posição).

5. Relação entre onipotência e onisciência.

Talvez já tenha sido dado o suficiente para começar a considerar a relação entre onipotência e onisciência. Agostinho em suas Confissões (XII, 53) escreveu: “Nós vemos essas coisas fizeste, porque eles são; eles são, no entanto, porque você os vê. ” Tomás de Aquino escreveu mais claramente: “O conhecimento de Deus é a causa [a causa formal] de todas as coisas, pois o conhecimento de Deus é para todos os objetos criados o que o conhecimento de um artífice é para as coisas feitas por sua arte. ... Portanto, a forma no intelecto deve ser o princípio da ação. ... Agora é manifesto que Deus causa coisas por seu intelecto, pois seu ser é seu ato de entendimento. ” (I, 14, 8)

Charles Hodge considera essas duas citações como significando que onipotência e onisciência são idênticas. O próprio Hodge nega essa identidade. Uma de suas razões é que, quando são identificadas, "a possibilidade de conhecimento em Deus é virtualmente negada". (I, p. 394) Isso dificilmente é uma inferência lógica. Dizer que dois nomes se referem à mesma coisa, não é negar a coisa. A identificação de conhecimento e poder não nega mais conhecimento do que poder. E, certamente, aqueles que se identificam esses atributos não significa que Deus é nem conhecimento nem poder. Hodge admite que os teólogos luteranos e reformados geralmente afirmam a identidade. Contra a visão da Reforma, Hodge objeta: “Saber uma coisa é, e desejar, é o mesmo ato indiviso e perpétuo. A partir disso, parece que, como Deus sabe da eternidade, ele cria da eternidade ”(p. 395). E isso, segundo Hodge, é panteísmo.

Bem, é claro, não é panteísmo. Mesmo se a criação fosse da eternidade, o universo criado não seria Deus. Aristóteles sustentou que o universo físico nunca teve um começo; mas o seu Deus que se senta no círculo do universo, ignorante do que se passa abaixo, não é equiparado

com o universo. Seja o que for, não é panteísmo. Além disso, é estranho que Hodge, depois de citar Tomás de Aquino, deva aqui ter ignorado a resposta de Tomás de Aquino, pois Aquino na mesma seção em que Hodge cita responde à objeção de Hodge: “O conhecimento de Deus é a causa das coisas de acordo com as coisas dele. conhecimento. Mas que as coisas deveriam ser eternas não estava no conhecimento de Deus; portanto, embora o conhecimento de Deus seja eterno, não se segue que os seres criados sejam eternos. ”

Vamos observar alguma cautela, no entanto. O assunto é complicado. Não antecipar considerações posteriores, vamos notar aqui que a palavra causa não significa hoje o que significava, no quinto, décimo terceiro, e séculos XVI. Para Hodge causa provavelmente significava algum tipo de força física. A gravidade, por exemplo, força um corpo pesado a cair. Mas essa idéia é repudiada por todos os físicos. A gravidade pretendia ser uma descrição de como dois corpos se movem. Nunca teve a intenção de explicar o que os fez se mover, se é que havia alguma coisa. Quando Agostinho usou a palavra causa , ele queria dizer a contraparte cristã da Idéia platônica. Para Aristóteles e Tomás de Aquino a causa destina-se aqui, distinguido do material de causa, foi o formais causa. Para desembaraçar tudo isso, o aluno precisará de uma filosofia considerável. Certamente a Bíblia não faz de Deus a causa do mundo no sentido kantiano de um evento precedente, que por sua vez tem uma causa em um movimento ainda anterior.

A rejeição de Hodge à identidade de onisciência e onipotência contém outra declaração muito surpreendente. Ele cita um teólogo que se esforça para rejeitar o panteísmo ao definir a onisciência como "Na medida em que concebemos Deus como compreendendo o mundo em sua consciência, o chamamos de onisciente". Agora, essa é uma péssima definição de onisciência, pois Deus sabe muito mais que o universo físico. Para não mencionar os anjos eo diabo, que talvez possam ser incluídos no termo mundo , Deus sabe tudo teologia incluindo ele próprio, e este não é o “mundo” em qualquer sentido comum. Mas, além dessa objeção, que Hodge não considera, ele não apenas chama a linguagem de ininteligível, dizendo: "Qualquer que seja a linguagem que possa significar para quem a usa", mas continua indignado na frase "para a mente comum". transmite a idéia revoltante de que todos os pecados dos homens entram na consciência de Deus. ” Mas essa indignação

é aristotelianismo, e é uma contradição explícita das afirmações bíblicas: "Puseste nossas iniqüidades diante de ti;" "Tu compreendes completamente o meu pensamento;" “Suas novas luas ... minha alma odeia,
... eles são um problema para mim ... suas mãos estão cheias de sangue; e também toda previsão do mal, como as atividades futuras do anticristo. Certamente a Bíblia ensina que Deus sabe tudo.

O problema desta subseção, a relação de onisciência com onipotência, pode bem ser concluída por uma comparação entre Charles Hodge e Stephen Charnock.

Stephen Charnock, um grande divino puritano do século XVII, escreveu um livro bem mais de mil páginas A existência e atributos de Deus .Entre os outros excelentes capítulos que ele tem um na onisciência de Deus. Enquanto o presente volume elementar se restringe a alguns versículos e exorta o leitor a procurar mais, Charnock fornece uma lista tão longa dos itens do conhecimento de Deus que somos tentados a pensar que estão completos. O aluno é convidado a se familiarizar com o Rev. Stephen Charnock.

A comparação de Hodge com Charnock não significa que Charnock esteja sempre certo e Hodge sempre errado. Nenhum deles era infalível como a Bíblia; mas ambos devem ser considerados tanto quanto qualquer outro escritor de teologia e mais do que a maioria. A primeira citação de Charnock não é muito sobre a relação entre onisciência e onipotência; mas, para fornecer um fundamento, afirma a doutrina da eternidade. Então, Charnock escreveu: “Se a eternidade fosse algo distinto de Deus, e não da essência de Deus, haveria algo que não era Deus, necessário para aperfeiçoar Deus. ... Deus é essencialmente o que ele é, e não há nada em Deus além de sua essência. A duração ou continuidade do ser nas criaturas difere do seu ser; ... eles não são, portanto, sua própria duração, não mais do que sua própria existência. E embora algumas criaturas ... possam ser chamadas eternas ... ainda assim, elas nunca podem ser chamadas de sua própria eternidade ... mas como Deus é sua própria necessidade de existir, ele também tem sua própria duração na existência; Como
ele necessariamente existe por si mesmo, portanto sempre existirá necessariamente por si mesmo. ” [11]

4. A existência e atributos de Deus , Vol. II, pp. 285286, extraviado na edição de 1873 do vol. EU.

6. Are All Atributos Um ?

Há uma segunda citação de Charnock. Mas, com o progresso, o assunto se amplia. Não é mais uma questão de saber se onipotência e onisciência são idênticas, mas se todos os atributos são um.

Se na citação anterior Charnock entendeu corretamente a implicação das Escrituras, todos os atributos de Deus são idênticos porque cada um é necessário para a essência de Deus. Charnock diz que Deus é sua própria duração (embora essa palavra possa ser infeliz); Deus então seria seu próprio poder e conhecimento. De fato, ele diz (Vol. I, p. 318): “Em nossa noção e concepção das perfeições divinas, suas perfeições são diferentes ... mas a imutabilidade é o centro no qual todos se unem. ... Tudo o que consideramos em Deus é imutável; pois sua essência e suas propriedades são as mesmas e, portanto, o que necessariamente pertence à essência de Deus pertence também a toda perfeição da natureza de Deus. ”

Em conformidade com isso, ele também escreve (p. 325): “A vontade de Deus é a mesma com sua essência. Se Deus tivesse uma vontade distinta de sua essência, ele não seria o ser mais simples. Deus não tem uma faculdade de vontade distinta de si mesmo; como o seu entendimento é nada mais do que intelligens Deus , Deus o entendimento, para que sua vontade é outra coisa senão Deus volens , se Deus quiser, sendo, portanto, a essência de Deus; embora seja considerado, de acordo com nossa fraqueza, uma faculdade, é como seu entendimento e sabedoria, eternos e imutável; e não pode mais ser mudado do que sua essência. ” [2]

Algumas páginas atrás foram feitos comentários em uma lista de versículos, relacionados à eternidade de Deus, com exceção de um. Esse versículo era: "EU SOU O QUE SOU". É difícil dizer quanto pode ser extraído desse nome ou quanto pode ser lido nele. Provavelmente, não se pode deduzir validamente apenas a partir deste versículo que Deus é puro ser simples e que sua essência e atributos são todos uma realidade; mas seria mais difícil mostrar que esse versículo descartou a posição de Charnock. Ao contrário, suporta isso.

2 Cf. depois, o ataque de James Daane a essa posição

6. O infinito e o finito .

O Catecismo Mais Curto, citado anteriormente, definiu Deus como um espírito, infinito em seu ser, sabedoria, poder, etc. Sabedoria e poder já foram suficientemente discutidos. Mas, além de Deus ser infinito em sua sabedoria e conhecimento, o Catecismo afirma que Deus é infinito em seu ser. Isso precisa de mais explicações.

Uma cotação da HB Smith é um ponto de partida apropriado. Um dos objetivos aqui é mostrar que, mesmo um bom teólogo, às vezes se debate com confusão. Citar:

> “Deus é incondicionado e ilimitado por espaço e tempo. Isso está definindo Deus em contraste com o finito. A infinitude de Deus contém dois elementos ... As limitações do finito, sendo compreendidas nos dois detalhes do tempo e do espaço, a infinitude de Deus pode ser resolvida em dois pontos, que são definidos e descritos como dois atributos, eternidade e imensidão. . Pela própria necessidade de nosso pensamento, somos obrigados a conceber tudo o que é finito sob as limitações de espaço e tempo. Não podemos definir qualquer coisa, exceto em referência ao espaço e no tempo”(Sistema de Teologia Cristã , p. 17).

Parece haver algumas imprecisões nesta declaração. Para aqueles que acreditam que o tempo e o espaço são infinitos, suspeita-se que "isto está definindo Deus em contraste com o finito". Embora alguns que acreditam que o tempo seja infinito afirmem um tempo passado infinito, e esse volume não, a observação ainda se aplica, pois enquanto esse volume nega um passado infinito, ele afirma um futuro infinito. Desde então, o tempo é infinito, o “Deus definidor em contraste com o finito” de Smith é uma frase que ele poderia ter omitido. Além disso, não é verdade que as limitações do finito, como um cachorro, uma montanha ou uma estrela, estejam esgotadas nos dois detalhes do tempo e do espaço. Um cachorro

tem cauda e, embora os cometas também, as estrelas não. Caudas são certamente limitações de algum tipo, mas caudas não são tempo nem espaço. Nem é correto dizer: "Não podemos definir nada, exceto em referência ao espaço e ao tempo". O Catecismo definiu Deus sem mencionar espaço ou tempo. Aliás, o número dois é um número finito, mas espaço não é um termo em sua definição. Depois, há zero, para não mencionar a raiz quadrada de menos um. Dr. Smith era um bom teólogo; mas quando os teólogos se entregam à filosofia ou à matemática, às vezes cometem erros.

Assim, muitas das infelicidades nos livros de teologia não surgem de uma rejeição definitiva dos dados bíblicos. O problema é que o autor deixa de prestar atenção ao uso das palavras na filosofia secular e nas publicações acadêmicas. Outro exemplo é a palavra causa .De o tempo de Tomás de Aquino para o século XVIII, os teólogos poderia usar o termo nos quatro sentidos aristotélicas. Do século XVI ou XVII ao passado muito recente, a idéia de causação mecânica cresceu em popularidade e submergiu as quatro causas aristotélicas. Por volta de 1752, Hume

mostrou que a idéia de causa resultava de uma confusão mental e que a ciência não podia apoiar nem usar esse conceito. Com o advento da evolução, a causa antiga que sempre foi maior que seu efeito, e a causa moderna que sempre foi igual a seu efeito, se transformou na causa contemporânea que é sempre menor que seu efeito. Portanto, quando o público educado é convidado a ler teologia, o autor é obrigado a informar seus leitores o que ele entende por seus termos. Infinito é mais um desses termos.

Agora, a referência de HB Smith ao tempo e espaço infinitos traz Spinoza à mente. Ele sustentou que Deus é absolutamente infinito: “Por Deus, quero dizer um ser absolutamente infinito, isto é, uma substância que consiste em atributos infinitos, dos quais cada um expressa essencialidade eterna e infinita. Explicação: Eu digo absolutamente infinito, não infinito após seu tipo; pois, de uma coisa infinita somente após sua espécie, atributos infinitos podem ser negados; mas o que é absolutamente infinito contém em sua essência tudo o que expressa a realidade e não envolve negação. ”

Na teologia anterior, mesmo na filosofia pagã de Platão e Aristóteles, para não mencionar o judeu Philo, e o cristão Agostinho e Tomás de Aquino, os atributos de tempo e espaço foram negados a Deus porque, de alguma forma, esses atributos eram considerados imperfeitos e indignos de Deus. Mesmo quando Anselmo e Descartes argumentaram: Deus é o ser que tem todos os atributos ou

perfeições, a existência é uma perfeição; portanto, Deus existe; eles negaram que o espaço fosse uma perfeição. Mas Spinoza atribuiu espaço e conhecimento a Deus e concluiu que Deus é um ser extenso, o universo.

Como Spinoza teve uma influência considerável na história subsequente do pensamento, um teólogo cristão, se ele deseja ser entendido, deve negar que Deus é absolutamente infinito. Deus é "infinito" somente após a sua espécie, ou em certos detalhes. O Deus da Bíblia pode conhecer um número infinito de proposições; mas, com todo o respeito ao Catecismo Menor, escrito por homens que nunca ouviram falar de Espinosa, hoje não ousamos dizer que Deus é infinito em seu ser. Existem muitos predicados que não devem ser apegados a Deus, como verde, felino e estendidos em três dimensões.

Volte agora para uma citação de Charles Hodge (Vol. I, p 380):

“Ele é infinito em seu ser e perfeições. Em todas as épocas, visões erradas sobre o que é o infinito têm levado a erros fatais na filosofia e na religião. ... Quando se diz que Deus é infinito quanto ao seu ser, o que se quer dizer é que nenhuma limitação pode ser atribuída à sua essência. ... O infinito, apesar de ilimitado e incapaz de aumentar, não é necessariamente tudo. ... O sentido em que Spinoza e Mansel fazem essa afirmação é o princípio fundamental do panteísmo. ... Uma coisa pode ser infinita em sua própria natureza sem predizer a possibilidade da existência de coisas de natureza diferente. ... Pode até haver muitos infinitos do mesmo tipo, como podemos imaginar qualquer número de linhas infinitas. ... "

É óbvio que Hodge tentou distinguir entre o Deus absolutamente infinito de Spinoza e o Deus bíblico que só é infinito após sua espécie. A última metade da cotação é inacreditável. Mas deveríamos dizer que a infinidade do Deus bíblico significa que “nenhuma limitação pode ser atribuída à sua essência"? A dificuldade reside na ambiguidade pejorativo da palavra limitação .Quando “limite” o conceito de animais , anexando o predicado canino , nós limitá-lo a cães, lobos, raposas. Limitações de conceitos são predicados. Todos os predicados limitam ou delimitam

seus súditos. Assim, limitamos Deus anexando o espírito predicado . Deus é espírito . outros predicados limitantes devem ser anexados para distinguir esse Deus de outros deuses alegados. Zeus não era onipotente. Se nenhum predicado puder ser anexado a um assunto, esse assunto é incognoscível. Mas a Deidade Bíblica pode ser conhecida. Portanto, predicados ou limitações devem ser anexados. Ao mesmo tempo, existem predicados que não devem ser anexados. Deus não é apenas x, mas ele também não é y.

Isso destaca a necessidade, não apenas de especificar o que em Deus é infinito, mas mais importante de definir o infinito, isto é, de limitar o infinito! Hodge escreve: “Não obstante as declarações conflitantes dos filósofos [sobre o espaço] e a verdadeira obscuridade do assunto, todo homem sabe clara e definitivamente o que significa a palavra 'espaço'. ... É o mesmo com a idéia do infinito. Se os homens se contentassem em deixar a palavra em sua integridade, simplesmente expressando o que não admite limitações, não haveria perigo em especular sobre sua natureza. ” (Vol. I, p. 381). Mas isso é um absurdo pernicioso e contradiz o que ele tão bem disse sobre Spinoza e os “muitos infinitos do mesmo tipo” na citação anterior. Ninguém deve se opor à referência na presente citação à "obscuridade real do sujeito"; mas como ele pode continuar imediatamente dizendo: "todo homem sabe clara e definitivamente o que a palavra 'espaço' significa"? Considere o receptáculo de Platão, o lugar de Aristóteles, a hesitação de Locke entre uma idéia simples e uma idéia de relação, a intuição a priori de Kant, Hegel no primeiro capítulo de sua Fenomenologia e o espaço finito de Nietzsche. Hodge concordaria com Einstein que o espaço é curvo? É tolice deixar a palavra em sua "integridade" inexistente. Se, como Hodge admite, "visões erradas sobre o que é o infinito levaram a erros fatais", não é parte da sabedoria evitar erros procurando uma definição clara? Se falharmos, pelo menos evitaremos usar uma definição que concluímos ruim.

Nesse ponto, deve ser feito um apelo às Escrituras. se não conseguimos encontrar nas Escrituras a definição correta de espaço, pelo menos podemos ver o que diz sobre o infinito. Há, de facto apenas três versos em toda a Bíblia (versão KJ) onde a palavra infinita é encontrado. O RSV também será fornecido aqui.

Jó 22: 5 Não é grande a tua maldade? e tuas iniqüidades infinitas.

RSV Não há fim para suas iniqüidades.

Sl 147: 5 Seu entendimento é infinito.

RSV Seu entendimento está além da medida.

Naum 3: 9 A Etiópia e o Egito eram sua força, e era infinita.

RSV e isso sem limite.

Esses três versículos fornecem apoio muito frágil a uma doutrina da infinitude de Deus. Duas palavras, não uma, são usadas. Jó e Nahum usam uma raiz que significa cortar, cortar ou destruir, da qual surgem dois substantivos semelhantes para uma extremidade, borda e borda, borda ou fronteira. Uma vez que é claro que a força do Egito não era infinito , a palavra é melhor traduzida extrema , ou simplesmente, muito grande .Em qualquer caso, a palavra não é aplicada a Deus. A palavra aplicada a Deus no Sl 147 é uma palavra diferente. A raiz verbal é
pontuação, contagem ou enumeração; eo substantivo significa um número , quer inumeráveis ou um pouco .Song de Salomão 6: 8 usa a palavra quando se diz: “Há três rainhas de pontuação, e quatro concubinas pontuação, e virgens sem número.” Isso mostra que a palavra hebraica não corresponde exatamente à palavra Inglês infinita .it é melhor traduzida como “muito muitos.” Certamente as virgens não eram sem número. Duas das muitas ocorrências desta palavra são

Joel 1: 6 Subiu uma nação sobre a minha terra, forte e sem número.

I Crônicas 22: 4 Cedros sem número.

Obviamente, houve um número exato de soldados que se levantaram contra Israel e Judá; e obviamente os cedros não eram infinitos em número. As palavras hebraicas, portanto, devem ser consideradas como se estivessem em conversas comuns. Eles claramente não suportar o significado do termo infinito em Inglês moderno. Infinito é uma tradução errada. A expressão hebraica significa simplesmente "muitos".

Para provar que Deus é "infinito", os teólogos costumam usar versículos nos quais a palavra em si não ocorre. Por exemplo,

Jó 11: 710 Podes estar procurando a Deus ... A sua medida é mais longa que a terra.

Sl 145: 3 Sua grandeza é insondável.

Mateus 5:48 ... como seu Pai no céu é perfeito.

Esses versículos são irrelevantes. Os dois primeiros são repudios do argumento cosmológico; mas eles não especificam quanto tempo "Deus" é, ou quão grande é seu poder. O último verso é ético e pouco tem a ver com o ser infinito. De fato, se pressionado, parece sugerir que o homem seja igual a Deus a esse respeito.

Charles Hodge usa Ef 1:23 para provar que Deus é infinito em seu ser. O verso é extremamente difícil de exegetar. Os alunos podem consultar vários comentadores: o puritano Thomas Goodwin, TK Abbott na série International Critical Commentary; Francis Foulkes na Tyndal Press; e Charles
Esquivar-se. Eles diferem sobre se pleroma significa aquilo que preenche ou aquilo que é preenchido; quanto a saber se tapanta significa que o universo ou a Igreja; e quanto a saber se pleroumenou está ativo, o que faz o enchimento, ou passiva, que está cheio, ou meio, aquele que preenche algo para sua própria vantagem. Mas, independentemente das muitas complexidades, pode-se facilmente ver que nada no versículo afirma que Deus é infinito em seu ser.

Outro versículo que Hodge usa é Atos 17:28. Se esse versículo tivesse dito que Deus se estende por todo o universo, sem dúvida sugeriria uma grande extensão espacial, não necessariamente infinita, pois não diz que o universo é infinito em extensão. Não se deve supor descuidadamente que o universo é infinito. Pelo menos Aristóteles e Nietzsche negaram que sim. Além disso, Deus não é um objeto estendido; ele é um espírito. De qualquer forma, o versículo não diz que Deus se estende através do universo: diz que o universo "se estende" através de Deus. Mais precisamente, diz que os seres humanos, o poeta pagão, assim como Paulo e Lucas, vivem, se movem e têm seu ser em Deus.

Hodge, claro, reconhece que o termo infinito dá-nos algumas dificuldades. O problema é que ele não parece levar seu próprio reconhecimento a sério o suficiente. Certamente, devemos rejeitar sua sentença citada anteriormente: "Quando se diz que Deus é infinito quanto ao seu ser, o que se quer dizer é que nenhuma limitação pode ser atribuída à sua essência". Agora, a essência de Deus é sua definição. Esse é o latim para o grego einai ; eo einai de qualquer coisa é a sua definição. A definição é qual é o objeto. O Deus da Bíblia é definitiva .Ele não é um assunto a que cada predicado pode ser anexado. Ele não é pesado, branco, alto ou doce. O número de predicados apropriados é definitivamente limitado.

Também não é fácil entender por que Hodge disse: "O infinito, embora ilimitado e incapaz de aumentar" etc. O número de séries é ilimitado justamente porque sempre é capaz de aumentar. De fato, tudo o que é ilimitado deve ser capaz de aumentar. Por tais razões, devemos reafirmar a primeira frase citada: "Em todas as épocas, visões erradas sobre o que é o infinito levaram a erros fatais na filosofia e na religião". A menos que alguém esteja pronto para definir o significado do termo infinito, seria melhor não usá-lo.

É possível, no entanto, defender a proposição de que Deus é infinito, mesmo em seu ser. A redação do Catecismo pode ser mantida, se a palavra sendo for considerada um particípio em vez de um substantivo coordenado com os substantivos que o seguem. O argumento seria: Deus é espírito,

mente, verdade. Deus é o que ele pensa .Desde o que ele pensa é uma série infinita de proposições, como os matemáticos nos conceder, Deus é infinito em seu ser essas verdades. Deus é verdade. Sem dúvida, isso confundiria os autores do Catecismo de Westminster. Were não é para a autoridade incontestável dos matemáticos profissionais, que afirmam um número infinito de teoremas dedutíveis da mera definição de um plano; não fosse a acuidade de Spinoza em fornecer um número infinito de proposições

dedutíveis de cada um dos infinitos números de atributos de Deus; se não fosse o estudo bíblico insuperável de nossos pais em Westminster, poderíamos pensar na verdade como um todo fechado e completo; nesse caso, Deus seria inteiramente real e perfeito, sem nenhuma potencialidade não realizada. Seu conhecimento então não seria infinito, mas ele próprio seria, ainda mais claramente onisciente.

8. AFinite Deus.

~~Se a caute~~la sobre o infinito causa hesitação sobre essa defesa matemática do catecismo, e se, portanto, toda a confusão anterior continua, ainda é possível discutir e rejeitar teorias sobre um Deus finito, porque essas teorias não dizem respeito ao conceito de um ser infinito. Aqui, o termo finito refere-se a apenas uma ou duas particularidades. William James e arminianos consistentes limitam Deus negando sua onipotência e onisciência. Eles dizem que há certas coisas que Deus não pode fazer e não pode saber.

Embora possa ser desnecessário informar a alguém que William James era um antagonista vigoroso do cristianismo, três citações de seu Universo Pluralista seguem para documentar os dois pontos mencionados. Contrastando o ponto de vista nominalista que considera o universo como uma coleção de "cada um" discreto, com a visão idealista de que o universo é um todo e que as partes devem ser entendidas em termos do todo, James escreve: "Enquanto o absolutismo pensa que o referida substância se torna plenamente divino apenas na forma da totalidade, e não é real auto de qualquer forma, mas a toda forma, a visão pluralista que eu prefiro adotar está disposto a acreditar que não pode

em última análise, nunca será uma forma total, que a substância da realidade nunca seja totalmente coletada, que parte dela possa permanecer fora da maior combinação já feita ". (p. 34) James, é claro, tem em mente o absolutismo hegeliano, mas como ele diz que o teísmo é pior, fica claro que isso é uma negação da onisciência.

Mais tarde, ele escreve: "Quando John Mill disse que a noção da onipotência de Deus deve ser abandonada, se Deus deve ser mantido como um objeto religioso, ele certamente estava certo ... Eu acredito que o único Deus digno do nome deve ser finito ... "(págs. 124125). Aqui, James rejeita a onipotência. Na última dessas três citações, o idioma é amplo o suficiente para cobrir tanto a onisciência quanto a onipotência. "A única maneira de escapar, digo, de tudo isso [absolutismo de Hegel] é ser francamente pluralista e assumir que a consciência sobre-humana, por mais vasta que seja, tem um ambiente externo e, consequentemente, é finita ... não é tudo ... ele é finito em poder ou em conhecimento ou em ambos ao mesmo tempo "(pp. 310311).

9. Finitude e conhecimento.

Os luteranos tendem a negar a onisciência. O bispo Martensen da Dinamarca atraiu a ira e a vingança de Soren Kierkegaard, mas o bom bispo estava longe de ser o canalha que Kierkegaard pensava que ele era. Vamos admitir que o cavalheiro era um cristão dedicado e sincero; mas na questão da onisciência, ele estava terrivelmente enganado e praticamente contradisse a posição cristã. Aqui está uma passagem de seu Christian Dogmatics, (tr. Por Urwick, 1880) pp. 218, 219.

> A contradição que tem sido suposto existir entre a ideia do progresso livre do mundo e a onisciência de Deus, repousa sobre uma concepção unilateral da ***onisciência*** , como um mero saber ***de antemão*** e um ignorando da condicional nos decretos divinos. Um pré-conhecimento incondicional milita inegavelmente contra a liberdade da criatura, no que diz respeito à liberdade de escolha; e contra o indeciso, o contingente, que é uma idéia inseparável do desenvolvimento da liberdade

em tempo. O real por si só, que é por si só racional e necessário, pode ser objeto de um pré-conhecimento incondicional; o Real que não é isso, não pode ser assim; só pode ser conhecido como possível, como eventual. mas tal pré-conhecimento incondicional não apenas milita contra a liberdade da criatura, mas também se opõe à idéia de um Deus que trabalha livremente na história. Um Deus que literalmente conhece todas as coisas seria apenas o espectador de eventos decididos e predestinados desde a eternidade, e não o governador que dirige um drama de liberdade que Ele exerce em conflito recíproco e trabalha com a liberdade da criatura. Se preservarmos essa relação recíproca entre Deus e Suas criaturas, não devemos tornar todo o curso atual do mundo o assunto de Sua presciência, mas apenas sua importância eterna, a verdade essencial que ela envolve. O objetivo final do desenvolvimento deste mundo, juntamente com toda a série de seus estágios essencialmente necessários, deve ser considerado fixo no eterno conselho de Deus; mas a prática de cumprir esse conselho eterno, toda a plenitude de limitações reais por parte do progresso deste mundo, na medida em que estas são condicionadas pela liberdade da criatura, só podem ser objeto de um conhecimento prévio condicional; ou seja, eles só podem ser conhecidos de antemão como possibilidades, como ***Futurabilia*** , mas não como realidades, porque outras possibilidades pode realmente ter lugar. Ao afirmar que Deus não sabe de antemão tudo o que realmente ocorre, de modo algum sugerimos que todo evento não seja o assunto de sua consciência alpenetrante. Deus não é apenas ***antes de*** Suas criaturas "Antes que os montes nascessem, ou nunca, a terra foi feita:" Ele também é ***em*** e ***com*** as Suas criaturas, em cada momento de seu desenvolvimento. Enquanto Deus não sabe de antemão, nem vai saber de antemão o que Ele deixa indecisos, a fim de ser decidido no tempo, Ele não é menos ***cientes*** de e ***a par*** de tudo o que ocorre. Todo movimento de Suas criaturas, mesmo seus pensamentos mais secretos, está dentro do alcance de Seu conhecimento abrangente. "Tu percorres o meu caminho, e me deito, e conheces todos os meus caminhos. Para onde irei do teu Espírito? Ou para onde fugirei da tua presença? Se eu subir ao céu, estarás lá; se eu fizer o meu cama no inferno, eis que estás lá "(Salmo cxxxix.). Seu conhecimento penetra nos emaranhados do progresso deste mundo a todo momento; o olho infalível de Sua sabedoria discerne a todo momento a relação existente entre os seres livres e Sua eterna

plano; e Sua mão todo-poderosa, Seu poder, grávida de grandes desígnios, guia e influencia os movimentos do mundo, conforme Seus conselhos exigem

Os arminianos também limitam o conhecimento de Deus, se forem consistentes. Nem todos são. Whedon vacila, mas é claro que ele se inclina a uma negação da onisciência: “Nossa visão do livre arbítrio não exige tanto em Deus um pré-conhecimento de um tipo peculiar de evento [isto é, um único evento particular?] Como o conhecimento de um qualidade peculiar existente no agente livre. ... Se algum poder é plantado em um agente, Deus, que o colocou ali, deve conhecê-lo. E se isso poder ser ... um poder para fazer o contrário do que o agente realmente faz, Deus pode ser concebido para conhecê-lo e conhecê-lo em cada caso específico”(DD Whedon, The Freedom of the Will , pp. 271.272) . Agora, essa citação certamente significa que Deus não sabe o que o agente livre fará; ele só sabe que o agente é livre para fazer uma das várias possibilidades. Whedon continua: "Como corolário resultante dessas visões, notamos que um agente pode ter um poder de agir diferente da maneira como Deus sabe que ele agirá". Mas ele surpreende o leitor ao dizer na próxima página: “Como a impossibilidade de realizar um ato contraditório não é uma limitação da Onipotência, a impossibilidade de um conhecimento contraditório não é uma limitação da Onisciência.

6. Se pela absoluta perfeição da onisciência de Deus que um conjunto de eventos livres, exposto com todo o poder, seja adotado em seu pré-conhecimento, segue-se que Deus conhece o ato livre. ” Neste parágrafo, Whedon tenta preservar a onisciência que negou na página anterior; mas que sua tentativa falha se torna clara na dificuldade que ele não pode escapar: "a dificuldade real que distintamente professamos deixar para sempre insolúvel ... é conceber como Deus veio por esse conhecimento prévio".

AH Strong (Teologia Sistemática , Vol. I, p. 285) cita um autor, Daniel Curry, que disse: “A negação da presciência divina absoluta é o complemento essencial da teologia Metodista.” Agora, Whedon é incapaz de conceber como Deus conheceu o futuro, porque a teologia metodista torna impossível o pré-conhecimento e, portanto, a onisciência. Segundo os princípios arminianos, o problema de manter a onisciência é insolúvel. Mas se alguém rejeitar o arminianismo,

o problema apresenta pouca ou nenhuma dificuldade. Antes de tudo, Deus não “passou por” seu pré-conhecimento. O conhecimento eterno é um atributo eterno do Deus eterno. Talvez não seja justo esticar a infeliz expressão de Whedon "passar" além da divulgação do habitual estado de espírito de Whedon; mas, mesmo assim, revela a tendência de explicar o conhecimento de Deus do mundo como baseado empiricamente na observação. Uma vez que não pode haver causas no presente para determinar a ação futura do ser humano livre vontade, não há nada agora para Deus para olhar, se quiser saber o futuro; e, é claro, o evento futuro, até que ocorra, é uma não identidade desconhecida.

A Bíblia, no entanto, diz que todo evento é causado ou determinado, e que o determinante é Deus. Deus, portanto, sabe o que é futuro para nós, porque ele determinou que isso acontecesse. Caso contrário, a previsão seria impossível. Tomemos, por exemplo, a restauração dos judeus por Ciro a Jerusalém. O evento previsto não foi um evento isolado que poderia ter ocorrido sob praticamente qualquer condição. Exigia a consolidação dos medos e persas em um império; exigiu a derrota de Creso e, obviamente, a destruição da Babilônia. Este último dependia da negligência de Nabonido por seus próprios interesses e da irresponsabilidade de Belsazar. Também exigiu mudanças nas políticas relativas ao tratamento de povos cativos. A previsão, portanto, não se limita a quinta-feira às 10h33, quando Cyrus carimbou seu selo em um documento. O evento dependia de vários assuntos, todos os quais Deus sabia porque havia planejado tudo.

Charnock (p. 443, 444) tem uma descrição humorística de uma situação semelhante. Gênesis 15:16 prediz que "na quarta geração eles [os posteriores de Abraão] voltarão para cá [para Canaã], pois a iniquidade dos amorreus ainda não está cheia". Charnock continua: “Se Abraão tivesse sido sociniano, negar o conhecimento de Deus sobre os atos livres dos homens, não teria tido uma boa desculpa para a descrença? Qual teria sido sua resposta a Deus? Infelizmente, Senhor, não é uma promessa em que se possa confiar; a iniquidade dos amorreus depende dos atos de seu livre arbítrio, e você não pode ter conhecimento disso; você não pode ver mais do que a probabilidade de a iniqüidade deles estar cheia, e, portanto, há apenas a probabilidade de você cumprir sua promessa, e não uma certeza. ”

No que diz respeito ao conhecimento de Deus, os teólogos geralmente tentam dar conta da psicologia divina. Eles dizem que o conhecimento de Deus é intuitivo, não discursivo. As palavras não são totalmente
apropriado. Psicologia dificilmente é o termo para um estudo da mente divina imutável. Se intuição significa apenas que não há sucessão temporal em Deus, o termo pode ser usado, mas é inútil; se, no entanto, significa a percepção imediata de um indivíduo sensorial, como em Kant, mas não a compreensão de um princípio geral ou mesmo de um conceito, o termo é pior que inapropriado. Da mesma forma, se discursion significa uma seqüência temporal, pode ser devidamente negado de Deus; mas se o termo se destina a afirmar que Deus é ignorante da relação entre premissas e conclusões, não pode ser negado a Deus.

Mais simplesmente, o conhecimento de Deus é eterno e imutável. Deus conhece o fim desde o princípio porque criou o mundo e o controla de acordo com o plano eterno.

> Psa. 104: 24 Ó Senhor, quão múltiplas são as tuas obras; em sabedoria tu os fizeste todos.

Como isso poderia ser verdade, se as coisas conhecidas eram a causa do seu conhecimento e, portanto, anteriores ao seu conhecimento e, portanto, antecedentes à sua ação? Deus age na ignorância e depois descobre o que ele fez? Se a perfeição divina no conhecimento fosse obtida de coisas externas a Deus e inferiores a ele, a menos que houvesse objetos superiores a ele, Deus não seria auto-suficiente ou independente; qualquer perfeição de conhecimento que ele tivesse seria derivada dessas coisas inferiores. Tal conclusão, no entanto, seria ao mesmo tempo estranha e anti-bíblica. Segue-se, portanto, que Deus é essencialmente onisciente. Não há verdade fora de sua mente. E existe porque o próprio Deus é a verdade. Verdade é o que Deus pensa ou sabe.

10. Deus é Espírito .

Por muitas páginas agora, a discussão tratou dos atributos de Deus. Havia eternidade, onisciência, onipotência e infinito. Como eles se sobrepunham, era necessário considerar seus relacionamentos mútuos. Isso foi além, talvez do que se supõe que uma exposição elementar vá. Mas um ponto, em certo sentido o ponto mais importante, foi omitido, embora implicitamente estivesse subjacente a todos eles. Esses atributos discutidos são predicados ou características de um assunto. Diz-se tradicionalmente que

os "atributos" atribuem a uma "substância". Em termos mais simples, a pergunta poderia ser: quais são os atributos de atributos? Falando em linguagem comum, pode-se dizer que um homem tem sabedoria ou coragem. O homem é uma coisa, e sabedoria ou coragem é outra coisa que ele tem . Também se pode dizer que o homem é sábio ou corajoso; e agora a frase parece indicar que o homem é , ao invés do que ele tem atributos .Desde, no entanto, a teologia durante séculos discutidos e substância, a questão será, que é este Deus que tem conhecimento, poder, bondade e verdade?

O catecismo responde em sua primeira frase: "Deus é um espírito". Espírito não é algo que Deus tem; Espírito é o que ele é. Se este capítulo sobre Deus procedesse logicamente, a idéia de espírito teria sido discutida antes dos atributos. Não deveria aprender o que x é em si antes de aprender quais características ele tem? Não decidimos primeiro o que é um cachorro e a adição de que os cães têm caudas? Se não soubéssemos primeiro o cachorro, a que cauda se ligaria? Mas talvez as caudas sejam essenciais para os cães, e se cortarmos o rabo de Fido, ele não será mais um cachorro. Podemos realmente saber o que é uma coisa sem conhecer suas características? É possível estudar o que Deus é em si mesmo sem descrever explicitamente seus atributos? Talvez fosse necessário começar com os "atributos" e só depois chegar à "substância". Seja como for, o Catecismo diz que Deus é um espírito. O que é espírito? Bem, certamente, o espírito se distingue do não-espírito por atributos de vida, consciência e, em formas superiores, conhecimento.

Embora o conceito de espírito tenha uma importância tão tremenda, ou, melhor, porque é de uma importância tremenda, é absolutamente fácil encontrar evidências bíblicas para justificar a afirmação de que Deus é espírito. Obviamente, há a breve afirmação de Jesus em João 4:24. Mas a evidência maciça permeia o Antigo Testamento. Não faz sentido listar vários versículos. Deus falou com Adão e Eva; ele falou com Noé, Abraão e Moisés; a Davi, Elias e Isaías. A contínua denúncia de idolatria afirma repetidamente

> “Eles têm bocas, mas não falam; eles têm ouvidos, mas não ouvem ... contratam um ourives e ele faz dele um deus ... o carregam no ombro ... sim, alguém deve gritar com ele, mas ele não pode responder. ”

Nosso Deus é um Deus da verdade; ele sabe; ele fala; ele está vivo; ele não é um corpo, ele é um espírito. Infelizmente, não apenas nos tempos do Antigo Testamento algumas pessoas se afastaram do Deus vivo para adorar ídolos idiotas; ainda hoje existem teólogos infelizes que ensinam que Deus está morto.

11. Dificuldades Filosóficas.

Embora este livro elementar prometa restringir ao mínimo as diversões filosóficas, há algumas que não devem ser evitadas. Os alunos que não estão prontos para eles podem pular esta seção, mas não seria justo para outros um pouco mais avançados se a filosofia fosse completamente omitida. Este material também não deve ser considerado "filosofia" em nítida distinção de "teologia". Durante anos, de fato durante séculos, esses assuntos preencheram muitas páginas de livros teológicos. Isso faz parte da história da teologia.

Alguns livros de teologia, usando como primeiro princípio algo diferente da Bíblia, começam perguntando: Deus pode ser conhecido? Mas se não há Deus, não há sentido em perguntar se ele pode ser conhecido. Portanto, não devemos começar por provar a existência de Deus? Mas se Deus não é conhecível, como alguém poderia provar sua existência? Essas duas perguntas estão tão entrelaçadas que uma não pode ser respondida sem a outra. Não podemos provar a existência de um objeto sem saber o que é que provamos; e não pode conhecer um objeto sem saber que ele existe. Os teólogos medievais começaram com a existência de Deus, e o exemplo deles é tão bom quanto qualquer outro a seguir aqui.

Agostinho (354430), se ele não a introduziu absolutamente na teologia cristã, elaborou um tipo de filosofia platônica pela qual ele elaborou uma prova da existência de Deus.

Os escritos de Agostinho sobre muitos assuntos são extremamente valiosos; mas Anselmo, por volta de 1100 dC, revirou a prova de Agostinho que era brilhante ao extremo. É chamado de argumento ontológico. Estranho dizer que possivelmente não é um argumento, mas uma postulação de um primeiro princípio, uma explicação do axioma último, um estabelecimento da base sobre a qual tudo deve ser construído. De qualquer forma, é tão complexo e profundo que causou tanta discussão, e seus oponentes pensam que é supremo como um exemplo de confusão plausível, que deve ser omitido aqui. A segunda tentativa de provar a existência de Deus será bastante difícil.

(a) O argumento cosmológico .

Tomás de Aquino (12241274) rejeitou o elenco platônico da teologia de Agostinho e baseou seu pensamento em Aristóteles. Portanto, ele não teve tempo para o argumento ontológico, mas reconstruiu o argumento cosmológico. Para se referir novamente à questão do conhecimento, a diferença entre esses dois argumentos é basicamente uma diferença na epistemologia: para Agostinho não era necessário começar com a experiência sensorial, pois era possível ir diretamente da alma para Deus; mas de Aquino escreveu: "O intelecto humano ... é à primeira vista como um comprimido limpo no qual nada está escrito" (Summa Theol .Eu, Q 97, 2). É a sensação que escreve na tabula rasa. A mente não tem forma própria. Todo o seu conteúdo vem da sensação. nesta base, Tomé deu cinco argumentos para a existência de Deus; mas os quatro primeiros são quase idênticos, e o quinto é tão pouco diferente, que apenas o primeiro será reproduzido aqui.

"O primeiro e mais manifesto caminho é o argumento do movimento. É certo, e evidente para os nossos sentidos, que no mundo algumas coisas estão em movimento. Agora, o que quer que esteja em movimento é posto em movimento por outro, pois nada pode estar em movimento, exceto em potencialidade àquilo em que está em movimento; enquanto uma coisa se move na medida em que está em ação. Pois o movimento nada mais é do que a redução de algo da potencialidade para a realidade. Mas nada pode ser reduzido da potencialidade para a realidade, exceto por algo em um estado de realidade. Assim, o que é realmente quente, como o fogo, faz com que a madeira potencialmente quente seja realmente quente e, assim, a move e muda. Agora não é possível que a mesma coisa seja ao mesmo tempo na realidade e

potencialidade no mesmo aspecto, mas apenas em aspectos diferentes. Pois o que é realmente quente não pode ser simultaneamente potencialmente quente; mas é simultaneamente potencialmente frio. Portanto, é impossível que, no mesmo aspecto e da mesma maneira, uma coisa seja ao mesmo tempo movente e movida, ou seja, que ela deva se mover. Portanto, tudo o que está em movimento deve ser posto em movimento por outro. Se aquilo pelo qual ele é posto em movimento é ele próprio posto em movimento, então isso também precisa ser posto em movimento por outro, e isso por outro novamente. Mas isso não pode seguir para o infinito, porque então não haveria o primeiro motor e, consequentemente, nenhum outro motor; vendo que os motores subsequentes se movem apenas na medida em que são acionados pelo primeiro motor; pois a equipe se move apenas porque é acionada pela mão. Portanto é necessário chegar
a princípio, movido por nenhum outro; e isso todo mundo entende ser Deus. ” [3]

A primeira coisa a ser notada é que esse é um argumento formal. Tomé pretendia que fosse uma demonstração conclusiva de que Deus existe. Não é uma coleção de evidências que tornam plausível acreditar em Deus. É uma análise da experiência sensorial com a conclusão de que somente Deus pode explicá-la. Longe de ser uma lista de evidências, ela atrai apenas uma pedrinha que desce a colina ou um mármore que rola pelo chão. Alega provar conclusivamente que nesta base Deus deve necessariamente existir. É uma questão de necessidade lógica.

O silogismo é a forma mais comum de inferência necessária. Existem vinte e quatro formas válidas de silogismo. Qualquer outra forma, e existem duzentos e cinquenta e seis no total, é inválida. Um exemplo da forma válida é a ilustração antiga: todos os homens são mortais; Sócrates é um homem; portanto Sócrates é mortal. Mas se alguém disser: Todos os cães são mamíferos; alguns mamíferos são gatos; portanto, todos ou mesmo alguns cães são gatos; o argumento é uma falácia. Mesmo se dissermos: Todos os cães são mamíferos; alguns mamíferos são fox terriers; portanto, alguns cães são terrier de raposa; o argumento é inválido. A conclusão é verdadeira, mas as premissas não a provam. É falácia do meio não distribuído. Para estimar o valor da prova cosmológica de Thomas, devemos ver se as premissas precisam da conclusão.

(b) . Cinco objeções .

Cinco objeções podem ser feitas contra esse argumento cosmológico. Primeiro, a premissa original diz: "É certo e evidente para nossos sentidos que algumas coisas estão em movimento no mundo". Essa premissa é uma aceitação da epistemologia empírica. Em Thomas, se não em outro lugar, exige a afirmação de que a mente não tem formas a priori, que não é realmente nada antes de receber impressões sensoriais e que o conhecimento mais avançado é desenvolvido através de imagens e abstração.

O empirismo é talvez uma visão de senso comum. Também tem sido a visão de muitos filósofos. Mas enfrenta objeções insuperáveis. Em primeiro lugar, os sentidos de homens e animais produzem dados conflitantes. Os cães, por exemplo, devem ser daltônicos, mas têm sensações sonoras quando os homens não ouvem nada. Por isso, os homens diferem entre si. Artistas esotéricos vêem cores na grama que nenhum homem comum encontra lá. Quais dessas sensações representam corretamente a cor do objeto visto? Em alguns casos, o sentido se contradiz, como quando um graveto meio submerso parece dobrado, mas parece reto. Depois, há miragens e outras ilusões de ótica. Enquanto durarem, não podemos dizer que são ilusões; e não podemos dizer se nossas sensações atuais são ilusões. Novamente, estamos sonhando ou não? Um livro básico de psicologia descreverá muitos desses fenômenos, com o resultado de que é impossível confiar no que chamamos de percepção sensorial. Além disso, a teoria da imaginação, pela qual essas sensações devem ser preservadas e posteriormente levadas a conceitos, desmorona no fato de que algumas pessoas não têm imagens. Muitas pessoas não têm imagens olfativas ou táteis; alguns também não têm imagens visuais. O empirismo, então, teria que dizer que essas pessoas não sabem nada. Mas alguns deles são estudiosos talentosos.

Essa primeira objeção, no entanto, não testa a validade do argumento. Contesta a verdade da premissa. No entanto, o ceticismo que Hume mostrou tão bem segue o empirismo é fatal para essa abordagem.

A segunda objeção também será um pouco decepcionante, como apresentada aqui, porque só pode ser parcialmente desenvolvida. A objeção observa que a passagem citada é mais um resumo do que um argumento completo. De fato, o argumento incluiria uma grande quantidade de física e metafísica. Por exemplo, a segunda, terceira e quarta sentenças no argumento citado precisam de substancias longas. A extensão cobriria centenas de páginas, como em Aristóteles e Tomás de Aquino. Para que o argumento cosmológico final seja válido, todos os argumentos subsidiários devem ser válidos. Agora, embora isso seja teoricamente possível, não é provável. Certamente Aristóteles e Tomás de Aquino devem ter cometido um erro em algum lugar. E um erro quebra a cadeia de consequências. É claro que alguém com certeza se queixará disso injusto e implora a pergunta. Para evitar essa acusação, pode-se apontar que os dois filósofos usam o conceito de potencialidade. Aristóteles precisava do conceito de potencialidade para definir o movimento. Mas no terceiro livro da Física , onde Aristóteles trata desse problema, ele não apenas define movimento por potencialidade, mas também explica potencialidade pelo conceito de movimento. Se o aluno quiser passar o tempo, ele pode estudar a Física de Aristóteles para determinar se o argumento é circular e se há outras falhas nos livros de quatro a oito.

A terceira objeção pode ser vista no próprio resumo. No final, Tomás de Aquino fala sobre uma série de movimentos e movimentos, e diz que essa série não pode ir ao infinito. A razão pela qual não pode seguir para o infinito é que, se o fizesse, não haveria o primeiro motor. Infelizmente, porém, o argumento como um todo alega provar que existe um primeiro motor. Portanto, Tomás de Aquino usou para uma de suas premissas a própria proposição que ele deseja como conclusão.

A quarta objeção é mais complicada. Como Tomás de Aquino sustenta que a existência de Deus é idêntica à sua essência, que não é verdadeira em relação a nenhum outro objeto de conhecimento, ele deve afirmar que nenhum predicado pode ser atribuído a Deus no mesmo sentido que se diz dos seres criados. Quando se diz que o homem e Deus são bons, ou racionais, ou conscientes, ou qualquer coisa, as palavras bom e consciente não significam a mesma coisa nos dois casos. Se Deus é um motor e o homem é um motor, a palavra motor não significa a mesma coisa. Não só isso, mas desde existência e essência de Deus são idênticos, o verbo ser não tem o mesmo significado nos dois casos. Se dissermos

Deus é bom, nem o bom , nem o é meio que isso significa no mundo criado. Portanto, quando dizemos que Deus existe, essa existência não significa existência no mesmo sentido em que a usamos para pedrinhas ou bolinhas de gude. Agora, em um argumento válido, os únicos termos que podem ocorrer na conclusão são aqueles que ocorrem nas premissas. Se algum elemento adicional for adicionado à conclusão, o silogismo é uma falácia. Mas o argumento cosmológico começa com a existência de uma pedra ou algum objeto sensorial que se move. Termina, no entanto, com uma existência diferente. Portanto, o argumento é falacioso. O significado diferente da palavra na conclusão não pode ser derivado do significado original nas premissas.

Agora, finalmente, a quinta objeção é dirigida contra a última frase do argumento, que é "e isso todo mundo entende ser Deus". Mas não é isso que todos entendem ser Deus. Especialmente os cristãos negam que isso seja Deus. Reivindicações de Aquino ter provado a existência de um primeiro motor, um primum movens , um ens perfectissimum , ou mesmo um summum bonum . Mas esses neutros não são satisfatórios para um conceito de vida, selfrevealing Deus das Escrituras. Pode-se até dizer que, se o argumento cosmológico fosse válido, o cristianismo seria falso. O Deus da Bíblia é uma trindade de pessoas. Nenhuma forma do argumento cosmológico reivindicou demonstrar a existência desse único Deus verdadeiro.

(c) AReconstructed argumento.

Apesar dessas objeções, os católicos romanos continuam a depender do argumento cosmológico. assim fazem a maioria dos luteranos, como pode ser visto no ASystem of Natural Theism de Leander S. Keyser (1917), e alguns calvinistas também o defendem. J. Oliver Buswell, Jr. foi um desses, pelo menos em seus escritos anteriores, embora ele pareça ter concordado mais tarde que não é estritamente válido. Cornelius Van Til, do Westminster Seminary, Filadélfia, faz declarações muito fortes sobre a validade do argumento. Buswell acusou Van Til de menosprezar as evidências objetivas do cristianismo e de rejeitar o argumento cosmológico. Van Til respondeu em Teoria Cristã

of Knowledge (pp. 291292) e acusou Buswell de formular o argumento incorretamente. Citando parcialmente um de seus trabalhos anteriores, Common Grace, ele diz

"O argumento da existência de Deus e da verdade do cristianismo é objetivamente válido. Não devemos reduzir a validade desse argumento ao nível de probabilidade. O argumento pode ser mal afirmado e nunca pode ser adequadamente afirmado. Mas, por si só, o argumento é absolutamente sólido. ... Portanto, não rejeito as provas teístas, mas apenas insisto em formulá-las de maneira a não comprometer as Escrituras. Ou seja, se a prova teísta é construída como deveria ser construída, é objetivamente válida. "

Essa afirmação de que o argumento cosmológico é válido, absolutamente sólido, uma demonstração formal, e não apenas um argumento de probabilidade, não se aplica a nenhum argumento cosmológico publicado em qualquer livro. Van Til não presta atenção às falácias embutidas em Thomas Aquinas. O argumento que ele defende é aquele que ninguém jamais escreveu. Mas como ele sabe que é possível formular esse argumento ideal? Qual é o argumento que ele defende? Ele diz que insiste em formulá-lo corretamente. Por muitos anos, alguns dos contemporâneos de Van Til o desafiam a produzir essa reformulação em que ele insiste. Ele não fez isso.

É relatado que Thomas Hobbes quadrou o círculo. Quando o matemático reclamou que, em sua prova, três linhas deveriam ter passado por um ponto, mas não o fez, Hobbes respondeu que elas estavam tão próximas que um ponto poderia cobrir todas elas. Ele poderia ter acrescentado que uma reformulação um pouco melhor poderia ser feita e, portanto, o círculo poderia ser quadrado por um argumento absolutamente válido, e que um ângulo também poderia ser cortado. Mas tais apelos a um ideal desconhecido são irrelevantes e incompetentes.

Um cosmologista, ansioso para se espremer de um lugar apertado, pode responder: Mas um ângulo pode de fato ser trissecado. Portanto, pode, mas sem método geométrico (régua e bússola). Todos os argumentos geométricos são inválidos. Também aqui: talvez o argumento ontológico seja válido; não é tocado por nenhuma dessas críticas; mas o argumento cosmológico é uma falácia.

Um exemplo melhor do que ao quadrado do círculo é o teorema de Fermat, porque, embora ninguém concorde que o círculo possa ser quadrado, muitos matemáticos supuseram que o teorema de Fermat pudesse ser demonstrado. Apenas recentemente alguns começaram a ter dúvidas. Mas nenhum pensador respeitável, independentemente de sua antecipação, pronunciará um argumento válido e sólido sem tê-lo visto.

Como Van Til e Buswell na passagem citada estão empenhados em recomendar um método de pregar o evangelho aos incrédulos, é duplamente infeliz que Van Til não possa justificar sua posição, pois não se pode esperar que os incrédulos sejam impressionados com um argumento de que o próprio evangelista é incapaz de apresentar a eles.

(d) Será que <u>as Escrituras requerem um argumento</u> ?

O cristão não precisa se incomodar com a impossibilidade de provar a existência de Deus. De fato, ele nunca deveria esperar demonstrá-lo, por duas razões: (1) uma prova secular deve adotar algum princípio mais último do que Deus, do qual Deus pode ser deduzido; e (2) a Bíblia não tenta provar a existência de Deus. Começa logo com Deus em Gênesis 1: 1. Para ter certeza de que existem versículos como

> Psa. 8: 1 Senhor, nosso Senhor, quão excelente é o teu nome em toda a terra, que pôs a tua glória sobre os céus.
>
> Psa. 19: 1 Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento mostra a sua obra.
>
> ROM. 1:20 ... porque o que é conhecido de Deus é aparente neles; pois Deus deixou claro para eles; por seu [atributo] invisível desde a criação do

> o mundo é percebido, sendo entendido pelas coisas feitas, a saber, seu poder eterno e divindade ...

O último verso, aqui traduzido um pouco mais literalmente do que nas traduções padrão, com as quais o aluno pode compará-lo, consultando também os comentários, foi realmente usado para defender a validade do argumento de Tomás de Aquino. Mas nenhum desses versículos são argumentos, nem eles validam nenhum argumento. Deus realmente pôs sua glória nos céus, e os filamentos da parte inferior de

uma folha minúscula aparecem através de um microscópio a incrível obra geométrica de Deus; mas nem um politeísta antigo nem um humanista moderno o reconheceram. Para ver a glória dos céus como a glória de Deus, é preciso crer em Deus primeiro. O verso em Romanos soa mais como uma discussão do que os outros; e, embora não possa ser usado para garantir Tomás de Aquino contra todos os erros, pode plausivelmente ser interpretado como significando que existe um argumento cosmológico válido, se alguém pudesse encontrá-lo. Não obstante, essa interpretação parece equivocada: equivocada porque é improvável que alguém, após os profundos trabalhos de Aristóteles e Tomás de Aquino, sem mencionar os contemporâneos menores como Hartshorne, Tennant e outros, possa fazer o que não poderia. Confundido também porque a sensação substitui Deus e as Escrituras como o primeiro princípio. O verso em Romanos é então melhor entendido como um equivalente dos Salmos citados.

Além disso, embora os romanos pareçam aprovar um argumento cosmológico desconhecido, há outros versículos que dão a impressão oposta. Uma dessas passagens é

> Jó 11:78 Você pode, ao procurar, descobrir a Deus? Você pode descobrir o Todo-Poderoso com perfeição? É tão alto quanto o céu; o que podes fazer?

Embora esses dois versículos possam declarar a verdade e implicar que não há argumento cosmológico válido, deve-se observar um pouco de cautela, porque no final do livro (Jó 42: 7) o Senhor expressa sua ira contra os amigos de Jó e os condena por tendo dito algumas coisas falsas. Portanto, não é certo que o que Zofar tenha dito algumas coisas falsas. Portanto, não é

certo de que o que Zofar disse é verdade. De qualquer forma, uma doutrina nunca deve se basear apenas em um versículo; não porque Deus pode estar enganado, mas porque podemos estar enganados. Quando muitos versículos dizem a mesma coisa, e comparamos todos, então podemos ter confiança de que entendemos; mas quando não há nada com o qual comparar um versículo (como uma frase em Gal. 3:19 ou 1 Cor. 15:29), permanecemos em dúvida. Portanto, além de Zophar, pode-se acrescentar:

> Psa. 145: 3 Grande é o Senhor e muito a ser louvado; e sua grandeza é insondável.
>
> É um. 40:18 e segs. A quem então compararei a Deus, ou que semelhança compararei a ele? … Você não sabia? Não ouvistes? Não te foi dito desde o começo? … A quem então me compararei, para que eu seja igual a ele? ... Você não sabia? Não ouviste?
>
> ROM. 11:33 Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus!
>
> Quão insondáveis são os seus julgamentos e os seus modos de descobrir!
>
> I Cor. 2: 9 Que coisas os olhos não viram e os ouvidos não ouviram ... para nós Deus os revelou através do Espírito.

Esses versículos, até o último, ensinam que a percepção sensorial não pode formar em nossas mentes a idéia de Deus. Deus não pode ser procurado ou descoberto pela filosofia empírica. Portanto, como os argumentos utilizados pelos filósofos são falácias lógicas, uma vez que a Bíblia não apresenta argumentos cosmológicos próprios, uma vez que começa com Deus e insiste na revelação, parece melhor rejeitar toda a teologia natural e colocar a revelação divina como o primeiro princípio. e axioma básico do nosso sistema de pensamento. A tarefa então é mostrar como a Bíblia descreve Deus, como a primeira metade deste capítulo tentou fazer.

(e) Palavra sem sentido.

Uma razão adicional para rejeitar a teologia natural é a total inutilidade de afirmar que Deus existe. Se eu dissesse: Este gato é preto, não seria inútil porque alguns gatos são brancos ou outras cores. Mas se todos os gatos fossem pretos, e especialmente se tudo, completamente tudo, fosse preto, seria inútil dizer que esse gato é preto. Ou, novamente, a maioria das palavras tem quatro ou cinco significados diferentes. Em inglês, falamos de animais domésticos e domésticos em oposição à política externa do governo. O alemão tem duas palavras diferentes aqui; nos damos bem com a mesma palavra, e todas as línguas têm palavras com vários significados. Mas os significados devem ser finitos em número. Suponha que uma palavra tenha um número infinito de significados. Procuraríamos a palavra tamig no dicionário completo de Merriam Webster e veríamos que o
significados de tamig incluíram todas as palavras de A até o final de Z. Tamig significa não apenas gato e cachorro, mas também longo e nítido, além de correr e voar, assim como iodo e urânio, além de todos as outras palavras no dicionário e mais algumas. Como adjetivo, ele pode ser anexado a qualquer substantivo e pode ser substituído por todo verbo. Mas uma palavra que significa tudo não significa nada. Um adjetivo que pode ser anexado a todo substantivo não carrega informação. A palavra existência é tal palavra. Gatos existem. Cães existem. O mesmo acontece com a raiz quadrada de menos um. Sonhos existem. Eles são verdadeiro : eles são verdadeiros sonhos. E Deus realmente existe também. Mas dizer que Deus existe não distingue Deus de um gato ou de um sonho. Queremos saber o que é Deus. O Catecismo Mais Curto de Westminster não perguntou: Deus existe? Ele pergunta corretamente: O que é Deus? Provar a existência de Deus, portanto, mesmo que possível, é uma tarefa inútil.

(f) Can Deus ser conhecido ?

Esta é outra questão padrão na teologia cristã. No entanto, há algo de peculiar nisso. Deveria preceder ou seguir a pergunta: O que é Deus? Suponha que perguntemos: o rachis pode ser conhecido? Quase todo mundo é uma palavra Inglês genuíno, portanto, quase todo mundo iria imediatamente responder, o que é raque? Como podemos saber se pode ou não ser conhecido, se

Não sabe o que é isso? Ou, da mesma forma, suponha que perguntemos a um não matemático: O lado de um quadrado e a diagonal podem ser medidos exatamente pela mesma régua? Ou, a raiz quadrada de dois pode ser conhecida? Mas, para responder a essas duas perguntas, que na realidade são idênticas, é preciso saber o que é uma diagonal. Não é o mesmo com Deus? A menos que saibamos o que é Deus, não podemos decidir se ele é um objeto conhecível. Mas se já sabemos o que é Deus, de que serve perguntar: podemos conhecer a Deus?

No entanto, não é tão simples assim. Existem complicações. Complicações deveriam ter sido esperadas. Se a geometria requer alguma argumentação cuidadosa, e se os melhores matemáticos ainda não foram capazes de resolver o Teorema de Fermat, um estudante sério não esperaria que a teologia, cujo objeto de estudo é Deus, fosse ainda mais complicada? Se o cristianismo diz a verdade quando diz que Deus criou o mundo, a teologia não deve ser mais profunda que a física? Se a física pode legitimamente reivindicar os esforços mais intensos das mentes mais brilhantes, um jovem estudante de Deus não deveria estar disposto a fazer o seu melhor?

Bem, então, Deus pode ser conhecido? É sem dúvida óbvio o suficiente que um teológico cristão deve responder afirmativamente a essa pergunta. A Bíblia não nos dá muito conhecimento sobre Deus? Isso não é suficiente? Não, não é suficiente. Há pessoas que negam que a Bíblia diz a verdade. Como William James, eles têm argumentos destinados a provar que Deus não é onisciente, ou que o mundo não foi criado e não é governado por um espírito transcendente. Teólogos ordenados, se não leigos comunicantes, têm a obrigação de dissecar essas teorias anti-teístas. Não devemos nos esquivar de nossa tarefa.

Alguns dos argumentos que negam toda possibilidade de conhecer a Deus dependem de tomar o conceito cristão de Deus e mostrar que algumas de suas características tornam Deus tão completamente incognoscível quanto a unidade que mede a diagonal e a lateral, convencendo assim a visão cristã da autocontradição. Por exemplo, alguém pode dizer: Deus é considerado onisciente ou infinito; a humanidade não tem a mais remota noção de onisciência ou infinito; consequentemente, se houvesse esse objeto, ele não poderia ser conhecido.

No que diz respeito ao material não cristão, Plotinus, motivado pela necessidade filosófica de unidade, postulou um Um tão unitário que transcendeu a dualidade, mesmo de sujeito e predicado. No entanto, Plotinus tinha sujeitos e predicados, isto é, argumentos proposicionais pelos quais chegar a essa conclusão; e ele, sem dúvida, inconsistentemente, fez algumas afirmações sobre o Um; mas ele tentou conscientemente restringir a conexão do homem com o Uno a um transe místico no qual ele não conhecia nem a si mesmo.

Uma variação mais moderna (de a) tema incognoscibilidade é a teoria de que o conhecimento humano é inteiramente baseado na experiência sensorial. Se sim, então Deus, que normalmente é considerado um objeto sem sentido, não pode ser conhecido. Positivistas lógicos recentes fazem a verificação sensorial, não apenas o critério da verdade, mas também o critério do significado. Disso se segue que as afirmações metafísicas e teológicas não são tão falsas quanto completamente sem sentido.

O cristão deve refutar essas duas visões, sem dúvida com a afirmação de uma epistemologia da revelação, mas também, com referência a Plotinus, insistindo na impossibilidade metafísica de deduzir a pluralidade de uma absolutamente indiferenciada; e com referências ao Positivismo Lógico, apontando que seu critério de significado é, por sua própria afirmação, sem sentido.

Embora todos os teólogos ortodoxos devam afirmar que Deus é, de alguma maneira, conhecível e conhecido, eles também afirmaram que ele é "incompreensível". Este termo é ruim. Pode ter sido entendido corretamente séculos atrás; mas se fosse, carrega conotações fatais hoje. Desde a época de Kierkegaard,
e mesmo antes, o incompreensível foi identificado com o irracional exemplo .Para, filósofos têm dito que todas as coisas podem ser “pensamento longe”, mas que a ausência de espaço é inconcebível .Agora, obviamente, a Bíblia apresenta um Deus que se entende ou se compreende. Portanto, Deus não é
incompreensível. Ele pode sem dúvida ser incompreendidas pela humanidade; mas em si mesmo que é de todos os objetos o mais compreensível problema real .A é, como acima, se o homem pode conhecer a Deus. Porque o cristianismo deve afirmar tal conhecimento, a ideia de “incompreensível” deve ser limitada à questão de como muito um homem pode conhecer de Deus. É claro que a posição bíblica é que podemos e sabemos algumas coisas sobre Deus e não e, por decreto de Deus, não podemos conhecer outras coisas. No entanto, esse argumento simples, que realmente compreende tudo sobre incompreensibilidade, foi adumbrado por considerável confusão teológica.

Louis Berkhof (Teologia Sistemática , 4ª ed., P. 30) afirma corretamente que “a teologia reformada sustenta que Deus pode ser conhecido, mas que é impossível ter um conhecimento daquele que é exaustiva e perfeito em todos os sentidos. Ter esse conhecimento de Deus seria equivalente a compreendê-lo, e isso está totalmente fora de questão. ” Por enquanto, tudo bem. Mas a razão que ele dá para isso, a saber, " Finitum non possit capere infinitum ". Não é tão boa. Descartes não era um teólogo reformado por qualquer meio, mas é bom considerar sua opinião de que os homens devem conhecer o infinito antes que possam conhecer algo finito. O próprio Calvino, no primeiro capítulo de seus institutos, havia dito anteriormente que Deus é nosso primeiro objeto de conhecimento, e somente depois de conhecermos a Deus é possível conhecer nosso eu finito. Então também matemáticos conhecem Aleph

null um tipo de infinito e outros infinitos. Séries infinitas podem ser adicionadas; e, embora infinito , seus limites pode ser determinada com precisão. Parece, portanto, que a frase em latim pomposo Finitum não capax infiniti , se for falso.

Isso deve ser suficiente, na medida em que a idéia do infinito é usada para negar a possibilidade do homem conhecer a Deus. O próximo subtítulo apresentará as perguntas atrasadas: O que é Deus? Se o infinito é para ser feito um atributo de Deus, será novamente discutido nesta conotação diferente.

(g) A natureza ou definição de Deus .

Afirmar a natureza de Deus é responder à pergunta: O que é Deus? Alguns teólogos negaram a possibilidade de definir Deus porque a definição está sempre na forma de incluir uma espécie em um gênero. Assim, para usar apenas uma definição parcial, um cacto é uma planta suculenta. Existem várias espécies de suculentas, e o cacto é uma espécie desse gênero. Mas se fazemos de Deus uma espécie de gênero superior, parecemos colocar algo acima de Deus. Isso é impossível, então a objeção continua, porque nada é superior a Deus. Se, por outro lado, Deus é o gênero supremo e não uma espécie inferior, segue-se que homens, plantas e rochas são espécies de Deus. O homem é um tipo de Deus, como um cacto é um tipo de suculenta, e uma rocha é outra espécie de Deus.

Louis Berkhof (Teologia Sistemática , 4ª ed., P.41) escreve: "É evidente que o Ser de Deus não admite qualquer definição científica. Para dar uma definição lógica de Deus, teríamos que começar procurando algum conceito superior, sob o qual Deus pudesse ser coordenado com outros conceitos: e, então, apontar as características que seriam aplicáveis somente a Deus . Tal geneticsynethetic definição, não pode ser dada de Deus, pois Deus não é uma das várias espécies de deuses, que podem ser reunidos sob um único gênero ".

Existem, no entanto, certas expressões infelizes nesta citação. As palavras mais elevada , sob , Coordenados , geneticsynthetic , espécies de deuses sugerem enganosa conotações. Superior e inferior dar a impressão de que o gênero ipso facto deve ser mais valioso, mais forte, mais inteligente, mais fofo do que as espécies ou um indivíduo na espécie. Mas apenas o gatinho é mais fofinho que o gênero animal, e o mercúrio da espécie é mais eficaz para alguns propósitos do que o gênero metal. Maior e menor são espaciais

termos e, quando usados figurativamente, podem enganar. O termo coordenada também sugere uma igualdade que pode não existir. Homem, elefante e rato são coordenados no sentido de que são todas espécies de animais; mas eles não são coordenados em outros sentidos. O termo genético-sintético dificilmente se aplica ao método aristotélico de definição mais diferença. Deve-se notar que o argumento de Berkhof depende desse método aristotélico. Esse método de gênero mais diferença parece funcionar bem em biologia. Mas isso não funciona tão bem em aritmética. O número dois é quase uma espécie de um gênero maior número números .Prime pode ser uma espécie, mas quase dois. Alguns matemáticos de fato definem dois como o nome da classe de todos os pares, e isso se assemelha um pouco a gênero e diferença. Mas, primeiro, é difícil entender o que é um par antes de contarmos até dois; depois, segundo, outros matemáticos, seguindo Leibniz, definem dois como o número que vem depois de um, ou nas figuras, 2 = 1 + 1. Esta definição não parece enquadrar-se a fórmula genusplusdifference (aliás, mais nesta frase não é +), e aqueles que usá-lo, naturalmente, acho que é tecnicamente superior ao outro. Para continuar: em Física F = ma, a gravitação newtoniana pode
ser uma espécie de força; mas a energia einsteiniana bem, talvez a física seja um assunto difícil. Na teologia, porém, é justificação uma espécie de alguma coisa? Um “ato da graça gratuita de Deus” é um gênero cuja justificação é uma espécie? Então

a santificação seria uma espécie do gênero de trabalho. Portanto, se houver um método alternativo de definição, as objeções de Berkhof à definição de Deus não têm peso.

As dificuldades de Berkhof se multiplicam. Ele havia dito: "Deus não é uma das várias espécies de deuses, que podem ser incluídas em um único gênero". Mas a macieira também não é uma das várias espécies de macieiras . No entanto, ela pode ser incluída na família das rosas; mas isso não cria todas as espécies dessa macieira da família. E, é claro, de acordo com os princípios aristotélicos, uma única macieira não é uma espécie, mas pode ser incluída na espécie macieira e também no gênero roseaceae. Além disso, classificar Deus "sob" algumas espécies "superiores" não implica que Deus seja menos real do que aquilo de que é "deduzido". Aristóteles nunca deduziu uma única macieira das espécies; e, mais precisamente, ele assumiu que o indivíduo é uma realidade primária, enquanto a espécie é uma realidade secundária. Portanto, se Deus, o indivíduo ou os três indivíduos, pudessem ser incluídos em algum conceito ou outro, isso de forma alguma minimizaria as perfeições divinas. Mas talvez não seja necessário confiar tanto em Aristóteles.

Enterrado sob a superfície desse argumento, encontra-se Parmênides de Platão. Aqueles teólogos que não gostam

Platão esquece que o porta-voz de Platão em Parmênides lembrou gentilmente ao jovem Sócrates que a teoria requer idéias de cabelos, lama e sujeira. Por mais desagradável que essa extensão lógica do realismo possa ter sido a sensibilidade idealista de Sócrates, ela removeu algumas objeções a uma teoria incompleta. Em seguida, segue-se o Terceiro Homem argumento. Note-se que o próprio Platão como o autor dos Parmênides afirmou esta objeção com grande clareza. Observe também que essa foi uma das objeções que Platão não respondeu: ele respondeu apenas a uma das séries. Ele foi incapaz de defender sua própria teoria? Ou ele achou que as respostas omitidas eram óbvias demais para afirmar?

Seria agora muito ousado sugerir que as dificuldades com a teoria aristotélica da definição e a objeção do Terceiro Homem ao Realismo podem ser resolvidas pela doutrina cristã da imagem de Deus no homem? Será mostrado no capítulo cinco que Deus criou o homem à sua própria imagem e semelhança. Portanto, Deus e o homem podem ser classificados "abaixo" ou, melhor "pelo" conceito de espírito. Corpo é algo que é estendido, mas não pensa. Espírito é aquilo que pensa, mas não é

estendido. O material anterior sobre onisciência mostrou que Deus é um ser pensante. Ele tem conhecimento. Este é o tipo (espécie?) De ser ele é. Respeitar:

> João 4:24 Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade.

É interessante notar que esse profundo pronunciamento teológico, com todas as suas intrincadas implicações aristotélicas e platônicas, não foi feito para o culto Nicodemos, mas para uma mulher samaritana sem instrução. Este verso, e talvez

> II Cor. 3:17 Porque o Senhor é Espírito

parece ser pertinente e aguçado; mas, embora não seja tão óbvio, existem centenas de outros que representam Deus como pensando, conversando, revelando a si mesmo, ensinando sua doutrina, que também apoiam a identificação da essência, natureza ou realidade de Deus como espírito, porque todos dizem que Deus pensa. Mais tarde, no capítulo sobre Man , algumas razões para rejeitar o behaviorismo serão delineadas. O pensamento não é uma função do cérebro, da laringe ou dos músculos. O pensamento é uma atividade espiritual ou intelectual. Deus pensa; ele não é e não tem um corpo; ele não está estendido no espaço; ele não tem "partes". Portanto, Deus deve ser definido como mente, inteligência, intelecto, espírito, deixe espécies e gêneros serem o que puderem.

Isso descartou a objeção de Berkhof de que "Deus não é uma das várias espécies de deuses". Deus é uma das várias "espécies" ou tipos de espírito. O homem também é um tipo ou forma de espírito; mas o homem não é uma espécie de deuses.

Para uma observação final ad hominem , notemos que qualquer teólogo que invista em geral contra o pagão Platão como se Aristóteles não fosse também pagão é, por essa razão, singularmente desqualificado de usar essa objeção. Rejeitando as teorias pagãs da definição da Grécia antiga, um teólogo que pode classificar tachinhas de tapete com espinhos de cacto, porque ambos podem prendê-lo, não pode se opor a classificar Deus e o homem "sob" o conceito de espírito.

Talvez algumas pessoas devotas prefiram chamar Deus de pessoa. Para ser mais preciso, como o próximo capítulo tentará deixar claro, Deus é três pessoas. De qualquer forma, Deus é pessoal. Os modernistas do século XIX, influenciados por Schleiermacher e Hegel, às vezes negavam a personalidade da Deidade, ou às vezes tentavam, sem sucesso, mantê-la. Por mais ortodoxo que Karl Barth possa ser, ele tem uma boa seção analítica descrevendo por que os modernistas não podiam defender logicamente a personalidade de Deus e tiveram que substituir o homem em seu lugar. De qualquer forma, Deus pensa e comunica seu pensamento aos homens. Deus, portanto, é uma mente ou espírito.

(h) Substância e atributos.

Depois que o Catecismo Mais Curto diz que "Deus é um espírito", suas próximas palavras são "infinitas, eternas e imutáveis em seu ser ..." O relato bíblico de "infinito, eterno e imutável foi dado na primeira metade deste capítulo. Estas são diferenciações que, adicionadas ao gênero, dão as espécies. Eles são os predicados ligados ao assunto: esse Espírito é eterno. Mas o que quase não foi abordado é o termo "ser". A palavra ser não é talvez a palavra mais usual neste contexto. Livros teológicos normalmente discutir substância e atributos, ao invés de ser e atributos. A doutrina da Trindade também é expresso nas palavras substância e pessoas. Mas o que significa a palavra substância significar? Ninguém fica intrigado com a afirmação de que o gato é preto. A cor preta é um atributo ou característica ou qualidade que o gato possui. O juiz é justo. A justiça é uma qualidade desse juiz. O juiz é a substância em que a justiça herda. Ou ele é?

O conceito de substância é a primeira das categorias de Aristóteles. Existem dois tipos de substância: primária e secundária. Substâncias primárias são coisas como gatos e juízes, gatos individuais e juízes individuais. Substâncias secundárias são o conceito de gato e o conceito de juiz. Essas não são coisas individuais, mas conceitos ou formas abstratas. A principal diferença entre os dois é que o indivíduo é um composto de matéria e forma, enquanto o conceito é a forma e é imaterial. Como a matéria não é realmente nada, pois apenas as formas podem ser vistas, tocadas ou pensadas,

e uma vez que Deus é perfeito, Deus não pode ter importância; portanto, Deus não é uma pessoa individual, mas uma forma abstrata. Bem, isso é aristotelismo, mas não soa como cristianismo. Além disso, Aristóteles pode não ter evitado toda a confusão em sua teoria das qualidades, relações e quantidades. De fato, pode ser que finalmente sua distinção entre substância primária e qualidade, sua distinção entre qualidade e
quantidade e a própria noção de indivíduo desaparecem no nada. [4]

O filósofo moderno, John Locke, também defende o conceito de substância. Ele insiste, como parece muito com o senso comum, que deve haver algo de pé sob qualidades como forma, movimento, força, pensamento e vontade. Sob as três primeiras dessas qualidades permanece a matéria; sob os dois últimos está espírito. Matéria e espírito são idéias abstratas, abstraídas de sensações e introspecções, respectivamente. Mas eles são tão abstratos e tão distantes da experiência real que Locke os chama de "algo que não sei o quê". Ninguém nunca viu ou tocou matéria. É muito mais abstrato do que justiça, sem mencionar o felino. Em resumo, matéria e espírito não são apenas desconhecidos, mas incognoscíveis. Não pareceria, portanto, que o conceito de substância, seja substância material para a física ou substância espiritual para teologia, seja um conceito bastante inútil?

É claro que os teólogos poderiam rejeitar as filosofias aristotélica e lockeana e dar sua própria definição de substância. Mas a maioria não. Charles Hodge, apesar de insistentemente insistir na necessidade da substância, é forçado a dizer: "não temos idéia definida da substância, seja da matéria ou da mente, distinta de seus atributos". (Vol. 1, p. 367). HB Smith não é tão explícito, mas o que ele diz equivale à mesma coisa. “Começamos pela posição de que existe uma substância ou essência divina; e um atributo, distinto da substância, é qualquer predicado necessário que possa ser aplicado a essa essência. ... A essência e os atributos não são separáveis. Os atributos expressam a essência, a essência é o fundamento dos atributos. É uma essência espiritual simples nesses diferentes modos ”(System of Christian Theology, pp. 12, 14).

4 GH Clark, Thales to Dewey, pp. 108112, 143144.

Atanásio, que finalmente foi bem sucedido na defesa da doutrina da Trindade no Credo de Nicéia (que será estudado no próximo capítulo), enquanto ele insiste em substância com o objetivo de desmascarar a heresia ariana, é, surpreendentemente, não muito apaixonado do termo. Pelo menos, ele reconhece que isso soa estranho para alguns ouvidos devotos. Em seu De Decretis (V, 22), ele diz: "Se, pois nenhum homem concebe como se Deus fosse composto, de modo a ter acidentes em sua substância, ou qualquer desenvolvimento externo, ... ou como se houvesse alguma coisa sobre ele que completa a substância, de modo que, quando dizemos "Deus" ou nomeamos "Pai", não significamos a substância invisível e incompreensível, mas alguma coisa a respeito, então queixem-se do Conselho afirmando que o Filho era da substância de Deus; mas reflitam que, assim, considerando que cometem duas blasfêmias, pois tornam Deus material, e dizem falsamente que o Senhor não é Filho do próprio Pai, mas do que há nele. ... Portanto, ninguém se assuste ao ouvir que o Filho é da substância do Pai. ... Para eles [os pais da igreja considerou a mesma coisa que dizer que a Palavra era de Deus , e 'da substância de Deus', já que a palavra 'Deus', como eu já disse, não significa nada, mas o substância dAquele que é. "

Nesta conjuntura, o ponto em questão não é a doutrina da Trindade, que era obviamente o principal interesse de Atanásio, mas a identificação de Deus com a substância de Deus. Deus não é um composto de substância e atributos, a substância está sob os atributos, apoiando-os para que não caiam na terra; nem os atributos são alguma adição à substância, completando-a. Hoje, podemos ter dificuldade em perceber que a distinção entre substância e atributo é blasfêmia, mas Atanásio especifica por que é dupla blasfêmia. Torna Deus material porque a substância seria matéria e a forma do atributo, e isso resulta em dizer que o Filho não é o Filho do Pai, mas o Filho de apenas uma parte do Pai.

Berkhof é um exemplo contemporâneo de quem nega a distinção entre substância e atributo. Sua Teologia sistemática (p. 62) diz claramente que os atributos não são distintos da essência. É possível que a força motriz na distinção entre substância e atributo seja o romanismo, pois essa distinção é necessária à doutrina romena da transubstanciação. Na missa o milagre está localizado na presença contínua dos sensoriais atributos de pão e

vinho, enquanto o padre mudou a substância do natural para o divino. Pode ser difícil encontrar uma razão tão convincente na teologia evangélica para manter essa distinção.

Deus, portanto, é sua substância; sua substância são seus atributos; todos os seus atributos são um; e este é Deus.

(i) . A Glória de Deus .

Todo o material deste capítulo pode ser referido sob o título da glória ou transcendência de Deus. Por causa da menção de Cyrus, alguns parágrafos acima, pode-se tirar uma conclusão dessa profecia bem conhecida.

“Assim diz o Senhor ao seu ungido, a Ciro, cuja mão direita eu segurei. ... irei adiante de ti, e endireitarei os lugares tortos ... e darei-te o tesouro das trevas

.. para que saibas que eu, o Senhor, que te chamo pelo teu nome, sou o Deus de Israel. ... Eu sou o Senhor, e não há mais, não há Deus além de mim; Cingi-te, embora tu não me conhecesses; para que saibam, desde o nascer do sol, e do oeste, que não há ninguém além de mim. Eu sou o Senhor, e não há mais nada. Eu formo a luz e crio as trevas; Eu faço as pazes e crio o mal; Eu, o Senhor, faço todas essas coisas. ... Ai daquele que luta com o seu Criador ... Dirá o barro àquele que o forma: Que fazes? do teu trabalho, ele não tem mãos? ... Eu fiz a terra e criei o homem sobre ela; Eu, mesmo minhas mãos, estendi os céus, e todo o exército deles eu ordenei ... Jurei por mim mesma, a palavra saiu da minha boca ... que para mim todo joelho dobrará toda língua jurará.

(…) Bênção e honra, glória e poder para quem está assentado no trono ... porque o Senhor Deus Onipotente reina.

Capítulo quatro

A criação

Sob o título da onisciência, pode-se discutir, não apenas o autoconhecimento de Deus sobre as relações trinitárias, mas também o mundo atual, sua constituição, sua história e seu ponto culminante. Assim, as guerras de Israel e o cativeiro babilônico poderiam ser colocadas como um parágrafo sob o título de onisciência. Mas como teólogos e estudantes do seminário não vêem todo o conhecimento de uma só vez, devemos dividir o todo em partes menores. Uma parte desse todo é o próprio todo novamente. Depois de um capítulo sobre Deus, é costume discutir o decreto divino. Como esse é o plano e o propósito eterno de Deus e, portanto, é logicamente anterior à sua execução nas obras da criação e providência, o decreto provavelmente deve ser estudado antes de iniciar a criação do céu e da terra. Mas como a doutrina da criação inclui o propósito para o qual o mundo foi feito, o decreto eterno pode ser discutido sob o subtítulo subtítulo! do propósito do mundo.

Criação ex nihilo

A Bíblia, organizada em ordem cronológica principal, começa com a primeira exibição de onipotência e onisciência, a saber, a criação do universo. Como sempre, o ponto de partida são os dados bíblicos.

> Gênesis 1: 1 No princípio, Deus criou o céu e a terra.
>
> Neh. 9: 6 Tu és o Senhor, só tu; tu fizeste o céu, o céu dos céus, com todo o seu exército, a terra e todas as coisas que nela existem, os mares e tudo o que neles há. dr. É um. 42: 5.
>
> Atos 14:15 Também somos homens de paixões semelhantes a você, e trazemos boas novas a você
>
> para que voltes destas coisas vãs para um Deus vivo que criou o céu e a terra e o mar e tudo o que nelas existe.
>
> Heb. 3: 4 Quem construiu o universo é Deus.

Nestes versículos e outros a serem mencionados, o primeiro ponto a ser observado é que Deus criou todas as coisas do nada. Os termos utilizados na teologia são criação ex nihilo ou fiat criação .Este refere-se a iniciação da sequência temporal de Deus; e para aprender como todas as revelações estão interconectadas, o aluno pode considerar como o relato da criação apóia algum material anterior sobre a natureza de Deus. Quando perguntamos, o que é Deus? a resposta é criadora do céu e da terra.

Em Atos 14:15, citado acima, Paulo e Barnabé, depois de terem sido confundidos com Mercúrio e Júpiter, distinguiram esses deuses pagãos do Deus vivo que criou o céu e a terra. A criação era a característica distintiva. Os versículos ensinam que Deus é onipotente porque somente a onipotência poderia criar ex nihilo .

O verbo hebraico bara em Gênesis 1: 1 talvez não provar conclusivamente criação ex nihilo; mas seu significado, sobre o qual o aluno pode perguntar ao professor de hebraico, é tão estranho que o sugere fortemente. Somada às suas peculiaridades linguísticas, a frase “no começo” mostra que não havia nada anterior a partir do qual construir um universo. Passagens adicionais são ainda mais claras.

Gênesis 1: 3 E disse Deus: Haja luz, e houve luz.

Psa. 36: 6, 9 Pela palavra do Senhor foram feitos os céus,

e todo o exército deles pelo sopro da sua boca. . . .
Pois ele falou e foi feito.

João 1: 3 Todas as coisas vieram a existir através dele, e sem ele nenhuma coisa veio a existir.

Col. 1:16, 17 Porque por ele todas as coisas no céu e na terra foram criadas.

11. . e ele está diante de todas as coisas e por ele o universo se destacou.

Heb. 11: 3 Pela fé entendemos que os mundos foram ordenados pela palavra de Deus, para que os objetos sensoriais não surgissem dos fenômenos.

Que o universo surgiu através do mero mandamento de Deus, é claro tanto no Gen.

1: 3 e Psa. 36: 9. Deus falou e foi feito. Com o verbo feito Salmo 36 ainda pode ser verdade mesmo se não foram pré-existentes materiais dos quais Deus organizou os céus por seu fiat. No entanto, as três últimas passagens da lista não poderiam ser mais claras ao negar o uso de materiais de construção por Deus. Nada, exceto Deus, existia antes de Deus falar. Estes versos, que a criação ensinar ex nihilo , também incidem sobre a doutrina da Trindade, para João 1: 3 e Cl 1:16 mostram que Cristo foi o Criador. Isso é digno de nota, embora o ponto principal agora não seja o papel de Cristo como pessoa, mas o fato de que o mundo foi criado do nada: todas as coisas, sem exceção, surgiram através de Cristo, e nenhuma coisa surgiu sem ele. . Ele é antes de todas as coisas. Nada existia para ele trabalhar. Por Ele, todo o universo se destacou, ou foi completado. O mundo não "consiste" em Cristo, como a água consiste em hidrogênio e oxigênio, ou como pão consiste em trigo. Mesmo a versão King James, quando se usa a palavra composta , não significa dizer isto. "Destacou-se" é uma tradução melhor. Em vez de dizer "nele todas as coisas consistem" ", justifica-se dizer:" Por sua ordem, todas as coisas se manifestaram ". Isso exclui todos os materiais preexistentes.

Acima, observou-se que havia alguma vantagem lógica em discutir a natureza de Deus primeiro e depois de suas obras. Hebreus 11: 3 tem mais sobre suas obras do que sobre o próprio Deus. Diz antes de tudo que a doutrina da criação não deve ser entendida pela observação empírica, mas pela fé. Por esse motivo, tenta demonstrar a visão cristã da natureza com base em

experimentação científica é inútil. As segundas leis da termodinâmica, ou hipóteses de que o sol irá explodir ou congelar, e coisas do gênero, são todas irrelevantes. Nós entendemos pela fé. Pensadores seculares regularmente rejeitam a fé; infelizmente alguns cristãos rejeitam o entendimento. Ambos interpretam mal a fé. Como John Owen, o grande escritor puritano, diz em seu Comentário sobre Hebreus neste momento, a fé é o nosso assentimento às verdades da revelação. Então o verso faz uma declaração intrigante, negando um tipo particular de cosmologia. A tradução desconhecida acima foi feita para prender a atenção do aluno. Por mais estranho que seja para nossos ouvidos e memória, é uma tradução suficientemente precisa. Mas é necessária alguma exegese.

Se o que é visto, ou seja, os objetos visíveis, como árvores e rios, não surgiu de fenômenos, ou, mais de acordo com a ordem das palavras no texto, se objetos visíveis mesmo se tous aionas é tomado para se referir a épocas históricas , na era de Abel, de Enoque, de Noé, a frase inclui objetos visíveis se, para repetir, objetos visíveis surgirem do que não é fenomenal, alguém pode perguntar: Qual é a identidade desse não fenomenal do qual os objetos sensoriais foram feitos? Dizer simplesmente que eles vieram do nada

parece ignorar um possível contraste que este versículo sugere pela palavra fenômenos .Delitzsch diz que o sentido do verso deve ser completada pela à frase não de fenômenos O contraste “mas a partir noumena.”

Hodge (Vol. I, p. 560) objeta que “Isso é platonismo, e estranho aos modos bíblicos de pensar e ensinar”. Mas não é platonismo, e há outros textos bíblicos que apóiam a sugestão de Delitzsch. Ao contrário do trinitarismo monoteísta bíblico, Platão colocou três princípios eternos independentes. O princípio supremo era o mundo das idéias. Esse mundo ideal consistia nas idéias do homem, animal, beleza, justiça, etc., e no topo da idéia do bem.

Alguns estudiosos platônicos, tanto cristãos quanto seculares, entenderiam essas idéias da mesma maneira que os físicos recentes veem as leis da física. Essa visão do mundo das idéias como um conjunto impessoal de leis se torna mais plausível ao incluir o número de aritmética entre elas. O último ponto e sua relação com o neoplatonismo é muito técnico para discutir aqui; mas o diálogo Sophist torna bastante claro que, para Platão o mundo das ideias não era um morto, conjunto impessoal de leis, mas uma mente viva. No entanto, não foi o criador do céu e da terra.

O segundo no mundo das Ideias era o Demiurgo não-chegado, a Alma divina que se formou, forma e formará o mundo visível de acordo com os padrões das Ideias. Uma árvore é uma árvore e um homem é um homem porque o Demiurgo a fez como a Árvore Ideal e o Homem Ideal. O terceiro princípio, também independente, é o Espaço caótico e recalcitrante, do qual o Demiurgo molda o cosmos visível, ou sobre o qual ele impõe à força o padrão Ideal. Isso é platonismo.

Philo, um filósofo judeu e um contemporâneo mais antigo de Cristo, foi de fato influenciado pelo platonismo; mas ele viu que essa parte básica do sistema não estava de acordo com o Antigo Testamento. Por isso, ele colocou o criador do céu e da terra, Jeová, na posição suprema e colocou as Ideias na mente de Deus.

Estes são os noumena, os objetos que Deus pensa.

A diferença é esta: Platão distinguiu entre o princípio mais alto e a Alma que modela o mundo visível. Este último, embora independente, não faz parte de fazer das Idéias o que são. Eles não existem porque ele os pensa; mas ele os pensa porque eles existem independentemente dele. No cristianismo, porém, o princípio filosófico supremo e o

1 Cf. Thales a Dewey, Gordon H. Clark, pp. 195210

Criador são um e o mesmo. A Bíblia também elimina o espaço caótico ou a matéria sobre a qual as Formas são impostas. Portanto, não é platonismo sustentar com Delitzsch que existem noumena dos quais os fenômenos derivam suas características. Essa visão é filônica ou bíblica.

As outras evidências bíblicas para tais noúmens, que Hodge diz que não existem, estão em toda parte que atribuem a Deus um plano do universo. Não apenas existe um plano abrangente, com um fim pré-determinado, um assunto a ser considerado em um momento com referência ao propósito de Deus na criação, mas as Escrituras também se referem a esses noumena quando se fala em assuntos muito pequenos. Deus criou o homem de acordo com o plano (por assim dizer) eterno em sua mente. Êxodo 25: 9 diz que Deus mostrou a Moisés o padrão do tabernáculo e o padrão de todos os seus móveis. Números 8: 4 menciona o padrão do castiçal, incluindo o desenho da flor. Veja também Heb. 8: 5. Esses padrões são as idéias. Portanto, a causa ou explicação dos objetos visíveis que Moisés fez, e todos os outros fenômenos, é o padrão ideal que não aparece para os sentidos.

Há outra razão, não tão imediatamente relacionada à doutrina da criação, que requer a colocação de noumena divina. No final da Idade Média, surgiram filósofos nominalistas que afirmavam que apenas os indivíduos sensoriais são reais. John e James são reais; mas o homem não é. O nominalismo também é uma posição amplamente aceita neste século. Oswald Spengler disse: Existem homens, não há homem. Os discípulos contemporâneos de Berkeley e Hume reduziram "idéias abstratas" a peculiaridades linguísticas. Bichanos que meow são reais, mas o gato é apenas um som. Todos os substantivos abstratos, como gato, cachorro, homem não têm outra existência além de vibrações no ar. Mas se isso

nominalismo fosse assim, como poderia uma coisa média cristã por palavras tais como justificação , a imputação , ou mesmo pecado ? Estas não são indivíduos sensoriais, a realidade é, em grande parte não-sensorial. Isso não é paganismo. É o cristianismo.

4. Materialismo .

Se o suficiente já foi dito sobre a criação ex nihilo de acordo com as idéias na mente de Deus, a discussão pode agora passar para a representação dessas idéias no espaço. Como isso significa o universo visível ou físico, o sujeito colide com questões da ciência secular. Um contraste mais importante entre visões seculares e a posição bíblica é o contraste entre materialismo ou mecanismo sem propósito e teleologia divina. Esse contraste pode ser introduzido por outra referência ao desgosto de Hodge pelo platonismo.

Se a afirmação de idéias na mente de Deus é platonismo, então a afirmação de um propósito na natureza deve ser platonismo também, pois as idéias de Platão eram propósitos. Platão apenas vagamente antecipado por Heráclito e Anaxágoras, foi o primeiro filósofo a enfatizar a teleologia, ou seja, o fato de que o mundo deve ser explicado em termos de propósito. Neste século XX, quase todos os filósofos não cristãos negam o propósito universal e descrevem a natureza em termos mecânicos. Isso resultou do sucesso de cientistas renascentistas, como Galileu, em contraste com a fútil teleologia aristotélica da Idade Média. Descartes (15901650) ainda reconhecia que Deus tinha propósitos; mas os homens só podiam dar explicações matemáticas ou mecânicas dos fenômenos naturais. Os cientistas posteriores simplesmente abandonaram Deus e o propósito.

Às vezes, essa visão é chamada de materialismo, especialmente quando foi estendida para cobrir o comportamento de animais e homens. Agora, na Grécia antiga e na Alemanha do século XIX, havia

eram materialistas apropriadamente chamados. Demócrito retrata o universo como um complexo de átomos no espaço vazio. Esses corpos indivisíveis e impenetráveis colidiram, e suas combinações são o mundo visível. Na Alemanha Vogt e Büchner escreveu sobre Kraft und Stoff , e explicou como um movimento causou outro movimento de acordo com as leis newtoniana. Mas

hoje quase ninguém pensa no mundo como uma coleção de partículas discretas. Essa rejeição ao atomismo ou materialismo não se baseou na recente divisão do "átomo". Certamente, a física nuclear destruiu a teoria atômica do século passado; ainda assim, poderia ter postulado corpos tridimensionais menores. Mas mesmo antes da fissão nuclear, Mach e Haeckel descartavam átomos e substituíam sensações, espíritos ou, talvez, centros de força pontuais. O espaço não estava mais vazio; era um plenum e um continuum.

Ernst Nagel, em seu discurso presidencial à American Philosophical Association, em 1954, mais materialista do que Haeckel, declarou que a primazia causal da matéria organizada, a contingência de eventos na organização de corpos localizados no espaço-temporal, é uma das conclusões da experiência mais testadas. Ele é particularmente enfático por não haver lugar para um espírito imaterial ou para a sobrevivência da personalidade depois que o corpo se deteriora. Esses princípios, ele repete, são apoiados por evidências convincentes e conclusivas.

Se esta foi a intenção de negar que energia é o componente final e única do universo, e para afirmar a ultimidade de três corpos tridimensionais, ainda que pequena, pode ser chamado de materialismo. Mas essa não é a visão majoritária dos físicos de alto nível; e talvez Nagel tenha deliberadamente dito "corpos" em vez de partículas, porque ele claramente tinha em mente apenas macrofísica e antiteologia.

O materialismo newtoniano e antigo se foi. O século XX produziu uma profusão de novas idéias, algumas restritas e outras bastante gerais. Se há algo certo além da morte e dos impostos, é que a ciência continuará mudando, não apenas em detalhes, mas em geral. Portanto, é uma má política para os teólogos cristãos levar a ciência contemporânea muito a sério. Sem dúvida, a população ou a população cristã deseja algum esclarecimento sobre como a ciência ateísta pode ser combatida. Mas deve-se sempre lembrar que a ciência está constantemente mudando e que,

depois que o longo reinado da síntese newtoniana terminou não faz um século, as teorias que tomaram seu lugar mudaram e foram substituídas por uma rapidez muito maior.

6. Mecanismo

Desde a promulgação do princípio da indeterminação de Heisenberg, por volta de 1930, alguns cientistas e alguns filósofos aceitaram uma teoria do livre arbítrio e um universo desordenado. A rigor, embora o trabalho de Heisenberg tenha sido um importante avanço na física com referência à posição e velocidade de partículas minúsculas, sua filosofia indeterminista não segue validamente a partir de sua experimentação. Por essa razão, a teoria que substituiu principalmente o materialismo e que controla a investigação científica é o mecanismo. Esta teoria é conjunta, às vezes, com uma metafísica que postula um continuum, isto é, um material, substância ou matéria, ou, melhor, um campo eletromagnético que não é atômico ou composto de partículas discretas, mas é unitário ou homogêneo em sua extensão infinita ; ou, às vezes, e até menos substância "materialista" que consiste em "experiência" ou sensações. Ernst Haeckel em The Riddle of the Universe (pp. 2021), disse: “A matéria, ou substância infinitamente estendido, e espírito (ou energia) ou substância sensível e pensamento são os dois atributos fundamentais ... do todo abrangente

essência divina do mundo, a substância universal. ” Ernst Mach (18381916), um de seus contemporâneos, com melhores credenciais científicas, resolve mais profundamente o universo em sensações. No entanto, quando a “experiência” é tornada básica, não se segue que a “experiência” seja mental. John Dewey e outros rejeitam o materialismo e o mentalismo, embora aqui, como também com Spinoza, cuja substância possuísse todos os atributos, seja difícil entender o que são precisamente as coisas do universo. De qualquer forma, a física resultante é matematicamente determinística. Dadas as posições e velocidades dos pontos, suas posições e velocidades futuras podem ser previstas por meio de equações diferenciais.

Os teólogos do século passado eram particularmente infelizes em viver numa época em que a ciência parecia monolítica. Dirigindo-se ao seu dia, eles cometeram vários erros. Parte da refutação do

materialismo por Hodge depende da suposição de que o produto do infinito e do zero é zero. (Vol. I, p. 211). Strong (Vol. II, p. 371), parece aceitar a definição de força como "energia sob resistência". A definição real de força na ciência newtoniana era "o produto de massa e aceleração". Strong também (Vol. I, pp. 90, 91) diz: "Privar átomos de força e tudo o que resta é extensão, que = espaço = zero". Como o espaço é igual a zero, ele não explica. Mas se isso acontecer, ele diz: "Se os átomos não forem estendidos, mesmo uma multiplicação e combinação infinitas deles não poderão produzir uma substância estendida". Aqui está uma falácia plausível: plausível, mas não menos falaciosa. A premissa não expressa desse argumento é que as qualidades de um composto devem ser encontradas em seus elementos. Essa é a suposição subjacente à crítica de Eleno Zeno à visão de sensação de Demócrito. Se uma grande onda do oceano bate com um estrondo estrondoso em uma costa rochosa, as melhores partículas de spray devem ter produzido um pequeno ruído, pois a adição de ruídos não é igual a ruído. Agora, se nenhuma onda oceânica for útil, o

o experimentador pode pegar um pedaço de pimenta moída, subir em uma escada e deixar o pedaço cair no chão da cozinha. O som será zero, ele não ouvirá nada. Segue-se que um todo nem sempre é a soma de suas partes. E Leibniz não era estúpido quando tentou construir corpos estendidos a partir de mônadas não estendidas.

Igualmente peculiar é a aparente cegueira dos teólogos ao pensar que a causalidade usada na física do século XIX é semelhante à causalidade divina na criação do mundo. Portanto, eles se irritaram quando o filósofo Hume explodiu o conceito de causa e mostrou que a experiência não dá base para a idéia da conexão necessária. Kant então procurou defender a física newtoniana reintroduzindo a causa como uma forma a priori da mente. Mas, para Kant e os cientistas, todo evento era tanto uma causa quanto um efeito. Toda causa era um movimento de um corpo físico. Os argumentos de Hume, portanto, não tocaram na causalidade divina, nem os argumentos de Kant a sustentaram; pois nem os filósofos nem os cientistas estavam discutindo o tipo de causa que os teólogos tinham em mente. Por outro lado, os teólogos entenderam mal o que os cientistas estavam falando. Uma vez que o Deus da Bíblia não é um efeito e, portanto, não pode ser uma causa, os argumentos dos teólogos estavam frequentemente fora de questão. Quaisquer que sejam aqueles teólogos pensaram que poderiam descobrir sobre a causalidade de sua consciência ingênua, que teria sido melhor, se tivessem lido Notas sobre a causalidade por Herbert Feigl, The Character Causal da teoria física moderna por Ernest Nagel, ou Der Kausalbegriff in der Physik por Max Planck.

Há duas lições aqui para os teólogos aprenderem: primeiro, não levar a ciência muito a sério; e, no entanto, segundo, não entender mal o significado dos termos científicos. Além de mal-entendido o termo causa , os teólogos do século XIX usou a lei da gravitação para explicar milagres. Para citar: “Uma lei é substituída por outra. Quando apoio uma maçã na minha

Por outro lado, a lei da gravitação não deixa de agir, mas outro poder impede que a maçã caia. Assim, quando um avião voa entre as nuvens, ou um navio de aço flutua, ou um carneiro força a água a subir uma inclinação. As leis naturais operam o tempo todo, mas os artifícios humanos afetam seu objetivo, enquanto nenhuma lei da natureza é suspensa ou violada. ” Mas isso reduz os milagres às complexidades comuns entre as leis de Newton. Como hoje a síntese newtoniana foi descartada, o atomismo foi totalmente repudiado e, em vez de pedaços de matéria, as coisas do universo são chamadas de Energia, às quais apenas uma definição operacional pode ser dada, não devemos cair na mesma armadilha de depender da contemporaneidade. ciência ou filosofia. O operacionalismo parece ser o melhor método para lidar com a física, mas se há algo certo sobre a física, é que a física de hoje será descartada amanhã. A lei da gravitação não está de acordo com o material observacional; os conceitos de causalidade e uniformidade da natureza não desempenham nenhum papel na física; e o que os teólogos anteriores pensavam ser óbvio senso comum não pode ser invocado. Nosso ideal deve ser aderir aos dados bíblicos e não prestar atenção a idéias estranhas. Isso é mais difícil do que parece, no entanto; todos nós somos afetados pelo meio ambiente e é difícil purgar nossas mentes de nossa educação secular. Mas talvez seja mais fácil fazê-lo agora do que há cem anos atrás. Visto que hoje a ciência está mudando rapidamente, não parece mais tão absurdo supor que a ciência nunca tenha e nunca descreverá o processo da natureza. Se Hodge não tivesse sido tão antagônico em relação a Platão e tão amistoso em relação a Aristóteles a ponto de aceitar a visão deste último de que a ciência chega à verdade absoluta, ele poderia ter dado mais crédito à visão do ex-filósofo de que a ciência é sempre tentativa. Não foi apenas o filósofo Hume (Einstein entra em um momento) que disse:

“Portanto, podemos descobrir a razão pela qual nenhum filósofo, racional e modesto, jamais pretendeu atribuir a causa última de qualquer operação natural, ou mostrar claramente a ação desse poder, que produz qualquer efeito único no universo. Confessa-se que o máximo esforço da razão humana é reduzir os princípios produtivos dos fenômenos naturais a uma maior simplicidade e resolver os muitos efeitos particulares em algumas causas gerais, por meio de raciocínios de analogia, experiência e observação. Mas quanto às causas dessas causas gerais, devemos em vão tentar sua descoberta; nem jamais seremos capazes de nos satisfazer, por qualquer explicação particular deles. Essas fontes e princípios finais estão totalmente calados da curiosidade e investigação humanas. Elasticidade, gravidade, coesão de peças, comunicação de movimento por impulso; estas são provavelmente as causas e princípios finais que jamais descobrimos na natureza; e podemos nos considerar suficientemente felizes se, por meio de uma investigação e um raciocínio precisos, pudermos rastrear os fenômenos particulares até esses princípios gerais, ou próximos deles. A filosofia mais perfeita do tipo natural apenas evita um pouco mais a nossa ignorância: talvez a filosofia mais perfeita do tipo moral ou metafísico sirva apenas para descobrir porções maiores. Assim, a observação da cegueira e fraqueza humanas é o resultado de toda a filosofia e nos encontra a todo momento, apesar de nossos esforços para evitá-la ou evitá-la. ”

Se alguém menospreza os filósofos e diz que os cientistas devem ser citados, ele certamente deve prestar atenção a Einstein. Chaim Tschernowitz cita Einstein em uma conversa: não sabemos nada sobre isso. Nosso conhecimento é apenas o conhecimento de crianças em idade escolar. ... Saberemos um pouco mais do que sabemos agora. Mas a verdadeira natureza das coisas que nós nunca saberemos, nunca”(Readers Digest , agosto 1972, p.28).

Um teólogo cristão deve, portanto, ser cauteloso ao refutar visões anti-teístas com base em alguma teoria científica. De fato, pode-se mostrar que a filosofia do mecanismo não é derivada de nenhum argumento válido a partir da data da experimentação em laboratório. Também pode ser demonstrado que toda lei da física é falsa, se considerada como uma descrição dos processos da natureza. Mas embora toda a ciência seja falsa,

mecanismo para tudo isso ainda pode ser verdade. [2] Se alguém adota mecanismo ou teleologia depende dos primeiros princípios que um homem escolhe. A Bíblia afirma que Deus age com um propósito, e agora a discussão se volta para esse propósito.

---

6. Teleologia Bíblica

Como a sujeição ao propósito é tão importante e leva à doutrina do decreto divino, será dada uma lista de referências um pouco mais longas do que o habitual. Os versos variam em especificidade e universalidade; e, portanto, seguirá uma exposição.

J Sam. 17:14 Pois o Senhor designara derrotar o bom conselho de Aitofel, com a intenção de que o Senhor trouxesse o mal a Absalão.

Jer. 26: 3 Se assim for, eles ouvirão ... para que eu me arrependa do mal que pretendo eles.

Jer. 36: 3 ... Todo o mal que pretendo fazer com eles ...

Jer. 51:29 Todo propósito do Senhor será realizado contra Babilônia.

12. Gordon H. Clark A Filosofia da Ciência e crença em Deus

João 13:13 Eu sei quem eu escolhi; mas, para que se cumpra a Escritura, aquele que come pão comigo levantou contra mim os calcanhares.

Atos 26:16 Eu te apareci para esse fim.

ROM. 8:28 Sabemos que todas as coisas funcionam juntas para o bem daqueles que amam a Deus.

ROM. 9:11, 17 para que o propósito de Deus de acordo com a eleição possa permanecer ... Mesmo para esse mesmo propósito eu te levanto ...

Eph. 1:11 Sendo predestinado de acordo com o propósito daquele que faz todas as coisas segundo o conselho de sua vontade.

Eph. 3:11 De acordo com o propósito eterno que ele propôs em Cristo Jesus, nosso

Senhor.

II Tim. 1: 9 De acordo com seu próprio propósito.

1 João 3: 9 Para esse propósito, o Filho de Deus foi manifestado.

Alguns desses versículos afirmam particularmente que Deus tinha um propósito em relação a um determinado indivíduo ou a um certo evento datado: Aitofel e Absalão, Babilônia, Judas e Paulo. Se agora Deus é um Deus de Sabedoria, e se as previsões precisam ser cumpridas por eventos intermediários,

Podemos concluir que Deus tem um propósito para cada pessoa. Também podemos inferir que ele tem um propósito para todo animal, uma vez que é explicitamente declarado que nenhum pardal cai no chão sem a notificação do Pai. Obviamente, a observação do Pai não se restringe aos pardais: ela se estende a esquilos, elefantes, coiotes e o grande tubarão de Jonas.

Um físico hostil pode reclamar que isso não é motivo para dizer que a natureza como um todo tem um propósito, pois é possível construir um sistema mecanicista no qual existem propósitos, embora o

todo não tenha nenhum. O físico hostil, pelo mesmo raciocínio, também dirá que as referências das Escrituras não apóiam a posição platônica de que todos os conceitos devem ser definidos teologicamente. Ao qual um cristão pode responder que a Escritura atribui propósitos a objetos inanimados, uma vez que Deus criou o sol com o objetivo de "governar o dia" e com a lua e as estrelas para medir as estações do ano.

Para manter uma visão teleológica da natureza, não é necessário incluir conceitos teleológicos na definição de força. A força ainda pode ser massa vezes a aceleração, e o produto de ohms e amperes ainda pode ser volts. É esse o caso, ainda mais, se os termos científicos estão operacionais e, por duas razões aparentemente opostas, mas na verdade complementares. Primeiro, a física operacional não tem nada a dizer sobre a constituição da natureza. Portanto, seus termos podem ser desprovidos de intenção intencional sem negar a finalidade no mundo. Então, em segundo lugar, no operacionalismo, o objetivo está muito claramente localizado no próprio cientista. A ciência, portanto, não fornece evidências contra um conceito teleológico da natureza como um todo; e a posição cristã em sua própria base permanece intocada.

Agora, além das declarações sobre eventos particulares e pessoas individuais, alguns dos versículos da lista fazem afirmações mais gerais. Romanos 8:28 fala de todas as coisas. isto

não é como se as coisas funcionavam. Há uma leitura atestada pelos manuscritos p 46, A e B, que diz: "Deus trabalha todas as coisas". Esta pode não ser a melhor leitura, mas é o melhor sentido, pois não há nada na Bíblia que sugira que as coisas funcionem independentemente de Deus.Em qualquer caso, Ef 1:11 diz que somos predestinados de acordo com a resolução anterior daquele que trabalha todas as coisas segundo o conselho de sua vontade.Esta proposição totalmente universal diz claramente que é Deus quem trabalha ou controla todos os itens do universo da física e da história.É a decisão de Deus que fixa o número de cabelos em nossos cabeças e faz chover no dia 4 de julho em benefício daqueles que o amam.

Isso não quer dizer que o único propósito que Deus tenha em mente é o bem daqueles que o amam. Os objetivos vêm regularmente em série. Um homem se veste para sair de casa, para pegar o ônibus, para viajar pela cidade, para chegar à loja de departamentos, para comprar ontem um presente para o aniversário de sua esposa. Deus preservou Noé para fazer uma aliança com Abraão, para que houvesse um povo sobre quem Davi. era governar, a fim de se preparar para o Messias, para que Paulo pudesse pregar o evangelho em Corinto. Deus realmente trabalha todas as coisas para o bem de seus santos, mas o propósito da criação, o propósito do ato da criação, vai além disso, por mais importante que seja para nós.

(2) A Glória de Deus .

É apropriado, é importante, e é muito necessário dizer que Deus faz todas as coisas para sua própria glória. A glória de Deus é o propósito final e completo de tudo.

É um. 48:11 Por minha causa, por minha causa, eu o farei; pois como meu nome deve ser profanado? E minha glória não darei a outro. Ezek. 20: 9 Eu trabalhei pelo meu nome ...

Romanos 11:36 Porque dele, e por ele, e para ele são todas as coisas. Que ele seja glorificado sempre. Amém.

I Cor. 15:28 ... então o próprio Filho também será submetido àquele que lhe submeteu todas as coisas, para que Deus seja tudo em todos.

Col. 1:16 Todas as coisas foram criadas através dele e para ele.

Ap 4:11 Digno és tu, nosso Senhor e nosso Deus, de receber a glória ... pois criaste todas as coisas, e por causa delas eles foram e foram criados.

Sem dúvida, Deus pretendia beneficiar seus santos no curso da história; mas por que ele escolheu ter santos em primeiro lugar? A resposta é, para sua própria glória. O universo é dele, por ele e para ele. Quem o instruiu? Quem primeiro lhe deu alguma coisa? A humanidade é como uma gota em um balde ou o pó fino na balança (Isaías 40:15). Todas as coisas são para ele; ele é o fim deles; e por causa de sua vontade ou bom prazer, o universo foi criado. Que a glória de Deus é o objetivo último e original para o qual tudo foi feito é uma idéia da maior importância. Algumas páginas depois, muito disso será resumido sob o conceito de soberania de Deus. Não deve ser subestimado. No entanto, as Escrituras também fornecem outro propósito para a criação do mundo, subsidiário ao objetivo final, mas mais próximo da causa última do que o benefício dos santos. Sua importância é maior que os objetivos menores e é

particularmente útil saber porque fornece uma chave para a compreensão da ordem lógica das partes do decreto eterno.

J Quatro partes do propósito de Deus.

O propósito de Deus, como ficou óbvio; abrange muitos, de fato todos os eventos. Mas alguns eventos, algumas das escolhas ou determinações de Deus, são mais importantes que outros; e os teólogos se perguntam como esses decretos, como são chamados no plural, dependem um do outro. Certamente, muito literalmente, alguém poderia falar do decreto de chamar Abraão, fazer Davi rei de Israel, reconstruir Jerusalém, e assim por diante. Mas os quatro decretos mais gerais geralmente selecionados para estudo são a criação, a queda do homem, o decreto de salvar alguns e reprovar outros, e o decreto de fornecer salvação aos eleitos. As duas principais visões relativas à ordem lógica desses decretos são chamadas de infralapsarianismo e supralapsarianismo, dependendo se o decreto de eleger pressupõe e, portanto, ocorre abaixo ou depois da queda, ou se inversamente a eleição é anterior.

Os expoentes de ambas as visões concordam que a ordem dos decretos não é temporal ou cronológica, uma vez que todos são eternos na mente de Deus. É a ordem lógica que é procurada. Mas nenhuma das partes é muito clara quanto ao significado do termo ordem lógica. De fato, a visão infralapsariana parece ser simplesmente cronológica: criação, queda, provisão para a salvação e a eleição dos salvos. Alguns infralapsários fazem uma ligeira mudança e as listam como: criação, queda, eleição e provisão para os eleitos.

A visão supralapsariana, pelo menos como às vezes afirmado, também é cronológica, exceto que o decreto de eleição é colocado em primeiro lugar. HB Smith (p. 118) descreve o seguinte: "O

Supralapsarian diz que o propósito divino em relação ao pecado foi posterior ao propósito divino de salvação e punição, ou seja, na ordem dos decretos, a ordem lógica, o primeiro decreto é que Deus exporá sua glória, o segundo que ele fará isso salvando alguns e condenando outros, e o terceiro é o decreto da queda, o Lapsus. ” Smith favorece a posição infralapsariana, mas adota uma atitude derrotista e conclui: "todo o assunto dos decretos divinos está acima da compreensão do homem".

Essa aparente humildade tem sido frequentemente usada quando um teólogo não consegue ver como resolver seu problema. Mas, na verdade, é uma forma de presunção. Significa em primeiro lugar que, se o Dr. X não consegue pensar em uma solução, ninguém mais consegue. Em segundo lugar, isso significa que o Dr. X. entendeu tão completamente tudo, de Gênesis a Apocalipse, que ele pode afirmar com completa infalibilidade que as Escrituras não contêm uma única dica da qual uma solução possa ser deduzida ou mesmo adivinhada. E se isso significa, como certamente parece, que algumas Escrituras são ininteligíveis, contradiz a Palavra de Deus, que nos diz que todas as Escrituras são proveitosas para a doutrina.

Essas observações não negam que os exegetas cometam erros, nem que a ignorância do homem seja maior que seu conhecimento. Nem negam que Deus nos deu apenas uma revelação parcial. Mas quando um problema é apresentado pelas próprias Escrituras, parece mais sábio e humilde admitir que alguém não entendeu do que afirmar que ninguém mais pode entendê-lo.

O problema particular da ordem dos decretos não é tão difícil quanto muitos pensam. O derrotismo de HB Smith, as duas formas de infralapsarianismo, as esquisitices avançadas para uma ou outra visão, são principalmente o resultado de não se ter uma noção clara do que se entende por ordem lógica e oposta à ordem cronológica. Outras esquisitices podem ter uma origem diferente.

Turretin argumentou contra supralapsarianismo dizendo que, “de uma nonens nada pode ser determinado;” daí o decreto para criar um ens deve preceder a queda e eleição. Isso é mau escolasticismo. Isso implicaria a impossibilidade de Deus decretar qualquer coisa com antecedência. Por exemplo, sob esse ponto de vista, Deus não poderia ter decidido destruir Absalão por meio de maus conselhos até depois do nascimento de Absalão. Ou, mais ao ponto, Deus não poderia ter decretado para criar o homem como um ser racional, desde antes da criação, o homem real teria sido um nonens sobre o qual nada poderia ser determinado. Na verdade, todos os quatro decretos de Deus na eternidade relacionar não entia . O argumento de Turretin, portanto, parece implicar que Deus não decretou nada.

Vários escritores se opõem ao supralapsarianismo porque as Escrituras freqüentemente retratam os santos como tendo sido salvos da massa da humanidade caída. O santo é “uma marca arrancada da queima” (Zc 3: 2). “Você só conheci todas as famílias da terra” (Amós 3: 2) “Salve-se desta geração desonesta” (Atos 2 : 40). Mas tais versículos e outros como eles são irrelevantes para o problema atual. As Escrituras procedem historicamente, cronologicamente. Eles descrevem as ameaças dos profetas e as exortações dos apóstolos. Naturalmente, as Escrituras dizem que Cristo veio para "nos libertar deste mundo maligno atual". Mas essa cronologia óbvia não pretende declarar a ordem lógica dos decretos, mas o relato cronológico nos dá uma dica sobre a ordem lógica.

14. O Propósito Particular da Criação Vamos examinar Ef. 3:10.

O principal problema exegético de Efésios 3: 10 é a identificação do antecedente da cláusula de propósito: "para que a multiplicidade de sabedoria de Deus possa agora ser conhecida, por meio da Igreja, aos principados e poderes nos lugares celestiais, de acordo com o propósito eterno que ele propôs em Cristo Jesus, nosso Senhor. " Algo aconteceu nos versículos anteriores com o objetivo de revelar a sabedoria de Deus. O que foi que tinha esse propósito?

Existem três e, aparentemente, apenas três antecedentes possíveis: (1) Paulo foi chamado para pregar para que, (2) o mistério fosse oculto para que, e (3) Deus criou o mundo para isso.

Primeiro, gostaria de eliminar da consideração a segunda dessas possibilidades. Esta interpretação sustentaria que Deus manteve um certo segredo escondido desde o começo do mundo, a fim de revelá-lo nos dias do Novo Testamento. O único suporte textual para essa exegese, além do fato de que o evento de ocultação é mencionado antes da cláusula de propósito, é a palavra agora. Ao enfatizar a palavra agora, pode-se dizer que o mistério ou segredo foi mantido oculto com o objetivo de revelá-lo agora. É verdade que a posição enfática dada ao verbo pode ser divulgada e, portanto, é apontado um contraste com a ocultação anterior. A palavra agora, no entanto, não é particularmente enfática e não pode suportar o fardo dessa exegese. O fardo é considerável, pois, embora seja possível esconder algo para torná-lo conhecido posteriormente, é mais provável que a revelação seja o propósito da pregação de Paulo ou da criação do mundo por Deus. Esconder é uma idéia mais ou menos negativa e parece razoável esperar algum evento definido e externo que tenha o propósito declarado aqui.

Vamos considerar a próxima possibilidade. A interpretação que Paulo foi chamado para pregar para que a sabedoria de Deus fosse divulgada parece se encaixar muito bem no contexto anterior.

No versículo 8, Paulo acabara de se referir à graça que Deus lhe dera com o propósito de pregar o evangelho aos gentios. A partir deste ponto, a longa e complicada frase continua até o final do versículo 13. Ainda mais atrás, no versículo 2. a idéia da pregação de Paulo havia sido introduzida. Portanto, ninguém pode duvidar que a pregação de Paulo é a idéia principal. ou pelo menos uma das idéias principais desta passagem. Se o ministério pessoal de Paulo recua ou não de sua posição principal à medida que o parágrafo se aproxima de seu fim, e que outras idéias subordinadas podem ser encontradas nos versículos 911, é claro que deve ser determinado por exame direto. Mas a idéia da pregação de Paulo é sem dúvida proeminente.

Agora, perguntamos se a revelação da sabedoria de Deus aos poderes no céu é o propósito da pregação de Paulo.

Charles Hodge pensa que é. Além de suas objeções a outros pontos de vista, que estudaremos atualmente, seu argumento positivo é o seguinte: "O apóstolo está falando de sua conversão e chamado ao apostolado. A ele foi dada a graça para pregar as riquezas insondáveis de Cristo, e ensine a todos os homens a economia da redenção, "para que" através da Igreja seja conhecida a multiplicidade de sabedoria de Deus. É somente assim que a conexão desse versículo com a idéia principal do contexto é preservada. projeto de criação, mas o design da revelação do mistério da redenção, do qual ele está falando aqui (***Commentary, em loc.*** p. 119).

Por enquanto, a única objeção à exegese de Hodge é a noção aparentemente peculiar de que a pregação de Paulo na terra revela a sabedoria de Deus aos poderes do céu. Ninguém ficaria surpreso se a pregação de Paulo na Terra revelasse a sabedoria de Deus para os homens. Mas Paulo não pregou para anjos, demônios ou quem quer que sejam esses poderes. É certo que se pode dizer que a pregação de Paulo e a fundação da Igreja revelam a sabedoria de Deus a esses poderes, se supusermos que Deus direcionou sua atenção para o que estava acontecendo. Nesse caso, a pregação de Paulo teria esse propósito, mas seria um objetivo que seria removido um ou dois passos. Imediatamente pareceria mais natural conectar a pregação de Paulo com seus efeitos sobre os homens do que sobre os anjos ou demônios.

No entanto, como nenhuma razão gramatical decisiva pode ser avançada contra essa interpretação, é presumivelmente impossível refutá-la.

Por outro lado, existe uma terceira interpretação, também gramaticalmente possível, que parece ter razões mais pesadas a seu favor e que não sofre com as objeções feitas contra ela. Gramaticalmente, de fato, essa terceira interpretação não é apenas igualmente boa, mas preferível.

Quando dizemos que Deus criou o mundo com o objetivo de exibir sua sabedoria múltipla, conectamos a cláusula de propósito ao antecedente mais próximo. Como qualquer um pode ver, a referência à pregação de Paulo se encontra várias cláusulas mais adiante. O antecedente imediato é a criação, e essa posição, sustentamos, é de algum valor para decidir o assunto.

Como, portanto, a sintaxe é pelo menos um pouco a seu favor, o melhor procedimento é examinar objeções contra entendê-la.

Novamente voltamos a Hodge por essas objeções. A visão de que Deus criou o universo para exibir sua sabedoria múltipla é, como Hodge diz, a visão supralapsariana. Contra essa interpretação, Hodge pede quatro objeções: (1) Essa passagem é a única passagem das Escrituras que afirma diretamente o supralapsarianismo, e o supralapsarianismo é estranho ao Novo Testamento. (2) Além das objeções doutrinárias, essa interpretação impõe uma conexão não natural às cláusulas. A idéia de criação é inteiramente subordinada e não essencial: poderia ter sido omitida sem afetar materialmente o sentido da passagem. (3) O tema da passagem diz respeito à pregação de Paulo; somente conectando a cláusula de propósito à pregação de Paulo é que a unidade do contexto pode ser preservada. (4) A palavra agora, em contraste com a ocultação anterior, apóia a referência à pregação de Paulo. Foi a pregação de Paulo que havia posto um fim à ocultação do segredo. Essas são as quatro objeções de Hodge.

Vamos considerar o último primeiro. É certo que foi a pregação de Paulo que fundou a Igreja, e a fundação da Igreja tornou conhecida a sabedoria de Deus para os poderes do céu. A interpretação supralapsariana não nega que a pregação de Paulo desempenhou esse papel importante no plano eterno de Deus. Mas, mesmo assim, a pregação de Paulo não foi a causa imediata da revelação da sabedoria de Deus. Foi a existência da Igreja que foi a causa imediata. No entanto, a gramática nos impede de dizer que a Igreja foi fundada para que a sabedoria de Deus seja revelada. É verdade que a Igreja foi fundada para revelar a sabedoria de Deus, mas não é isso que o versículo diz. Agora, se tivesse ocorrido vários eventos, que conduz a esta revelação da sabedoria de Deus, incluindo a fundação da Igreja, a pregação de Paulo e, claro, a morte e ressurreição de Cristo, que Paulo pregou, a palavra ***agora*** no versículo não pode ser costumava soltar

a pregação de Paulo em contraste com outros eventos mencionados na passagem. A quarta objeção de Hodge é, portanto, fraca.

A seguir, a primeira objeção: esta é a única passagem das Escrituras que afirma diretamente o supralapsarianismo, e o supralapsarianismo é estranho ao Novo Testamento. A segunda metade dessa objeção é, evidentemente, um petitio principii, isto é, Hodge implora a pergunta. Se este versículo ensina o supralapsarianismo, a doutrina não é estranha ao Novo Testamento. Nós devemos primeiro determinar o que o versículo significa; então saberemos o que está no Novo Testamento e o que talvez não esteja.

Certamente, se este versículo fosse de fato o único versículo da Bíblia com conotações supralapsárias, estaríamos justificados em alimentar alguma suspeita da interpretação. Hodge não diz explicitamente que este é o único verso; ele diz que é o único verso aduzido como afirmando diretamente o supralapsarianismo.

Bem, na verdade, mesmo esse versículo não afirma diretamente toda a complexa visão supralapsariana. Muito poucos versículos nas Escrituras afirmam diretamente toda a doutrina principal. Portanto, devemos reconhecer graus de franqueza, afirmações parciais e até fragmentárias de uma doutrina. E com esse reconhecimento, regularmente reconhecido no desenvolvimento de qualquer doutrina, é evidente que esse versículo não fica sozinho em um isolamento suspeito.

O supralapsarianismo, apesar de toda a insistência em uma certa ordem lógica entre os decretos divinos, é essencialmente, ao que parece, a visão inquestionável de que Deus controla o universo propositadamente. Deus age com um propósito. Ele tem um fim em vista e vê o fim desde o começo. Todo versículo nas Escrituras que, de uma maneira ou de outra, se refere à múltipla sabedoria de Deus, toda declaração indicando que um evento anterior tem o objetivo de causar um evento subsequente,

toda menção a um plano eterno e abrangente contribui para uma visão teleológica e, portanto, supralapsariana do controle da história de Deus. Sob essa luz, Efésios 3:10 claramente não está sozinho.

A conexão entre o supralapsarianismo e o fato de que Deus sempre age propositadamente depende da observação de que a ordem lógica de qualquer plano é o reverso exato de sua execução temporal. O primeiro passo em qualquer planejamento é o fim a ser alcançado; então os meios são decididos, até que a última coisa a ser feita seja descoberta. A execução no tempo reverte a ordem do planejamento. Assim, a criação, uma vez que é a primeira da história, deve ser logicamente a última nos decretos divinos. Toda passagem bíblica, portanto, que se refere à sabedoria de Deus também apóia Efésios 3:10.

Em seguida, vem a objeção número dois. Hodge afirmou que a interpretação supralapsariana deste versículo impõe uma conexão não natural sobre as cláusulas. A idéia de criação, disse ele, é totalmente não essencial e poderia ter sido omitida sem afetar materialmente o sentido da passagem.

Não é evidente que Hodge não saiba como lidar com a referência à criação? Ele afirma que não é essencial, um acaso e uma observação impensada que não afeta o sentido da passagem. Essa escrita descuidada não me parece o estilo usual de Paul.

Por exemplo, em Gálatas 1: 1, Paulo diz: "Paulo, apóstolo, não dos homens nem do homem, mas de Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos". Por que agora Paulo mencionou que Deus ressuscitou Jesus Cristo? Se fosse uma observação casual, sem conexão lógica com o sentido da passagem, uma observação destinada apenas a falar de algum aspecto da glória de Deus, Paulo poderia muito bem ter dito: Deus que criou o universo.

Mas é bastante claro que Paulo tinha um propósito consciente ao selecionar a ressurreição em vez da criação. Ele queria enfatizar, contra seus detratores, que ele tinha autoridade apostólica do próprio Jesus Cristo. E Jesus Cristo foi capaz de lhe dar essa autoridade porque ele não estava morto, mas havia sido ressuscitado por Deus.

Assim, como Paulo escolheu a idéia da ressurreição em vez da criação em Gálatas 1: 1, ele também escolheu a criação em vez da ressurreição em Efésios 3: 9 porque a idéia da criação contribuiu com algum significado para seu pensamento. Certamente a interpretação supralapsariana ou teleológica de Efésios 3:10 acomoda a idéia de criação, e, ao contrário, uma interpretação que não pode encontrar significado nessas palavras é uma interpretação pior.

A objeção remanescente é que somente fazendo da pregação de Paulo o antecedente da cláusula de propósito, a unidade do contexto pode ser preservada. O inverso parece ser o caso. Não apenas Hodge falha em explicar a menção da criação e, portanto, diminui a unidade, mas aumenta ainda mais o estresse de propósito, que vai da criação ao presente, unificando a passagem da maneira mais satisfatória. De fato, a compreensão teleológica da obra de Deus nos permite combinar todas essas três interpretações, incluindo a segunda que em si tem muito pouco a seu favor, em um pensamento unificado. Visto que Deus faz tudo com um propósito, e como o que precede no tempo tem, de maneira geral, o propósito de se preparar para o que se segue, podemos dizer que Deus manteve o segredo escondido para revelá-lo agora, e também que Paulo pregou o evangelho a fim de revelá-lo agora. Mas se Deus não tivesse criado o mundo, não haveria Paulo para pregar, nenhuma Igreja pela qual a revelação pudesse ser feita, nenhum poder celestial sobre o qual imprimir a idéia da múltipla sabedoria de Deus. Somente conectando a cláusula de finalidade ao

antecedente imediato a respeito da criação, pode-se obter um sentido unificado da passagem como um todo.

Portanto, em conclusão, embora a outra interpretação seja gramaticalmente possível, a idéia de que Deus criou o mundo com o objetivo de revelar sua sabedoria faz muito mais sentido.

A doutrina dos decretos divinos deve ser novamente considerada na discussão sobre pecado e expiação. Mas talvez tenha sido dito o suficiente para um capítulo sobre criação.

10. Imutabilidade e criação.

No entanto, não seria necessário omitir deste capítulo uma discussão de um ponto extremamente difícil que assola a doutrina da criação. A dificuldade está na aparente antítese entre a imutabilidade divina e o ato único e único de criação, do qual Deus descansou no sétimo dia. A história da teologia não negligenciou essa dificuldade, mas as soluções propostas são às vezes dolorosamente superficiais.

Agostinho fez o possível com o problema: como o eterno e o imutável podem produzir o temporal e a mudança? A famosa Passagem nas Confissões (XI, 10 ou 12) começa com a pergunta dos maniqueístas: "O que Deus estava fazendo antes de criar o céu e a terra? Se ele era preguiçoso e inativo, por que, perguntam, por que ele não permanece assim pelo resto do tempo, o mesmo de antes, sem fazer nada? Se uma mudança ocorreu em Deus, uma nova vontade, para criar o que ele ainda não havia criado, como poderia haver uma eternidade verdadeira, quando uma vontade ocorreu que a vontade de Deus não é uma criatura; precede toda criatura; nada é criado sem a vontade preexistente do criador.A vontade de Deus pertence ao próprio

substância de Deus. Se na substância divina surge algo que não existia anteriormente, essa substância não pode ser verdadeiramente chamada de eterna. E se Deus sempre desejou a existência da criatura, porque não é a criatura também eterna?"(Cf. Cidade de Deus , XI, 45).

A maneira como os maniqueístas e Agostinho entenderam o problema resulta em uma solução que depende de uma teoria do tempo. A primeira palavra de Gênesis, "no começo", indica um momento em que as criaturas começaram a existir. Como, agora, a mudança define o tempo, o próprio tempo é uma criatura e começou no passado finito. Portanto, é errado imaginar Deus como não fazer nada por um longo tempo e depois criar esse mundo. Não havia tempo antes da criação. Deus é eterno, não temporal. Um tempo que precede a criação colocaria a questão: por que Deus escolheu um momento, em vez de um anterior? ou num momento posterior, no qual criar? Em um tempo infinito de vazio, cada momento seria indistinguível um do outro. Ninguém mais do que qualquer outro conteria uma razão para escolher esse como o momento da criação. Essa irracionalidade, portanto, impede uma passado infinito de tempo vazio. Da mesma forma, não poderia haver espaço vazio infinito, pois a mesma pergunta reaparece: Por que Deus criou o mundo aqui e não lá?

Augustine localiza a dificuldade em nossa equivocada tentativa de comparar dois tipos heterogêneos de duração, se de fato duração isat todos adequada nesta facilidade. Essas duas 'durações' são baseadas em dois tipos heterogêneos de ser. Ele então parece concluir (não obviamente em harmonia com sua forte insistência anti-cética de que certamente conhecemos Deus) que, como não conhecemos o ser de Deus, não podemos resolver o problema.

A solução de Tomás de Aquino é praticamente a mesma, pois depende de considerações de tempo e movimento; seus detalhes técnicos, no entanto, dificultam a compreensão. Ele reconhece que uma volição atrasada parece pressupor alguma modificação ou mudança em Deus, levando-o a

iniciar a ação. Se, portanto, Deus deseja imutável o mundo, o mundo sempre deve ter existido. Thomas argumenta que essa dificuldade resulta da aplicação às condições de Primeira e Universal Causa, aplicáveis apenas a causas particulares que atuam no tempo. Uma causa específica não é a causa do tempo em que sua ação ocorre; mas Deus, pelo contrário, é ele próprio a causa do tempo. O que é verdade sobre causas particulares em seus relacionamentos entrelaçados, uma parte do universo com outra, não é verdade para a produção do universo como um todo. Além disso, argumenta Tomás de Aquino, a criação não é uma mudança ou movimento. Para que algo se mova, ele deve ser o primeiro em um determinado local (ou condição) e, em seguida, deve chegar a outro local. Mas na criação, não há ponto de partida. Isso não significa que a criação seja impossível, como os oponentes evitam, mas apenas que a criação não é um movimento. Nossa imaginação, dependendo da experiência sensorial, deve sempre imaginar a criação como um movimento; mas, na realidade, é algo bem diferente além do alcance da experiência humana. Na Summa Theologica (I, Q. 45, Art. 2), ele diz: "Criação não é mudança, exceto de acordo com nosso modo de entender. Pois mudança significa que a mesma coisa deve ser diferente agora do que era anteriormente. Às vezes, é a mesma realidade real que é diferente agora do que era antes, como acontece quando o movimento está de acordo com quantidade, qualidade e lugar; mas, às vezes, é o mesmo sendo apenas em potencial, como em mudança substancial, o sujeito. mas na criação, pela qual toda a substância de uma coisa é produzida, a mesma coisa pode ser tomada como diferente agora e antes apenas de acordo com nosso modo de entender, de modo que uma coisa seja entendida como a primeira que não existe no mundo. tudo, e depois como existente. Mas ***como ação e coincidem paixão como para a substância de movimento*** , e só diferem de acordo com relações diversas, deve seguir que, quando o movimento é retirado, restam apenas as diversas relações no Criador e na criatura, mas porque o modo de significação

segue o modo de entendimento, como foi dito acima, a criação significa uma mudança; e por isso se diz que criar é fazer algo do nada. E, no entanto ***tomake*** e ***para ser feito*** são expressões mais adequadas aqui do que ***tochange*** e ***Tobe mudou*** , porque ***tomake*** e ***Tobe fez*** importar uma relação de causa para o efeito, e do efeito à causa, e implica mudança apenas como conseqüência. "

Esse argumento dificilmente carrega convicção, não apenas por causa de sua difícil terminologia escolástica, mas porque, embora possa mostrar que a criação não é um movimento do objeto criado, ele falha completamente em mostrar que uma vontade única não é uma mudança em um Deus imutável .

Mas os teólogos evangélicos são ainda mais insatisfatórios: ou eles não vêem exatamente qual é a dificuldade, como Agostinho claramente viu, ou negam que Deus seja imutável. Por exemplo, Stephen Charnock e, cerca de sessenta anos depois, John Gill, disseram praticamente a mesma coisa. O último escreveu: "Nem a imutabilidade da natureza divina deve ser refutada da criação do mundo, e de todas as coisas nele; como quando é sugerido, Deus, de um não-agente, tornou-se um agente e adquiriu uma nova relação, o de um Criador, do qual se argumenta a mutabilidade, mas deve-se observar que Deus teve por toda a eternidade o mesmo poder criativo, e teria, se ele nunca tivesse criado algo; e quando ele o expôs a tempo, estava de acordo com sua vontade imutável na eternidade, e não produziu nenhuma mudança nele; a mudança ocorreu nas criaturas feitas, e não nele, o Criador; e embora uma relação resulte daí, e que é real nas criaturas, é apenas nominal no Criador, e não faz nenhuma mudança em sua natureza. " (Livro I, capítulo V). Isso não apenas evita o problema; afirma que a criação é uma mudança no objeto criado e, nesse ponto, Tomás de Aquino tem o melhor dele.

Charnock e Gill, na verdade, negam que Deus é imutável. Não que eles pretendessem. Na mesma seção em que a citação acima foi tirada, Gill diz: "Imutabilidade é um atributo que Deus afirma ... Mutabilidade pertence a criaturas, imutabilidade somente a Deus; criaturas mudam, mas ele não. ...
Ele é imutável ... em sua natureza e essência, sendo simples e desprovido de toda composição ... Deus sendo um Espírito infinito e não criado, e livre de composição em todos os sentidos, é intencionalmente [sic] e perfeitamente imutável ... O tempo não é pertencem a ele, apenas para uma criatura ... sua eternidade é uma eterna e imutável agora ".

A conclusão deve ser que Gill não tinha uma compreensão tão clara do problema quanto Agostinho e Tomás de Aquino, e que, portanto, entrou em contradição.

J. Oliver Buswell, Jr., em sua Teologia sistemática da religião cristã (pp. 40, 42, 4748, 5253)) resolve o problema atual negando o que os teólogos anteriores chamavam de imutabilidade. Buswell, é claro, afirma que Deus é eterno, mas ele nega que eternidade é atemporalidade. Ele contesta a idéia de um eterno agora , e desaprova Agostinho e Tomás de Aquino. Embora ele afirme que Deus é "imutável em seu ser", ele repudia "uma imobilidade mental e espiritual atemporal". Ele nega que Deus seja "totalmente atualizado" e afirma que Deus é (pelo menos em parte) potencial; do qual devemos concluir que Buswell está concebendo Deus como um estado de desenvolvimento. Ele diz: "As implicações da doutrina que Deus é 'ato puro,' 'completamente realizado', que nele há 'nenhuma potência (dunamis)' são devastadoras."

Naturalmente, não há antítese entre um Deus temporal, potencial, em desenvolvimento, e um ato de criação precedido pelo tempo.

As primeiras lições de teologia, por mais elementares que sejam, não se atrevem a omitir o material bíblico sobre onisciência, imutabilidade e criação. Mas seria injusto para o aluno

deixe a impressão de que tudo é elementar e fácil. Embora seja pretensioso afirmar que o problema aqui é insolúvel, pois ninguém sabe o suficiente para estabelecer limites às implicações das Escrituras, não é presunção, nem sequer é modéstia, é fato frustrante reconhecer que mesmo as melhores tentativas para resolver esse problema, deixe muito a desejar.

CAPÍTULO SETE

salvação

O título Salvação é sem dúvida muito amplo como uma indicação precisa do conteúdo deste capítulo. Mas não é tão estreito quanto um de seus usos comuns. Algumas pessoas sem instrução usam o termo como sinônimo de regeneração. Eles falam de alguém ou de si mesmos como sendo "salvos" em um determinado momento, sem ter em mente nenhuma noção de justificação ou santificação. A salvação, no entanto, inclui isso. É a regeneração mais todas as bênçãos espirituais que obtêm sucesso sobre ela. Por esse motivo, a salvação é incompleta sem ressurreição e glorificação no céu.

No entanto, a escatologia com a promessa da ressurreição, o retorno de Cristo, a glorificação, o céu e a penalidade do inferno também é um tópico tão extenso que, embora tudo faça parte da salvação, será reservado para o capítulo final. . Os principais tópicos aqui são Regeneração, Fé, Justificação e Santificação. Isso já é demais para um capítulo e, para aliviar o comprimento, haverá uma divisão em partes.

Parte I Regeneração e Graça

O primeiro estágio real, pessoal ou subjetivo da salvação do pecado e da ira divina é a regeneração. Esta palavra deriva da figura de um novo nascimento no Evangelho de João. Todo mundo sabe, ou talvez nesta decadência pós-formação, nem todo mundo sabe que Jesus disse a Nicodemos

> João 3: 3 Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, ele não poderá ver o reino de Deus.

Essa linguagem figurada não é a única nem a descrição mais frequente do evento inicial da vida cristã. A idéia da morte no pecado leva a falar da vida como uma ressurreição.

> Eph. 2: 5 Quando estávamos mortos em pecados, [Deus] nos fez vivos para [com referência a]
>
> Cristo ... e nos ressuscitou ...

Essa iniciação da nova vida também é chamada de nova criação e até de adoção.

19. Cor. 5:17 Se alguém está em Cristo, ele é uma nova criação.

> Eph. 2:10 Somos o seu produto, criado por Cristo.

Rm 8: 1415 Nosso Pai ... filhos de Deus ... O Espírito de adoção, por quem clamamos, Abba, Pai.

Dessas quatro figuras de linguagem. novo nascimento. nova criação. e adoção. quase não dá pistas das características da vida comum que precedem essa mudança. A ideia da criação. ex nihilo, poderia sugerir que não havia 'matéria' preexistente ". isto é, nenhuma pessoa existente antes desta criação. Da mesma forma, o novo nascimento. A adoção pressupõe uma pessoa que existia anteriormente, mas não há indícios de sua condição; de fato A adoção nem sequer exige ser órfão. A idéia da ressurreição fornece um quadro mais completo. A criação e a adoção indicam claramente a iniciativa de Deus; e todas as quatro sugerem a ausência de qualquer papel humano no evento. Mas a idéia da ressurreição O mais claramente requer, não apenas uma pessoa preexistente (como a criação e o novo nascimento não), mas também descreve sua condição como a da morte.E a morte é a morte no pecado.

Aos poucos versículos citados e às referências a alguns outros, agora serão adicionados mais alguns. Depois disso, será feita uma tentativa de expressar o significado literal e a verdade dessas expressões figurativas, para que possamos ter algumas idéias claras sobre o que realmente é a regeneração.

Atos 26:18 Para abrir os olhos e transformá-los das trevas em luz, e do poder de Satanás em Deus, para que possam receber perdão dos pecados e herança entre os que são santificados pela fé que há em mim.

Garota. 6:15 Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão vale nada, nem a incircuncisão, mas uma nova criatura.

Colossenses 2:12 Enterrado com ele no batismo, onde também vós ressuscitamos com ele através

a

fé da operação de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos.

I Pedro 2: 9 Mas vós sois uma geração escolhida, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo peculiar; para que manifeste os louvores daquele que te chamou das trevas para a sua maravilhosa luz;

O assunto de todos esses versículos é, presumivelmente, regeneração; e logo acima disso foi identificado como o primeiro estágio da salvação subjetiva. O termo, no entanto, nem sempre tem um significado tão restrito. O romanismo usa a palavra para designar tudo, desde o primeiro estágio até a salvação completa no céu. Tanto os teólogos luteranos quanto os calvinistas também deram a ela um amplo sentido, incluindo santificação, se não glorificação. Calvino (Institutos III iii 9) escreveu: “Nesta regeneração, somos restaurados ... e essa restauração não é realizada em um único momento, dia ou ano; mas por avanços contínuos e às vezes até tardios, o Senhor destrói as corrupções carnais de seus escolhidos ... terminadas apenas pela morte. ” Na história mais tarde, a natureza da primeira etapa deste processo tem atraído mais atenção, e ele poderia muito bem ser chamado de regeneração , se os leitores a entender que a discussão se limita à iniciação , a procriação ofor o ressurreição para uma nova vida.

O nascimento e especialmente a ressurreição nunca são os atos da pessoa nascida ou ressuscitada. Lázaro andou adiante somente depois que Deus o restaurou à vida. A pessoa ressuscitada nunca tem nenhum papel ativo no evento.

A doutrina da completa passividade humana na regeneração foi atacada diretamente pelo Conselho de Trento. O documento declara: "Se alguém disser que o livre arbítrio do homem mudou e

excitado por Deus, não coopera concordando ou cedendo a Deus, excitando-o e chamando-o para que ele possa predispor e se preparar para receber a graça da justificação, ou que ele não pode recusar seu consentimento, se assim o desejar, mas que ele age como algo inanimado, e é apenas passivo, seja anátema. "

Essa ainda é a posição oficial do romanismo; e o arminianismo é indistinguível dele. A vontade, livre e independente de Deus, é capaz de resistir e vencer o poder onipotente de Deus. "No momento da decisão", diz um evangelista americano, "a oração é inútil, pois nem mesmo Deus pode ajudar". Portanto, essas pessoas dizem que o pecador não regenerado pode e deve cooperar com Deus em sua regeneração. Não apenas isso, mas também em seu estado não regenerado, ele pode se preparar para esse evento. É claro que isso implica que o homem, antes da regeneração, não está morto no pecado; como a Escritura afirma repetidamente. O romanismo e o arminianismo, portanto, contradizem a posição da Confissão de Westminster de que "o homem ...
ser completamente avesso a esse bem e morto em pecado, não é capaz, por sua própria força, de se converter ou de se preparar para isso. "(IX, 3)

O fato de o homem ser completamente passivo na regeneração é um ensinamento explícito de partes das Escrituras e uma conseqüência necessária de outras partes. Um homem morto não pode se preparar para a ressurreição. Lázaro se contorceu um pouco em seu túmulo como preparação para o momento em que Cristo o convocaria? Paulo estava indo para Damasco se preparando para ser cristão?

Sem dúvida, um detalhe deve ser desviado imediatamente. Os romanistas caricaturam a doutrina luterana e reformada como uma afirmação de que o homem é uma "coisa inanimada" ou fantoche. Agora é verdade que Lutero usou algumas figuras vigorosas do discurso para descrever o estado pecaminoso do homem. Ele chamou o homem de estoque ou pedra. Mas considerar isso como uma afirmação literal da teologia protestante é exibir pouca visão literária e confessar perplexidade com o vigor de Lutero.

> O homem não é um fantoche, desajeitadamente controlado por cordas. De fato, o operador não pode
>
> controlar completamente os movimentos do boneco. Deus pode. O homem também não é um estoque ou pedra, por mais forte que seja

a figura do discurso pode ser. Lutero, Calvino e todos os reformadores sustentavam que a psicologia humana natural funcionava antes e depois da regeneração. Mas a regeneração em si não é algo que um homem faz: é algo que é feito com ele. A rigor, a regeneração não deve ser chamada de "experiência", como costuma ser. Lázaro experimentou sair da tumba; ele experimentou sua nova vida; mas ele "sentiu" o ato da ressurreição? "Conversão" e as atividades posteriores da nova vida são elementos comuns da consciência; mas, se a regeneração é a implantação de um novo habitus, como mais tarde será discutido, certamente não é um evento consciente. A mesma conclusão se segue se a regeneração é um decreto divino criativo e, portanto, instantâneo. Estados conscientes se estendem através do tempo.

Assim, a regeneração ou ressurreição dos mortos é um ato de Deus, não um ato do homem. O homem nem pode cooperar; por estar morto, ou seja, incapaz de fazer algum bem espiritual, ele não tem poder para se preparar para essa mudança.

> O Antigo Testamento expressa essa visão tão claramente quanto o Novo:
>
> Ps. 51:10 Cria em mim um coração limpo, ó Deus; e renovar um espírito certo dentro
>
> mim.

Ezek. 11:19 E darei a eles um coração, e porei um novo espírito dentro

você;

e tirarei o coração pedregoso da sua carne, e lhes darei um coração de carne.

Ezek. 36: 26,27 Um novo coração também te darei, e um novo espírito colocarei dentro

tu: e tirarei o coração de pedra da tua carne e te darei um coração de carne. E porei meu espírito dentro de você, e farei andar nos meus estatutos, e guardareis os meus juízos, e os cumprireis.

Ezek. 37: 13,14 E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as tuas sepulturas, ó meu povo, e te tirar dos túmulos. E porei meu espírito em você, e você viverá, e eu o colocarei em sua própria terra; então sabereis que eu, o Senhor, o disse e o cumpri, diz o Senhor.

Se tudo isso não é suficiente para convencer o Papa e qualquer arminiano teimoso, há uma passagem adicional tão clara e inequívoca que as tentativas de fugir de sua força são ridículas.

João 1: 12,13

Mas todos os que o receberam, deram-lhes poder para se tornarem filhos de Deus, mesmo para os que crêem em seu nome: que nasceram não de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade.

do

homem, mas de Deus.

O último versículo diz duas coisas: diz como a regeneração não ocorre e como ocorre. Ao contrário da opinião judaica comum, uma pessoa não se torna um filho de Deus por descendência de Abraão. Os regenerados não nasceram de sangue, no plural, para indicar descendência pela herança humana. Nem os cristãos nascem da vontade da carne. Visto que o termo carne muitas vezes carrega um significado maligno no Novo Testamento, a frase deve ser entendida como negar o nascimento com base na natureza humana comum caída. Mas então, nem um cristão é nascido

de um ato de sua própria vontade “nem da vontade de um homem.” A vontade humana é completamente descartada pelas duas últimas destas três respostas erradas às perguntas principais. Bem, se nenhuma Uma dessas três descreve como uma pessoa nasce de novo, como isso acontece? A resposta é inequívoca: não pela vontade de qualquer homem, mas por Deus.

E a figura de nascimento não foi escolhida com o objetivo de descartar a própria atividade da pessoa? O bebê não tem vontade de dar à luz. Claro, os pais têm; mas isso foi descartado

no primeiro dos três métodos sugeridos. Descartar a paternidade, a natureza humana comum, a vontade individual e somente Deus permanece.

Permita que mais dois versículos sirvam como anticlímax:

Tiago 1:18 Por vontade própria, ele nos gerou com a palavra da verdade.

1 Pedro 1: 3 Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que segundo

A próxima pergunta é: o que exatamente é a regeneração? Nestes dias decadentes, alguns parecem pensar que consiste em andar pelo corredor e apertar as mãos de um evangelista atraente. Ou, se poucos estão tão distantes da verdade, muitos equiparam a regeneração a uma agitação emocional vívida. Outros podem permitir a possibilidade de uma experiência mais calma. Mas muitos não negariam que foi uma experiência.

No entanto, a figura de um novo nascimento exclui a experiência tanto quanto a figura da criação. Adão não experimentou sua criação; e em nosso primeiro nascimento natural, se sentimos uma dor momentânea, nunca tivemos nenhuma lembrança dela. O evangelista que com grande ênfase proclamou: "Eu estava lá quando aconteceu e deveria saber", simplesmente não sabia. Nascer não dá a nenhum bebê um conhecimento de ginecologia. Podemos estar e mais tarde ter consciência de alguns dos efeitos de Mas, como foi Deus quem agiu, não podemos nos lembrar do ato que nunca fizemos.

O que Deus precisamente fez? Em linguagem teológica técnica, impopular, Deus nos impôs um 'hábito'. O termo aristotélico "hábito", ou o termo escolástico habitus, precisa de alguma explicação.

Vamos olhar para as mãos de duas pessoas. Quaisquer que sejam as minúsculas diferenças entre elas, elas são substancialmente iguais. Se as pessoas estivessem escondidas da vista e apenas suas mãos pudessem ser vistas, dificilmente se poderia dizer qual par pertencia a qual pessoa. Mas, na verdade, embora invisivelmente, há uma enorme diferença entre eles; pois um deles pode executar uma escala de maneira desajeitada e lenta, enquanto o outro executa perfeitamente uma sonata de Mozart. Estas mãos possuem um habitus que a outra pessoa de não ter.

Esta ilustração está com defeito, como todas as ilustrações. Do músico habitus , ou hábito, é o resultado de horas e anos de prática. É assim que os hábitos são formados. Mas há um hábito que não é formado dessa maneira. É tão sobrenatural como se Deus pegasse um homem sem treinamento musical e lhe permitisse tocar imediatamente a Nona Sinfonia de Beethoven. Mas, em vez da habilidade musical, a regeneração consiste na implantação da fé, não na fé nos poderes curativos do óleo de cobra, mas na fé no poder salvador de Jesus Cristo.

Nesse ponto, entre regeneração e fé, é apropriado inserir um ou dois parágrafos sobre a idéia da graça. Não que esses parágrafos contenham muito mais do que o que já foi dito, ou pelo menos implícito, pois o material sobre regeneração é particularmente claro a ponto de ser obra de Deus, não nossa. Certamente, após a regeneração, chega um processo de santificação, a ser considerado no próximo capítulo, no qual existe um amplo espaço para nossas boas obras. Mas, mesmo assim, dependemos da graça para realizá-los. Dificilmente é necessário citar versículos para mostrar que as Escrituras ensinam uma teoria da graça; mas pro forma e por consistência, muito poucos podem ser dados.

ROM. 5:15 A graça de Deus e o dom da graça, pelo único homem Jesus Cristo, abundaram para muitos.

ROM. 5:21 Assim também a graça reinará através da justiça para a vida eterna.

ROM. 11: 5 Há um remanescente de acordo com a eleição da graça.

Eph. 1: 7 Em quem temos a redenção segundo as riquezas da sua graça.

Eph. 2: 8 Pela graça são…

Tito 3: 7 Sendo justificado por sua graça.

Que essas meia dúzia de versos representem cem outros. Graça e dom, como em Ef. 2: 8, andem juntos. A graça é simplesmente definida como "favor imerecido". Quando Deus nos dá algo que não merecemos, qualquer coisa que ele não nos deve, qualquer coisa que não merecemos, é um dom de graça. A luz do sol é um presente da graça, mas naturalmente estamos interessados aqui na salvação e nos benefícios que a acompanham. Estes são abundantes para nós, como Rom.

5:15 diz, em razão do único homem Jesus Cristo. Que resta um remanescente do povo judeu que aceita seu Messias e Senhor é "de acordo com a eleição da graça". Não menos relacionada à eleição e predestinação, a graça é concedida aos crentes gentios. O dom da crença ou fé também é graça: não é de nós mesmos, é um dom de Deus. Portanto, Tito 3: 7 pode dizer que somos justificados pela graça, em vez da frase mais comum 'justificada pela fé', porque a fé é uma parte da graça de Deus. Que a regeneração é uma obra de graça é o mais óbvio de todos, porque um homem não tem parte ativa nela.

Nada disso é difícil de entender; mas na história da teologia, aqueles que se esquivavam da posição bíblica sobre eleição e predestinação não podiam deixar de diluir, comprometer ou negar completamente o papel da graça.

Antes de começar a discussão de visões claramente heréticas, pode-se considerar por um momento uma teoria

da chamada graça comum que é sem dúvida bíblica. Se há algo de errado com isso, a falha está na ênfase excessiva de seus defensores. Uma vez que não faz parte da graça salvadora, é melhor mencionar brevemente e depois passar adiante. Esta graça é chamado comum , pois consiste em

benefícios que Deus confere a todos os homens indiscriminadamente. São comuns aos regenerados e aos não regenerados. O versículo geralmente citado é:

> Mt. 5:45 Faz nascer o seu sol sobre o mal e sobre o bem, e faz chover sobre justos e injustos.

Isso pode ser chamado de graça , se for concordaram que é tanto imerecida e um favor ou bênção. Mas, embora o sol e a chuva sejam essenciais para a alimentação, em comparação com a salvação eterna, eles são bastante triviais. A frivolidade pode desaparecer, no entanto, se a pregação do evangelho a todos é um favor imerecido. Um teólogo argumenta que o evangelho é um sabor de vida para vida e também um sabor de morte para morte. Para os réprobos, a pregação do evangelho não é nenhum favor, porque, à medida que aumenta seu conhecimento, aumenta sua responsabilidade e condenação. Melhor se eles nunca tivessem ouvido o evangelho. No entanto, pode-se responder que, em alguns casos, a pregação do evangelho pode impedir um homem mau de alguns de seus maus caminhos. Visto que, portanto, os pecados não são todos iguais, e como alguns são punidos com muitas penas, mas outros com poucas, a pregação do evangelho resulta na diminuição da punição. Assim, pregar seria um pequeno favor, um pouco de graça. Nós notamos e transmitimos.

Se essa teoria da graça comum é bíblica e sua única falha é a frivolidade, a visão luterana, em uma série lógica de graus entre explicações defeituosas, se afasta menos do ensino das Escrituras. A graça é uma questão de salvação, não apenas a luz do sol e, portanto, de maior importância. O bispo Martensen, da Seeland, na Dinamarca, a quem Soren Kierkegaard injustamente acusou, é um bom exemplo dos luteranos.
posição. Para citar seus dogmáticos cristãos (pp. 362, 363): "A graça de Deus é universal; e desde a eternidade, concluiu-se que todos serão reunidos sob Cristo como a Cabeça. Na eternidade, Deus olha para todas as almas humanas de acordo com a esse teste essencial os considera possíveis sujeitos de regeneração ... O dualismo não aparece até o tempo começar ... Eleição da graça ... da massa pecaminosa ...
Mas isso

O dualismo prevalece apenas no tempo; como é excluído dos conselhos eternos de Deus, ... a graça deve se submeter aos mandamentos do tempo ... deve se submeter às limitações da liberdade humana. "

Obviamente, a graça de Deus não é universal, pois Deus não estendeu a graça salvadora nem deu o dom imerecido da fé a Esaú e Judas. Além disso, Deus na eternidade não poderia ter ignorado os eventos da história, pois Cristo foi morto desde a fundação do mundo e Judas foi selecionado para o propósito que alcançou. O "dualismo" de Martensen estava, portanto, presente no plano eterno de Deus; não é "excluído dos conselhos eternos de Deus". A graça também não deve "se submeter" a nada.

Depois de criticar Calvino por ter "confundido a predestinação com a eleição da graça" e por ter feito a separação entre os salvos e os perdidos não apenas temporalmente, mas com "fundamentos nos conselhos eternos de Deus", Martensen continua: "Os teólogos agostinianos costumam sustentaram que as operações do cristianismo nunca são restringidas por restrições naturais, mas que a graça pode realizar seu objetivo "o que, quando e onde". Eles pensam que por essa doutrina exaltam o poder da graça. Mas isso não é apenas contraditório pela experiência universal da história da igreja, ela é por si mesma falsa; amplia a segunda criação à custa da primeira, que, com base em tal princípio, é violada; glorifica o Filho no sacrifício da glória do Pai "(p. 369)

Esta posição luterana, no entanto, não pode ser mantida. Isso não é apenas contraditório na história da igreja; permeia a história do Antigo Testamento, para não mencionar o material doutrinário do Novo. O agostinismo sem dúvida mantém o ensino bíblico de que "as operações do cristianismo nunca são restringidas por restrições naturais"; mas não é tão obtuso que negue que as manifestações da graça estejam integradas às condições "naturais". Moisés não poderia ter levado os israelitas através do Mar Vermelho, se o Mar Vermelho não estivesse lá. O ponto é que Deus colocou o Mar Vermelho lá em primeiro lugar. Da mesma forma, Cristo encontrou Paulo no caminho "natural" para Damasco; mas isso não "melhorou" a Deus. Deus certamente realiza seus propósitos precisos quando, onde e como ele deseja. Exatamente por que Cristo encontrou Paulo, naquele lugar naquele momento e com

que luz e voz "violam" a primeira criação, Martensen não explica. Ainda menos explicável é como isso glorifica o Filho no "sacrifício" da glória do Pai.

Independentemente de quão vociferantemente um calvinista se oponha a esses pontos da doutrina luterana, deve-se dizer novamente que a acusação de Kierkegaard contra Martensen de hipocrisia, paganismo e outras coisas era completamente imerecida. Que um calvinista forte, juntamente com as passagens que ele deseja refutar, cite alguém para defender a sinceridade e a boa reputação do bispo. "Os filhos de Israel, que são um tipo permanente de nação eleita, eram enfaticamente o povo eleito; no entanto, havia apenas um pequeno remanescente de indivíduos eleitos entre eles (uma santa eleição) que representavam o verdadeiro e espiritual Israel. Nós também encontre-o em todas as nações cristãs.Todos talvez tenham sido batizados e incorporados ao reino de Cristo e exteriormente unidos a ele, e ainda assim, em todo período, há apenas um pequeno número de pessoas realmente despertadas e regeneradas nas quais o cristianismo habita como subjetivo. e vida pessoal "(p. 373.374).

A posição católica romana sobre a graça é muito menos bíblica que a luterana. Também é excessivamente complicado. A Nova Enciclopédia Católica tem longos artigos sobre o assunto, e sua história da doutrina é muito completo. Para o presente efeito, pode-se notar que um dicionário Católica , editado por Donald Attwater e dado Imprimatur de um cardeal, listas de quinze subespécie de "graça" (3rd ed, 1961).: Real, baptismal, eficaz, elevando, e sobre para substancial.

A graça batismal é um "aspecto especial" da graça santificadora.

A graça eficaz é "aquela graça à qual a vontade consentia livremente, de modo que a graça sempre produz seus efeitos. ... É um artigo de fé que essa graça não exija a vontade, embora seu resultado seja inevitável".

"Graça, irresistível. A eficácia supostamente irresistível da ajuda divina, pela qual, segundo o calvinismo, o homem, embora livre de qualquer necessidade física, é forçado a se dar bem". O pequeno artigo cita a rejeição do Conselho de Trento à posição protestante.

"Graça, Preveniente. A graça real ilumina a mente e dispara a vontade, com vistas ao trabalho de: salvação. Nesta cadeia de vontade, existem dois momentos; o primeiro deles é uma graça que move a vontade espontaneamente, de maneira infalível [!], inclinando-se para Deus ... As inspirações celestes podem ser aceitas livremente ou rejeitadas livremente pela vontade despertada. Se forem aceitas, é em virtude de uma graça adicional ... chamada graça conseqüente ou cooperativa ".

"Graça, Suficiente. A graça que, por falta de cooperação do receptor, fica sem o efeito pelo qual foi concedida e, portanto, se opõe à graça eficaz ..." (Pascal observa ironicamente que graça suficiente não é suficiente.)

Nesse ponto, chegamos a: consciência ou experiência; portanto, o sujeito agora se torna fé.

Parte II. Fé.

Filósofos seculares, pelo menos alguns deles, têm tanto interesse na fé quanto os cristãos. Brand Blanshard, The Nature of Thought (Vol. I, pp. 112 e ss., 286, 303), um trabalho de bolsa de estudos soberba, discute fé ou crença. Muito antes de Blanshard, Platão tinha uma teoria da opinião. Para Platão, a opinião era um estado mental claramente inferior ao conhecimento, embora em alguns casos quase tão útil. Talvez com isso em mente alguns teólogos cristãos tentem colocar a fé acima da opinião e abaixo do conhecimento. Blanshard e Platão não discutem a fé salvadora; não obstante, o estudante cristão também enfrenta o problema deles, assim como o seu próprio: ele deve primeiro relatar a fé como tal e, em seguida, deve, se puder, enumerar as características distintivas que tornam uma fé salvadora, enquanto outra é não.

I. Antecedentes Bíblicos

Antes do início da análise sistemática, há algum material bíblico e até algumas observações extrabíblicas em ordem. Ninguém precisa ser informado de que a Bíblia tem muito a dizer sobre fé. Quase como óbvio, o fato de Abraão ser o exemplo notável de fé fazia parte da refutação do dispensacionalismo no capítulo anterior. ROM. 4, Gal. 3, Heb. 11 e Tiago 2, todos, não apenas mencionam, mas enfatizam Abraão. Mas antes de Abraão havia Noé. Gênesis 6 não pode usar a palavra fé , mas deixa claro que Noah acreditava que Deus disse e obedecido suas instruções. Claramente, portanto, a fé não é uma novidade do Novo Testamento.

Nem o papel da fé durante a era mosaica deve ser minimizado. Há um termo hebraico que apenas traduz duas vezes a fé, às vezes traduz a verdade, ou verdadeiramente, mas que é traduzido com frequência acreditar. Uma instância negativa é encontrada em Ps: 78: 2122,32:

"A ira também se levantou contra Israel,

porque eles não creram em Deus ...

Por tudo isso eles pecaram ainda, e

não creste nas suas maravilhas.

Para todo o material do Novo Testamento, que frequentemente lemos sem pensar muito em seu significado, há algumas passagens que causam dificuldade. Tiago 2:20 fala de uma fé morta. Ele a descreve como uma fé improdutiva de boas obras. Precisamente o que um homem de fé morta acredita não é muito claro. Uma coisa é clara: a palavra fé aqui não pode significar "confiança pessoal" no sentido que alguns pregadores populares lhe impõem. 'Confiança morta' seria uma frase ininteligível. Claramente, James significa uma crença de algum tipo; e a única crença que James menciona é a crença no monoteísmo. O Islã, portanto, seria uma fé morta.

Existem outras variedades de fé que podem ser mencionadas nesta subseção.

conclui. Mateus 13 aparentemente se refere ao que alguns teólogos chamam de "fé temporária". Hodge

(III, p. 68) escreve: "Nada é mais comum do que o evangelho produzir uma impressão temporária ... Aqueles que estão impressionados acreditam." Mas Hodge não diz exatamente o que eles acreditam. Ele mal reconhece que a pessoa na parábola que é representada pelo terreno pedregoso acredita em alguma coisa, mesmo que lemos "ouve a palavra e logo com alegria a recebe". Isso soa como se o homem pedregoso acreditasse em parte ou mesmo em todo o evangelho. No entanto, os versículos anteriores descrevem homens como "vendo, não vendo; e ouvindo, não ouvindo; nem eles entendem"; após o que Jesus cita Isaías. Uma pessoa pode realmente ouvir palavras sem entendê-las, mas pode, assim, acreditar nelas e pode recebê-las com alegria? Claramente, existem aqui alguns problemas que devemos refletir.

Outros teólogos falam de uma fé "histórica", pela qual, estranhamente, eles não significam apenas uma crença na verdade dos eventos históricos registrados na Bíblia, mas também em algumas, muitas ou talvez todas as normas bíblicas da moralidade. Possivelmente o jovem governante rico exemplificaria esse tipo de fé. Ele certamente acreditava que guardara todos os mandamentos; mas infelizmente essa era uma crença equivocada. Quanto mais do Antigo Testamento ele acreditava, Gen.17 ?, não está claro.

Um outro ponto pode ser feito antes do início da exposição sistemática. Tem mais a ver com a história da igreja do que com a exegese. No segundo século, uma heresia generalizada quase engoliu e destruiu a Igreja. Foi gnosticismo. O nome vem da palavra gnose, conhecimento. Os teólogos posteriores às vezes contrastaram a fé com o conhecimento. Este é o contraste errado, por duas razões. Primeiro, II Pedro 1: 3 diz que tudo que diz respeito à piedade chega até nós através do conhecimento. Existem muitas referências de suporte. As pastorais têm várias. A segunda razão é que o conhecimento de que os gnósticos se gabavam era uma teoria da cosmologia, incluindo relatos altamente imaginativos do que aconteceu antes de Gênesis 1: 1.

É certo que os gnósticos eram desprovidos de fé cristã; mas o contraste não é entre fé e conhecimento, é um contraste entre os diferentes objetos conhecidos ou cridos. Os gnósticos sabiam, ou acreditavam em trinta eras, uma encarnação docética e um pseudo-acordo. Os cristãos acreditavam em um conjunto diferente de proposições. Visto que, no entanto, alguns estudantes de evangelismo

Como o zelo pode questionar o valor de uma análise "meramente secular, psicológica" da crença, é melhor mostrar a importância e a necessidade da fé salvadora. Então, como a fé salvadora é reconhecida como uma espécie de fé genérica, a análise terá sua configuração apropriada.

3 Necessidade de Fé

A fé, como a regeneração, é necessária para a salvação, se por um momento adiamos a discussão sobre bebês, imbecis e insanos. Porque necessário para a salvação, é necessário para a teologia. Visto que também a fé é a primeira fase da vida cristã consciente, é provável que atraia a atenção de alguém mais cedo do que a regeneração anterior ou a subsequente santificação. Os versículos a seguir mostram que a fé é necessária. Hospede com certeza que eles ensinam mais do que isso, e referências a eles devem ser feitas mais tarde na explicação de outras fases da doutrina. Mas eles são dados aqui com o único propósito de apontar a necessidade da fé.

> JN. 3:15, 16 Todo aquele que nele crê tem vida eterna. ... Quem crê nele não perecerá.
>
> Atos 16:31 Crê no Senhor Jesus, e serás salvo.

A rigor, esses dois versículos não mostram que a fé é necessária para a salvação. Eles mostram que a fé é suficiente. Se alguém acredita, ele tem vida eterna. Ninguém está perdido quem acredita. Mas esses dois versículos, se tomados sozinhos, permitem a possibilidade de que algo mais possa ser substituído pela fé. Suponha que eu esteja dirigindo para o sul na Interestadual 65 e em Kentucky eu venho para Cave City. O atendente do posto de gasolina diz que, se você seguir as rotas 9 e 231, certamente chegará a Murphreesboro. É verdade. Mas também é verdade que, se eu continuar nas ruas 165 e 24, chegarei a Murphreesboro também. Agora …

> Mk. 16:16 Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado.

ensina não apenas que a fé é suficiente, mas também que sem fé a salvação é impossível.

No entanto, como alguns estudiosos não consideram isso parte do cânon, seguem outros três versículos.

> JN. 3:18 Quem crê nele não é julgado; quem não crê, já é julgado.
>
> JN. 3:36 Quem crê no Filho tem a vida eterna; mas quem desobedece ao Filho não verá a vida.
>
> Heb. 11: 6 Sem fé, é impossível agradar a Deus.

Esses versículos são suficientemente explícitos: mas a doutrina geral da justificação somente pela fé é uma prova mais forte do que alguns exemplos de versículos. As passagens sobre justificação podem não ser tão explícitas: é necessário combiná-las e extrair inferências. Mas a conclusão é mais convincente porque a base é mais ampla.

3. O idioma

Visto que a fé é de tal importância, e mesmo que não fosse de tal importância, a teologia deve determinar seu significado. Aqueles que desejam falar sobre isso devem conhecer a natureza da fé como tal e também a natureza desse tipo específico de fé que é necessário para a salvação. Herman Hoeksema (Reformed Dogmatics ., Grand Rapids, 1966, p 479) começa seu capítulo sobre Saving fé com este parágrafo: "A fé salvadora é que o trabalho de Deus no eleito, regenerado, e chamado de pecador pelo qual o último é ingrafted Cristo e abraça e se apropria de Cristo e de todos os seus benefícios, confiando nele no tempo e na eternidade. ” Além do fato de que alguns dos verbos da sentença são vagos demais para serem úteis, pode-se admitir que a sentença é verdadeira, mas não é uma definição de fé. Dizer que a fé nos introduz em Cristo diz menos do que dizer assado a carne bovina nos dá nutrição, a segunda não nos diz o que é carne, nem a primeira nos diz o que é a fé.

Termos teológicos precisam ser definidos; eles precisam ser entendidos; ou então não sabemos do que estamos falando. Para progredir em direção a uma definição, começamos com o uso do idioma.

O verbo grego para o substantivo é dificilmente menos frequente. Por isso, foi traduzido nos versículos anteriores citados. A seguir, alguns exemplos de seu uso comum, tanto em fontes pagãs quanto na Bíblia.

Os versículos bíblicos da Septuaginta não são escolhidos porque são bíblicos, mas, como as fontes pagãs, mostram como a palavra foi usada nos tempos pré-cristãos. Quando os autores do Novo Testamento começaram a escrever, eles usaram a linguagem comum.

Aristóteles, De Anima 428 b 4: "O sol acredita-se ser maior do que a terra."

Aristóteles, Meteorologica 343 b 10 Em um certo ponto "é preciso acreditar que os egípcios."

Tucídides I, 20, diz que "é difícil acreditar em todas as evidências sobre eles".

Sal: 78:22 na tradução da Septuaginta diz que os israelitas "não creram em Deus".

É um. 53: 1 Quem acreditou em nosso relatório?

Embora esse seja o uso comum e, em um momento, um grande número de passagens do Novo Testamento mostre a mesma coisa: um número de teólogos dá a impressão de que a tradução acredita ser enganosa. Eles querem fazer da "fé" algo que não seja "mera" crença. A longa lista a seguir tem alguma influência sobre essa contenção.

JN. 2:22 Eles creram na Escritura.

JN. 3:12 Se eu lhe falei sobre assuntos terrestres e você não acredita, como você deve acreditar se eu lhe falar sobre coisas celestiais?

JN. 4:50 O homem creu na palavra que Jesus lhe havia falado.

JN. 5:47 Se não credes nos escritos daquele homem, como crerás nas minhas palavras?

JN. 6:69 Cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus.

JN. 8:24 Se não crerdes que eu sou o que afirmo ser, morrereis em vossos pecados.

JN. 8:45 Porque eu digo a verdade, você não acredita em mim.

JN. 9:18 Mas os judeus não creram. . . .que ele era cego.

JN. 11:26 Você acredita nisso?

27 Sim, Senhor, creio que tu és o Cristo.

JN. 11:42 Eu disse que eles podem acreditar que você me enviou.

JN. 12: 38 Quem acreditou em nosso relatório?

JN. 13:19 Podeis acreditar que eu sou ele.

JN. 14: 29 Agora já lhe disse antes que aconteça, para que, quando isso aconteça, você possa acreditar.

JN. 16:27 E acreditei que saí de Deus.

JN. 16'30 Cremos que você ganha de Deus.

JN. 17: 8 creram que me enviaste.

JN. 17:21 para que o mundo acredite que você me enviou.

JN. 20:31 Estes estão escritos para que você possa acreditar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus.

I Cor. 13: 7 O amor acredita em tudo.

Ao ler sobre esses versos cuidadosamente, o aluno deve observar que o objeto do verbo às vezes é um substantivo ou pronome denotando uma declaração (Word, isso, coisas, escritos), e às vezes uma pessoa (nesta lista, me ; no outros versos Deus), e às vezes não há nenhum objeto explícito em tudo. O significado disso deve se tornar aparente em um momento.

Mas, primeiro, é claro que o verbo grego pisteuo está devidamente traduzido acreditar, e que este verbo grego eo Inglês acreditam média precisamente a mesma coisa. O ponto importante agora é ver qual pode ser o objeto desse verbo. Obviamente, pode ser, e na Bíblia geralmente é, a verdade. Claro que uma pessoa pode acreditar em algo falso; mas mesmo assim a natureza do ato psicológico de crer, chamado fé, é a mesma, pois o homem que acredita em uma falsidade acredita que ela é verdadeira.

Nas Escrituras muitas das instâncias do verbo tenham por objectivo explícito o substantivo Deus ; por exemplo, Abraão creu em Deus. Isso não deve ser tomado para significar algo diferente das outras instâncias. O que Abraão acreditava era a promessa de Deus. Sempre que dizemos que acreditamos em uma pessoa, queremos dizer que aceitamos sua afirmação como verdadeira. Se dizemos que acreditamos "em" uma pessoa, queremos dizer que acreditamos que ela continuará a falar a verdade.

Kittel (Vol. VI, pp. 203208) tem essas coisas a dizer. "Não há nada distinto no uso do NT ... em comparação com o uso grego. ... Pisteuein eis é; nem grego nem LXX. ...

Pisteuein eis é equivalente a pisteuein oti, considerar credível ou verdadeiro. Pisteuein eis XJ ... significa simplesmente pisteuein oti I. apethanen kai aneste .... Em John, especialmente pisteuein eis e pisteuein oti são constantemente usados intercambiavelmente. Cf. também Atos 08:37 ... Isto é provado também pela expressão passiva episteuthe (cf. I Tim. 3:16) eo fato de que pistis eis é equivalente, para não pis tis c. dat. mas a pistis c. gen. obj ... "

Duas páginas depois, diz: " Pisteuein ... muitas vezes significa crer nas palavras de Deus. Assim, a crença é colocada nas Escrituras (João 2:22) no que está escrito na Lei, no que os profetas disseram (Lc. 24:35) ... em Moisés e seus escritos (João 5: 46 e segs.). " Cf. também pp. 208, 222.

Em oposição aos estudos lingüísticos de Kittel, alguns teólogos e muitos ministros desejam minimizar a crença e desapegar a fé da verdade. Louis Berkhof tende nessa direção. Como, neste momento, ele tem amplo respeito e, como muitas escolas usam seu livro, é proveitoso concluir esta subseção com alguns parágrafos a respeito de seus pontos de vista. O material vem de sua Teologia Sistemática, quarta edição, 1969, Parte IV, capítulo 8, pp. 493 e segs.

Ele admite que João 4:50 usa o verbo pisteuo no sentido literal de acreditar que uma proposição é verdadeira. Naturalmente, para o objeto explícito é a palavra ou frase que Jesus tinha acabado de falar. Da mesma forma, João 5:47. Berkhof ainda permite Atos 16:34, Romanos 4: 3, e II Timóteo 1:12 da crença média na verdade de uma proposição, embora o objeto explícito do verbo é Deus ou Cristo .

Apesar destes casos, quando o predicado é o substantivo Deus , embora o objeto real e imediata é uma proposição e, particularmente, em contraste com os casos em que o objeto é explicitamente uma proposição, Berkhof diz, "No geral esta construção é mais fraco que o anterior "(p. 494), onde pisteuo significa confiança confiante em uma pessoa. Mas por que mais fraco? Não seria mais preciso dizer que essa construção com uma proposição como objeto é mais literal e precisa do que as expressões abreviadas anteriores? Berkhof continua: "Em alguns

casos em que o assunto que se acredita dificilmente surgir na esfera religiosa, João 9:18, Atos 9:26 ... "Mas se esses são exemplos de uso comum, como" Os judeus não acreditavam que ele havia nascido cego ", deve mostrar com mais clareza qual é o significado comum de "acreditar". Nenhum motivo religioso existe para distrair a compreensão de alguém. É verdade que o objeto da crença em tais casos não surge na esfera religiosa; às vezes o objeto pode ser banal ou trivial, mas o ponto em questão não é o objeto de crença ou fé, mas a natureza da fé e do significado do verbo pisteuo .

A partir da página 493 da Berkhof fala o seguinte. Pistis (substantivo) e Pisteuein (o verbo) "nem sempre têm exatamente o mesmo significado." Ele especifica dois significados do substantivo no grego clássico. "Denota (a) uma convicção baseada na confiança de uma pessoa e em seu testemunho, que, como tal, se distingue do conhecimento que repousa na investigação pessoal; e

4 a própria confiança na qual repousa tal convicção. Isso é mais do que uma mera convicção intelectual de que uma pessoa é confiável; pressupõe uma relação pessoal com o objeto da confiança, uma doação de si mesmo para descansar no outro ".

As informações lexicais desta citação são precisas o suficiente; mas os comentários são infundados. Porque é que a confiança na veracidade de uma pessoa mais do que "uma mera convicção intelectual que uma pessoa é confiável"? O que se pretende no uso pejorativo da palavra "mero"? Por que uma convicção da honestidade e confiabilidade de outra pessoa não é uma "relação pessoal"? E algum sentido inteligível pode ser encontrado na frase "uma doação de si mesmo para descansar em outro"?

No entanto, para continuar as citações a partir da página 494 sobre, lemos que no Novo Testamento “os seguintes significados [do substantivo pistis] devem ser distinguidas: uma crença intelectual ou convicção, repousando sobre o testemunho de outra, e, portanto, com base na confiança nesse outro e não na investigação pessoal, Phil. 1: 27 [que obviamente se refere às doutrinas do evangelho], II Cor. 4:13, II Tes. 2:13 [o objetivo aqui é a verdade] e especialmente nos escritos de João; e (b) uma confiança ou confiança ... Rom. 3:22, 25; 5: 1, 2; 9:) 0,32. ... Essa confiança deve ser diferenciada daquela em que repousa a confiança intelectual mencionada em (a) acima. ”

Mas por que? Nenhuma razão é dada. ROM. 3:22 não o apoia, nem 3:25. Nem os outros versículos. Eles não fazem distinção como Berkhof faz. Eles simplesmente falam de fé. Dizendo cinco linhas abaixo que "Este último [ceder a Cristo e confiar nele] é especificamente chamado de fé salvadora", Berkhof implica que a convicção da verdade do evangelho e "confiança intelectual" não está salvando a fé. Romanos é um grande livro, e estamos dispostos a citá-lo, mais do que disposto; ansioso; Romanos 10: 9 diz que "se você confessar com a boca que Jesus é o Senhor, e acreditar em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvou." Como o Antigo Testamento deixa bem claro, o coração é a mente; e acreditar que Deus ressuscitou Cristo dentre os mortos é um exercício tão intelectual quanto acreditar que dois e dois são quatro. As emoções não podem acreditar em nada.

Na página 495 Berkhof continua, Faith "também é representada como fome e sede ... Ao comer e beber, não apenas temos a convicção de que a comida e a bebida necessárias estão presentes, mas também a expectativa confiante de que isso nos satisfará".

Há duas coisas erradas neste parágrafo. Primeiro, ele literaliza uma expressão metafórica. É claro que ter comida presente diante de nós não nos nutre. Deve ser comido. Da mesma forma, apresentar o evangelho a nós, para entendermos o significado das palavras, não nos salva: é preciso crer. A verdade deve ser confessada com a boca e crida com o coração. O termo confessar , Ibelieve, exclui hipocrisia. Mas Berkhof parece confundir a presença de comida com a crença nas boas novas; enquanto que é a comida que representa a crença. Então, em segundo lugar, "a expectativa confiante de que isso nos satisfará" (embora Paulo quase não tivesse nenhuma expectativa confiante ao viajar para Damasco) é em si uma crença intelectual. É um pensamento que entretemos. qualquer crença é um evento intelectual, as emoções não podem acreditar.

Na página 501 a 505, Berkhof discute vários tipos de fé: opinião, certeza,

fé histórica, fé milagrosa, fé temporal e fé salvadora. Resumidamente, pois será discutido

depois, a fé salvadora inclui um elemento intelectual (notitia), mas também, diz ele, tem um elemento emocional. Este elemento emocional que ele identifica como assensus .Mas assentimento, ao longo da história da teologia e da filosofia, sempre foi volitiva, não emocional. Além disso, ele falha em anular o entendimento do termo nesta idade, pois em nenhum lugar mostra que há algo de emocional no consentimento. De fato, ele se entrega admitindo que "É muito difícil distinguir esse consentimento do conhecimento de fé que acabamos de descrever." Não devemos concluir que o relato de fé de Berkhof está completamente confuso?

Há, diz ele, outras instâncias do verbo acreditar que "o significado mais profundo da palavra, a da dependência de confiança firme, trata de seus plenos direitos." Mas. Berkhof, como outros, falha em mostrar como esse "significado mais profundo" difere do significado literal direto. Entre as muitas instâncias do verbo acreditar, há, para repetir, uma diferença de objetos. Pode-se acreditar que dois e dois são quatro, e isso é aritmético; pode-se também acreditar que os espargos pertencem à família dos lírios, e isso é botânica. Botânica não é matemática, é claro; mas a psicologia ou a linguística de acreditar isidentical em todos os casos. Portanto, não se deve confundir uma análise de crença com uma análise de números ou plantas. As promessas de salvação de Cristo são muito diferentes das proposições da botânica; mas acreditar sempre está pensando que uma proposição é verdadeira. O desenvolvimento adicional também apoiará esta conclusão.

4. Pessoa ou proposição?

Embora o professor Berkhof sirva como um bom exemplo, muitos outros teólogos protestantes também, luteranos e reformados, tendem a fazer uma distinção nítida entre 'um descanso confiante em uma pessoa' e 'o consentimento dado a um testemunho'. Supõe-se que "confiança confiante" difere de "consentimento intelectual". Essa posição é frequentemente reforçada com referências a pistas, mas alguns parágrafos atrás Kittel descartou essa afirmação. O inglês também tem o mesmo uso. À medida que o modernismo se desenvolvia e as suspeitas ligadas a esse ou àquele ministro, as pessoas perguntavam: Ele acredita no nascimento virginal, ele acredita na expiação? Não se perguntou: ele acredita no nascimento virginal? A preposição em foi usado regularmente. Mas é claro que o significado era, Ele acredita que Cristo nasceu de uma virgem? Acreditar em uma pessoa é estar confiante, isto é, acreditar

que ele continuará a dizer a verdade. Mas Berkhof (p. 494) diz: "Confiança ... é mais do que uma mera convicção intelectual de que uma pessoa é confiável; pressupõe uma relação pessoal com o objeto da confiança, sair de si mesmo para descansar no outro". Se alguém parar para pensar, verá facilmente que essa linguagem é completamente ininteligível e não tem significado compreensível.

Apesar da popularidade, e suposta espiritualidade superior, de tal visão, parece repousar em uma análise psicológica equivocada. Até Berkhof admite, com pelo menos uma aparência de inconsistência, que "Como um fenômeno psicológico, a fé no sentido religioso não difere da fé em geral ...
A fé cristã, no sentido mais abrangente, é a persuasão do homem à verdade das Escrituras com base na autoridade de Deus "(p. 501). Esta é uma excelente declaração e deve ser defendida contra as afirmações contrárias anteriores de Berkhof.

O presente livro didático deseja insistir que crer ou fé é uma atividade da mente. É algo que a pessoa faz. Não que seja uma ação física aberta, mas é atividade, atividade intelectual, não obstante.

Herman Hoeksema nega isso. Ele faz da fé um habitus. Foi explicado acima que a regeneração é um habitus . Mas, como o habitus do músico evidencia a execução de uma sonata de Mozart feita pelo músico, o habitus de regeneração produz a atividade de crer. Hoeksema diz que a fé habitus torna a alma "peculiarmente apta a apreender coisas espirituais. É a aptidão para acreditar, em distinção ao ato de acreditar em si mesma" (p. 480). Me genoito! De modo nenhum; fé é crer. É a atividade da mente do pecador regenerado. Isso não é negar que a fé é um presente de Deus. Deus nos faz crer. Não podemos acreditar, a menos que o próprio Deus nos faça querer. E fé é a vontade de acreditar. Quando Paulo viu a luz e ouviu as palavras ao se aproximar de Damasco, ele realmente viu e ouviu. Essas eram suas ações, por mais que Deus as tivesse causado. Agora, um dos problemas de Hoeksema é que ele aceita uma forma extrema de psicologia da faculdade. Ele diz: "não há razão" para limitar a fé ao intelecto ou à vontade; mas devemos sim conceber a verdade da questão desta forma, que a partir do coração do homem o espiritual habitus de controles fé tanto intelecto e vontade"(p. 484). Nós respondemos, a fé é acreditar.

Por causa do pietismo daquelas pessoas que poderiam muito bem ser chamadas de super-devotas, mas mais por causa do antiintelectualismo do século XX nas formas de existencialismo e na neo-ortodoxia, esta seção sob o subtítulo de pessoa versus proposição terminará com mais algumas passagens das Escrituras. A própria palavra evangelho significa boas novas. Marcos começa com o começo das boas novas; e em 1:15, depois de descrever Jesus como pregador das boas novas, Jesus ordenou que o povo acreditasse nessas informações. A informação consiste em proposições para se acreditar. Mas ao invés de um longo

Ao examinar os Evangelhos [1] , parece melhor considerar alguns versículos menos conhecidos em Atos.

A palavra logos, palavra infelizmente traduzido em João 1: 1, é melhor traduzida Treatise em Atos 1: 1. Um tratado é presumivelmente uma massa de informações. Atos 2:41 diz que as pessoas receberam a palavra, a mensagem e a informação com prazer. Não diz que eles receberam uma pessoa sem uma mensagem. Logos neste versículo poderia muito bem se referir a Pedro sermão .E certamente o próximo verso fala de doutrina ou ensino (didache) Atos .No 04:29, 31 temos o termo palavra novamente, mas o significado é, obviamente, mensagem ou sermão. Naturalmente, os sermões são compostos de proposições. Quando os servos de Cornélio veio ver Pedro em Atos 10:21, o apóstolo perguntou-lhes: Por que .. logos , a razão, você veio me ver. Razões são proposições que explicam outras proposições.

Mais incisivamente o significado de logos , a importância de verdadeiras sentenças declarativas, e também a sua relação com as pessoas (para este ursos relevantes sobre a suposta separação entre pessoas e proposições) mais incisivamente o significado dos logotipos da palavra é esclarecido no restante do o capítulo, especialmente Atos 10: 3638 e 44. Aqui o leitor deve seguir o exemplo dos nobres bereanos e abrir a Bíblia para examinar se essas coisas são assim. No versículo 36, Deus enviou uma palavra aos filhos de Israel; esta palavra foi uma mensagem de paz através de Jesus Cristo. Foi um sermão, uma série de proposições. Esta mesma mensagem é designado pelo termo rhema no verso seguinte. Considerando logos pode significar qualquer expressão da razão pode significar um

---

9. Cf. meus logotipos joaninos, presbiteriano e pub reformado. Co., 1972.

proporção matemática, um livro, uma pergunta, um argumento o termo rhema realiza regularmente a conotação de palavras, palavras como listadas no dicionário, ou seja, simplesmente palavras comuns. (Isso logos e rhema pode ser e muitas vezes são idênticos é claro no Evangelho de João.) Estas palavras foram por toda a Judéia

e Galiléia. E o versículo seguinte (v. 38) mostra que esse Logos ou estes rhemata são as obras de Jesus Cristo. Pois a pessoa de Jesus não é uma pessoa sem uma mensagem inteligível. Subtraia as palavras e a pessoa não pode ser conhecida. Então, no v. 43, todos os que crêem nele, ou seja, todos os que crêem nas palavras pregadas, recebem perdão dos pecados. E o versículo 44 usa o termo rhemata novamente.

Para aqueles que são lingüisticamente inclinados, pode ser sábio mencionar de passagem que não estamos realmente falando de palavras. Palavras como cão , chien , Hund , são apenas símbolos. Eles são símbolos de pensamentos. Então, quando identificamos uma pessoa com suas palavras, o ponto é que a pessoa é o que ela pensa. A pessoa é a sua mente. Paulo nos exorta a ter a mente de Cristo, ou seja, a pensar em seus pensamentos. Mas a teoria da linguagem precisa de outra publicação.

Atos 15: 6 diz que os apóstolos se reuniram para considerar esse assunto . A palavra grega é logos . Refere-se à questão de se os gentios devem ou não ser circuncidados para serem cristãos. O próximo versículo fala da palavra do evangelho. Não é uma única palavra, mas uma mensagem estendida. O versículo 32 fala de uma palavra grande ou grande (no singular). Refere-se a dois longos discursos. Por fim, para encerrar esta lista tediosa, Atos 20: 7 conta como o sermão (logotipos) de cinco ou seis horas de Paulo colocou um jovem adormecido.

Todas essas referências mostram que os logotipos quase nunca devem ser traduzidos como palavra . Significa pensamento, mente ou razão, para que João 1: 1 possa ser comparado com a sabedoria de Deus e a mente de Cristo, conforme indicado em 1 Coríntios. 1:24 e 2:16. A fé consiste em crer na palavra.

5. Nota histórica

Desde o início. Os cristãos, antes de 325 dC, não haviam se estabelecido na doutrina da Trindade, não é de surpreender que eles não tivessem uma visão clara da fé. Tertuliano falou sobre acreditar na autoridade, e não em investigação e conhecimento pessoal. Depois de Atanásio, Agostinho tinha mais a dizer. A fé, para ele, era um consentimento voluntário da verdade. Isso é mais direto ao ponto do que as observações muito boas, mas bastante inadequadas, de Tertuliano. O presente volume defende a posição agostiniana.

A visão tomista da fé pode muito bem ser introduzida por uma referência a um teólogo medieval anterior, Hugo. Hugo, de São Victor, propôs uma definição de fé que foi amplamente aceita antes e depois da Reforma: "A fé é um tipo de certeza mental sobre realidades ausentes, superior à opinião e inferior ao conhecimento". Thomas então observa uma objeção à visão de Hugo. Uma média deve sempre ser homogênea para seus dois extremos. Como a ciência e a opinião têm proposições como seus objetos, os objetos da fé também devem ser proposições. Mas, ao contrário disso, o Credo dos Apóstolos, uma expressão de fé, diz: "Creio em Deus Pai Todo-Poderoso"; e isso é diferente da proposição: "Deus é Todo-Poderoso". Portanto, a fé diz respeito a uma realidade, não a uma proposição. Além disso, no céu, a fé dá lugar à visão, como I Cor. 13:12 diz; esta é uma visão do próprio Deus , não uma proposição; portanto, da mesma forma, o objeto da fé é uma pessoa, não uma proposição.

Tomás de Aquino, observando a divergência entre essas duas visões, afirma suas conclusões em sua Summa Theologica , (edição Blackfriars, Vol. 31, pp. 11 e segs.). "A maneira como o conhecido existe no conhecedor corresponde à maneira como o conhecedor sabe ... Por esse motivo, a mente humana conhece de maneira composta coisas que são simples. Da perspectiva de quem acredita, o objeto de a fé é algo composto na forma de uma proposição ... No céu ... essa visão não assumirá a forma de uma proposição, mas de uma simples intuição ".

Essa citação irá confundir quem ainda não estudou o tomismo. No entanto, tem uma certa plausibilidade. Naturalmente, trivialmente, tautologicamente, a maneira como o conhecido existe no conhecedor corresponde à maneira que o conhecedor conhece. Menos plausível é a ideia de que algo tão simples como

não ser uma proposição, algo que não tem sujeito e predicado, pode milagrosamente se transformar em uma proposição; ou que uma proposição, verdadeira porque o predicado é apropriado ao seu assunto, pode ser conhecida de outra maneira. Pode o termo gato ser uma verdade? A proposição "esse gato é preto" pode ser verdadeira; mas pode um sujeito menos um predicado ser verdadeiro sozinho?

O seguinte é muito menos plausível: Thomas insiste que não podemos acreditar em nada que seja falso. Pelo menos ele diz: "Nada pode ser a conclusão de qualquer potencialidade ... exceto em virtude do objetivo formal desse poder. Por exemplo, a cor não pode ser a conclusão da vista, exceto através da luz. ... Portanto, nada pode ficar abaixo fé, exceto em seu status dentro da verdade de Deus, onde nada de falso tem lugar.
Só podemos concluir que nada falso pode ser objeto de fé ".

Essa não era a opinião de Agostinho, pois, em sua defesa da fé, contra seu repúdio pela ciência, ele usou como exemplo a crença de um menino de que um certo homem e mulher eram seu pai e mãe. No caso de bebês adotados na infância, essa crença é frequentemente falsa.

Algumas páginas mais adiante (edição de Blackfriars, p. 61) Thomas dá uma explicação mais completa. "O verbo pensar pode ser usado em três sentidos. O primeiro é o sentido mais amplo que qualquer ato de conhecimento intelectual.
segundo é um sentido mais restrito, onde o pensamento designa um pensamento da mente que é acompanhada por uma certa busca antes de atingir a compreensão completa na certeza de ver. .... O terceiro sentido é
um ato do poder cognitivo [e não faz parte disso

discussão] ... Em seu primeiro e mais amplo sentido, 'pensar com consentimento' não traz o significado preciso.
... Se, no entanto, tothink é entendida em seu sentido próprio, o texto não expressar o significado distinto do ato de crença. Entre os atos do intelecto, alguns incluem um firme consentimento sem refletir, portanto, quando alguém pensa sobre o que sabe cientificamente. ... Outros atos mentais são ... inconclusivos ... suspeitos
... opinião. O ato de acreditar, no entanto, está firmemente ligado a uma alternativa e, nesse aspecto, o crente está no mesmo estado de espírito de quem tem ciência ou entendimento. ” [2]

6 As notas da edição dos Blackfriars listam outras passagens que dão mais detalhes.

Como esse não é um tratado sobre a teologia tomista, a conclusão é apenas que Thomas, com muitos detalhes, definiu a fé como assentimento a uma proposição entendida.

Em algum lugar de uma discussão sobre fé, a visão romana da fé "implícita" deve ser considerada. Quando um camponês italiano ou irlandês afirma que acredita no que a Igreja ensina, embora, é claro, seu conhecimento sobre o que a Igreja ensina abranja não mais que um por cento da confissão tridentina, ele é dito ter fé implícita. Mesmo um católico instruído, professor de filosofia em uma universidade secular,

não conhecia o elemento essencial que torna o batismo válido. Mas todas essas pessoas professam crer em tudo o que a Igreja ensina. O protestantismo sempre rejeitou essa proposição como absurda. Deve ficar claro que ninguém pode acreditar no que ele não sabe ou entende. Suponha que uma pessoa que não sabe francês é informada: "Dans ce roman c'est M. DuPres qui est le meurtrier": ele pode acreditar? Certamente a Escritura não aceita tal ignorância. Os escritores sagrados enfatizam constantemente a doutrina, o conhecimento e a sabedoria. O versículo bem conhecido, Mateus 28: 20, diz: “Ensinando-os a observar todas as coisas que eu lhes ordeno.” Nada deve ser deixado sem instrução. Uma pessoa não pode “observar” uma doutrina ou obedecer a uma ordem, a menos que A fé é estritamente limitada ao conhecimento.

Esta nota sobre fé implícita serve para introduzir a discussão de Calvino nos Institutos, Livro III, capítulo ii. Ridicularizando a fé implícita, ele diz: "Essa fé não compreende nada? ... A fé consiste não na ignorância, mas no conhecimento. ... Por esse conhecimento [de que Deus é propício para nós através de Cristo] eu digo, não renunciando à nossa fé. entendendo, obtemos uma entrada no Reino dos Céus. ... O apóstolo [em Rom. 10:10] ... indica que não é suficiente para um homem implicitamente acreditar [acreditar] no que ele não entende nem mesmo examina; ele exige um conhecimento explícito da bondade divina ... A fé consiste no conhecimento de Deus e de Cristo "(III ii 2,3).

Além disso: "Paulo conecta a fé como um inseparável concomitante com a doutrina, onde ele diz ... " como a verdade está em Jesus ... [e] 'as palavras de fé e boa doutrina' ... A fé tem uma relação perpétua à palavra ... 'Estes estão escritos para que você possa crer.' ... Retire a palavra, e então não haverá mais fé. ... Precisamos investigar melhor que parte da palavra ela é, com a qual [a fé salvadora] está particularmente preocupada ... Quando nossa consciência não vê nada além de indignação e vingança, como não tremerá de medo? ... Mas a fé deve buscar a Deus, não fugir dele. Mas suponha que substituamos a benevolência e misericórdia [e Calvino cita vários versículos].

.... Agora teremos uma definição completa de fé, se dissermos, que é uma constante e certa

o conhecimento da benevolência divina para conosco, que, sendo fundamentado na verdade da promessa gratuita em Cristo, é revelado às nossas mentes. e confirmado em nossos corações pelo Espírito Santo "(6 e 7).

Com o devido respeito a Calvino, pode-se perguntar se essa definição tende ou não a confundir fé com segurança. Mais sobre isso mais tarde. Também pode-se duvidar se a definição é "completa". Pelo menos há mais a ser dito. É claro, no entanto, que Calvino enfatiza o conhecimento, em particular o conhecimento da promessa de Deus. Portanto, o objeto da crença é uma proposição.

Ao ler Calvino, é preciso considerar a data dos institutos . Este trabalho foi publicado pela primeira vez em 1536. A edição final, muito ampliada, chegou em 1559. O Conselho de Trento foi chamado em 1542; recuou em 1547 e recomeçou em 1551. Recuou novamente de 1552 a 1562; e suas decisões finais foram confirmadas pelo papa em 1564. Assim, Calvino começou a escrever antes da reunião do Conselho; ele terminou seu trabalho antes da conclusão do Conselho; e, portanto, sua descrição do romanismo não poderia ser baseada com precisão nas conclusões do Conselho. Ele teve que usar exemplos concretos de autores e pregadores reais. O resultado é que algumas de suas descrições do romanismo não são verdadeiras sobre o que mais tarde se tornou a posição romana oficial.

Por exemplo, em III ii 8, ele diz: "Eles mantêm a fé como um mero consentimento, com o qual todo desprezador de Deus pode receber como verdadeiro o que quer que esteja contido nas Escrituras". Agora talvez

algum estudante impetuoso ou estúpido disse isso; mas não é a posição pós-tridentina. Na Enciclopédia Católica do século XX, a fé é declarada como "consentimento fiducial". Tampouco está claro que um desprezador de Deus possa receber como verdadeiras coisas que sem dúvida existem, mas tudo está contido nas Escrituras.

Por mais que se oponha à igreja romana, mesmo afirmando a visão da Reforma de que o Papado é o anticristo, é desnecessário, e não fazemos bem a nossa causa, deturpar esses idólatras. Portanto, como uma questão de história, segue-se uma seção sobre os decretos de Trento. Esses decretos contêm muito do que está errado. Eles ensinam que o batismo é a causa instrumental da justificação, e que na justificação Deus nos torna justos. Eles afirmam a cooperação humana e negam a graça irresistível; e muitas outras coisas, incluindo, é claro, as abominações da Missa. No entanto, e ainda assim, existem alguns remanescentes do cristianismo. A citação a seguir diz respeito à fé e, embora misturada com erros estultificantes, existem algumas boas frases.

Sexta Sessão, capítulo viii: "Dizem-se, portanto, que somos justificados pela fé porque a fé é o começo da salvação humana. ... sem a qual é impossível agradar a Deus... Dizem que somos justificados livremente porque nenhum desses coisas que precedem a justificação, sejam elas fé ou obras, merecem a própria graça da justificação ... caso contrário, a graça não é mais graça. "

Então siga (Capítulo IX) um repúdio aos hereges da Reforma, (Capítulo X) o aumento da justificação; depois, mantendo os mandamentos, presunção e predestinação, perseverança (capítulos XI, XII, XIII) etc.

Após o capítulo XVI, alguns cânones se opõem à visão de justificação da reforma. Por exemplo: "Se alguém diz que os homens são justificados pela única imputação da justiça de Cristo ... à exclusão da graça (infundida) e da caridade que é derramada em seus corações pelo Espírito Santo, o árido é inerente. neles ... seja anátema "(Canon XI).

Mesmo aqui, isso não é tão ruim quanto parece para os ouvidos pós-formação; ou pelo menos o erro geralmente é

identificado incorretamente. Os romanistas incluído em seu termo justificação que os reformadores e a chamada Bíblia santificação .Este último naturalmente exige graça infusa e amor. Uma identificação mais precisa do erro romano seria sua completa cegueira à justificação bíblica. Eles usaram o termo, mas omitiram e negaram a absolvição judicial e justificativa de Deus, da qual mais será dito mais tarde.

Além dos decretos de Trento, algo dos Decretos dogmático do Vaticano Conselho (AD 1870) forma uma nota histórica interessante. "Capítulo III, Sobre a fé, o homem sendo totalmente dependente de Deus, como de seu Criador e Senhor ... somos obrigados a ceder a Deus, pela fé em sua revelação, a total obediência de nossa inteligência e vontade. E a Igreja Católica ensina que essa fé, que é uma virtude sobrenatural, pela qual, inspirada e assistida pela graça de Deus, acreditamos que as coisas que Ele revelou são verdadeiras ... por causa da autoridade do próprio Deus ... Mas, embora o consentimento de fé não é, de modo algum, uma ação cega da mente; ainda assim, ninguém pode concordar com os ensinamentos do Evangelho, pois é necessário obter a salvação, sem a iluminação e inspiração do Espírito Santo, que dá a todos os homens doçura ao concordar e crer. Portanto, a própria fé, mesmo quando não trabalha por caridade, é em si um presente de Deus, e o ato da fé é uma obra pertinente à salvação, pela qual o homem produz obediência voluntária ao próprio Deus, ao concordar com e cooperando com sua graça, que ele é capaz de resistir. "

Isso certamente não é teologia da Reforma, e algumas de suas frases contradizem claramente o ensino das Escrituras. No entanto, pode parecer que Calvino não antecipou corretamente o símbolo tridentino quando deu a definição romana de fé como "um mero consentimento que todo desprezador de Deus pode receber como verdadeiro o que quer que esteja contido nas Escrituras".

Além do fato de que Calvino escreveu antes do Concílio de Trento reuniu e terminou de escrever antes de concluir, podem surgir mal-entendidos, especialmente da nossa parte hoje, devido a mudanças no significado das palavras ao longo de quatro séculos. Calvino diz "o consentimento que

nós damos à palavra Divina ... é do coração, e não da cabeça, e das afeições, e não do entendimento. "Visto que as Escrituras nunca contrastam a cabeça e o coração, mas freqüentemente contrastam as coração e nos lábios, deve-se supor que por cabeça Calvin significou a compreensão e pelo coração a vontade
.Nem é "a obediência da fé", que ele cita na frase seguinte, uma "afeição", mas uma volição. A obediência é sempre voluntária. Algumas linhas abaixo de Calvino falam mais claramente: "É um absurdo dizer que a fé é formada pela adição de uma afeição piedosa ao consentimento da mente, enquanto mesmo esse assentimento consiste em uma afeição piedosa, e é descrito em as Escrituras "(III ii 8).

Se muito do que Calvino diz expor os erros de Roma, essas últimas palavras devem advertir os evangélicos a não menosprezarem o consentimento, 'mero' consentimento da mente, pois essa aceitação voluntária da verdade é em si uma ação piedosa (se não uma 'afeição'). .

O Catecismo Maior (Questão 72) servirá de conclusão para esta digressão histórica.

"A fé justificativa é uma graça salvadora, operada no coração de um pecador, pelo Espírito e pela palavra de Deus, pela qual ele, convencido de seu pecado e miséria, e da incapacidade em si mesmo e em todas as outras criaturas para recuperá-lo de seus pecados." sua condição perdida, não apenas concorda com a verdade da promessa do Evangelho, mas recebe e repousa sobre Cristo e sua justiça ali contida, por perdão do pecado e por aceitar e prestar contas de sua pessoa justa aos olhos de Deus para salvação."

Infelizmente, há uma fase nesta resposta que parece se desviar de Calvino, e para a qual o texto da prova segue uma imprecisão na tradução de King James. Para não estender indevidamente esta subseção, o aluno pode estudar a exegese de Efésios 1:13, em Hodge e outros comentaristas. Embora difira um pouco de Hodge, o aluno pode considerar esta tradução: "Em quem você também recebeu uma herança, tendo ouvido a palavra da verdade, isto é, o evangelho de sua salvação, em [ou por] que [neutro] também acreditou , você foi selado. ... "

6. Psychology

Embora o Catecismo Maior não se refira diretamente à análise psicológica da fé ou crença), esse problema é aquele que mereceu atenção, não apenas

de teólogos cristãos. mas também de filósofos seculares. Esses secularistas, mesmo quando não são tão bem-sucedidos quanto os teólogos, têm uma vantagem; ou seja, sua tarefa é mais simples, porque eles não consideram complicações religiosas. Muitas discussões teológicas caem em confusão porque os elementos necessários à fé salvadora são atribuídos a qualquer crença. Aqui é preciso primeiro tentar analisar a crença como tal e depois caracterizar essas crenças, ou essa crença, que justificam.

A análise evangélica sempre mais da crença separa em três partes: notitia , assensus e Fiducia , ou compreensão, o parecer favorável e de confiança. Talvez até os teólogos que usam essa análise possam omitir a fiducia, se se limitassem à crença como tal; para de uma forma coloquial uma pessoa que acredita que Colombo descobriu a América em 1492, ou em 1374, não é tomado como um exemplo de confiança .Yet ele não é realmente um exemplo de confiança ?

Thomas Manton, em seu Comentário sobre Tiago, expressa muito bem a visão evangélica usual; e ele distinguiu, bem ou mal, entre fé salvadora e outras religiões. A passagem é longa demais para citar; portanto, uma condensação, às vezes literalmente, às vezes não, é suficiente.

Citando Tiago 2:19 sobre os demônios, Manton observa que a fé aqui é uma "especulação pura" e não pode salvar ninguém.

Que essa fé não pode salvar é muito verdadeira. Não passa de uma crença no monoteísmo. Isso os muçulmanos possuem. Porém, por mais que seja com os muçulmanos, parece incorreto chamar a fé dos demônios de pura "especulação". Essa palavra é freqüentemente usada para se referir a alguma proposição que é tão

inverificável como provavelmente mais falso do que verdadeiro. É verdade que Manton também chama isso de conhecimento; e isso é melhor, porque neste ponto, se nada mais, os demônios acreditam na verdade.

Ele continua: "Tu crentes; isto é, concordares com esta verdade." ~ A crença é, portanto, um ato de concordância com a verdade. Ainda Manton acrescenta, acreditar é o "ato mais baixo da fé". Em vista dos comandos bíblicos para acreditar, isso soa muito estranho.

Existe um ato superior de fé? E se sim, é mais alto porque tem um objeto mais detalhado, ou seja, um número maior de proposições? Mas, nesse caso, ainda seria um ato comum de crença. Ou é mais alto porque algum elemento além do ato de acreditar está presente?

Manton continua com o objeto dessa crença. "Existe um Deus. Ele instancia nessa proposição, embora ele limite o assunto apenas a isso." Esse é agora um uso raro do verbo, e não do substantivo, para instância . Significa dar uma instância; a proposição "existe um Deus" é, portanto, uma instância ou especificação daquilo em que o homem acredita. Manton sugere que o homem acredita ou concorda com "outros artigos de religião". Isso é sem dúvida verdade, pois quase todo mundo que acredita em qualquer tipo de Deus acredita em algo mais além da existência nua. Que o homem tem uma extensa teologia judaica ou cristã, no entanto, não está claro.

"Você faz bem", cita Manton; "ela [a frase das escrituras] é uma aprovação de tal afirmação: na medida em que é boa e não repousa".

Novamente Manton descreveu o ato como consentimento voluntário. Naturalmente, todo consentimento deve ser voluntário. Mas o que também precisa ser observado aqui são as palavras "descansadas". Quando dizemos que descansar, ou não deve descansar em, isso ou aquilo, queremos dizer que, além de notitia e assensus existe algum outro elemento psicológico na fé salvadora chamado de "descanso"? Ou significa que a fé salvadora, em vez de ser psicologicamente diferente, deve ser um assentimento a outras proposições além do monoteísmo? O último parece ser o caso, quer Manton queira ou não. Não devemos descansar ", ou seja, ficar satisfeitos com a única proposição: 'Existe apenas um Deus'. este

proposição que até os demônios aceitam. Mas, para a salvação, os homens devem não apenas aceitar a proposição monoteísta, mas também outras proposições relacionadas à Expiação.

Na página seguinte, Manton observa que os demônios concordam com esta verdade única e com outras verdades reveladas na palavra, mesmo para "muitas verdades nas Escrituras" (na página seguinte). Mas quanto da Bíblia os demônios acreditam, talvez justificação pela fé, é uma pergunta que nós, em nossa ignorância da psicologia satânica, não podemos responder. Aparentemente, Manton quer maximizar a ortodoxia dos demônios.

"O consentimento nu", diz Manton, "aos artigos de religião não infere a verdadeira fé. A verdadeira fé, unida a Cristo, é familiar à sua pessoa. "Dois fatores parecem estar confusos na mente de Manton: a psicologia e as proposições. Essa citação significa que a fé salvadora, além da crença no monoteísmo, também deve incluir o calcedônia? Cristologia? Certamente um parecer favorável a Chalcedon, por mais "nu", é "familiarizado com sua pessoa". Ou a afirmação de Manton significa que os próprios demônios se inscrevem em Chalcedon e que "conhecedor" é um elemento psicológico além do consentimento? ele \ vould parecem tão porque caso contrário nenhum contraste poderia ser feita entre " assentimento aos artigos de religião" e " versado sobre sua pessoa."

Fé "não é apenas assensus axiomati, um assentimento a uma máxima ou proposição do Evangelho; você não é justificado por isso, mas por ser um com Cristo. Foi o erro da era anterior fazer a promessa, e não a pessoa de Cristo, para ser o objeto formal da fé ".

A menção da pessoa de Cristo é linguagem piedosa. Expressões semelhantes são comuns hoje. Um slogan é: "Nenhum credo a não ser Cristo". Outra expressão, com variações de pessoa para pessoa, é: fé é
não crer em uma proposição, mas confiar em uma pessoa. [3]

5. Nos últimos anos, os neo-ortodoxos e os pseudo-evangelísticos propuseram o absurdo piedoso de que a palavra grega para fé (pistis) deveria ser entendida por seu uso em um termo hebraico e não em seu significado grego. O termo ou termos hebraicos significam confiança ou fidelidade e não crença. James Barr, que pode

Embora isso possa parecer muito piedoso, não deixa de ser destrutivo para o cristianismo. Nos anos 20, antes de a Igreja Metodista se tornar totalmente apóstata, um liberal em sua Conferência Geral opôs-se à precisão teológica por alguma frase centrada em Cristo, como Cristo é tudo o que precisamos. Um certo pastor, um remanescente da ala evangélica da igreja, teve a coragem de tomar a palavra e fazer a pergunta "qual Cristo?"

O nome Jesus Cristo, pelo menos desde 1835 no Leben Jesu de Strauss, tem sido aplicado a várias supostas pessoas. Strauss iniciou o "Movimento da Vida de Jesus". Atravessou Ernest Renan até Albert

Schweitzer. [4] Mas as pessoas descritas não são como a pessoa descrita no Credo de Calcedônia, nem, aliás, são iguais entre si. É necessário, portanto, perguntar qual Cristo, ou de quem Cristo? A resposta cristã ou bíblica é o Credo de Calcedônia. Uma pessoa pode ser identificada apenas por um conjunto de proposições.

É a isso que Manton se refere como "o erro da era anterior". Thomas Manton era um puritano do século XVII e, quando fala da "era anterior", não está se referindo ao romanismo apóstata, mas aos próprios reformadores. Por isso, ele é uma testemunha de que eles definiram a fé como um assentimento à promessa do Evangelho. Da mesma forma, ele deseja introduzir algum outro elemento na fé, além deste

ato de vontade. O que é isso? Ele responde: "Não há apenas <u>assentimento</u> infaith, mas <u>consentimento</u> [5] :. Não é apenas um assentimento à verdade da palavra, mas um consentimento para levar Cristo ... verdadeiro crente não é um ato da única compreensão, mas um trabalho de todo o coração ".

Um estudo cuidadoso dessas palavras, e do contexto completo em Manton, além de uma comparação com as Escrituras, deve concluir que Manton está confuso. O primeiro ponto é que a palavra <u>consentimento</u> recebe nenhuma explicação. Faz uma aliteração agradável com consentimento, mas literária

nenhum sentido ser considerado favorável ao que Manton chama de "o erro da geração passada", isto é o erro dos reformadores protestantes, em seu volume de soberbamente erudita, Os <u>Semântica de Língua bíblica</u> , Oxford University Press, 1961, reduz o ponto de vista pseudoevangelical para ruínas não escolares.

7. Cf. Geerhardus Vos. A auto-divulgação de Jesus

2 Possivelmente o primeiro teólogo sistemático a usar esse termo foi João de Damasco ou Damasceno: "fides est non inquisitus consensus"; isto é, "fé é um consentimento inquestionável".

estilo não substitui a análise. O "consentimento" é um ato de vontade? A linguagem comum faria parecer assim; mas, se sim, como é diferente de assentimento? Se o "consentimento" não é voluntário e também não pode ser um ato de entendimento, que tipo de estado mental é esse? Também quando ele diz que "a verdadeira crença não é apenas um ato de entendimento, mas uma obra de todo o coração", ele não está enfrentando com precisão "a era anterior". O primeiro nunca disse que a crença verdadeira, ou a crença falsa, é apenas um ato de

entendimento. A era anterior e grande parte das idades dos devoradores também especificam consentimento, além da compreensão. Eles fazem essa especificação com o objetivo deliberado de não restringir a crença apenas à compreensão. Pode-se entender e dar palestras sobre a filosofia de Spinoza; mas isso não significa que o palestrante consente com isso. A crença é o ato de concordar com algo compreendido. Mas o entendimento por si só não é crença no que é entendido.

O próprio Manton reconhece: "Confesso que algumas expressões das Escrituras parecem muito assentidas, como 1 João 4: 2 e 5: 1; 1 Cor. 12: 3; Mateus 16: 17; mas esses lugares [Manton diz estranhamente] fazem ou mostram que os consentimentos, onde são sérios e com plena convicção, provêm de alguma revelação especial; ou então, se os propõem como evidências da graça, devemos distinguir os tempos ".

Agora, Matt. 16:17 não é claramente uma revelação especial. Pode muito bem ser, e mais provavelmente é, uma iluminação que Deus dá a todo crente. Nem eu sou Cor. 12: 3 uma revelação especial: refere-se a todos os menit, é uma afirmação completamente geral e não pode ser aplicada apenas aos poucos destinatários de revelação especial. A menos que, portanto, se queira ser muito dogmático sobre Pedro em Mateus, todos esses versículos, na opinião de Manton, devem ser deixados de lado, devem ser explicados, "distinguindo os tempos". É verdade que Deus administrou a aliança no Antigo Testamento de uma maneira diferente da administração do Novo. Também, mas as diferenças são muito menos importantes, a era apostólica e os dois séculos seguintes enfrentaram dificuldades que não são tão diretamente nos incomoda agora. ”Mas essas diferenças históricas são totalmente irrelevantes para a presente discussão: se as proposições e promessas do Antigo Testamento eram mais vagas e menos específicas do que aquelas no Novo, e se as verdades do Evangelho pareciam mais" contrárias a os princípios ordinários e recebidos da razão "lá do que agora [o que há muito a duvidar),

tudo isso é irrelevante porque o ato mental de acreditar é o mesmo em todas as épocas e em todos os lugares. O relato de fé de Manton é, portanto, confuso e levou-o a deixar de lado algum material instrutivo do Novo Testamento.

O cerne da dificuldade com a análise popular da fé em notitia (entendimento), assenso (consentimento) e fiducia (confiança), é que a fiducia vem da mesma raiz que a fides (fé). [6] Portanto, essa análise popular se reduz à definição obviamente absurda de que a fé consiste em entendimento, consentimento e fé. Algo melhor que essa tautologia deve ser encontrado.

7. John Owen

Se agora Thomas Manton mereceu menção, tanto mais seu contemporâneo mais jovem e maior, John Owen, que, entre outras coisas, escreveu um comentário de quatro mil páginas sobre Hebreus. Aqui o menor quatrocentos e cinquenta página do livro sobre a justificação pela fé obriga a nossa atenção. Os números das páginas são os da edição Sovereign Grace de 1959.

Na página 70, Oven inicia um exame da natureza da fé. Mas o leitor deve tomar cuidado. O exame é introduzido assim: "Da natureza da fé em geral, da natureza especial da fé justificadora, de suas distinções características daquilo que é chamado de fé, mas não é justificável. ..."

Nenhuma objeção pode ser feita a esse exame; mas o aluno deve ter o cuidado de entender qual é a natureza da fé em geral. Justificar a fé é uma espécie de fé, e se alguém não sabe o que é a fé em geral, não pode saber 'o que é a fé que justifica. Owen mantém clara essa distinção?

Infelizmente, ele não deixa suficientemente claro para nós. De fato, ele diz: "As distinções que costumamos fazer em relação à fé (...) eu pretenderei totalmente: não apenas como

9. Os latino fides isnot um bom sinônimo para o grego pisteuo .

óbvio e conhecido, mas como não pertencendo ao nosso argumento atual: "Owen parece ter tido uma visão otimista de sua geração". Mas mesmo que essas distinções fossem tão óbvias e conhecidas, como ele diz, não são assim hoje. Mas, mesmo que "prefira" muito, Owen não pode deixar de dar alguma indicação do que é o ato de acreditar.

Seu próximo parágrafo fala de uma "fé histórica" injustificável. Não é porque essa fé tenha muito a ver com a história que é chamada de histórica. Além dos eventos históricos, essa fé acredita nas promessas do Evangelho. "Mas é assim chamado pela natureza do consentimento (em itálico) em que consiste." Aparentemente, existem dois tipos de consentimento. Qual é essa diferença especificamente, Owen não diz. Ele realmente diz que a diferença não está no objeto da fé, acreditava a proposição, mas na natureza ou nas características psicológicas desse tipo específico de assentimento. Gostaríamos de saber o que é essa psicologia diferente.

Owen é bastante claro que "toda a fé é um assentimento sobre o testemunho" (p. 72)'. "A fé divina é um assentimento ao testemunho divino". Obviamente, o testemunho divino é diferente do testemunho humano; e, como disse o grande puritano, os efeitos de algumas crenças diferem muito dos efeitos de outras crenças. Mas diferenças nos efeitos e nos objetos são irrelevantes para a questão de saber se existem espécies de crença. É de se temer que alguma noção de espécie de crenças tenha sido confundida com "espécie de crença". Também não é mais uma referência a uma fé temporária em oposição a uma fé permanente. De fato, Berkhof (op . Cit .
.p.501), que segue Owen, acrescenta que a fé temporária pode durar a vida inteira, que não é necessariamente hipócrita e que inclui uma agitação da consciência. Não é de admirar que ele observe que: “Pode ser experimentada uma grande dificuldade em tentar distingui-la da fé salvadora.” Essa visão também se aplica à doutrina da garantia. No entanto, Owen diz: “A justificação da fé não é um grau mais alto ou mais alto disso. fé, mas é de outro tipo ou natureza. "No entanto, todas as suas evidências não mostram um tipo diferente de crença, mas um objeto de crença diferente. Ele se refere a: (1) causas diferentes, (2) objetos diferentes de um processo anterior ou preparatório. crença e (3) diferentes objetos de fé (p. 80), embora ele já tivesse descartado os objetos como a diferença.

Enquanto a conta de Owen continua, a confusão piora. Não apenas ele entende mal a posição romana, descrevendo a fé deles como um consentimento que não produz obediência, mas também está insatisfeito com "um firme parecer que produz obediência a todos os mandamentos divinos" (p. 801). Para Owen, a fé parece ter três características principais, a terceira das quais com oito subdivisões.

A primeira delas é a concordância com a verdade: "toda fé divina é em geral uma concordância com a verdade que nos é proposta no testemunho divino". O segundo ponto é mais uma reafirmação do primeiro. A única diferença parece ser que a primeira se refere a um número limitado de verdades que um determinado indivíduo conhece, enquanto a segunda inclui "toda revelação divina". Agora, não é provável que um novo cristão, recentemente justificado, entenda e assista a todas as proposições da Bíblia. Após uma vida inteira de estudo, um teólogo erudito dificilmente poderia saber tanto. Mas, pode-se dizer, até o novo cristão concorda em
Infalibilidade bíblica. Bastante, essa é uma proposição única. Ele então tem fé implícita em todas as outras proposições bíblicas? Pelo contrário, o evangelicalismo exclui a doutrina romana da fé implícita. Portanto, a justificação não pode depender do nosso consentimento a toda verdade revelada. A fé justificadora deve ser um assentimento a algumas verdades, não todas. Até o próprio Owen, depois de ter dito "toda revelação divina", restringe a fé justificativa a apenas algumas verdades. Mas, além de qualquer outra coisa, todos ou alguns, é acreditado, Owen insiste que a fé justificadora deve incluir certas causas e adjuntos .

Seu terceiro parágrafo começa com uma negação explícita de que a fé é um assentimento, não importa quão firme e firme, não importa quão perfeita seja uma obediência que ela produz. Nem respeita igualmente todas as revelações divinas, mas apenas algumas. E então siga oito pontos, principalmente negativos.

10. O consentimento não é apenas um ato de entendimento. Uma vez que, no entanto, ninguém nunca disse que sim, mas pelo menos o inclui, pode-se considerar o primeiro sub-ponto de Owen apenas como uma tentativa de ser completo.

7. "Toda verdade divina não é igualmente o objeto desse assentimento". Se assim fosse, a afirmação de que Judas era um traidor afetaria tanto nossa justificação quanto que Cristo morreu por nossos pecados.
8. A fé justificadora não pode existir sem uma obra anterior da lei. Isso pode ser verdade, embora a repentina
a conversão de Saul pode tornar a palavra anterior alógica, em vez de uma sucessão temporal. De qualquer forma, e não importa quão verdadeiro, isso não contribui para uma análise do ato de acreditar.

9. O ponto quatro é muito confuso, e o ponto (5) afirma, o que é, na melhor das hipóteses, duvidoso, que os demônios em Tiago concordam com tudo na Bíblia. O ponto (6) afirma que a esperança e a confiança não estão contidas em um "mero" consentimento da verdade ", mas elas esperam e confiam requer ações mentais diferentes daquelas que são peculiares apenas ao entendimento". Mas Owen não está fora da pista? É claro que a esperança e a confiança exigem a vontade de concordância, bem como o entendimento da promessa ou esperança.

O ponto (7) se afasta completamente das Escrituras e depende inteiramente da experiência introspectiva. Assim, sua objeção ao assentimento aqui é dada unicamente por sua própria autoridade, e não pela autoridade das Escrituras.

11. O ponto 8, no entanto, é indubitável porque tautológico. "Somente essa fé justifica a justificativa que realmente a acompanha. ... Suponha que um homem tenha fé justificativa e não seja justificado. É supor uma contradição". Claro que é; mas por essa mesma razão, é uma falácia concluir: "Portanto, é suficientemente evidente que há algo mais necessário para justificar a fé do que um verdadeiro assentimento a todas as revelações divinas".

Owen continua por várias páginas difíceis. Ele se opõe a identificar o objeto da fé com a promessa de perdão de Cristo. Em vez disso, ele afirma que o próprio Cristo é o objeto de justificar a fé. Embora isso pareça muito piedoso, Owen e outros podem não ~~ter dito isso~~, se em vez do termo fé eles havia usado a palavra bíblica acreditar . Quando cremos em um homem, cremos no que ele diz. Também não ajuda a visão de Owen a insistir na frase bíblica, acreditam em Cristo , como algo essencialmente diferente de acreditar Cristo. Como dissemos antes, acreditar em um

o homem pode indicar uma vontade de acreditar no que ele dirá no futuro, bem como no que ele disse no passado. Mas a crença deve sempre ter uma proposição como seu objeto apropriado e, portanto, deve ser favorável. Owen, que seja repetido por uma questão de clareza, não nega que o consentimento sempre deva ser sempre incluído na fé. Falando das promessas de perdão, ele diz: "Não pode ser senão que, nos atos da fé justificativa, há um assentimento peculiar a eles. No entanto, sendo apenas um ato da mente, nem toda a natureza nem toda a obra de a fé pode consistir nela "(p. 87). Agora pode-se dizer que o trabalho ou os resultados da fé são vários; mas tais resultados, como a pregação do evangelho por um evangelista, não justificam a fé, são obras de retidão, nenhuma das quais justifica; mas se a fé ou acreditar em si não é um ato da mente , não resta nenhuma esperança de encontrá-lo em qualquer outro lugar. Ousamos sugerir que é o trabalho dos dedos, pulmões ou estômago?

Tudo o que precede vem do capítulo de Owen sobre as causas e objeto fé ofjustifying; e isso pode até certo ponto desculpar a confusão. O capítulo seguinte é a natureza de "; justificar a fé; e parece melhor ter descrito o que é crença antes de especificar o objeto de crenças particulares.

No começo, ele observa que a fé que está discutindo é uma fé sincera. Que assim seja. O consentimento é sempre sincero. Não importa o que uma pessoa acredite, ela acredita sinceramente. Uma pessoa nem sempre declara sinceramente o que acredita. Ele pode obscurecer ou até negar suas crenças. Mas assentimento a uma proposição é ipso facto sincero.

Owen, em seguida, dá exemplos negativos e positivos. "A descrença dos fariseus ... é chamado de 'rejeição do conselho de Deus' ... a maioria daqueles que rejeitaram o Evangelho por sua incredulidade, o fez sob a noção, que o caminho da salvação e bem-aventurança proposta não havia como responder à bondade divina ... "(p. 9495). Certamente esta citação é uma afirmação da verdade; mas confunde muito o que Owen disse, pois enquanto os discípulos concordavam com as declarações de Cristo quando as entendiam, os fariseus concordavam ou acreditavam em proposições contraditórias. Portanto, é preciso rejeitar o que Owen diz algumas linhas abaixo; ou seja, "os incrédulos ... podem dar um consentimento à verdade [do evangelho], na medida em que é um mero ato da mente". Isso é lógico

absurdo, impossibilidade psicológica e confusão teológica. Sua única defesa aqui, apenas algumas linhas abaixo, é que ele não está mais falando sobre fé sincera, mas apenas fé insincera.

Por mais severas que essas críticas a Owen possam parecer, não suponha que o estudante deva ser desprezado. Ele é um dos maiores puritanos, e deveríamos ficar extremamente felizes se pudéssemos cometer tão poucos erros quanto eles. Além disso, apesar de toda a confusão sobre esse ponto, Owen parece reconhecer que acreditar é consentimento voluntário de uma proposição entendida. Ponha de lado questões sobre o objeto ou objetos acreditava, reconhecer que as frases que não contenham as palavras voluntária ou consentimento pode, contudo, têm o mesmo significado, e perceber que o ato de crença é psicologicamente o mesmo não importa fazer o que se acredita, e é difícil encontrar uma frase descritiva da crença melhor do que o consentimento voluntário.

Assim, em seu grande comentário sobre Hebreus, no capítulo onze, versículo 8, Owen diz: "'Pela fé entendemos', isto é, pela fé concordamos com a revelação divina ... (...) não chegamos apenas a concordar com ela como é verdade, mas ter uma devida compreensão dela [criação] em sua causa, para que possamos dizer que a entendemos ... Aqueles que firmemente concordam com a revelação divina, compreendem a criação do mundo, como sua verdade. , sua estação, sua maneira e fim ". Talvez Owen seja otimista demais quanto à extensão de nossa compreensão; mas qualquer taxa de fé ou crença é um consentimento volitivo a uma proposição compreendida.

Desde capítulo seis em A Expiação citou o teólogo luterano John Theodore Mueller e não concordavam com ele, pode ser interessante brevemente a nota que ele diz sobre os elementos de fé. Na página 325, ele usa a divisão tríplice comum de conhecimento, consentimento e confiança. Mas ele parece e isso confunde um readerto restringir o conhecimento e concordar com eventos históricos não interpretados. Certamente ele não pode ter entendido isso, pois obviamente uma pessoa pode acreditar em uma doutrina e também em um evento histórico. Alguma modificação, felizmente, ocorre na próxima página, onde ele diz: "No entanto, se o termo notitia isunderstood no sentido do verdadeiro conhecimento espiritual de Cristo ... eo termo assensus é concebida como assentimento espiritual para as promessas do Evangelho ... então esses dois termos incluem a fiducia cordis ".

Mesmo na intrigante página, ele disse: "A fé que justifica não é apenas um conhecimento da história ...

mas é parecer favorável à promessa de Deus ...”E duas páginas anteriormente (p. 323) afirmou, "Saving fé é sempre fides actualis (não a fé implícita romana), ou a apreensão da promessa divina por um ato do intelecto e vontade ".

Se um teólogo reformado implora para diferir com o luterano em alguns pontos muito importantes, ele ainda pode estar satisfeito aqui. Alguns versículos de apoio agora são apropriados. As promessas da Bíblia, todas as quais requerem consentimento, são numerosas demais para citar; mas o toque a seguir no conhecimento.

João 17: 3 Esta é a vida eterna, para que eles te conheçam. . .

12. Cor. 4: 6 ... brilhou em nossos corações para nos dar a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo.

Phil. 3: 8 Eu conto todas as coisas, exceto a perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor.

1 João 5: 1, 5 Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo nasceu de Deus ... Quem é

aquele que vence o mundo, mas aquele que crê que Jesus é o Filho de

Deus? (Observe a ênfase no conhecimento nos versículos 18, 19, 20).

Tanto é assim que se define a fé como assentimento volitivo a uma proposição compreendida. Mas qual de todas as proposições possíveis é o objeto de justificar a fé?

b) O objeto

Se a doutrina romana da fé implícita for rejeitada, e se for impossível, pelo menos em um período de cinco minutos, acreditar em cada sentença declarativa da Bíblia, é natural perguntar: Qual de todas essas proposições é aquela por cujos meios um pecador é justificado?

Obviamente, essa pergunta decorre da redação de alguns parágrafos de Owen. Não é irrelevante para a discussão anterior. Mas é uma pergunta que ninguém pode responder. Anos depois que Atanásio escreveu o Credo Niceno, foi formulado um chamado Credo Atanásio que pronunciava condenação a todos que não acreditavam em suas numerosas proposições sobre a Trindade. As proposições em si são no geral muito boas; mas menos de um por cento da comunidade cristã pode recitá-los de memória. Possivelmente, nem mais de vinte e cinco por cento sequer os ouviram. Nenhum calvinista afirmaria que a salvação exige que acreditemos neles explicitamente. No extremo oposto da escala daqueles que insistiriam na redação do Credo Atanásio, algumas igrejas independentes escrevem seu próprio credo de cinco ou seis artigos com menos palavras do que este artigo sobre a Trindade. Mas esses poucos são o mínimo irredutível para a salvação? A pergunta acima pede precisamente aquelas crenças necessárias à justificação.

Considere o caso de Justin Mártir, um dos primeiros heróis da fé. Ele realmente tinha fé salvadora? Mas ele era cristão, não era? Ele morreu pelo nome de nosso Senhor e Salvador. Ele deve ter sido regenerado e justificado, não deve? Mas é duvidoso que qualquer igreja luterana ou calvinista forte hoje o admitisse como membro. Muito possível, a igreja estripada de Corinto, perturbada por fornicação, ações judiciais e adoração a ídolos, parece não ter negado a ressurreição de Cristo, mas apenas a ressurreição dos crentes tinha uma teologia melhor que a dele. Mas com que proposições ele concordou que poderia ser justificado?

Agora, Justin Mártir não era um idiota. Os idiotas foram sem dúvida regenerados e justificados. Alguns membros de tribos extremamente primitivas também, com suas mentes incrivelmente confusas. Em que proposições eles acreditavam? Existe alguma passagem nas Escrituras que identifique, em uma escala de conhecimento decrescente, o mínimo pelo qual alguém ainda pode ser justificado?

Mas, mesmo que um mínimo de proposições pudesse ser listado, abaixo do qual a justificação de número era impossível, ainda seria a pergunta errada com uma perspectiva pervertida. A Igreja não é ordenada, incentivada nem permitida a satisfação com um mínimo de teologia. O comando requer o máximo possível:

> Matt. 28: 19,20 Ensine todas as nações ... instruindo-as a observar tudo o que eu lhe ordenei.

Parece não haver outra conclusão senão que Deus justifica os pecadores por meio de muitas combinações de proposições acreditadas. Por essa razão, um ministro não deve se limitar a tópicos popularmente considerados "evangelísticos", mas deve pregar todo o conselho de Deus, confiando que Deus dará a alguém o dom da fé por meio de sermões na Trindade, escatologia ou doutrina de Deus. imputação imediata.

Parte III Justificação.

Os dois princípios básicos e essenciais da Reforma Protestante, em termos escolásticos chamados princípio formal e princípio material, são (1) somente as Escrituras, sua inerrância como a própria palavra de Deus, à qual não devemos acrescentar nada e da qual devemos não deve subtrair nada; e (2) Somente a fé, a doutrina da justificação pela fé, sem qualquer mistura de obras ou méritos humanos. Essas duas são as partes principais e indispensáveis da definição do termo evangélico. Negar a inerrância e logicamente nenhum cristianismo é deixado. Negue os dois sozinhos e temos o romanismo.

Os oponentes do cristianismo evangélico não há cristianismo que não seja ataque evangélico nas duas frentes. O primeiro capítulo do presente volume examinou o ataque contra a Bíblia. Este capítulo mencionará o ataque menos conhecido à doutrina da justificação e depois continuará a expor o mesmo.

Lutero em particular e praticamente todo o movimento protestante enfatizou a justificação somente pela fé. Nas pedras de esquina de muitas igrejas luteranas, pode-se ler o nome Igreja Evangélica Luterana. Não é exagero dizer que a justificação somente pela fé foi o ímpeto da Reforma. Até os arminianos posteriores tentaram não negar.

Hoje, porém, o movimento ecumênico busca a reconciliação com Roma. Isso é verdade, não apenas dos anglicanos, mas também de vários corpos luteranos. Por incrível que possa parecer, um

contingente de teólogos luteranos, reunidos em Wartburg (que memórias o nome Wartburg estimula!) Seminário em Dubuque, Iowa, planos para celebrar o 450º aniversário da Confissão de Augsburgo, em uma conferência conjunta feita
com os católicos romanos. O nome Reforma domingo , está previsto, se tornará Reconciliação Domingo . Ninguém tem um tinteiro para jogar no diabo? Os argumentos para a reaproximação são semelhantes e até mesmo verbalmente idênticos aos usados no século XVI. Por causa desse desenvolvimento luterano, por causa da rejeição liberal de todas as doutrinas cristãs e porque mesmo os primeiros arminianos, talvez sem querer, minaram a doutrina da justificação, esse elemento essencial do cristianismo precisa de ênfase especial hoje.

1. Definições

O plano agora é fazer uma breve declaração sobre o que os romanistas e arminianos consideram a essência da justificação e depois declarar a definição calvinista.

Ambos Sola Scriptura e Sola Fide são contrários ao catolicismo. Como explicado em um capítulo anterior, o romanismo acrescenta tradição e infalibilidade papal às Escrituras, testemunhando seus rosários e crucifixos, sacramentos e sacerdócio, idolatria e mariolatria. Também falta a doutrina da justificação somente pela fé. Para fazer justiça à doutrina romena da justificação, o simples contraste entre justificação pela fé e justificação pelas obras não é muito preciso. O defeito subjacente no romanismo neste momento é a falta de qualquer doutrina de justificação.

Deve-se dizer, a falta de qualquer conceito bíblico de justificação. O que os romanistas chamam de justificação com toda certeza depende em parte das obras; mas o que eles chamam de justificação não é o que a Bíblia quer dizer com o termo. O uso do termo é essencialmente o equivalente à santificação. Claro que isso requer boas obras. Mas o que falta no romanismo é o conceito de um pronunciamento judicial divino de absolvição, além de alguns outros elementos ainda a serem enumerados.

Portanto, é essencial e elementar definir o termo justificação; ou seja, declarar o que a palavra significa na Bíblia, particularmente no Novo Testamento. Para esse fim, agora são citadas instâncias de seu uso.

Lucas 7:29 Os publicanos justificaram Deus.

Lucas 7:35 A sabedoria é justificada por todos os seus filhos.

ROM. 3: 4 Para que [Deus] seja justificado ... e tenha a vitória quando for julgado.

ROM. 3:20 Pelas obras da lei, nenhuma carne será justificada.

Rorn. 3:24 Sendo justificado livremente por sua graça.

ROM. 3:26 Para que ele seja justo e justificador daquele que crê em Jesus.

ROM. 3:28 Um homem é justificado pela fé sem as obras da lei.

Rorn. 5: 1,9 Sendo justificado pela fé ... justificado pelo seu sangue.

Alguns desses versículos e muitos outros falam de justificação somente pela fé, além de boas obras. Essa é a substância da doutrina. Mas, neste ponto, a preliminar

pergunta é: O que significa a palavra justificação significa? Isso pode parecer "mera semântica" para alguns: alguém não pode definir seus termos técnicos como quiser? Sim ele pode; mas nosso objetivo é determinar como agradou o Espírito Santo definir este termo. Queremos saber o que a Bíblia ensina: não o que alguma religião não-bíblica ensina. A definição em qualquer caso não é uma questão trivial. Quanto mais importante é um assunto, mais precisamente seus termos devem ser definidos.

O léxico Liddell e Scott lista esses usos clássicos: para corrigir (a partir de um fragmento de

Pindar); comprovado ou testado (particípio passivo); mantenha ou considere certo ...; pronunciar julgamento: faça um

homem certo, castigar, passar sentença; pronunciar ou tratar como justos, justificar. Arndt e

Gingrich, brevemente, tem: fazer justiça a alguém, justificar, absolver, libertar-se (cf. Atos

13:38) e, para citar, "em I Coríntios 6:11 edikaiothete significa que você tornaram-se pura ." A última

afirmação, no entanto, é mais do que duvidosa: o contexto de forma alguma requer um significado não

encontrado em outras partes do Novo Testamento, como muitos comentários mostrarão.

Os Lexicons obtêm suas informações dos próprios textos gregos. Podemos começar esse trabalho examinando a lista de versículos citados. A principal questão é, será que justificam média para fazer um homem apenas, ou para declarar que ele é (já) apenas.

É incrível que até os romanistas tenham perdido o significado. O primeiro versículo citado diz: "Os publicanos justificaram Deus". Como alguém pode pensar que os publicanos tornaram Deus justo? Em seguida, a frase metafórica, "A sabedoria é justificada por todos os seus filhos", obviamente significa que os resultados da sabedoria demonstram a bondade da sabedoria. A sabedoria não esperou para se tornar boa até que seus filhos a fizessem. O terceiro versículo fala novamente da justificação de Deus. Deus é julgado e pronunciado apenas. Deus não é feito justo; ele é declarado ou reconhecido como justo. O quarto versículo, "Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada", apóia a mesma conclusão, porque as obras da lei são essenciais para a santificação. Portanto, a justificação, que exclui as obras, não faz parte do processo de se tornar subjetivamente justo. Este versículo e o restante da lista enfatizam outro aspecto da doutrina da justificação, mas também são exemplos do mesmo uso. A conclusão, portanto, é: O verbo justificar

significa

reconhecer alguém como justo ou justo, justificá-lo ou absolvê-lo de acusações. Não se refere a nenhuma mudança moral pela qual uma pessoa anteriormente injusta seja subjetivamente boa. Pelo contrário, é um pronunciamento judicial que, por si só, não altera de maneira alguma o caráter do acusado.

A definição, no entanto, não é a doutrina completa. Apenas nos diz o que a Bíblia quer dizer com
palavra.

c) Uma lei

Toda a doutrina, declarada sucintamente no Catecismo Menor, é "A justificação é um ato da graça gratuita de Deus, pela qual ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos seus olhos, apenas pela justiça de Cristo imputada a nós e recebida". somente pela fé. "Os subtítulos agora seguirão este esboço.

A justificação é um ato da graça gratuita de Deus. Essa proposição é mais diretamente derivada do significado do termo principal. O Catecismo Mais Curto tem outra pergunta: "O que é Santificação;" ao qual a resposta é em parte: "A santificação é uma obra da graça gratuita de Deus..." O contraste entre ato e trabalho isdeliberate, como são todas as palavras do Catecismo. Eles foram feitos para distinguir entre um pronunciamento instantâneo e um processo ao longo da vida.

Como mencionado anteriormente, essa distinção deve ser lembrada em oposição ao romanismo. Os católicos romanos não têm conceito de absolvição judicial. Para eles, justificação é um longo processo de melhoria moral. Mas a favor do termo ato no catecismo, o significado do verbo grego é decisivo. Quando os publicanos justificaram Deus, eles não iniciaram um longo e prolongado processo de purificação moral. Eles fizeram um julgamento. Foi um ato momentâneo.

Embora os publicanos não fossem oficiais, juízes legais, Deus é; com o resultado que se pode chamar corretamente o seu ato de absolvição forense .É o ato judicial de um juiz competente

absolver uma pessoa acusada da penalidade da lei. Que este é um ato forense é indicado por alguns outros versículos agora a serem citados.

> ROM. 5: 16 Porque o julgamento era de um para condenação, mas o dom gratuito era de muitas transgressões à justificação.

> ROM. 8:33 Quem fará alguma acusação contra os eleitos de Deus? Deus é o justificador. Quem é o condenador?

É óbvio que a condenação não é uma mudança moral para pior no condenado. Quando um juiz condena um homem por um crime, ele não o torna um infrator da lei. O juiz declara que ele já violou a lei. O juiz declara que ele é um criminoso e é culpado conforme acusado. Mas esta declaração não é um processo moral no prisioneiro. Como agora, nesses dois versos, justificativa e condenação são antitéticas, uma é tão objetiva e forense quanto a outra, e pouco processo moral.

(d) . Pardon

O capítulo anterior, sob o subtítulo da Expiação, discutiu o cancelamento do pecado pela obra de Cristo. Aqui a preocupação é a aplicação da redenção aos crentes, particularmente em conexão com a justificação. O primeiro é o pré-requisito do segundo.

Agora, por essencial que seja, em vista do romanismo, saber que justificação é um julgamento forense de absolvição, mais / muito mais, deve ser dito sobre seu efeito no pecador justificado. Isso eventualmente inclui, como conseqüência inevitável, todo o processo de santificação, mas no momento estamos preocupados com o que ocorre no momento da justificação. Várias coisas ocorrem com ou estão incluídas na justificação. O primeiro, pelo menos na ordem que o Catecismo dá, é o perdão do pecado. De fato, a palavra em inglês perdão ocorre raramente na Bíblia King James. Parece estranho que o catecismo o tenha escolhido. Mas embora a palavra seja rara,

a ideia é frequente. É expresso em termos de perdão, remissão, limpeza, lavagem, limpeza e afins. A lista é:

É um. 40: 2 A sua iniqüidade é perdoada.

João 20:23 A quem quer que pecareis remetidos, eles são remidos.

Atos 2:38 Arrependa-se ... pela remissão de pecados.

Atos 13:39 Por ele, todos os que crêem são justificados de todas as coisas das quais pudestes

não

ser justificado pela lei de Moisés.

I Cor. 6:11 Mas vós sois lavados ... santificados. . . justificado.

Tiago 5:15 Isso será perdoado.

1 João 1: 9 Ele é fiel e apenas para perdoar nossos pecados.

Que Deus é um Deus de misericórdia e que "há perdão contigo" (Sl 103: 4) não é algo que um estudante da Bíblia provavelmente duvide. Ele pode sugerir, no entanto, que os versículos citados não colocam claramente perdão no ato da justificação. Em resposta, pode-se dizer que Atos 13:39 conecta justificação e crença, e que isso está relacionado à liberdade da lei de Moisés, isto é, liberdade de sua penalidade, e podemos inferir que liberdade de penalidade é o equivalente a perdão.

I Cor. 6:11 faz uma conexão mais clara entre justificação e perdão ou lavagem. Lavar certamente indica algum tipo de fuga do pecado; e, apesar de todo o seu estilo figurativo, ainda é um processo momentâneo, ao invés de incessante ao longo da vida, como a santificação. De fato, é mais do que

duvidoso que "você foi santificado" (tempo aoristo) se refere ao processo de santificação. Pelo contrário, como o substantivo em 1 Coríntios. 7:14, refere-se a ser separado ou dedicado a Deus. Assim, um ato momentâneo é indicado. Com esse entendimento, o versículo definitivamente conecta perdão ou lavagem com justificação. Mas não são tanto esses versículos desarticulados que conectam tão fortemente o perdão à justificação, quanto o significado difundido do próprio termo, como já foi explicado. Quando um juiz pronuncia a absolvição, o acusado é exonerado de toda obrigação de pagar a penalidade.

Que John Wesley e os arminianos não consideram a justificação como um ato judicial de absolvição é evidente no Sermão V em Sermões em Diversas Ocasiões (1746). "Antes de tudo, justificação implica que Deus é enganado naqueles a quem ele justifica, que ele pensa que eles são o que, de fato, eles não são; que ele considera que eles são de outra maneira do que são". Antes de continuar a citação, pode-se notar que esta última frase nega que a justiça de Cristo possa ser explicada aos pecadores. É claro que Deus não é enganado ao pensar que seus santos são subjetivos e perfeitamente sem pecado; mas a Escritura certamente declara que a justiça é imputada a nós e que justificação é contraditória à condenação. Agora, a cotação continua: "

(e) Nem sempre pode consistir com sua infalível sabedoria pensar que sou inocente, julgar que sou justo ou santo porque outro é assim. Ele não pode mais me confundir com Cristo do que com Davi ou Abraão. "Novamente, se assim fosse, Deus também não poderia" me confundir "com Adão e, portanto, eu não morri" em Adão ". Claramente um erro em um só lugar reaparece frequentemente em qualquer sistema de teologia e, naturalmente, porque um sistema é tão logicamente consistente quanto seu autor pode fazê-lo.

Wesley, portanto, restringe o significado da justificação ao perdão. "A noção bíblica clara de justificação é perdão". Para ter certeza, ele acrescenta que o Pai nos perdoa "por causa da propiciação feita pelo sangue de seu Filho"; mas por que o Pai precisa de propiciação para perdoar dificilmente pode ser esclarecido nas premissas de Wesley. Paulo dá o porquê. Que Deus pode ser apenas e justificador" etc. O calvinista é claro não nega que Deus perdoa nossos pecados, mas ele encontra nas Escrituras mais de perdão na doutrina da justificação.

A dificuldade, no entanto, ainda não está totalmente dissolvida. É provável que os arminianos sustentem que a absolvição e o perdão são incompatíveis. Se um homem é declarado inocente, ele não pode ser perdoado, pois se inocente, ele não tem nenhum crime que precise de perdão; mas se ele é perdoado, ele não pode ser absolvido, pois o perdão é baseado no fato de ele ter cometido um crime e, portanto, de ser inelegível para a absolvição.

Essa dificuldade seria séria se as condições do tribunal divino fossem limitadas às condições de um tribunal humano. Quando nos assuntos humanos um governador de um Estado ou o presidente perdoa uma pessoa que violou a lei, é de fato um ato de misericórdia, mas não é um ato de justiça. A justiça é simplesmente deixada de lado. Muitas vezes há boas razões para isso; e, de qualquer forma, o máximo que um executivo misericordioso pode fazer.

Mas Deus, se assim podemos falar, enfrenta um problema que nenhum juiz humano pode encontrar. O versículo pertinente é encontrado em um dos parágrafos mais importantes de toda a Bíblia. Seria difícil encontrar qualquer passagem de comprimento comparável que de maneira tão sucinta e completa apresente o Evangelho em sua totalidade. Destas meia dúzia de versos, a citação é:

> ROM. 3:26 Declarar, eu digo, neste momento a sua justiça: para que ele seja justo e o justificador daquele que crê em Jesus.

A diferença entre um tribunal humano e o divino assize é que o primeiro não mantém uma justiça estrita. O "problema" que Deus enfrenta era como ser justo, completamente justo e justo, e ao mesmo tempo justificar os ímpios. Seu verso citado e seu antecessor falam de Deus exibindo sua justiça. De fato, não há nenhuma menção a perdão nessas meia dúzia de versos. Se a salvação fosse apenas uma questão de perdão, Deus poderia simplesmente esquecer a justiça e a lei e deixar o pecador culpado libertar-se. O perdão, o perdão comum, não requer expiação. A salvação de Deus faz. Isso descarta a objeção arminiana.

f) O fundamento da justificação

A pergunta aqui a ser respondida é: “Em que base ou por que razão Deus justifica um pecador? A resposta a esta pergunta também mostra como Deus pode ser ele mesmo justo e também o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Visto que todos os homens são pecadores, totalmente depravados e totalmente incapazes de realizar algum bem espiritual, é óbvio que Deus não pode absolvê-los com base em sua conduta. Mesmo que alguém com dezenove anos pudesse, a partir daquele dia, guardar perfeitamente a lei de Deus, ele não poderia ser absolvido dessa maneira, pois já havia violado a lei - antes de completar dezenove anos. Não é uma defesa contra uma acusação de assassinato que alguém tenha desistido de seu hábito anterior de assassinar pessoas.

Além disso, as Escrituras ensinam que, quaisquer que sejam os outros motivos ou razões que Deus possa ter, no que diz respeito ao próprio pecador, o benefício é conferido a ele pela graça gratuita de Deus. As seguintes passagens excluem todas as obras humanas e afirmam favor imerecido.

> ROM. Pv 3.20,24 Pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. ... sendo justificado livremente por sua graça. . . (cf. 2728)
>
> ROM. 4: 4,5 Ora, ao que trabalha é recompensa não reconhecida pela graça, mas por dívida. Mas àquele que não trabalha, mas crê naquele que justifica o
>
> ímpio,
>
> sua fé é contada como justiça.
>
> Ga 1. 2: 16. . . . não justificado pelas obras da lei, ... porque pelas obras da
>
> lei nenhuma carne será justificada. (cf. 3:11).
>
> Eph. 2: 8 Pela graça sois salvos.

Mas, embora o tema da graça exclua todo mérito humano, ele não especifica o fundamento ou a razão pela qual Deus estende sua graça justificadora a alguém. Absolver é pronunciar inocente,

justo, aceitável na corte de Deus. Agora, se Deus, que não mente, pronuncia um pecador como justo, o que é essa justiça e de onde ela vem? Como Deus pode ser justo e justificador?

O Catecismo Mais Curto, cuja ordem esta seção segue um pouco, disse: "A justificação é um ato da graça gratuita de Deus, em que ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos seus olhos, apenas pela justiça de Cristo, imputada a nós, e recebido somente pela fé ". Assim, este

documento, escrito para a instrução das crianças, afirma que o fundamento da justificação é a justiça de Cristo.

Algo já foi dito sobre a obediência ativa de Cristo. Se ele não fosse totalmente inocente e perfeitamente justo, se tivesse ofendido em um ponto, se tivesse pecado, ele próprio mereceria seu castigo, que então não poderia ter sido útil para mais ninguém. Isso tudo faz parte da doutrina da expiação vicária e propiciatória. Mas agora que ele não sofreu por si mesmo, ele pagou nossa penalidade e Deus imputa sua justiça a nós. Portanto, com base na justiça de Cristo, como imputado a nós, Deus é justo e justificador daquele que tem fé em Jesus. O presente subtítulo se funde, portanto, no próximo.

(g) Imputação e chefia federal

Que a morte de Cristo foi um sacrifício indireto, que ele pagou nossa penalidade, que ele foi nosso substituto é o equivalente a afirmar sua liderança federal. Ele era nosso representante, e o que ele fez nessa capacidade é considerado ou imputado a nós. Adam também era nosso representante ou chefe federal, e o que ele fez nessa capacidade também nos foi imputado. Uma página ou mais adiante será necessária para discutir Romanos 5: 1219. Nesse ponto, deve-se notar, o que nos parece estranho hoje, que Paulo defende a liderança federal de Cristo com base na posição de Adão; enquanto que, com nossa mentalidade moderna, devemos defender a liderança de Adão com base na posição de Cristo.

Antes de tudo, e além de Romanos 5: 1219, há uma seleção de versículos que mencionam imputação. Isso ilustrará o uso e o significado do termo e, em seguida, a discussão doutrinária poderá seguir.

ROM. 4:38 Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado como justiça. (cf.

Tiago 2:23, imputado) .... a recompensa não é contado da graça, mas de dívida.

... sua fé é contada como justiça. . . a quem Deus imputa justiça sem obras. . . Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputar pecado.

h) Cor. 5:19 Deus estava em Cristo. . . . não imputando suas ofensas a eles. II Tim. 4:16 Não lhes seja imputado.

Philemon 18 Se ele te ofendeu ou te deve, põe isso por minha conta.

Como mostram várias traduções, imputação (logizo) significa contar ou colocar em conta. Os versículos de Romanos 4 dizem que Deus contou algo como justiça para Abraão; esse algo era um dom de graça para Abraão; não era uma dívida que Deus lhe devia. Por causa desse dom, o pecado não era, ou não era mais contado. Agora, o que Deus imputou a Abraão por justiça? Se alguém restringisse sua leitura a apenas um ou dois versículos em Romanos quatro, ou a Tiago 2:23, parece que Deus aceitou o ato subjetivo de crer no lugar da verdadeira justiça. A crença seria então tomada pela justiça necessária para a absolvição de Abraão. Não diz: "Sua fé é considerada justiça"? Contudo, isso parece implicar que Deus deixou de lado a exigência de perfeita obediência, desconsiderou a manutenção da justiça e perdoou Abraão com base em sua crença na promessa de Deus. Assim, o próprio ato de Abraão seria o fundamento da justificação; e ele podia se gabar de sua visão dos assuntos espirituais, uma visão que outros não tinham, pois ele era um homem melhor do que eles. No entanto, Romanos 4: 5 não fica sozinho. Tem um contexto imediato e um contexto mais amplo. O contexto imediato diz

duas coisas: (1) Abraão não tinha motivo para se vangloriar; (2) o versículo seis diz que o que foi imputado não era a própria fé, mas a justiça. A dependência arminiana do versículo cinco, pois a visão em discussão é o arminianismo, é plausível apenas enquanto o contexto é ignorado, não apenas o contexto imediato, mas ainda mais a passagem do capítulo anterior. Observe que, depois de Paulo incluir toda a raça humana sob o pecado, ele resume as doutrinas da expiação e justificação em 3: 2126. Aqui temos a propiciação de Cristo e a justiça de Deus. Agora, se a fé como ato mental de crer é suficiente para o perdão, se não para a absolvição, onde está a necessidade de uma expiação? A justiça de Deus não deve ser mantida? Se Deus sabia que iria diminuir seus padrões depois que o homem pecou, por que ele estabeleceu padrões mais rígidos no jardim do Éden? Bem, depois de Paulo, em Romanos 3:26, insistir na justiça divina, ele usa Abraão como um excelente exemplo de justificação. Mas, já tendo descrito a obra de Cristo, ele reduz sua fraseologia, esperando que seus leitores tenham em mente a seção anterior. Isso deve ser suficiente para Romanos 4 e Tiago 2. Mas há um contexto ainda mais amplo para apoiar a conclusão de que a base da justificação é o mérito de Cristo, e não o nosso ato de crer. Uma parte muito importante desse contexto é Romanos 5: 1219. Mas, como o arminianismo foi mencionado, vamos continuar com ele por um tempo, pois essa discussão também ajudará a esclarecer o assunto.

Antes de tudo, deixe-se afirmar que não queremos deturpar os arminianos, assim como não queremos deturpar os romanistas. Também se deve reconhecer que pelo menos alguns arminianos repudiam as objeções acima declaradas em relação à fé, em vez da justiça de Cristo como base para justificação. O próprio Armínio (como citado por Wiley) escreveu: "A justificação é um ato justo e gracioso de Deus pelo qual ...
ele absolve o homem de seus pecados. . . por causa de Cristo e sua obediência e justiça ... "Wesley definiu justificação como" aquele ato de Deus Pai, pelo qual, por causa da propiciação feita pelo sangue de seu Filho, ele manifesta sua justiça pela remissão dos pecados. pecados passados ".

Ambas as citações parecem descartar a fé como base da justificação; ambos mencionam a propiciação, obediência e justiça de Cristo. Eles podem, em algum outro aspecto, ser

incompleto; eles podem restringir o efeito da justificação ao perdão sozinho; mas o que eles afirmam parece bíblico.

Mais surpreendente para aqueles que criticam o arminianismo é o artigo IX dos vinte e cinco artigos metodistas: "A justificação é um ato da graça gratuita de Deus, em que ele perdoa todos os nossos pecados e nos aceita como justos aos seus olhos, apenas por causa de Cristo".

Isso é retirado do Catecismo mais curto de Westminster, literalmente, com exceção da cláusula final. Talvez essa mudança seja significativa; tem a ver com imputação; mas pelo menos não restringe a justificação ao perdão.

O próprio Wiley, que fez essas citações, mostra alguma vacilação. Na página .382, ele diz: "Aqui é evidente que perdão e justificação são termos sinônimos, um explicativo do outro, mas com um tom de diferença". No entanto, na página seguinte, ele indica consideravelmente mais do que uma "sombra" de diferença: "O pecador justificado é aceito como justo ... É, portanto, distinto do mero perdão". Mas ele não fica com isso, porque depois (p.

(i) ele acrescenta: "O único fundamento da justificação é a fé no sangue de Cristo ... obras do

lei são imediatamente excluídos "Aqui a fé é a. única base da justificação:. obediência ativa de Cristo está descartada E ainda na mesma página, continua ele, a palavra de imputação " nunca é usado no sentido de cômputo ou respondendo a ações de uma pessoa a serem executadas por outra. O pecado ou a justiça de um homem é imputado a ele quando ele é realmente o praticante do ato pecaminoso ou justo ".

Essas citações verbais, e seus contextos que qualquer estudante pode procurar, são suficientes para mostrar que, sem nenhuma representação errônea, o Arminianismo difere substancialmente do Calvinismo. O que se segue é mais que suficiente.

Após a citação anterior, Wiley continua resumindo três teorias de imputação. A primeira é a "Imputação da obediência ativa de Cristo". Isso é geralmente conhecido como a teoria da justificação hiper-calvinista ou antinomiana "(p. 396).

Se agora fizermos o possível para não deturpar o arminianismo, ficaríamos satisfeitos se os arminianos fizessem um esforço semelhante. Afora o fato de que HyperCalvinism é um termo pejorativo, geralmente deixado indefinido, e de forma imprudente afirmou ainda de calvinistas fracos, subtítulo de Wiley, "imputação da obediência ativa de Cristo" se encaixa Hodge, Warfield, e os próprios padrões de Westminster (cf. Conf. XI, 1,2, Catecismo Maior, 70,73). Que esta doutrina "é geralmente conhecida como a ... Teoria Antinomiana da Justificação" é ridiculamente falsa e positivamente difamatória. Que outro credo de qualquer outra igreja coloca tanta ênfase nos Dez Mandamentos? Os Arminianos já leram o Catecismo Maior, Pergunta 93: "A lei moral é a declaração da vontade de Deus para a humanidade, direcionando e vinculando cada um à conformidade e obediência pessoais, perfeitas e perpétuas." antinominanismo hipercalvinista, vamos ter muito mais.

Wiley tem outras objeções. A posição calvinista, diz ele, "ignora e subestima a obra subjetiva do Espírito na imputação da justiça". Mas, para responder, a justificação é um pronunciamento judicial objetivo; não é uma mudança na subjetividade do pecador. A regeneração produz efeitos subjetivos, principalmente a fé) e a santificação segue inevitavelmente a justificação. Uma alegada fé que não resulta em boas obras não está salvando a fé. Mas justificação é uma decisão do banco. O arminiano sustenta, diz Wiley, que "a fé pela qual somos justificados ... tem nela o poder inerente da justiça". O mesmo acontece, mas não como Wiley pensa. A justiça, uma justiça imperfeita, que a fé produz no pior ou no melhor dos pecadores não é a justiça perfeita com base na qual ele é absolvido de toda culpa.

Seguem-se objeções incompetentes ao calvinismo. Wiley (p. 397) citações de Wesley Sermão sobre a justificação : "Deus não pode mais me confundir com Cristo do que com Davi ou Abraão." Notável! Como se Deus não pudesse distinguir Cristo da pessoa a quem ele tem

imputou o mérito de Cristo. Por outro lado, começando com uma citação calvinista, Wiley acrescenta: "'Aquele que reivindica por si mesmo a justiça de Cristo se apresenta a Deus, não no hábito de um homem justo, mas em trajes gloriosos do Redentor Divino." Essa atitude não é característica da humildade do genuíno cristão ".

Mas até John Wesley traduziu Zinzendorf:

Jesus, Teu sangue e justiça,

Minha beleza é, meu vestido glorioso.

Este é precisamente o ponto: estamos diante do trono de Deus, vestidos com a justiça de Cristo sozinho.

Zinzendorf não era muito calvinista, de modo que talvez Wesley tivesse menos escrúpulos em traduzi-lo. Mas Horatio Bonar acrescentou:

"Tua justiça, ó Cristo, sozinha pode me cobrir."

E Edward Mote cantou:

"Minha esperança se baseia em nada menos que

O sangue e a justiça de Jesus

...

Vestido apenas com sua justiça

Sem falhas para ficar diante do teu trono.

...

Todo o resto do terreno é areia movediça."

Para completar o que Wiley sem dúvida chamaria essa diatribe contra os arminianos, observe que na página 400 ele diz: "é a própria fé, como uma arte pessoal do crente, e não o objeto dessa fé que é imputado à justiça". Isso significa que nosso ato subjetivo ou psicológico de crer é imputado ou colocado em nossa conta e, naturalmente, é verdade, pois é nosso próprio

psicologia em vez da perfeita justiça de Cristo. Portanto, somos absolvidos, declarados inocentes, não porque somos inocentes, mas porque acreditamos. Os arminianos podem dizer e esperar que essa crença não seja classificada como uma "boa obra"; mas certamente é. É um trabalho tão bom que, para eles, produz regeneração; a regeneração não a produz. Para continuar, Wiley escreve: "A justificação ... cancela a culpa ... [a regeneração] renova a natureza moral ... As duas, no entanto, são coincidentes no tempo, pois são realizadas em resposta ao mesmo ato de fé" (p. 402; cf. pp. 416 ss.). Certamente isso faz da fé uma obra boa demais para ser verdadeira.

A discussão agora aborda uma forma mais expositiva. A doutrina da liderança federal de Adão e a imputação imediata do pecado de Adão a toda a sua posteridade natural dependem principalmente da exegese de Romanos 5: 1219. É sem dúvida uma passagem difícil; mas há um ponto extremamente claro, e esse ponto claro é a chave da mensagem principal. É extremamente claro que a passagem traça um paralelo entre Adão em sua relação com a raça e Cristo em sua relação com os eleitos. Além disso, esse pensamento básico elimina suficientemente a principal objeção que Berkouwer apresentou. Enquanto vários teólogos lamentam a injustiça de Deus, se ele atribui culpa à parte do ato pessoal de pecado do indivíduo, todos eles, talvez com exceção de Pelágio, estão bastante satisfeitos por Deus imputar a justiça à parte da perfeita obediência pessoal do indivíduo ao indivíduo. lei. A consistência requer uma ou duas posições: ou não há imputação imediata de culpa ou retidão, ou há imputação imediata de ambas. Se o que é chamado ética vicária é aceitável no caso da justiça, ninguém pode objetar consistentemente à ética vicária no outro caso. E, inversamente, se alguém rejeita a imputação imediata do pecado como imoral, a lógica exige que ele rejeite a imputação imediata da justiça como igualmente imoral, exatamente pelas mesmas razões. Agora, então, a exegese.

Romanos 5: 1221, como foi dito antes, traça um paralelo entre Adão e seus descendentes naturais, por um lado, e por outro lado, Cristo e seus descendentes espirituais. A passagem, sem precisar citá-la agora, começa declarando que o pecado entrou no mundo da humanidade pelo ato de um homem. Não foi o ato de Eva, pois ela foi enganada e Adão não; nem foi a introdução do pecado e da morte devido aos pecados sucessivos de Adão. Foi através de seu (um) sin, ou

através do (este) pecado, que a morte veio. A causa foi o único ato do único homem. Se alguém suspeitar que, tendo em vista o texto exato do versículo, a idéia de um foi dada ênfase demais, a resposta é que os versículos 15, 16 e 17 tornam essa ênfase mais do que suficientemente explícita. A causa da morte que veio sobre todos os homens foi o ato de um homem "porque todos pecaram".

Mas como todos podem ter pecado, quando apenas um homem, por um ato, cometeu um único pecado? Aqueles que mantêm justificação direta pelas obras (e isso não é romanismo), e aqueles ou alguns dos que afirmam o livre arbítrio, respondem que a posteridade de Adão seguiu seu mau exemplo, de modo que suas transgressões pessoais posteriores causaram sua morte. A isto, a resposta é: (1) O texto não diz que toda a posteridade de Adão "pecou"; o texto diz que todos eles "pecaram" (este é um tempo aoristo, denotando um único ato, não um perfeito, indicando uma série contínua de atos ou um estado presente); então (2) este aorista está de acordo com a ideia de um homem e seu único ato. Note particularmente o advérbio "assim:" um homem pecou e, portanto, todos morreram. A morte foi a punição pelo pecado, e como todos eles morreram, todos eles devem ter sido culpados do único ato de um homem. A implicação é que Adão e Cristo eram nossos representantes: um pela morte, outro pela vida; mas ambos os nossos substitutos.

O versículo 12 não é uma frase completa. Os versículos 13 18 formam um parêntese e uma subparêntese; então o versículo 19 reformula o versículo 12 e completa o paralelo. Observe que no versículo 12 ocorrem as palavras "e assim", mas no versículo 19 as palavras são "assim também". O primeiro não, o segundo completa o paralelo. No entanto, como esse não é um comentário sobre Romanos, apenas um ponto será mencionado nos versículos 1314, que é que Adão é um tipo de Cristo. É claro que existem diferenças importantes entre esses dois, cujas diferenças são indicadas nos versículos 1517. Mas há uma grande semelhança: ambos nos substituíram, eles foram nosso chefe federal, um em pecado e o outro em retidão.

A conexão com justificação e imputação se torna mais clara no versículo 18. Adão como substituto de toda a sua posteridade natural e por seu único pecado causou a nossa condenação; Cristo,

também por substituição e por um ato justo de absolvição (versículos 16 e 18) deu a toda sua posteridade espiritual justificação da vida. Pela obediência de Cristo, ativa e passiva, muitos serão estabelecidos como justos.

Tanta coisa deve ser suficiente para a conclusão de que o pecado de Adão foi imputado a nós e a justiça de Cristo também ao seu povo escolhido, caracterizados como aqueles que recebem o dom gratuito da justiça.

Há outro ponto importante a ser observado neste parágrafo; mas sua descoberta requer um pouco de meditação. A questão é que, nos dois casos, a imputação é imediata, ou seja, sem meios. As duas visões podem ser contrastadas da seguinte forma: As de Adão produziram sua degradação moral, uma natureza depravada e tendências ao pecado, todas transmitidas à sua posteridade por geração natural; essa depravação herdada causou posteridade ao pecado, e o pecado de Adão foi imputado a eles por meio da depravação herdada. Nesta visão, a morte de um descendente é devida à depravação pessoal. A outra visão é que a depravação não é o meio ou método de imputação, mas seu resultado.

Em apoio a este último ponto de vista, é preciso notar que a morte que Adão sofreu não foi apenas a morte física. Foi a morte espiritual, da qual a morte física é apenas uma parte. Deus havia dito: "No dia em que você comer isso, certamente você será". Adão morreu naquele dia; embora sua vida física continuasse por nove séculos. Isso significa que uma natureza depravada é uma punição pelo pecado. Esse pecado é o fundamento do castigo; portanto, a punição ou depravação não pode ser o meio de imputação. É a imputação que faz da depravação uma penalidade justa. Portanto, o único pecado de Adão deve ter sido imputado sem depravação como um meio, muito mais sem pecados subseqüentes como um meio, pois estes seguem naturalmente a natureza depravada. A imputação do pecado, portanto, é imputação imediata.

A base bíblica para isso não é difícil de entender. É preciso, no entanto, considerar as objeções daqueles que não querem ver a posição bíblica, provavelmente porque estão comprometidos com alguma posição filosófica estrangeira. É preciso também considerar o quão imediato

a imputação é integrada à chefia federal, pois uma objeção em um ponto afeta todos os outros. Um capítulo de. Berkouwer é um bom exemplo.

4 Berkouwer

Berkouwer (Pecado , 1971) parece acusar teologia Federal de atribuir capricho ou arbitrariedade de Deus, se ele imputa culpa e do pecado para os outros homens na base do primeiro pecado de Adão. Em apoio a essa acusação, ele se refere à tentativa de Shedd e outros de estabelecer uma conexão "realista", entre Adam e sua posteridade em sua natureza humana comum. Assim, os realistas chegam a algum tipo de identidade pessoal com Adão, de modo que a posteridade pecou pessoalmente quando Adão pecou; e, portanto, Deus não atribuiu arbitrariamente culpa e pecado a quem não pecou pessoalmente.

O motivo por trás de Shedd e outros na história anterior da teologia é justificar a justiça de Deus, negando que ele imputa culpa a qualquer homem por um pecado que esse homem não cometeu pessoalmente. Para condenar -me para o que outro homem fez é injusto.

A identificação individual de John Doe com Adam é difícil de manter. O próprio Platão, o fundador do Realismo, nunca confundiu Sócrates com Aristóteles. Certamente Adam e eu não somos a mesma pessoa.

.Berkouwer ressalta que até Bavinck evita o problema qualificando a identidade das duas pessoas por frases como "em certo sentido", "virtualmente", "potencialmente" e "seminalmente". Tais evasões podem apontar para a dificuldade, mas estão longe de resolvê-la. Shedd tentou resolvê-lo por um chamado "realismo" que fundiu todos os homens em Adam. Por isso, quando Adão pecou, eu pessoalmente pequei, e, portanto, Deus não imputa tanto o pecado e a culpa de Adão a mim, como ele imputa o meu.

Nesse ponto, é necessário distinguir entre problemas que, apesar de relacionados e até sobrepostos, ainda assim são distintos. O problema geral do realismo é um. Na filosofia, o termo realismo denota qualquer teoria que permita conhecer o objeto "real" e não apenas uma representação dele. Aristóteles, portanto, era um realista, embora não um realista platônico.

Como o presente escritor não pode aceitar a teoria aristotélica da abstração, bem como muito mais nesse filósofo enciclopédico, este volume é baseado no que pode ser vagamente chamado de realismo platônico, embora na realidade seja realismo filônico; pois existem variedades até de realismo "platônico". Resumidamente, é necessário realismo para tornar possível o conhecimento. Era a quase universal posição da Igreja até que Tomás de Aquino rejeitasse Agostinho; e tornou-se, pelo menos mais do que qualquer outra filosofia, a posição um tanto tácita de Calvino e da Igreja Reformada.

Sem dúvida, o realismo pode ser usado da maneira como Berkouwer se opõe. Seu relato dos caprichos de Bavinck e da construção claramente anti-bíblica de Greijdanus é bem aceito. Mas o realismo em si não exige "uma clara distinção entre a base da imputação no caso da justiça de Cristo e a base no caso do pecado de Adão" (p. 439, n. 10). Realismo e federalismo estão longe de serem incompatíveis. É claro que pode haver realistas que rejeitam o federalismo; mas também existem nominalistas que rejeitam o federalismo.

Por esse motivo, um certo constrangimento percorre a discussão de Berkouwer. Ele escreve: "No entanto, só podemos fazer justiça ao realismo quando investigamos exatamente o que se entende por esse 'cosinning'." Isso seria verdade se os homens que ele mencionou fossem os únicos realistas. Nesse caso, o "realismo" seria nada mais é do que o realismo desses homens. Mas Berkouwer dá a impressão de que a refutação desses homens destrói todas as formas de realismo. Se isso acontecesse, Berkouwer seria obrigado a fornecer uma epistemologia diferente. Teria que adotar o nominalismo ou o aristotélico. teoria da abstração, ou alguma forma de representacionismo.

Além de tais escolhas filosóficas básicas, as objeções de Berkouwer a Bavinck e Greijdanus são bem aceitas: "É impressionante o fato de que, quando fazemos essa pergunta perfeitamente legítima, não recebemos resposta clara" (p. 440). Mas seu constrangimento aparece quando ele tenta se prender à preexistência da alma. Certamente, o realismo de Platão, ou melhor, a filosofia geral de Platão defendia a preexistência. Agostinho, por outro lado, repudiou explicitamente a preexistência sem descartar o realismo.

A conclusão imediata é, portanto, que Berkouwer reduz ao absurdo a forma particular de realismo adotada por Bavinck e outros; mas a refutação se baseia mais no conceito bíblico de imputação do que em qualquer dificuldade filosófica no platonismo genérico.

No próximo capítulo, Berkouwer considera o federalismo . Se a unidade biológica da raça, à qual Bavinck praticamente reduziu o realismo, não é suficiente para explicar a relação entre o pecado de Adão e o pecado de sua posteridade, que outra teoria existe para isso? propósito e também com o objetivo de explicar a relação entre a justiça de Cristo e a de seu povo? A primeira metade do problema não é o fato de que algumas pessoas sofrem por causa dos pecados dos outros, mas a idéia de que algumas pessoas são punidos pelos pecados dos outros, ou seja, o pecado de Adão. Não esta idéia conflito com a justiça ofGod? A imputação e representação da teoria federal são justas?

A diferença entre o federalismo e a forma de realismo de Bavinck reside no fato de que Bavinck e Greijdanus consideram os homens pessoalmente amáveis em Adão, enquanto o federalismo afirma que Deus considera todos os homens como pecadores, com base em Deus ter escolhido Adão como representante de sua posteridade.

Berkouwer deixa muito claro sua crença de que "o realismo consistente não pode ser aliado ao federalismo" (p. 451, n.12). Se ele dissesse: 'A unidade biológica da raça e a visão federalista da representação não podem ser a explicação de pecaminosidade humana universal ', todos teriam que concordar. Berkouwer, no entanto, objeta até à afirmação de Honig de que a unidade física é de grande importância, embora inadequada como explicação do pecado original. Mas essa afirmação de Honig é certamente inquestionável e, de fato, inevitável. Berkouwer acha que o federalismo deve negar a "unidade física" da raça? Claro que não; mas, mais uma vez, Honig, seja o que for que ele tenha dito, está correto que essa unidade óbvia não explica o pecado original.

Devido à sua importância, o ponto em questão permite ênfase. Uma imputação de culpa, pecado e punição a um homem que não cometeu um pecado individualmente é caprichosa e arbitrária, de acordo com esses "realistas".

A suposição tácita, mas plausível, nessa visão, é que um Deus sábio, racional e justo não pode agir arbitrariamente. Mas talvez esses teólogos não reflitam suficientemente sobre a natureza da arbitrariedade em um Ser soberano. Tomemos como exemplo uma matéria menos explosiva. O sistema solar presumivelmente contém dez planetas. O número exato não é importante. Agora, um Deus onipotente poderia ter criado, pelo que sabemos, um sistema solar com apenas sete, ou até treze planetas. Portanto, o número atual não é arbitrário? Não dependia da escolha de Deus? Daí a acusação de que o federalismo é falso, porque retrata Deus como arbitrário, não tem peso. Em última análise, tudo o que Deus faz é arbitrário.

Agora, suponha que alguém respondesse: é claro que Deus é soberano e a causa última de tudo; mas isso não torna suas escolhas arbitrárias porque, em tudo o que faz, ele age com um propósito. Ações propositais não são arbitrárias.

É claro que essa resposta não passa de uma definição do termo arbitrário . O termo deve realmente ser definido, pois é bastante claro que aqueles ou alguns que acusam Deus de capricho não têm muita certeza do que querem dizer. pela palavra. Por enquanto, tudo bem; mas a resposta em si não é de grande ajuda para os "realistas" mencionados. Seus oponentes ainda podem objetar que, embora Deus sempre aja de propósito, ainda assim, se ele considerasse a imputação imediata como um meio essencial para seu fim, ele estaria agindo injustamente.

Revertendo a questão e perguntando se a teoria da imputação mediana não se pode descartá-la completamente, pois a Bíblia menciona que ela muitas vezes escapa às acusações levantadas contra a imputação imediata, pode-se considerar um de seus advogados.

Placaeus, um teólogo francês, tentou evitar a arbitrariedade, não por uma teoria realista, mas afirmando que a humanidade herdou uma natureza depravada de Adão, e com base nessa depravação que Deus os julgou culpados. O Sínodo de Charenton, em 1644, Greijdenus, o realista, Shedd na América e outros não tão apegados ao realismo, facilmente apontaram a falha na teoria da imputação mediana. A pergunta é óbvia: com que base Deus causa degeneração na posteridade de Adão? Ou, como Shedd disse, "Por que o efeito deve ser imputado, e não a causa?" Placaeus, portanto, não escapou à arbitrariedade; ele apenas o localizou em um local diferente.

> Visto que parece impossível, sob qualquer ponto de vista, escapar à soberania arbitrária, por que alguém deveria tentar?

Por que não abraçá-lo? [7] Berkouwer e Barth citam Polanus: "A razão dessa verdade [da imputação] não é outra coisa senão a vontade do Criador". Barth, e sem dúvida Berkouwer concorda, chama isso de uma verdade estranha e amarga, mas também a chama de indiscutível. A verdade indiscutível, no entanto, pode ser estranha e amarga apenas para aqueles que se sentem mais à vontade com o erro do que com a verdade.

Apesar da declaração de Berkouwer de que "o federalismo é incapaz de responder a essas perguntas de maneira satisfatória, o federalista está satisfeito com dois fundamentos: primeiro, a exegese de Romanos 5: 12 e seg, e segundo, o conceito de justiça.

O assunto da justiça é sem dúvida uma questão teológica e filosófica mais profunda do que a exegese de uma única passagem '; mas é menos detalhado. A questão é: o que é justiça, quais atos são justos e quais não são, e a justiça de Deus difere da nossa? As obrigações humanas de agir com justiça podem ser facilmente definidas com referência aos mandamentos divinos. Para o homem, roubar é injusto, assim como o assassinato e qualquer outra infração à lei moral. Mas o que é justiça divina? Não pode ser o mesmo que justiça humana, porque, por um lado, os Dez Mandamentos não se aplicam a Deus. Deus não pode roubar, pois ele é o dono de toda a riqueza. Deus não pode honrar a sua

(ii) Nota entre parênteses. Talvez um realista pode ser encontrado ou imaginado quem diria que desde que Adam é a humanidade genérica, o pecado da humanidade genérica (substituto deste realista para a idéia platônica) é ipso facto , o pecado de todos os homens. 'Isso certamente parece evitar arbitrariedade, mas a um preço impossível, pois as Escrituras descrevem Adão como um ser humano individual, não como uma idéia platônica, e seu pecado era um ato temporal, não uma característica eterna de uma idéia eterna.

pai e mãe; nem cobiçam, e assim por diante. Portanto, quando dizemos que Deus é justo, usamos o predicado em um sentido um pouco diferente daquele pelo qual é predicado pelos homens. Essa visão, que freqüentemente estimula expressões de horror por parte de santos devotos e piedosos, foi quase uniformemente aceita por teólogos que, em outros assuntos, discordam consideravelmente.

A solução deve ser que os homens sejam justos ou injustos, sujeitos às leis que Deus lhes impõe. Mas Deus está justamente no sentido de impor essas leis. Se alguém perguntar, por que um ato é justo, a resposta deve ser, porque Deus ordenou. Mas que resposta pode ser dada à pergunta: Deus estava apenas emitindo esse mandamento em particular?

Apenas duas respostas foram tentadas na história da filosofia. Platão, especialmente em seu Eutífron , e Leibniz postularam um princípio de justiça superior a Deus. É claro que o Demiurgo de Platão, criador do céu e da terra, não era onipotente nem soberano. Havia um mundo de idéias acima dele, ao qual ele devia conformidade moral. O próprio mundo das idéias, a realidade suprema, continha a idéia da justiça e pode até ser tomado como um Deus pessoal; mas o Demiurgo, não as Idéias, foi o criador do céu e da terra. Com mais estudos platônicos, não temos nada a fazer no momento. Leibniz, com sua surpreendente teoria do melhor de todos os mundos possíveis, imaginou Deus para colocá-lo em termos modernos, examinando todas as plantas dos mundos que ele possuía em seu arquivo. Alguns eram pobres, outros eram melhores e um era o melhor de todos os mundos possíveis. Então, Deus criou nosso mundo neste plano. Em tal visão, Deus não é soberano; existe um princípio de bondade e justiça independente de sua vontade e ele deve se submeter a ele para ser um Deus bom.

Calvin e Descartes tinham uma visão diferente. Para Descartes, não há mundos "melhores de todos os possíveis". Qualquer mundo que Deus pudesse ter criado seria bom simplesmente porque Deus o teria criado. O mundo atual é bom pela mesma razão. A bondade depende da decisão de Deus.

Talvez Descartes (falecido em 1650) tenha adotado essa visão de João Calvino (falecido em 1564). De qualquer forma, Calvino escreveu: "Agostinho se queixa justamente de que é uma ofensa a Deus investigar qualquer causa de coisas superiores à sua vontade" (Institutos, I, XIV, 1). Mais tarde, em dois capítulos ou em um livro inteiro que deve ser estudado repetidamente, ele diz: "A vontade de Deus é a mais alta regra de justiça; de modo que o que ele deseja deve ser considerado justo, por essa mesma razão, porque ele deseja. Quando se pergunta, portanto, por que o Senhor o fez, a resposta deve ser: Porque ele o faria, mas se você for além e perguntar por que ele o determinou, estará em busca de algo maior e mais alto do que a vontade de Deus, que nunca pode seja encontrado "(III xxiii, 2). Depois, ele explode as pretensões daqueles que tentam resolver os problemas atuais, inventando uma distinção entre uma vontade decretiva e uma permissiva. Calvino observa: "Aqui eles recorrem à distinção entre vontade e permissão, e insistem que Deus permite a destruição dos ímpios, mas não deseja. Mas que razão devemos atribuir para que Ele os permita, mas porque é a vontade dele?" (III, xxiii, 8; cf. III, xxiv, 14).

Da mesma forma, Zanchius, em sua Predestinação Absoluta, diz: "O que quer que aconteça, aconteça em virtude, dessa vontade onipotente absoluta de Deus, que é a causa primária e suprema de todas as coisas" (I, posição seis). "Sua vontade é a regra de todas as coisas. Ele, portanto, não desejou tais e tais coisas porque elas mesmas estavam certas ... mas são, portanto, justas e justas porque ele as deseja ... Bucer observa da mesma forma: 'Deus não tem" outro motivo para o que ele faz do que ipsa voluntas , sua mera vontade, que é tão longe de ser injusta, quanto ela é a própria justiça"(I, Posição Sete). E finalmente: "Quaisquer que sejam as coisas que Deus deseja ou faz, não são desejadas e feitas por ele, porque eram de natureza própria e anteriores à sua vontade, justas e corretas, ou porque, devido à sua aptidão intrínseca, ele deveria desejar e fazê-las; mas são, portanto, justos, corretos e adequados, porque ele, que é a própria santidade, os deseja e faz "(V, posição três).

Essas passagens devem ser estudadas com mais cuidado, porque o evangelicalismo contemporâneo se deteriorou tanto da doutrina dos reformadores que o último parece estranho agora. No entanto, ainda existem alguns que aderiram aos princípios da Reforma.

Há um tema em Berkouwer que merece elogios explícitos. Ele escoria os vários teólogos que, por incompetência ou, pior ainda, por covardia, por reconhecerem as implicações claras de suas posições, refugiam-se em protestos pseudopios de humildade e compreensão finita. No século XVI, quando esse tremendo progresso estava sendo feito, a ausência de algumas distinções que foram traçadas mais tarde não é surpreendente. O próprio Calvino não pode ser responsabilizado por não chegar a uma distinção mais clara entre fé salvadora e segurança, nem por ir mais longe na imputação imediata do pecado de Adão do que algumas referências agora

tentadoras a Adão ser o "administrador" da natureza humana e aquele que perdeu Os dons de Deus não apenas para si, mas também para os outros. No entanto, após a distinção entre culpa imputada e depravação herdada tinha sido feita, e depois da Confissão de Westminster contrastou a culpa de ser imputada com estar da corrupção transmitida , um teólogo deve enfrentar o problema anti dar a sua opinião em linguagem clara. Ele pode falhar por incompetência, mas fugir é desonesto.

Nove

Escatologia

K A definição

Etimologicamente, esse termo se refere aos eventos que acontecem por último, no fim do mundo. Tradicionalmente, esses eventos foram identificados como o retorno de Cristo, a ressurreição, o julgamento, o céu e o inferno. Nos últimos anos, no entanto, alguns liberais têm estendido o termo escatológico além dos limites do seu significado anterior. Eles rotulam a encarnação e a ressurreição de Cristo como eventos escatológicos. Até o Dilúvio, o Êxodo e o cativeiro babilônico se qualificam para a inclusão. A teologia ortodoxa, por outro lado, e o Dicionário Unabridged de Merriam Webster, permanecem fiéis à etimologia temporal da palavra dicionário que especifica morte, ressurreição, imortalidade, o segundo advento de Cristo, julgamento e estado futuro.

Incluir a morte e ressurreição de Cristo, ou qualquer outra intervenção divina no passado, obscurece as predições do retorno de Cristo. De fato, há um ponto que vale a pena nas discussões liberais, e isso vale mesmo para a escatologia adequadamente denominada. Não é, no entanto, uma recente descoberta liberal. A questão é que o cristianismo é uma religião histórica. Isso não significa que o cristianismo, como o budismo ou o hinduísmo, tenha uma história. Isso significa que o conteúdo teológico do cristianismo inclui afirmações de eventos históricos. As doutrinas da Expiação não são eventos históricos; mas a crucificação de Cristo, que é um evento histórico, é uma parte essencial dessa doutrina. O mesmo ocorre com o êxodo e a doação da lei de Moisés; e assim por diante. Se os inimigos do cristianismo pudessem refutar a ocorrência real desses eventos, o cristianismo teria sido refutado. O cristianismo é histórico. O Islã talvez pudesse se dar bem sem Mohammed; O hinduísmo e especialmente o budismo não resistem ou caem em nenhum evento da história. Mais obviamente, os sistemas dos grandes filósofos Platão, Aristóteles, Kant e Hegel não contêm dados históricos, mas o cristianismo.

Isso significa que o mundo, e em particular a humanidade, é governado por leis teleológicas. A história não é positivista, mas providencial; e, como tal, como uma Divina Comédia, tem começo, meio e fim. Embora o começo, a criação e o meio, o Dilúvio, o cativeiro da Babilônia e, especialmente, a encarnação, exijam intervenção sobrenatural, os eventos finais, a ressurreição e o julgamento são, por si só, apropriadamente designados como escatológicos.

15. O Estado Intermediário .

Infelizmente, essa definição rígida leva a um constrangimento. Com a ênfase no fim da história no futuro, parece impróprio classificar como eventos escatológicos que foram repetidos inúmeras vezes no passado. Mas o estado da alma entre a morte e a ressurreição, uma realidade passada e presente para nossos antepassados, continua até o fim. Onde mais então, além da escatologia, esse ensino bíblico pode ser localizado?

O capítulo um deste volume mencionou a teoria behaviorista da linguagem em conexão com o estado intermediário da alma. Hoje, o behaviorismo praticamente domina a psicologia. Agora, não apenas a escola de Positivismo Lógico, em considerável desordem, a propagou; mas filósofos influentes também, por exemplo, Bertrand Russell e John Dewey, foram seus defensores. Inúmeros psicólogos ensinam isso.

BF Skinner, sem dúvida o mais conhecido dos behavioristas contemporâneos, tem toda a ação humana determinada pelas leis estritamente mecânicas da física e da química. Como os behavioristas compreendem melhor as leis no campo biológico, são eles que devem controlar a conduta de todas as pessoas. Políticos e cidadãos comuns devem fazer-se em conformidade com os planos dos behavioristas para a sociedade.

Agora, se admitirmos que os behavioristas entendem essa ciência melhor do que qualquer outra pessoa, ainda segue-se que seus pensamentos e planos, que são obviamente apenas seus movimentos corporais, são tanto o resultado de causas mecânicas quanto os movimentos de outros corpos humanos. Mas se todos os planos e ideais são igualmente mecânicos, é difícil mostrar de que maneira os planos dos behavioristas são melhores do que os dos políticos corruptos. Todos eles são gerados pelo mesmo método.

Agora, pode resultar dessa causa que tais psicólogos serão capazes de tomar o poder político. Mas se a física não os favorece, e outro grupo chega ao poder, os behavioristas não podem reclamar, pois não há base racional para preferir seus ideais a outros ideais. Daí Skinner não pode justificar

racionalmente sua visão de que já que o comportamento humano é determinado em qualquer caso, deve ser determinado pelo behaviorismo científica. Onde é que Skinner encontrou um deve no mecanismo? Ou até mesmo uma melhor
?

> Tanta coisa para os óbvios inimigos de Cristo. Há também uma lição aqui para pedir desculpas cristãs. isto

é isto: uma vez que uma pessoa, Paulo, Calvino, você e eu, ou melhor, já que as almas dos crentes estão em sua morte aperfeiçoadas em santidade, e imediatamente passam para a glória, "enquanto" seus corpos ... descansam em suas sepulturas até a ressurreição ", segue-se que o próprio homem, longe de ser um exemplo de química orgânica, nem sequer é uma combinação de alma e corpo, mas é estritamente a alma. Tomás de Aquino seguiu Aristóteles muito de perto na definição da alma como "a forma como um corpo orgânico". Tomás de Aquino tentou evitar a negação da imortalidade inerente à definição de Aristóteles, mas evitar é difícil. Alguns outros teólogos ou apologetas, mesmo que não sejam tomistas, argumentam que o homem é uma unidade e que não há dualidade de alma e corpo. Bem, se o homem é a alma, ele é uma unidade. Mas se seguirmos Agostinho, um homem não é mais uma unidade de alma e corpo do que um carpinteiro é uma unidade de mão e martelo. Para Agostinho e que outra teoria acomoda tão bem os dados bíblicos sobre o estado intermediário? a alma é a pessoa e o corpo é o seu instrumento. Também Charles Hodge: "A alma é o eu, o Ego, do qual o corpo é o órgão" [instrumento] (Vol. III, p. 725). Além disso, "o corpo [não] é uma condição necessária da consciência ou atividade [da alma]". (p. 726). À qual Hodge acrescenta

> Ap 14:13 Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor dali em diante; sim; diz o Espírito, para que descansem de seus labores, e suas obras os sigam.

Este não é o único verso na Bíblia que ensina a existência de tal alma (psique), mente (nous), ou espírito (ruach , pneuma) .Esta foi documentada na discussão sobre a criação e natureza do homem. A isso, o Novo Testamento acrescenta:

> Matt. 22:32 Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é o Deus dos mortos, mas dos vivos.

> Lucas 23:43 Jesus respondeu: "Em verdade, hoje você estará comigo no paraíso."

J Cor. 5; 8 Estamos confiantes, eu digo, e preferiríamos ficar longe do corpo e em casa com o Senhor.

O primeiro destes três ocorre na discussão de Jesus com os saduceus sobre a ressurreição dos mortos. A ressurreição, no entanto, requer a existência contínua da pessoa desde o momento da morte. Daí a frase "o Deus de Abraão" afirma que Abraão está vivendo agora, ainda mais claramente do que afirma a ressurreição. E para que não se pense que Jesus não satisfazer negação da ressurreição dos saduceus, seja lembrado que negavam a ressurreição, porque eles negaram toda a vida após a morte (Josephus, Guerra II, 8, 14).

A negação dos saduceus convida à comparação com uma afirmação extremamente oposta, embora igualmente não cristã, da "imortalidade" da alma. A palavra imortalidade é colocado em aspas aqui porque não é o termo certo. Os pitagóricos e, principalmente, Platão, não são verdadeiros em Demócrito, Epicuro, nem, presumivelmente, em Aristóteles, ou pensavam não apenas que a alma sobrevive à morte e é, nesse sentido, imortal, mas também que ela reencarnará. Ele não apenas sobreviverá a todas as mortes futuras, mas também já sobreviveu a todas as mortes passadas. A alma é eterna ou com mais precisão eterna. Tal é o argumento de
De Platão Fédon , embora o Timeu parece falar da construção da Alma do Mundo a partir de elementos pré-existentes, e se a Alma do Mundo, em seguida, afortiori almas humanas. De qualquer forma, a Bíblia, negando que as almas sejam eternas, afirma que, pela providência de Deus, são imortais.

Com relação a alguns grupos religiosos mais modernos, o mais importante dos três versículos citados é o de Lucas. Para isso, no entanto, pode-se adicionar a conta da Transfiguração. Assim como o ladrão na cruz que entrou no paraíso com Cristo no final da tarde de sexta-feira, assim como Moisés e Elias. No monte, eles apareceram e discutiram a doutrina da expiação com Jesus. A aparência corporal era sem dúvida uma teofania que Pedro nunca os reconheceria de vista, mas o ponto importante é que eles discutiram teologia. Suas mentes estavam ativas e, sem dúvida, agudas.

Se, agora, o pensamento fosse uma função do cérebro, dos músculos como Dewey sustenta, Moisés e Elias poderiam não ter interesse na expiação. Embora essa consideração não faça nada para convencer os psicólogos seculares, como foi explicado no capítulo um, deve alertar os psicólogos cristãos para evitar a contaminação de seus colegas profissionais.

De tempos em tempos, na história da teologia, surge uma visão que, embora não negue a existência da alma, nega que a alma imediatamente após a morte entre em um estado de felicidade consciente. Aqueles que sustentam essa visão se dividem em dois grupos. A pessoa afirma um sono da alma; o outro afirma um período de punição no purgatório.

Eusébio relata que havia uma seita de cristãos na Arábia que sustentava que a alma permanecia inconsciente da morte à ressurreição. Calvin escreveu uma refutação contra um grupo semelhante em sua época. Como a visão hoje não é desconhecida, é possível atribuir algum espaço aos seus expoentes atuais.

A igreja adventista do sétimo dia é o expoente contemporâneo mais conhecido da visão de que a alma não permanece consciente após a morte. Para apoiar sua posição, eles montam um grande número de
Referências das escrituras. (Perguntas sobre Doutrina .1957, pp. 522 e segs.)

Alguns deles são:

> Psa. 6: 5 Pois na morte não há lembrança de ti; na sepultura quem te agradecerá?
>
> Psa. 30: 9 Que proveito há no meu sangue, quando desço à cova? O pó te louvará? Deve declarar a tua verdade?
>
> Psa. 115: 17 Os mortos não louvam ao Senhor, nem os que descem ao silêncio.
>
> É um. 38: 1819 Porque a sepultura não pode te louvar, a morte não pode te celebrar; os que descem à cova não podem esperar pela tua verdade. (19) Os vivos, os vivos, ele te louvará, como eu faço hoje: o pai dos filhos fará conhecida a tua verdade.

É estranho dizer, eles incluem nesta mesma lista

> I Cor. 15: 1718 E se Cristo não ressuscitar, sua fé será vã; você ainda está em seus pecados. Então também aqueles que dormiram em Cristo pereceram.

Isso é estranho, porque o argumento geral de Paulo aqui é um silogismo destrutivo hipotético. A premissa "Cristo não ressuscitou" implica a conclusão "Aqueles que adormeceram em Cristo pereceram". Mas, como a premissa não é de Paulo, é a premissa daqueles a quem ele se opõe, nem a conclusão é dele. Quando a SDA inclui isso em sua lista, ela dá a impressão de negar a ressurreição de Cristo. Também se gostaria de saber o que dizem sobre a condição de Cristo entre sexta-feira às 15:00 e domingo às 05:00. Eles citam: "Sua alma não foi deixada no inferno (grego, hades," a sepultura ")". Se então sua alma não estava no Hades, e certamente não estava no túmulo, pois as almas não são corpos, nem no céu conscientes do Pai, onde estava e o que estava fazendo naquele sábado?

De qualquer forma, eles dizem sobre os mortos e, portanto, sobre Cristo: “Os santos vão para a sepultura ... enquanto dormem na tumba, o filho de Deus nada sabe. (…) Quem serve a Deus fecha os olhos na morte e, se um dia ou dois mil anos se passar, o próximo instante em sua consciência será quando ele abrir os olhos e contemplar o seu abençoado Senhor ”, (pp.

523524). Mas isso não era verdade para Moisés e Elias.

O escritor da SDA considera os casos de alguns que foram ressuscitados dentre os mortos; filho da viúva, filha de Jairo, Lázaro e quatro outros. O argumento é interessante: "Certamente seria muito ruim trazer alguém de volta do céu, onde, uma vez que chegou, ele naturalmente esperaria permanecer para sempre". Isso, no entanto, não é estritamente assim; pois presumivelmente quando uma alma entra no Paraíso na morte, ele saberá que ainda não está no estado final. Mas, para continuar as citações, “trazer alguém de volta dos reinos da bem-aventurança para este vale de lágrimas seria correr o risco de pecar novamente e perder a eterna recompensa!

Esse argumento pode impressionar os arminianos e quaisquer outros que negam a predestinação. Mas isso apenas faz os calvinistas sorrirem. O presente volume tentou enfatizar o ponto de que o cristianismo é um sistema logicamente concatenado. Inúmeros exemplos foram dados. Mas que estudante no início suspeitava que a doutrina do estado intermediário pressupõe a doutrina das predestões?

O autor da SDA pega alguns versos nos quais os cristãos ortodoxos deram mais peso do que podem suportar. Mas não sempre. II Cor. 5: 8 contém a frase “ausente do corpo e presente com o Senhor”. O argumento da SDA é: “Nada neste texto [justifica] ... a conclusão de que estar presente com o Senhor ocorrerá imediatamente após 'estar ausente do corpo'. O texto não indica quando essas experiências ocorrem. Simplesmente reconhecemos o intervalo da morte entre as duas experiências. (…) Fazendo referência ao estado futuro, Paulo fala de um 'edifício de Deus ... eterno nos céus' e '... nossa casa que é do céu '. Quando a mudança ocorre e colocamos a imortalidade, ele observa que é para que "a mortalidade seja engolida da vida". Então é na ressurreição, parece-nos, que Paulo espera-se que esteja 'presente com o Senhor', pois ele diz em 1 Coríntios. 15:53 que, na segunda vinda de Cristo, este mortal deve imortalizar ”(p. 529).

> Essas conclusões estão longe de ser certas. Primeiro, o assunto em 1 Coríntios. 15:33 não é o mesmo que em II Cor. 5: 8. O primeiro diz que o nosso “ phtharton deve colocar em aphtharsia .” Isto é, a obrigação corruptível revista da incorruptibilidade. Mas isso não se refere à alma que recebe um corpo de ressurreição, porque a alma já é incorruptível. A alma que temos agora, a alma que agora somos, é imortal. A próxima frase é: "aquilo que está sujeito à morte (thneton touto) deve ser imortal". Mas isso se refere ao corpo, não à alma. O versículo diz: "Este corpo mortal deve colocar um corpo imortal." Tal interpretação se encaixa muito bem com a ilustração do grão de trigo em 1 Coríntios. 15:36, 37, 44. Portanto, a idéia não é que a alma se torne imortal na ressurreição.

Com essa eliminação da passagem anterior, a exegese de II Cor. 5: 8 não será sobrecarregado com uma comparação falsa. O versículo dizia: "ausente do corpo ... presente com o Senhor". O que ou quem está ausente do corpo? Paul é claro. Então Paulo não é seu corpo. Paulo é sua alma. Observe anteriormente no inverso 6, Paulo estava em casa no corpo e, portanto, ausente do Senhor. Quem ou o que estava "em casa"? Paul é claro. Então seu corpo é sua casa; é Paulo, ou seja, o próprio Paulo, que reside lá. Em casa, o corpo está ausente do Senhor; e ausente do corpo está presente com o Senhor. Claramente, a SDA está enganada ao referir isso à ressurreição do corpo.

Se alguém pensa que isso não é suficiente para refutar a posição oposta, algo mais pode ser dito II Cor. 5, não apenas para refutar, mas para explicar mais completamente o que a Bíblia diz sobre o estado intermediário.

No capítulo quatro, Paulo estava falando de suas muitas aflições. Dificilmente ele não sabia que poderia ser assassinado ou executado por seus inimigos. No entanto, ele sabe que

se o lar em que ele vive agora for destruído, ele terá um lar eterno no céu. Ele geme em seu lar atual e deseja viver em seu lar celestial.

O que é esta casa celestial? A SDA diz que é o corpo da ressurreição. Existem outras duas interpretações. Uma é que a casa ou o lar é o próprio céu. A outra é que a alma na morte entra em um "corpo intermediário" adequadamente construído para durar até a ressurreição. Para este ponto de vista, não há suporte em outras partes da Escritura, nem sugestão nesses versículos. Baseou-se apenas na psicologia não-desenvolvida: “Como sem corpo não há alma, também sem organização corporal não pode haver salvação; uma organização corporal como condição necessária da personalidade é o fim da obra de Deus. ... a existência da alma como um espírito puro, sem um corpo é o apóstolo uma impossibilidade ... para autoconsciência em um ser criado necessariamente supõe a limitação de uma organização corporal”(Olshausen, Commentary , em loc .).

Essa visão provavelmente se baseia na definição de Aristóteles da alma como a forma de um corpo orgânico, em oposição à visão de Platão da alma como uma realidade independente. Eusébio (História da Igreja , VI, 37) relata uma visão muito semelhante ao da SDA. Calvino em sua época atacou uma visão do "sono das almas", chamado psicopannychianismo. Mas voltemos ao II Cor. 5)

Então a passagem em questão se refere ao corpo da ressurreição? Em oposição a essa visão, pode-se notar que o céu é descrito como um local de muitas mansões, uma cidade com muitas casas ou uma habitação (João 14: 2; Heb. 11:10, 14; 13:14; Rev. 21:10; Lc 16: 9, 22). Também o corpo da ressurreição não é eterno. De alguma forma, pode ser derivado de nosso corpo natural atual; mas isso não é eterno. Portanto, a casa deve ser o paraíso, não um corpo novo ou renovado. Além disso, ao consolar a si mesmo e a outros que podem sofrer a morte nas perseguições, Paulo diz: “nós temos ...” O argumento é: não se assuste: se morrermos, agora temos um lar celestial para o qual iremos. É bastante óbvio que o consolo depende do fato de que imediatamente após a morte, entramos em um lar glorioso. A afirmação de que apenas parece imediata porque estamos inconscientes por mil anos ou mais é uma interpretação muito tensa. o

Portanto, a conclusão é justificada: estar ausente do corpo é coincidente com a presença do Senhor.

No entanto, a SDA citou versos do AT e estes requerem uma menção. Eles eram em geral semelhantes ao PSA. 115: 17, “Os mortos não louvam ao Senhor.”

Agora, como observação preliminar, pode-se mencionar o fato de o AT falar tão pouco sobre a vida após a morte que alguns liberais afirmam que o AT o nega. A posição liberal sobre esse ponto pode ser encontrada com Jó 19: 2527 e com várias passagens que descrevem o íntimo relacionamento da aliança entre Deus e seu povo. Mas se o AT tem pouco a dizer sobre uma vida futura e uma ressurreição, não é de surpreender que ainda tenha menos a dizer sobre o estado intermediário.

Como, no entanto, a SDA é atualmente um grupo religioso bastante importante, é bom considerar o uso do AT. Para esse fim, será feita uma citação bastante longa de um livro no qual o autor analisa a teologia da SDA em detalhes consideráveis. O aluno fará bem em ler o livro inteiro.

“ ***O apelo à versos referentes à condição do homem na morte.*** No Antigo Testamento, especialmente nos Salmos e Eclesiastes, há mais do que alguns versículos que falam do silêncio dos mortos, o perecimento do homem está morto pensamentos e assim por diante. Essas passagens provam, para satisfação dos adventistas, que não há continuação da consciência ou de qualquer tipo de atividade após a ocorrência da morte. Um exame de tais textos em seu cenário, no entanto, pode muito bem levar a uma conclusão diferente da alcançada pelo adventismo, a saber, que pelo menos eles permitem, e em alguns casos razoavelmente bem exigem, a construção a que se referem aos mortos. não em um sentido absoluto, mas em seu relacionamento com pessoas vivas ou atividades terrenas. ”

“Um exame de um deles, selecionado aleatoriamente, evidencia esse fato. Salmo 146: 4, citado na página 522 de ***Questions on Doctrine*** , lê-se: "Sua respiração sai, e ele volta para a terra; naquele mesmo dia perecem os seus pensamentos." Este versículo, no entanto, é encontrado no decorrer de uma exortação por

o salmista de que os homens devem confiar em Deus e não "em príncipes, nem no filho do homem em quem não há ajuda". Por que esse conselho deve ser seguido? É porque todos os homens estão sujeitos à morte; até os mais poderosos deles expiram e são enterrados à vista dos seus companheiros; todos os seus projetos e planos, tudo o que tem relevância para essa forma atual de existência, são terminados completamente e terminados para sempre. É isso que o texto pretende ensinar; não há reflexão de uma maneira ou de outra sobre o estado da pessoa após a morte. De fato, se for insistido que este e outros versos similares devem ser aplicados ao destino do indivíduo em um sentido rigidamente literal, e que os autores de tais passagens tenham em mente dizer tudo o que deve ser dito sobre a morte, alguém que acreditar em nenhum tipo de imortalidade ou ressurreição seria perfeitamente justificado em encontrar apoio para seu ponto de vista nessas palavras. Entendidos como se referindo a algo mais último do que os aspectos fenomenais da morte, eles se encaixam melhor em uma visão do homem que BB Warfield classifica como "puro mortalismo" do que na doutrina da imortalidade condicional. Eclesiastes 9: 5 não diz "... os mortos nada sabem, nem têm mais recompensa; porque a memória deles é esquecida"? Onde, pelos cânones adventistas de interpretação do sétimo dia, há espaço para uma "imortalidade condicional" aqui? ”

“ ***O apelo às passagens que se referem a 'imortalidade' e 'vida'.*** Os adventistas argumentam que uma vez que 'só Deus, a imortalidade': o homem não tê-lo inata; (l Tim 6 1316). além disso, uma vez que "o homem é instado a buscar a imortalidade (Rm 2: 7), ele não a possui agora".

“O primeiro desses versículos, as palavras de Paulo a Timóteo, estão entre os textos favoritos pelos quais o adventismo prova que o homem não é imortal e, à primeira vista, parece que isso é tudo o que eles precisam para defender sua causa; o versículo diz com tantas palavras que a imortalidade não pode ser predicada por ninguém além de Deus. A dificuldade é, no entanto, que, se a "imortalidade" que aqui se imagina é do tipo que pode ser aproveitada por uma criatura, o movimento tem em suas mãos um texto que prova demais. Como, se "somente Deus tem imortalidade", o homem pode ter "imortalidade condicional"? Deveria ser óbvio, portanto, que Paulo está neste momento usando a palavra em um sentido em que não pode ser aplicada a nenhuma criatura. Essa "imortalidade" é uma qualidade exclusivamente divina; nenhum anjo ou santo glorificado, para não mencionar os demônios ou homens perdidos, jamais o possuirá como Deus

possui. De fato, é improvável que qualquer grupo na história do cristianismo, além de uma seita mística ocasional isolada e de curta duração, tenha ensinado que o homem tem ou deve ter imortalidade nesse sentido, a saber, como uma qualidade original, eterna ou necessária. Certamente, quando o protestantismo tradicional afirma que os homens são naturalmente imortais, isso não significa que eles sejam da mesma maneira que Deus é imortal; está usando o termo "imortalidade da alma" em relação aos homens em geral como o equivalente a "existência sem fim". ”

“A última dessas passagens, Romanos 2: 7, fala de" imortalidade "em outro sentido. Isso é evidente no contexto, no qual as palavras "glória", "honra" e "paz" (v. 10) são conjugadas com a "imortalidade" pela qual os homens são solicitados a procurar. Tudo isso está em antítese da "indignação, ira, tribulação e angústia", a maioria dos injustos. A força da "imortalidade" aqui, portanto, não é quantitativa, no sentido de pura continuidade da existência (no sentido em que todos os homens são "imortais"), nem é a da imortalidade eterna e original (no sentido em que somente Deus é). "imortal"); essa "imortalidade" é de natureza qualitativa, conotando incorruptibilidade, em que sentido é usada pelo povo redimido de Deus e de ninguém mais. O mesmo princípio pode ser aplicado às passagens que falam de "vida eterna" como o "dom de Deus". Este não é um "presente" de existência sem fim, mas de benção perfeita "no desfrute pleno de Deus por toda a eternidade". ”

“ ***O apelo às passagens que se referem a 'morte'.*** A situação aqui é paralelo ao que foi observado na seção anterior. "Morte" é usado nas Escrituras em mais sentidos do que um, e "deixa de existir" não é de forma alguma o seu significado mais frequente. Este é manifestamente o caso, mesmo com os próprios princípios adventistas; se houver alguma punição futura (como dizem os adventistas), "aniquilação" não pode esgotar o significado de "morte" como o "salário do pecado". O termo, como será aparente quando a questão do aniquilacionismo for discutida, é usado em um sentido mais amplo e muito mais sóbrio. ”

“ ***O apelo ao uso de 'sleep' para se referir à morte.*** O ponto é enfatizado pelos adventistas que 'as palavras gregas para 'dormir'... Se referem, em muitos casos para o sono da morte'. Nisso

conexão eles citam a observação de WE Vine: Esse uso metafórico da palavra sono é apropriado devido à semelhança na aparência entre um corpo adormecido e um corpo morto. É difícil determinar o que os escritores de Perguntas sobre Doutrina tinham em vista ao chamar a atenção para esse fato. A observação de Vine é bastante correta, e é a interpretação colocada sobre essa terminologia pelo grande número de escritores cristãos. "Dormir" é de fato um eufemismo natural para a morte, referindo-se às aparências das coisas, sem reflexão sobre assuntos que são mais fundamentais. No que diz respeito à parte não material do homem, portanto, é impossível decidir a partir dessa expressão, tomada por si mesma, se existe ou não consciência após a morte. De fato, existe apenas um lugar nas Escrituras em que o termo "adormecer" é usado em estreita conjunção com uma referência à partida da parte não material do homem, Atos 7: 5960. Aqui, no relato do martírio de Estêvão, os versos diziam: E apedrejaram Estêvão, invocando Deus e dizendo: Senhor Jesus, receba meu espírito. E ele se ajoelhou e clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E quando ele disse isso, adormeceu.

“Provavelmente não será necessário elucidar que essa conexão dá escasso apoio à visão de que" adormecer ", usado para a morte, implica que Stephen não entrou conscientemente na presença de seus Salvador e Senhor. ” [11]

A seção sobre o adventismo do sétimo dia começou com uma observação de que dois grupos negam que a alma justa após a morte sinta imediatamente a felicidade consciente. O segundo desses grupos é o romanismo. Ao contrário da ADS, o romanismo afirma a consciência, mas nega a bem-aventurança em sua doutrina do purgatório. Se a seção anterior foi longa, duas pequenas considerações são suficientes para eliminar o purgatório.

O primeiro ponto é que a Bíblia não contém menções ao purgatório. Às vezes eu cor. 3:15 e, ainda menos apropriado, Judas 23 são usados. Nenhuma delas fornece qualquer base para a doutrina.

Herbert S. Bird, Teologia do Adventismo do Sétimo Dia, pp. 5053, Eerdmans 1961.

Ap. 21:27 diz que nada contaminado entrará no céu; mas isso implicaria purgatório apenas se os santos redimidos continuassem em sua contaminação. Os Macabeus apócrifos 12:43 é um pouco melhor, mas nem judeus nem protestantes aceitam os apócrifos. O único argumento válido que os romanistas podem usar é: Muitas verdades não escritas na Bíblia foram dadas à igreja romana e constituem sua tradição; o purgatório é uma dessas verdades; portanto, essa doutrina deve ser aceita. Este argumento difere dos anteriores. As referências anteriores às Escrituras são excelentes premissas, mas a inferência ao purgatório é inválida. Aqui a lógica é perfeita, mas as premissas são falsas.

O segundo ponto pode ser conectado ao I Cor. 3:15 e Rev. 21:27. Nada contaminado entra no céu e todas as más obras são como feno e palha para serem queimadas. Essa figura de queima de restolho pode parecer sugerir um purgatório. Na verdade, porém, há uma grande diferença. Supõe-se que o purgatório seja um lugar onde o pecador sofra por seus pecados e assim complete sua expiação. Os sofrimentos de Cristo expiaram alguns pecados, mas não todos. Desde a morte de Cristo não foi <u>suficiente</u> (no entanto <u>necessário</u> itmight ter sido) para expiar todos os pecados, o próprio pecador deve pagar a pena para o restante. O escritor presente em outro livro citou um hino bem conhecido do evangelho:

Jesus pagou por tudo,

Tudo a ele eu devo.

Sin tinha deixado uma mancha carmesim

Ele lavou-o branco como a neve

Vale a pena repetir a contraparte romana aqui, porque enfatiza o contraste.

Jesus pagou em parte:

Graças a ele eu digo.

O pecado havia deixado uma mancha azulada;

Ele lavou um pouco de cinza.

<u>3. O Segundo Advento.</u>

Com a doutrina do estado intermediário colocada aqui, porque não há lugar melhor para ela, a próxima discussão retoma o que é mais apropriadamente chamado escatológico. O primeiro ponto, possivelmente óbvio demais para mencionar, mas claramente essencial, é o fato de o NT prever o futuro.

> Lucas 21: 6 e segs. Não ficará pedra sobre pedra. ... Nação se levantará contra nação ... sereis odiados de todos os homens por causa do meu nome.

> João 21:18 Quando fores velho, outro te achará e te levará para onde não queres.

ROM. 11:26 E assim todo o Israel será salvo.

Ap 20: 7 E quando os mil anos terminarem, Satanás será libertado da sua prisão.

Dos eventos previstos pelo NT, alguns já ocorreram, por exemplo, a destruição de Jerusalém. Outros, como a pregação mundial do evangelho, estão ocorrendo. O restante ainda está por vir; e são essas, ou melhor, as relações temporais entre elas que nos confundem enquanto lemos.

Embora existam três visões distintas sobre a ordem dos vários eventos que constituem a era vindoura, o único evento, dos mais importantes, e tão reconhecido por todos os evangélicos, é o retorno de Cristo.

Atos 1: 11 Este Jesus, que acabou de ser levado de você para o céu, assim entrará no feno que você o viu partir para o céu.

Pode haver cem versículos no NT que predizem ou se referem ao retorno de Cristo. A maioria, se não todos os outros, adiciona alguns detalhes sobre circunstâncias concomitantes. Este em Atos, a menos que se surpreenda com a frase simples "da mesma maneira", parece ser o único que

restringe-se ao próprio evento. Mesmo assim, é inequívoco prever que o próprio Jesus Hill retornará do céu à terra.

Com a ascensão do modernismo no século XIX, muitos liberal que desejava evitar muito grande a rejeição das Escrituras tentaram interpretar o retorno de Cristo como a destruição de Jerusalém em 70 dC (Jesus em sua segunda vinda , por W.Roy Goff, 1917), ou como a morte do crente, ou mesmo como a experiência da regeneração. Contra essas visões fundamentalistas enfatizou o pessoal e corporal retorno do Senhor. Claro, eles estavam certos. Mas essa ênfase não precisa ser tão vociferante hoje como era porque os subterfúgios dos liberais não são mais possíveis. Os subterfúgios não são mais possíveis porque (1) eles eram exegeticamente incompetentes e porque (2) os liberais hoje não precisam temer ultrajar suas congregações incrédulos negando a Bíblia. Fact De fato, embora muitas vezes tentem provar que Paulo acreditava e confundia que Cristo retornaria em sua própria vida, os liberais muitas vezes podem agradar aos crentes ortodoxos com sua exegese bastante precisa. É o que a Bíblia ensina, os fundamentalistas entenderam a Bíblia corretamente, mas eles acreditavam que estúpido!

O que os incrédulos rejeitam como estúpido é o óbvio sobrenaturalismo da volta de Cristo. As escrituras enfatizam isso em sua descrição do evento. Embora os evangélicos se dividam em três grupos principais na questão do milênio, todos concordam que Cristo retornará nas nuvens do céu, em fogo flamejante, com o som da trombeta e a voz do arcanjo, acompanhados de anjos e santos. O aluno pode fazer sua própria lista de versículos para completar esta descrição. Negue o sobrenatural, e nenhum cristianismo permanece.

Mas, além desse acordo unânime sobre o ponto principal do retorno pessoal e visível de Cristo, existem três teorias divergentes sobre as relações temporais entre alguns eventos concomitantes. As perguntas são basicamente: haverá um milênio ou não; e se assim for, vem antes ou depois da volta de Cristo.

12. a) O pós-milenismo é a visão de que a pregação do evangelho acabará por converter o mundo e que se seguirá um período de mil anos com quase toda a justiça universal. Então Cristo retornará. Seu retorno é pós-milenista. De longe, a defesa mais completa dessa visão é

David Brown O Segundo Advento (na capa do livro) ou Segunda Vinda de Cristo , Será que vai ser pré-milenista ? (Na página de título).

Aqui não é possível reproduzir as 489 páginas deste volume cuidadosamente escrito; mas algumas das escrituras apresentadas devem ser mencionadas. No início do livro, o Dr. Brown considera as parábolas.

Primeiro, ele se refere a Matt.28: 1820 como indicando um longo tempo e extensas mudanças entre os dois adventos. A volta de Cristo, portanto, não poderia ter sido iminente. Para isso concorda a parábola do joio. O campo é o mundo, não a Igreja, pois aqueles que se opõem à disciplina eclesiástica tentam manter em que joio e trigo crescem até a colheita. Isso indica um longo período de crescimento lento, mas constante. A semente de mostarda e o fermento ensinam a mesma lição. Algo pequeno se torna grande através de seu poder inerente.

Mas, embora o evangelho deva permear o mundo, haverá grandes reveses às vezes (1 Tim. 4:13; 2 Tim. 3: 15; 2 Pedro 3:34). Essas reviravoltas não anulam o ensino das parábolas sobre o eventual triunfo do cristianismo, mas mostram de fato que levará muito tempo até que Cristo volte.

A redação de Atos 3: 2021 também, “a quem os céus devem receber até os tempos de restituição de todas as coisas ...” tende a desencorajar uma expectativa da volta de Cristo durante o primeiro século.

Da mesma forma, a parábola dos dez libras ensina que o nobre ficou em um país distante por um longo tempo. Os detalhes da história, o antagonismo dos cidadãos, o investimento do dinheiro e as palavras do nobre ao retornar, ensinam que a volta de Cristo não era iminente.

Dr. Brown cita um escritor anterior:

"É digno de nota que os únicos erros mencionados no Novo Testamento, respeitando o tempo da vinda de nosso Senhor, consistem em sair com ela muito cedo ... O caso do servo representou como dizendo: 'Meu Senhor atrasa sua vinda.' ... O servo tinha tomado uma impressão errada da data em que seu Mestre deveria ser procurado; e como seu Mestre não se mostrava de acordo com essa data falsa, o servo, em vez de desconfiar de seu próprio entendimento, memória ou Cálculo

agiu no pressuposto de que seu Mestre não viria ... e agiu em sua ruína. E o Dr. Brown continua mostrando como Paulo repreendeu os tessalonicenses por acreditarem em um retorno iminente. Que o apóstolo na segunda epístola explica alguns eventos que devem ocorrer antes que Cristo volte. A Bíblia de Scofield tenta defender um retorno iminente, embora já tenham decorrido dois mil anos, definindo iminência como a ausência de qualquer evento conhecido ou profetizado que deve ocorrer antes do segundo advento (Nota em Mt4: 17). Mas Paulo fez a profecia.

Mais tarde no volume (pp.335358, et passim) Dr. Brown encontra em Daniel a conquista gradual do evangelho de todas as nações, à medida que a pequena pedra se transformou em uma grande montanha e encheu toda a terra.

Além de uma grande quantidade de argumentação bíblica semelhante, o Dr. Brown é, digamos, veemente contra a morno dos pré-milenistas em relação a missões estrangeiras. Em particular, ele castiga os Srs. Bonar, citando A. Bonar que chamou o zelo missionário de “uma esperança visionária” (p. 317), e referindo-se à repreensão de H. Bonar à Sociedade Missionária de Londres (p. 319).

Infelizmente, o castigo não se limitou a um lado deste debate. Vez após vez os pré-milenistas acusaram seus oponentes de substituir o socialismo político pelo evangelho. Esta é uma acusação completamente falsa. É verdade que os modernistas dependem e confiam amplamente na política de esquerda para "trazer o Reino de Deus". Mas isso não é pós-milenismo.

Os modernistas, juntamente com a rejeição do nascimento virginal e a expiação vicária, também rejeitam o retorno pessoal de Cristo. Mas os pós-milenistas depositam sua confiança na pregação de

o Evangelho. O contraste entre as duas visões milenares tem a ver com a questão de saber se Deus ordenou uma conversão geral de todas as pessoas sob a pregação do evangelho, ou "se Deus reservou seu poder regenerador, nessa escala, até que Cristo retorne e introduza um milênio.

Confiança no retorno de Cristo para a conversão do mundo que o Dr. Brown considera, não meramente pessimista, mas como uma difamação do evangelho. Ele sustenta que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, primeiro para o judeu e também para o grego. Portanto, fazer do retorno de Cristo o poder da salvação, principalmente através da conversão dos judeus por sua aparência, é contradizer os romanos, mesmo que os judeus então preguem o evangelho aos gentios e iniciem uma era de retidão. Os pré-milenários não apenas denegrem o poder do evangelho, mas também enfrentam uma dificuldade no papel que atribuem aos judeus. Pois se Cristo converte os judeus por sua aparição, por que o mesmo evento não deveria também converter os gentios sem fazer uso de pregadores judeus? Nesta suposição, o evangelho permanece totalmente inútil.

Brown não era modernista ou liberal; no entanto, ele viveu em uma época incrivelmente otimista. Herbert Spencer acabara de prever que seu milênio estava prestes a começar. Quase todos, até bons cristãos, foram influenciados. por esse otimismo geral. Um grande esforço missionário logo converteria os chineses. Mas hoje o trabalho da grande Missão Interior da China está em ruínas. Desde que o Congo se tornou Zaire, quase toda a África se tornou violentamente anticristã. Quando Cristo voltar, ele encontrará fé na terra?

Embora o resumo acima seja bastante inadequado para indicar o escopo do argumento construtivo do Dr. Brown, exegurando centenas de versos, grande parte dele não é tão construtivo quanto é uma exploração das dificuldades inevitáveis, bem como algumas estúpidas angustiantes, em que muitos pré-milenários caíram. A proliferação de gráficos imponentes, prevendo a ordem dos eventos futuros em grandes detalhes e com muita imaginação, dificilmente poderia evitar os absurdos do entusiasmo descuidado. Muitos desses criadores de gráficos tiveram pouco ou nenhum treinamento teológico. Mesmo aqueles que fizeram, às vezes fizeram o que hoje podemos ver são flagrantes

tolices. Em 1927, um pregador popular e bem-educado na Filadélfia explicou que as fronteiras nacionais na Europa eram então exatamente as da Roma antiga. Nenhuma mudança adicional ocorreria; Mussolini estava restaurando o Império Romano; ele era o anticristo; e o Senhor retornaria muito em breve. E quanto a Hitler? Ah não; Hitler não é importante; Mussolini e Roma vão dominar até que Cristo volte. Isso foi em 1927.

Por outro lado, e além do fundamentalismo pós-Primeira Guerra Mundial, os problemas exegéticos são muito reais e muito grandes. Depois da exegese, reunir as profecias das Escrituras é mais difícil do que qualquer quebra-cabeça. Isso é característico da profecia preditiva. Cristo disse: “E agora eu lhes disse antes que aconteça, para que, quando acontecer, vocês possam crer” (João 14:29). Esta declaração pode se referir à morte e ressurreição de Cristo, ao Pentecostes ou até ao segundo advento. De qualquer forma, os discípulos não poderiam ter descrito, com base em João catorze, o que aconteceria no dia seguinte, cinquenta dias depois ou dois mil anos depois. Jesus censurou seus discípulos por não entenderem o Antigo Testamento. Mas se formos honestos conosco, dificilmente deveríamos afirmar que entendemos as profecias melhor do que elas. Então, hoje, aqueles que constroem gráficos detalhados do futuro devem ter uma opinião muito boa de si mesmos.

Uma parte integrante do argumento pós-milenarista é a incapacidade da mente humana de decifrar a profecia preditiva. Isso inclui particularmente a preferência do pré-milenista por uma realização literal e não espiritual.

Um item em que o Dr. Brown trabalha há algum tempo é a afirmação de muitos pré-milenistas de que o templo judeu será literalmente reconstruído no local que agora suporta o Domo da Rocha. Que os israelenses ainda possam expulsar os árabes e construir um templo onde Abraão estava prestes a sacrificar Isaque não pode ser considerado impossível. Mas que essa reconstrução seja um cumprimento da profecia de Ezequiel e que Deus e o Messias aceitariam os sacrifícios de cordeiros novamente é outra questão.

Por um lado, nem todas as profecias foram planejadas literalmente, embora um bom número de pré-milenistas o afirme. Como prova, não é necessário ler além de Gênesis 3:15. Mas há também Números 24:17: "Virá uma estrela de Jacó e um cetro se levantará de Israel ..."

Isso pode ser uma profecia da segunda vinda e não da primeira; mas Jesus não é um planeta ou um sol. Ele também não é uma pedra angular, como diz Isaías.

Não pode então a profecia de Ezequiel no templo também ser figurativa? Além do fato de o homem em Ezequiel 4043 não ser um homem literal, o restante do capítulo parece muito literal. No entanto, surge uma dúvida quando lemos que as águas sagradas fluem de baixo do santuário para o Mar Morto e o purificam para que os israelitas tenham peixe para comer. A atribuição de territórios às tribos também é suspeita. O esquema de Ezequiel requer faixas de terra paralelas, cada uma se estendendo do Mediterrâneo ao Jordão. A simetria é perfeita, mas a geografia é intrigante.

(b) Amilenismo.

As dificuldades excepcionais que a escatologia apresenta levaram alguns teólogos a escapar deles por uma negação completa de um milênio. Se não há milênio, é tolice perguntar se a volta de Cristo a precede ou a segue. O único lugar em que a Bíblia menciona explicitamente os mil anos é no livro apocalíptico e extremamente intrigante de Apocalipse (20:47). Essas visões do capítulo quatro em diante, com exceção da eventual vitória de Deus sobre Satanás, são quase completamente ininteligíveis.

Os comentaristas não podem concordar. Aqueles que tomam os capítulos dois e três literalmente. ou seja, cartas para igrejas existentes na Ásia são divididas em partes menores. Um grupo data o livro em 64 dC e explica os capítulos 412 como uma descrição das perseguições judaicas aos cristãos; até o final do capítulo 18 é uma previsão das perseguições romanas. Finalmente, os capítulos 19 e 20 descrevem a conquista mundial do evangelho.

Outros que também interpretam as cartas literalmente, mas que datam o livro em AD96, explicam os capítulos quatro como uma série de visões, todas com o mesmo significado e todas cobrindo ao mesmo tempo. O significado é a vitória de Deus sobre Satanás, e o tempo em todos os casos é do dia de João até o retorno de Cristo.

Mas há algumas almas infelizes que, embora reconheçam que essas cartas foram enviadas para sete igrejas reais na Ásia Menor, sustentam que essas sete igrejas prefiguram sete eras da história, desde os dias de João até o segundo advento.

Para apoiar essa visão, a nota de Scofield na Rev. 1: 20 declara: "É incrível que em uma profecia que cubra o período da igreja não exista tal previsão". Agora, supondo que o Apocalipse deva cobrir o "período da igreja", pode-se perguntar por que os capítulos 419 não podem ser uma prévia. Claramente, não há nada nas sete cartas que sugira que eles prevejam o curso da história. Nem é a divisão da história de Scofield em suas conjunturas particulares exigida por qualquer coisa nas Escrituras. Nem por nada na história também. É verdade que ele seleciona alguns pontos importantes, como o imperador Constantino em 316 dC. Por que não especificar a queda de Roma em d410 e os quatrocentos anos seguintes da Idade das Trevas? Por que não colocar uma divisão em 1274 dC, quando o aristotelianismo conquistou o agostinismo? Mas o pior aspecto da divisão de Scofield é sua visão da Reforma Protestante. Sem dúvida, suas "obras não foram cumpridas", pois o romanismo continua vivo; mas diremos que a Reforma tem um "nome que vive e está morto ... Eu não achei suas obras perfeitas diante de Deus ... Arrependa-se ... Você tem [apenas] alguns nomes ... que não contaminaram suas vestes ..." as atividades de Lutero, Calvino e Knox?

Em seguida, Scofield coloca o segundo advento no final do capítulo três. O próprio texto não dá nenhuma dica disso, pelo que Scofield o descreve como um arrebatamento "secreto", bem diferente do arrebatamento muito barulhento e visível de 1 Ts.5: 1617 e Rev. 1: 7. Os capítulos quatro a vinte devem descrever uma grande tribulação na terra, após a qual Cristo vem pela terceira vez.

Em vista de todas essas perplexidades, não surpreende que alguns expositores simplesmente negassem o milênio e, assim, pensassem em escapar das dificuldades.

Se a negação definitiva de um milênio não é atraente, pois Rev.20: 47 deve significar algo, o amilenismo pode ser equiparado a uma forma de pós-milenismo. É claro que David Brown esperava um milênio de justiça no futuro. Mas Santo Agostinho, comparando o restrito conhecimento de Deus durante os tempos do AT com a pregação mundial do evangelho desde os apóstolos, ensinou que o milênio se estende da ressurreição de Cristo ao seu retorno. Muitos cristãos, no entanto, no final deste século XX, têm uma imagem mais agradável do milênio e menos entusiasmados com a civilização contemporânea.

O amilenismo pode acomodar mais facilmente a selvageria contemporânea. Embora alguns amilenistas esperem grandes avivamentos, ou pelo menos vigorosamente afirmem que ninguém pode negar seus

possibilidade, o sistema não precisa de mais nenhuma extensão do evangelho. Se os comunistas russos regularmente praticam tortura, se Mao massacrou vinte ou trinta milhões de chineses (e assim aliviou a fome na China), sem mencionar seu extermínio dos tibetanos, e se os selvagens trouxeram de volta o canibalismo ao Congo e o terror a toda a África Austral, o amilenista pode acomodar tudo isso sob a parábola do joio e do trigo. Ele pode não ser tão inflexível quanto o pré-milenista em afirmar a inevitabilidade de as coisas ficarem cada vez piores, mas ele ainda pode perguntar, com o pré-milenista, que Cristo encontrará fé na terra quando voltar?

No entanto, argumentos contra um milênio futuro não são muito convincentes. Quando realizados de forma consistente, tornam-se improváveis. Às vezes extremamente. Dois exemplos são os de William Milligan, O Livro da Revelação , e BB Warfield, O Milênio e o Apocalipse , em seus Doutrinas Bíblicas.

A exposição de Rev. 20 de Milligan começa bastante plausível. “A derrubada de Satanás e não o reino de mil anos é o tema principal dos dez primeiros versículos" (p. 336). "Os mil anos mencionados não expressam um período de tempo." Isso parece estranho. Mas "eles não são uma figura para toda a era cristã [como com Agostinho] ... nem denotam um certo espaço de tempo ... no final da presente dispensação. ... Eles incorporam uma ideia; e essa idéia, aplicada à subjugação de Satanás ou ao triunfo dos santos, é a idéia de perfeição ou perfeição "(p. 337). Para mostrar que os termos ano e mês nem sempre indicam períodos de tempo, Milligan refere-se a Ezequ. 39: 9, 12. Ele reconhece que uma "dificuldade relacionada a essa visão é que, no terceiro verso do capítulo, diz-se que Satanás foi fechado no abismo até que os mil anos terminem, e no sétimo versículo, lemos: 'E quando os mil anos terminarem, Satanás será solto' "(p.) 39). Milligan acrescenta imediatamente:" mas a dificuldade é mais ilusória do que real. "O que é mais ilusório do que real, no entanto , parece ser a defesa de Milligan de sua reivindicação por uma referência adicional a Ezequiel.Mais disso em um momento, após uma consideração do argumento de BB Warfield.

Um dos mais defensores capazes de Amilenismo foi BB Warfield, que publicou um artigo O Milênio e o Apocalipse no Princeton Theological Review (Vol 2 de 1904 nw incluído no bíblica Doutrinas, Oxford Univ. Press. 1929 pp.643 ss.) Sua tese não é simplesmente que as escrituras são silenciosas quanto a um milênio, mas que elas "definitivamente excluem toda a concepção" (p.644). Para sustentar essa posição, Warfield assume que cada uma das sete seções do Apocalipse começa com o primeiro advento e retrata a história do segundo advento. Ele chama isso

1, é claro, uma suposição. É a suposição de alguns teólogos muito estimados, de Agostinho a Hengstenberg. Mas outros diriam que qualquer suposição suscita a pergunta.

Warfield também enfatiza o fato do simbolismo. João teve visões, não história. Muitos dos detalhes dessas visões pertencem apenas às visões. O objetivo deles é tornar a imagem mais vívida; e, portanto, eles não indicam eventos adicionais ao principal que a imagem total simboliza.

Menos aceitável é a próxima suposição de Warfield: "Aqui, como em toda profecia: é a impressão espiritual e ética que governa a apresentação e não uma intenção analítica ou cronológica" (p.646).

> Bem, é claro, alguma instrução ética ou moral pode ser encontrada nessas visões; mas em

contrasta com a parábola do mordomo injusto (Mt.18: 23) ou do famoso vizinho samaritano

ou a parábola do semeador, onde o elemento ético é predominante e onde o histórico se

presente está subordinado, em contraste com estes o material em Apocalipse é fortemente

cronológico. Sem dúvida, os exegetas diferem; mas a interpretação que encontra primeiro um judeu

perseguição e, em seguida, uma perseguição romana não é tão absurdo a ponto de ser descartado por um mero

suposição de que o material é ético e não histórico.

Há um ponto que deve ser observado antes de discutir o capítulo vinte. David Brown mencionou e Warfield menciona duas vezes. A referência é à espada conquistadora de Cristo, que procede de sua boca. Warfield enfatiza o fato de que a vitória de Cristo não é alcançada

através de balas de guerra literais e bombas atômicas. Ele sustenta que a espada na boca de Cristo significa a pregação mundial do evangelho. Mas essa última visão não pode ser deduzida simplesmente a partir de uma negação do poder militar. A espada na boca de Cristo poderia ser uma declaração pessoal do próprio Cristo aos judeus de que ele é o Messias. ou, mais de acordo com o contexto, um julgamento da desgraça.

O que é realmente problemático com a visão de Warfield é que a pessoa no cavalo branco, a pessoa chamada Fiel e Verdadeira, cujos olhos eram como fogo, com muitas coroas na cabeça, que tinham um nome que ninguém conhecia além de si mesmo, é tomada como símbolo de mil missionários, nenhum dos quais, nem todos juntos, merecem essa descrição gloriosa. Não está claro que a visão simbolize o próprio Cristo? No seu primeiro advento, ele falou pessoalmente e ocorreram milagres. Por que não de novo?

Agora vem a pergunta principal: Rev. 20 ensina que há um milênio futuro ou não?

O primeiro argumento de Warfield (p.649) contra um milênio depende da palavra almas emRev.

20: 4. O milênio supostamente acontece na Terra e aqueles que o apreciam são pessoas em carne e osso. Mas Apocalipse 20: 4 está no céu, e as almas não têm corpos.

Aqui Warfield esqueceu o que ele insistiu tão vigorosamente contra os pré-milenistas, que são visões ou imagens que simbolizam as realidades da Terra. Se Warfield deseja levar as almas literalmente, como distintas dos corpos, ele deve explicar como as almas podem se sentar nos tronos. Ele pode segurar que tronos e sat são figurativos, enquanto almas no seguinte frase é literal? Também, se formos literais, as almas foram as almas daqueles que foram decapitadas. Portanto, os santos que morreram de morte natural são excluídos. No entanto, Warfield quer que os mil anos sejam uma descrição do estado intermediário de todos os crentes.

E para uma boa medida, quando John disse: "Eu vi as almas daqueles" que tinham sido decapitados “, e quatro linhas depois diz:“Eles viveram e reinaram com Cristo ", deve a eles que é apenas a terceira forma plural do verbo devem os eles almas médios poderia possivelmente não ser aqueles que foram decapitados?”Isso pode não parecer tão convincente como as objeções anteriores para Warfield;?, no entanto, as seguintes palavras são," o resto dos mortos .. "Portanto, em ambos os casos, o

o sujeito do verbo poderia ser simplesmente "aqueles que viveram" sem nenhuma inferência necessária de que João está falando sobre almas em nítida distinção de corpos.

A idéia de que os mil anos é o estado intermediário das pessoas redimidas no céu leva Warfield a conclusões estranhas. O aluno pode consultar o texto completo, mas essa abreviação não pode deturpá-lo muito. “A figura é ... a figura do estado intermediário dos santos de Deus reunidos no céu, longe do barulho confuso e das roupas banhadas em sangue ... Os mil anos, portanto, são toda a presente dispensação ... Esse período entre os adventos é, na terra, um tempo quebrado, três anos e meio, um “pouco tempo” (Ver.3) ... Para os santos em êxtase, é, pelo contrário, um período longo e abençoado ... "mil anos" ... A "ligação de Satanás" é, portanto, na realidade, não por um período, mas com referência a uma esfera; e seu "perdimento" novamente não ocorre após um período, mas em outra esfera. (...) De fato, não há literalmente "ligação de Satanás" ... o que acontece, acontece não a Satanás, mas aos santos, e é representado apenas como acontecendo a Satanás para o propósito da figura simbólica "(pp.649651).

Certamente essa tentativa de exegese é um dispositivo de desespero. A visão de Agostinho de que a história terrena atual é o milênio pode parecer estranha para aqueles que esperavam paz e bem-aventurança na Terra, em vez de guerras mundiais, comunismo e terror; mas não é totalmente absurdo. O evangelho foi realmente pregado a todos os parentes, tribos e nações. Isso é história, cronologia, na terra. Warfield bem, a cronologia pode se beneficiar de outra menção.

Warfield descartou a "intenção cronológica", não apenas no capítulo 20, mas também no Apocalipse. Vejamos a cronologia do capítulo 20.

Primeiro, há a ligação de Satanás por mil anos. É apenas interessante discutir se os mil anos são precisamente 365 x 24 x 60 x 1000 minutos. Esse número preciso de minutos ou anos pode realmente ser simbólico; mas deve ser simbólico por um longo período de tempo. Durante esse período, Satanás não pode mais enganar as nações. O texto não diz que Satanás não pode mais enganar as almas no céu. Sem dúvida, ele não pode. Mas o texto diz que ele não pode mais enganar russos, chineses e americanos até que os mil anos se completem. Aqui está

outro ponto da cronologia: Satanás enganou as nações por séculos; por um longo tempo, ele será incapaz de fazê-lo; então ele novamente enganará as nações por um curto período de tempo.

Se isso não se refere à história e cronologia na terra, Warfield teria que dizer que, embora as almas desencarnadas dos santos estejam agora livres do poder de Satanás, elas serão novamente enganadas por um tempo antes de se reunirem com seus corpos.

Outra nota cronológica vem no versículo cinco: o resto dos mortos não vive novamente até que Satanás seja libertado de seus laços. O verso é difícil. Quem são os outros mortos não é explicado. E não parece apropriado anexar a eles a frase imediatamente seguinte: "Esta é a primeira ressurreição". No entanto, é perfeitamente claro que a cronologia está envolvida. Devemos concluir que Warfield está muito enganado ao descartar toda seqüência temporal desta passagem.

Leia atentamente o que Warfield diz. A citação é abreviada, mas o sentido é claro; e qualquer pessoa pode encontrar facilmente o original e estudar lentamente.

"Qualquer hesitação ... em adotar essa visão [amilenar] parece surgir principalmente da dificuldade que temos naturalmente em ler essa narrativa aparentemente histórica como uma imagem descritiva de um estado na tradução, por assim dizer, da linguagem dinâmica da narrativa para o linguagem estática da descrição.O termo "mil anos" não sugere um lapso de tempo? ...

Por mais natural que seja esse sentimento, estamos convencidos de que ele se baseia apenas em uma certa incapacidade não natural de
entrar completamente no método do vidente e nos entregar inteiramente à sua orientação. ...

O número 1000 representa no simbolismo bíblico a perfeição absoluta ... Quando o vidente diz sete, quatro, três ou dez, ele ... expressa por cada uma noção [não numérica] específica. O número sagrado sete, em combinação com o número igualmente sagrado três, forma o número da perfeição sagrada dez [é claro, não vinte e um] e quando esses dez são cubos em mil, o vidente disse tudo o que ele poderia dizer para transmitir à nossa mente a idéia "Warfield tenta livrar o Apocalipse de sua cronologia. Como ele sabe que o vidente usa o número 1000

disse que tudo o que ele poderia dizer sobre a completa felicidade dos santos permanece inexplicável. Parece que quase qualquer cristão comum poderia dizer consideravelmente mais.

20. Premillennialism

O presente volume defende o pré-milenismo, embora de uma maneira que muitos pré-milenários não gostem. Pois é de se temer que os pré-milenários sejam seus piores inimigos. Por que, pode ficar um pouco claro à medida que o fim se aproxima. De qualquer forma, o argumento do presente volume não é tanto que a Bíblia o ensina de maneira inconfundível, pois o pós-milenismo e o amilenismo não podem de forma alguma se encaixar nos dados bíblicos e, portanto, resta apenas o pré-milenarismo.

Como os dispensacionalistas têm sido tão vociferantes e tão dogmaticamente detalhados com seus gráficos que apenas um arquiteto poderia desenhar, é necessária a exegese de mais algumas passagens para apontar o quanto não sabemos sobre o assunto.

É verdade que os dispensacionalistas não são os únicos fortemente apegados às suas formulações. Geerhardus Vos escreveu A Pauline Escatologia , um trabalho extremamente erudito e um tremendamente difícil. Nele, ele tenta provar, sem sombra de dúvida, que eu corro. 15 definitivamente torna impossível o pré-milenismo. Depois de estudar seu argumento por horas e analisá-lo por mais horas, deve-se concluir que Vos não conseguiu provar seu argumento. Ao mesmo tempo, também parece que os pré-milenistas que desejam encontrar sua visão inerentemente inserida nesse capítulo são igualmente infrutíferos.

Houve uma breve discussão do Rev. 20 alguns parágrafos atrás. Para agora não sermos críticos unilateralmente de alguns pré-milenários, uma objeção amilenar pode ser descartada. Alguns deles argumentam que em Apocalipse 20: 4 os tronos estão no céu, que as almas dos mártires estão à vista e não seus corpos; e, portanto, João não está prevendo um milênio na terra. Existem duas respostas para isso. Primeiro, os capítulos 420 são todas visões no céu, mas claramente as visões são

simbólico do que acontece na terra. Da besta com sete cabeças (Ap 17: 9), João disse: "As sete cabeças são sete montes nos quais a mulher está sentada ... e a mulher ... é aquela grande cidade que reina sobre os reis da terra" (17:18). O que é visto no céu simboliza Roma. Pode ser a Roma imperial, como muitos cristãos primitivos pensavam; ou pode ser o papado como pensavam os reformadores; mas deve ser algo na terra. Segundo, a referência às almas diz: "as almas daqueles que foram decapitados ..." Depois, diz: "Eles viveram e reinaram". O pronome que eles podem se referir às almas, embora as almas simbolizem algo ou também pode consulte "aqueles que foram decapitados". Não há intenção de contrastar almas no céu com corpos na terra.

Mas os pré-milenistas, especialmente os dispensacionalistas, também enfrentam constrangimentos. A passagem agora em consideração, no versículo 5, diz: "Esta é a primeira ressurreição." Existem duas ressurreições? Bem, em seu Evangelho, João (5:29) afirma uma ressurreição da vida e uma ressurreição da condenação. 20: 5,6 o contraste não é entre uma primeira e uma segunda ressurreição, mas entre uma primeira ressurreição e a segunda morte. O que está previsto é uma ressurreição e duas mortes. Além disso, pode haver uma terceira ressurreição além das duas em João. 05:29. para captar toda a imagem, ou, melhor, a reconhecer mais alguns elementos do quebra-cabeça complicado, deve-se notar que não só no livro simbólica do Apocalipse, mas nas epístolas prosaicas, a palavra ressurreição e seus equivalentes nem sempre, nem sempre, significam uma ressurreição corporal da sepultura.Efésios 2:16 identifica ressurreição e regeneração.De fato, o Novo Testamento designa o ato inicial do Espírito Santo em salvar um pecador como ressurreição, e usa esse termo com mais freqüência do que os termos procurando um novo nascimento .

Warfield, no entanto, não interpreta a ressurreição de Ap 20: 5 como o novo nascimento. Ele identifica tanto a ligação de Satanás quanto essa primeira ressurreição com o estado intermediário dos santos.

Embora a interpretação de Warfield seja bizarra, não se pode negar que os versículos apresentam problemas difíceis. Uma é a identificação de "o resto dos mortos [que] não viveram [novamente devem ser omitidos] até que os mil anos tenham terminado". Um segundo, intimamente relacionado a ele, é o

significado, da palavra viver. O resto dos mortos poderia ser o não regenerado? Não há indícios disso no versículo. Da mesma forma, se eles não viveram até os mil anos terminarem, seria de se supor que eles viveram depois. Uma vez que, agora, a palavra ao vivo no versículo quatro dificilmente pode ser restrito a mera vida física, como os perdidos podem ter, mas inclui um reinando com Cristo, nem é qualquer ressurreição ainda mencionou a idéia da vida espiritual não pode ser imediatamente descartada em verso cinco. Parece quase necessário. Devemos então concluir que o versículo quatro se refere apenas aos cristãos que eram mártires, enquanto aqueles que eram realmente cristãos, mas não mártires, têm que esperar mil anos por algo semelhante ao versículo quatro?

A seguir vem a frase intrigante: “Esta é a primeira ressurreição.” Já foi observado que o termo ressurreição geralmente significa regeneração. O próprio João, em seu Evangelho (5:25), usa a idéia, se não a palavra ressurreição, para descrever a vida espiritual. E é claro que existe o vale de ossos secos de Ezequiel.Esta interpretação de Ap 20: 5 tem pelo menos uma coisa a seu favor: remove todo o constrangimento de anexar a última frase do versículo às pessoas que invertem quatro, com outro grupo Os demais mortos também foram ressuscitados, com o resultado de que eles também não sofreriam a segunda morte.

Outra aberração indefensável dos dispensacionalistas é sua inserção, entre Ap 3:22 e Ap 4: 1, de um arrebatamento tão secreto que não há referência a ele em toda a Bíblia. Romancistas incompetentes descreveram a perplexidade da população não-cristã quando descobriram que um grande número de pessoas desapareceu. Os romancistas tentam obter um efeito dramático ao ter engenheiros em trens subitamente apanhados no ar com Cristo enquanto o trem segue para a destruição. A idéia poderia ser usada na era das viagens aéreas, como era no ano anterior, mas talvez o dispensacionalismo tenha retrocedido um pouco desde o fim da Broadway Limited.

No entanto, o apelo deve ser para as Escrituras. Em apoio de um "arrebatamento secreto" J Rene Pache (Le Retour de Jesus Cristo , pp. 120, 121) argumenta que não Enoch se via como ele foi tirado. E ninguém viu Elias subir nos carros de fogo ardentes (exceto Eliseu). Somente os discípulos

viu Jesus subir. Além disso, apenas os Reis Magos, e não o público em geral, viram a estrela de Belém. E os companheiros de Paulo no caminho para Damasco, apesar de terem visto a luz, não ouviram as palavras de Cristo para Paulo. Então continua M. Pache: "Da mesma forma, pode ser que a voz do arcanjo e o som da trombeta ... sejam ouvidos apenas pelos crentes." É claro que M. Pache não pode mostrar nenhuma necessidade que esses vários incidentes prefigurem. o segundo advento.É tudo suposição infundada.O que é mais desconcertante, ele não explica como deveria ter se quisesse antecipar objeções

> Ap 1: 7 Eis que ele vem com nuvens e todo olho o verá, e também os que o traspassaram.

Embora eu tenha. 4: 7 não diz em tantas palavras que os não regenerados verão Cristo descendo com nuvens, anjos e santos, o texto certamente descreve um caso espetacular barulhento. Mais explícito é

> Mt. 24:27 e segs. Como o raio sai do leste e brilha para o oeste ... o sol se escurecerá e a lua não lhe dará luz ... então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do Homem. vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória.

Agora, alguém pode dizer que há dois futuros adventos, um segredo, um público e Matt. 24:27 refere-se ao segundo, enquanto eu Thess. 4, cujos santos não são vistos e cuja trombeta não é ouvida, refere-se ao primeiro. Mas este dispositivo levanta a questão. Se a exegese mostrar que existem dois futuros avanços, um pode ser secreto. Mas não haveria razão bíblica para supor isso, a menos que a exegese apoiasse a idéia de sigilo. Suposições não suportadas levantam a questão.

De fato, existem boas indicações exegéticas de mais de um advento; mas eles não estabelecem a visão dispensacional, pois as passagens afirmam mais de dois adventos, vindas,

parousia .

> Mt. 10:23 Não passareis sobre as cidades de Israel até que venha o Filho do homem.
>
> Mt. 16:28 Há alguns que estão aqui, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem em seu reino.

Ambos os versículos falam de uma vinda dentro do primeiro século. Uma interpretação do segundo versículo identifica a vinda em glória com a Transfiguração que se segue imediatamente. Algum apoio dessa visão vem de 1 Pedro 1:16, onde o próprio Pedro chama a Transfiguração de parusia . Assim, o termo técnico, que a maioria das pessoas reserva para um evento ainda futuro, é atribuído a um evento que ocorreu antes de Cristo ser crucificado.

No entanto, embora a Transfiguração seja uma parousia, sob a autoridade de Peter, uma parousia relativamente secreta, vista apenas por três discípulos, dificilmente pode ser a interpretação correta de Matt. 16:28. A razão é que, no versículo que o precede, Jesus havia conectado essa vinda com um julgamento sobre todos os homens. Obviamente, isso não se encaixa na Transfiguração. Portanto, parece melhor considerar 10:23 e 16:28 como referências a um evento que estava longe de ser secreto, invisível ou inaudível, a saber, a destruição de Jerusalém. Ambos os versos prevêem algo que aconteceria no primeiro século. Ocasionalmente, alguém tenta entender tais profecias como se referindo ao Pentecostes. Porém, embora isso tenha ocorrido no primeiro século, o Espírito Santo não é o Filho do Homem e o Pentecostes não é um julgamento ou condenação dos homens por causa de suas más obras.

Há outra questão que não deve ser ignorada em silêncio. O dispensacionalismo padrão prevê um tempo chamado "A Grande Tribulação".

> Ap 1: 13,14 O que são esses que estão vestidos em vestes brancas? ... Estes são os que saíram da grande tribulação [KJ omite o artigo duplo: a tribulação
>
> a
>
> 32.
>
> grande] e lavaram suas vestes ...

A construção dispensacional é que Cristo retornou secretamente entre 3:22 e 4: 1. É tão secreto que o texto não o menciona. Nesse retorno, Cristo arrebatou todos os verdadeiros crentes, levando-os para as nuvens consigo mesmo. Então, por um período de sete anos, a

grande tribulação cai sobre os incrédulos deixados na terra. De uma maneira ou de outra, durante esse período, várias pessoas são convertidas, a quem apenas 7: 1314 se refere.

Nos últimos anos, alguns dispensacionalistas tiveram dúvidas sobre o arrebatamento pré-tribulacional. Surgiram duas visões. Um permite que a igreja passe no meio da tribulação para um arrebatamento no meio da tribulação. A outra é a de um arrebatamento pós-tribulação.

> Agora, existem duas principais objeções a essas duas visões. Primeiro, Matt. 24:21 e Lucas

21: 1624 descrevem a queda de Jerusalém em 70 dC. Esses versículos não se referem ao segundo

advento, como Matt. 24:24 deixa claro. Além disso, Mateus diz

> Mt. 24:21 Então haverá grande tribulação, como nunca houve desde o começo do mundo até agora, não, nem nunca será.

Nem o tratamento de Hitler aos judeus foi pior do que o dos exércitos romanos. E se nenhuma tribulação futura pode ser tão terrível, agora nada pode ocorrer para merecer o nome de A Grande Tribulação.

O que, então, Rev. 7: 13,14 significa? A resposta, que é a segunda objeção ao esquema dispensacionalista, não é aquela que apela aos cristãos nos Estados Unidos da América, pois nós, pela graça de Deus, vivemos uma vida calma, protegida e tranquila. Mas, começando com as perseguições no Império Romano, os cristãos de outras nações não foram tão abençoados. Até nós enfrentamos pelo menos ... a Guerra Santa de Bunyan. A grande tribulação, portanto, é simplesmente a vida presente.

Matt. 13:21 ... quando surgir tribulação ou perseguição ...

João 16:33 No mundo tereis tribulações.

Atos 14:22. Através de muitas tribulações, devemos entrar no reino de Deus.

Eu acho. 3: 4 Já lhe dissemos que deveríamos sofrer tribulações.

Então, finalmente, se esse é um terceiro ponto em oposição ao dispensacionalismo, as pessoas mencionadas em Apoc. 7: 13,14 não parecem se restringir a um pequeno número que de alguma forma foi convertido durante um período de sete anos. Para começar, existem 144.000 judeus simbólicos. Além destes, havia outra grande multidão que nenhum homem podia contar, de todas as nações e tribos, povos e línguas. Estes são os que saíram da tribulação os grandes e lavaram as suas vestes ... no sangue do cordeiro.

Que isso seja suficiente para a grande tribulação.

Como o retorno de Cristo é um evento muito importante e também é um assunto muito interessante, o aluno, sem dúvida, lerá sobre isso em muitos artigos e livros. Um pequeno volume de teologia sistemática não deve ser interminavelmente exegético. Portanto, esta subseção concluirá com uma breve defesa do pré-milenismo.

Primeiro, Rev. 20 menciona um milênio. O verso deve significar alguma coisa. Significa claramente um período de tempo. Embora o capítulo seja de visão, ele se refere a eventos na Terra. Isso refuta o amilenismo. Além disso, se Apoc. 19 retrata o retorno de Cristo, o pré-milenismo é a única visão possível. Duas considerações sustentam a afirmação de que o capítulo realmente prevê o retorno de Cristo. Primeiro, a descrição do cavaleiro no cavalo branco se encaixa em Cristo e em mais ninguém, como argumentado anteriormente. Segundo, em um livro apocalíptico como o Apocalipse, se os sucessivos

cada uma das visões é um resumo de toda a história ou se são consecutivas, espera-se encontrar o retorno de Cristo em algum lugar. Outros eventos e detalhes nos quais podemos estar interessados podem muito bem ter sido omitidos, como a Reforma Protestante, mas não o retorno de Cristo. É irresponsável encontrá-lo, não mencionado, entre os capítulos três e quatro. O capítulo dezenove é a única possibilidade. Isso descarta o pós-milenismo.

Em seguida, muitas objeções pós-milenistas e amilenárias são baseadas na idéia de que a segunda vinda é um evento instantâneo; por exemplo, há uma hora não superior a sessenta minutos em que todos os que estão em seus túmulos devem ressuscitar, incluindo salvos e perdidos. Portanto, mil anos não podem intervir. Outros eventos que os pré-milenistas separam no tempo também devem ser simultâneos. Mas a parusia não é uma vinda instantânea. É uma presença. No grego clássico, Sófocles e Aristóteles usam a palavra para denotar um ser presente, especialmente uma visita real. No Novo Testamento, parousia significa definitivamente uma presença; (cf. I Cor. 16:17, II Cor. 10:10, Fil. 2:12, e particularmente II Pedro 1:16). Como uma visita real, um tour de inspeção em uma das províncias do rei, pode durar vários meses, por que a visita do rei dos reis não pode durar mil anos? Portanto, o significado do termo parousia dispõe de várias objeções a premillennialism.

Um ponto final nesta discussão não é tanto um argumento ou defesa do retorno pré-milenar de Cristo, mas um conselho para todos os três grupos de proponentes. Foi dito anteriormente que os judeus, não apenas os fariseus, mas todos os judeus de Adão (ou Abraão) falharam em entender as previsões divinas. Embora Cristo tenha repreendido os fariseus, não podemos ver o futuro, mesmo com nossas informações adicionais, muito melhor do que os judeus. Sim, temos informações adicionais no Novo Testamento. Sem dúvida, o Novo Testamento implica mais do que podemos ver. Esse é exatamente o ponto. Nós não vemos muito claramente. As implicações definitivamente contidas na Bíblia escapam à nossa atividade dedutiva. Mas também está claro que nem toda a história futura foi revelada. Ninguém deve tentar impedir que outra pessoa deduza o maior número possível de implicações. Em vez disso, devemos agradecer a Deus que ele deu a alguns homens superiores

mentes. Mas, na situação atual, e sobre esse assunto em contraste com a doutrina da Expiação, por exemplo, o caminho sábio é o da humildade cautelosa.

3 Julgamento e Inferno

0. Julgamento

O primeiro ponto, obviamente, sob esse cabeçalho, é o fato de que Deus, o governador moral do universo, pronunciará julgamento sobre todas as pessoas. Mais explicitamente, o juiz será o próprio Jesus Cristo.

> João 5: 22,27 Porque o Pai não julga ninguém, mas cometeu todo o julgamento ao Filho.

> Atos 17:31 Porque designou um dia em que julgará o mundo em justiça por aquele homem a quem ele ordenou.

> ROM. 2; 6, 16 que prestará a cada um segundo as suas obras. ... No dia em que
>
> > Deus julgará os segredos dos homens por Jesus Cristo ...

> Ap 20: 1215 E vi os mortos, pequenos e grandes, diante de Deus ... e os mortos foram julgados ... de acordo com suas obras. ... Todos foram julgados segundo as suas obras ... E todo aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo.

Como observação preliminar, observa-se que os pré-milenários geralmente afirmam dois julgamentos temporalmente separados: Cristo julga os santos em sua vinda e Deus julga os réprobos após o milênio. Sem exegese prolongada, pode-se notar ainda que não há boas razões para um julgamento no início do milênio. Os santos em sua morte são

aperfeiçoado em santidade e imediatamente passa para a glória. Se, portanto, nenhum julgamento formal é necessário para que um santo na morte seja recebido no céu, nenhum é necessário para ser ressuscitado e participar do milênio. Assim também os ímpios com sua morte começam seu castigo, embora seu julgamento possa demorar vários milhares de anos.

Talvez alguns, com a finalidade de julgar antes do milênio, citarão

> 4 Tim. 4: 1 ... o Senhor Jesus Cristo, que julgará os vivos e os mortos na sua vinda e no seu reino. (cf. Mt 25: 3132).

A dificuldade com esta interpretação é a primeira, que a frase "os rápidos e os mortos" sugere um julgamento de todas as pessoas, e não apenas dos santos. Em seguida, segundo, se o termo parousia não significa um
evento instantâneo momentâneo, mas uma visita prolongada; epifamamia (aparecendo) também pode se referir a uma aparência prolongada. Da mesma forma, e ainda mais claramente, o termo reino IsNot sinônimo do milênio, e, certamente, não pode ser restrita a momento inicial deste último.

Se houvesse um dia de julgamento para os santos apenas no início do milênio e outro para os iníquos no final, seria difícil exegetar

> Matt. 25: 3233 Quando o Filho do homem vier em sua glória. e todos os seus santos anjos com ele ... ele colocará as ovelhas à sua direita, mas as cabras à esquerda.

Assim, o julgamento é descrito como separando as ovelhas das cabras; e, nesse caso, ambos devem aparecer juntos antes da barra de julgamento. Vários versículos falam ou indicam todos os seres humanos, e não apenas metade da população:

> Heb. 9:27 Como é designado. a todos os homens uma vez para morrer, mas depois disso o julgamento.

Heb. 12:23 Deus, o juiz de todos.

I Pedro 4: 5 ... os rápidos e os mortos.

Judas 1415 Eis que o Senhor veio com seus santos dez mil para executar o julgamento

em todos, ...

Considere estes versículos. O primeiro citado sugere que o julgamento é para todos os mortos. É verdade que os homens não morrem todos ao mesmo tempo; mas se isso fosse pressionado para apoiar julgamentos em momentos diferentes, implicaria um dia separado para cada homem (ou para todos os homens que morreram em um único dia), não dois para duas classes, os dias sendo separados por mil anos. O segundo verso fala de tudo. Isso por si só não impede vários dias de julgamento, nem favorece essa divisão. Pedro fala geralmente de todos os mortos. Jude reforça essa inferência. O Senhor está descendo com suas miríades de santos, presumivelmente anjos, possivelmente santos também; nessa descida, ele executa julgamento sobre todos. Certamente, a ênfase recai sobre os injustos; O "tudo" também inclui os santos. O versículo seis também inclui os anjos maus.

Que os santos também devem julgar é claro a partir de

I Cor. 4: 4,5 Aquele que me julga é o Senhor ... que trará à luz as coisas ocultas

do

trevas e tornarão manifestos os conselhos dos corações; e então todo homem terá louvor a Deus.

Aqui Paulo pode primeiro ter em mente os julgamentos adversos de alguns coríntios contra ele, em contraste com a aprovação contemporânea do Senhor. Mas além da situação conturbada na igreja de Corinto, há um julgamento público futuro indicado. Naquele momento, o que está oculto agora será manifestado a todos. Pode parecer estranho que "todo homem receba louvores de Deus".

quando havia tanto mal em Corinto. Esse aparente universalismo é, no entanto, descartado por duas considerações. O primeiro diz respeito à tradução. Pode-se ler a frase como "então o louvor devido a cada um virá de Deus". Salientar o artigo "o elogio devido" permite que alguns recebam uma quantia zero. Mais à superfície é a idéia de que os servos fiéis do Senhor, que são julgados erroneamente por seus contemporâneos, receberão no final a aprovação de Deus. Assim, tanto os santos quanto os réprobos são julgados.

Se agora se admite que há um futuro no grande dia do julgamento, o próximo e muito mais importante tópico é a natureza de tal julgamento. Isso também se vincula à natureza de Deus, discutida nos capítulos anteriores.

Quando Deus se revelou a Adão, ele não falou particularmente de sua misericórdia. Sem dúvida, ele demonstrou seu amor colocando Adam em um belo jardim e dando a ele uma esposa adorável. Mas a ênfase está nas bênçãos da obediência e na penalidade pela desobediência. "No dia em que tu comeres, certamente morrerás." O homem pecou, o castigo caiu e a misericórdia foi então revelada. Mas a misericórdia não ignorava a penalidade; consistia em fornecer um substituto para suportar a penalidade. Abel fez uso do substituto; e Moisés instituiu um complicado sistema de sacrifício. Os detalhes são um tanto numerosos; mas nada obscurece a necessidade de derramar sangue.

A Ciência Cristã e os da população em geral que acreditam em uma vida futura enfatizam um Deus de amor. Nisto eles cometem dois erros ao mesmo tempo. Eles entendem mal o amor e negam que Deus é justo. Castigo não é castigo, na visão deles; é reabilitação. A sociedade civil na América geralmente aceita essa teoria da penologia. O assassino não é pecador; ele está doente e deve ser curado. A pena de morte é imoral porque impede a reabilitação. Mas essa não é a visão cristã do homem, do crime e do castigo, nem de Deus. Cristo morreu para satisfazer a justiça de seu pai. Sem dúvida, a cruz também é uma expressão do amor de Deus por seus eleitos. Mas esse tipo de amor é totalmente diferente do tipo da Ciência Cristã.

I João 3:16 Nisto conhecemos o amor, a saber, que este deu sua alma por nós.

1 João 4: 9,10 Nisto se manifestou o amor de Deus por nós, que Deus enviou seu único Filho ... para ser a propiciação por nossos pecados.

A Bíblia ensina que todo pecado merece punição. Caso contrário, não havia necessidade do sacrifício propiciatório de Cristo. Uma das afirmações mais fortes da justiça de Deus e a necessidade de punição é

ROM. 2: 511 Mas, após a tua dureza e coração impenitente, estimarás a ira contra o dia da ira e a revelação do justo juízo de Deus, que prestará a cada um segundo as suas obras: àqueles que, com paciente continuidade no bem-estar, procuram glória e honra e imortalidade, vida eterna; mas àqueles que são contenciosos e não obedecem à verdade, mas obedecem à injustiça, indignação e ira, tribulação e angústia sobre toda alma do homem que pratica o mal, primeiro do judeu e também dos gentios; mas glória, honra e paz a todo homem que pratica o bem, primeiro ao judeu e também aos gentios; pois não há respeito pelas pessoas com Deus.

É difícil reafirmar em outras palavras, certamente em quaisquer palavras mais claras, os princípios desta seção. Diz que haverá um dia de ira e julgamento justo. O deus popular do amor também não tem ira, nem indignação, nem retidão. O Deus da Bíblia é justo porque ele entrega a todo homem de acordo com suas obras. Para aqueles que continuam pacientes no bem-estar e buscam glória, imortalidade e honra, Deus dará a vida eterna. Ou seja, se existem pessoas assim. Mas sobre os desobedientes e todos pecaram, Deus imporá indignação, ira e tribulação. Esta é a justiça divina, imparcial porque se aplica tanto aos judeus quanto aos gentios. "Pois não há 'puxão' com Deus." Note então que as recompensas e punições de Deus não visam a reforma do pecador. Em menor escala, a inundação e a

a desgraça de Sodoma não tinha esse objetivo. Nem o castigo eterno pode ter esse objetivo. O ponto é que Deus é um Deus de justiça.

Nesta discussão do julgamento final, foi impossível evitar dizer algo sobre a punição subsequente. Mas antes de prosseguir, podemos resumir os principais ensinamentos sobre o próprio julgamento. É certo que grande parte do ensino das Escrituras foi omitido, principalmente as parábolas de Jesus. No entanto, parte disso deve ser incluída na próxima subseção.

Quanto ao julgamento: existe de fato um evento futuro. Cristo será o juiz e pronuncia o veredicto. Esse julgamento ocorre na, ou insignificante, depois da ressurreição. Os julgados são todos seres humanos e anjos maus. Existe um versículo que inclui também os anjos justos? O objeto do julgamento serão as ações (ações externas e pensamentos internos) daqueles julgados. E além de um substituto para pagar a penalidade, todos serão declarados culpados.

10. inferno

O catecismo de Westminster Shorter pergunta: "O que todo pecado merece?" A resposta é: "Todo pecado merece a ira e a maldição de Deus nesta vida e no que está por vir". O castigo eterno no inferno é um tópico pouco inspirador. Mesmo um evangélico, J. Oliver Buswell, Jr., em sua Teologia Sistemática (Vol. II, ~. 302), pode restringir-se a um terço de uma página em uma obra mil page. Sua seção sobre escatologia cobre 243 páginas, mas há menos de vinte linhas no inferno. Isso dificilmente faz jus à ênfase do Novo Testamento. Minimizar a doutrina por causa de seu desagradável é algo natural, pois se a doutrina não tivesse sido divinamente revelada, é improvável que qualquer religião criada a tenha inventado. É verdade que a religião homérica parece ter punido Tântalo e Sísifo com tormento sem fim; mas com a outra exceção de alguns heróis que se tornaram semideuses, todos os homens encontram um futuro sombrio. Sombrio, mas não castigo pelo pecado. O mesmo ocorre no budismo: o Nirvana é equivalente à extinção pessoal; que castigo existe no budismo é temporário. Outras religiões não influenciadas pelo judaísmo ou pelo cristianismo

vistas ambíguas e mal definidas. Os liberais religiosos, com sua doutrina da paternidade universal de Deus, esperam sentar-se com o Santo Hitler e São Stalin no reino celestial. Os secularistas negam completamente uma vida futura. Mas a Bíblia diz:

> Mateus: Não temas os que matam o corpo, mas não são capazes de matar a alma; mas
>
> antes, tema o que é capaz de destruir a alma e o corpo no inferno (10:28).
>
> Seus anjos os lançarão na fornalha de fogo; haverá lamentos e
>
> ranger de dentes (13:42, 50). Partam de mim, amaldiçoados, para a eternidade
>
> fogo preparado para o diabo e seus anjos .... E estes desaparecerão em
>
> punição eterna, mas os justos na vida eterna (25:41, 46).

Estes não são os únicos versículos nos Evangelhos, ou mesmo em Mateus, que falam de punição eterna. Se todos estivessem reunidos, seria possível ver que a pessoa que ensinava com mais força e mais frequência a doutrina do inferno não era Pedro ou Paulo, mas o próprio Jesus. Paulo, é claro, enfatiza a ira e a justiça de Deus; Peter, Jude e John ', particularmente John, fazem algumas declarações; mas o próprio Jesus é a principal fonte para a doutrina do inferno. Se não fosse assim, ainda mais teólogos do que atualmente se calariam pelo menos.

No início deste volume, o método do texto de prova foi defendido, não apenas como permitido, mas indispensável. Como qualquer método, também pode ser abusado por pensadores descuidados. Mas não há outra maneira de descobrir o que a Bíblia ensina, exceto lendo o texto. Aqui estão apenas algumas amostras, não listas exaustivas selecionadas de Peter, Jude e John's Apocalypse.

> Apocalipse: Se alguém adorar a besta ... o mesmo beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no cálice de sua indignação; e ele será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro; e a fumaça de seu tormento sobe para todo o sempre; e eles não terão descanso dia nem noite (14: 911). E todo aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo (20:15).

A revelação é um livro apocalíptico, e os amilenistas nunca se cansam de dizer o quão ininteligível é. Certamente há muitas passagens cujo significado dificilmente podemos adivinhar; mas algumas passagens são extremamente claras.

> 6 Pedro 2:49 Se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os lançou no inferno para serem reservados ao juízo, e não poupou o mundo antigo ... transformando as cidades de Sodoma e Gomorra em cinzas ... o Senhor sabe como livrar os piedosos da tentação e reservar os injustos para o dia do juízo para serem punidos.

> Judas 46 Há certos homens de surpresa que antes foram ordenados para esta condenação, homens ímpios ... negando nosso único déspota e Senhor, Jesus Cristo ... e os anjos que não guardavam seu primeiro estado ... ele tem reservados em cadeias eternas, sob as trevas, para o julgamento do grande dia.

Além da idéia de um terrível castigo, esses versículos em Judas afirmam a doutrina da reprovação. A soberania de Deus, ele fazendo o que bem entender, seu governo de todas as suas criaturas e todas as suas ações, a doutrina da predestinação, foram todos discutidos em capítulos anteriores.

Aqui temos uma declaração explícita, semelhante à Rom. 9: 1622, que Deus ordenou certos homens

à destruição. Essa ordenação não ocorreu depois que os homens se infiltraram em alguns.

congregações do século: a ordenação ocorreu antes , de idade eternidade .De foram ordenados

a esta condenação, como Judas tinha sido.

Algumas pessoas aceitam a Bíblia como a Palavra de Deus. É a revelação explícita e proposicional de sua verdade; e ele próprio é a verdade. Outras pessoas escolher tanto ou tão pouco como eles gostam, assim como eles podem a partir de Assim falou Zaratustra , usando suas próprias preferências como o critério da verdade. Mas qualquer um que tente dizer que a Bíblia não ensina o que esses versículos expressam se envolve em impossibilidades exegéticas. Os próprios versos são inconfundivelmente

claro, e a presente exposição se recusou a amolecê-los. A popular rejeição da doutrina do inferno, obviamente, não tem força lógica; nem demonstra sabedoria, por

Naquele sono da morte, que sonhos podem vir

Deve nos dar uma pausa.

Ou se Berdyaev é mais contemporâneo que Shakespeare: "É notável o quão pouco as pessoas pensam sobre o inferno ou problemas sobre isso. Essa é a evidência mais impressionante da frivolidade humana".

[2]

Visto que foi o próprio Jesus Cristo quem falou mais frequentemente sobre o inferno do que qualquer outra pessoa (além dos versículos citados, veja também Mateus 7: 22,23; 11:23; Marcos 9: 4348; Lago 9:25; 12 : 9, 10, 46; 16: 22,23; João 5: 28,29; 8:21) o cristão não deve ficar calado, mas deve continuar a pregar a mensagem.

O cristão deve pregar a mensagem com precisão, não apenas porque o mundo secular a odeia, mas também porque vários escritores religiosos a desonestamente deturpam. Nels F. Ferre (O Sol ea Umbrella p. 33) diz que a doutrina da segunda vinda de Cristo "exclui Deus vivo abraçando e conciliar todos os homens com o seu tempo eterno e poder", e substitui o conceito de que "todos a humanidade seria extinta ou atormentada para sempre, exceto os poucos que escapariam do castigo pela fé nos méritos de Jesus. ... Parece duvidoso que Jesus alguma vez tenha ensinado tal doutrina ".

Em vista das muitas passagens em que Jesus fala de fogo, lamento e ranger de dentes, e assim por diante, segue-se que, se o Novo Testamento não é confiável a ponto de tornar "duvidoso que Jesus tenha ensinado tal doutrina", então o Novo Testamento também é tão incerto que Ferre não tem fundamento para seu princípio de Ágape. Mais disso daqui a pouco. O ponto imediato são as deturpações de Ferre.

7. Essa citação foi dada pelo falecido Fred Carl Kuehner, Heaven and Hell, em Fundamentals of the Faith, ed. por Carl FHHenry (p. 236). O Dr. Kuehner recebeu uma série de cartas de ódio por causa de seu capítulo; no entanto, ele disse não mais do que o que o Novo Testamento diz, e menos do que o presente capítulo aqui.

A acusação de que a doutrina do inferno significa que quase todo mundo será atormentado para sempre e apenas alguns gozarão de felicidade eterna é às vezes respondida pela afirmação de que todos os que morrem na infância serão salvos, e uma vez que existe uma taxa de mortalidade infantil tão alta terras pagãs, segue-se que os remidos serão "uma grande multidão que ninguém poderia contar". Mas a questão da proporção é irrelevante tanto para o cristão quanto para o anticristo. Ferre não precisa ter pressuposto qual pode ser a proporção exata de salvo para perdido; mais perspicaz do que o liberal, ou o ortodoxo que usa a mortalidade infantil em sua resposta, William James disse sem rodeios que não se podia acreditar em um Deus onipotente se uma única barata sofresse de um amor não correspondido. Esta é uma oposição honesta.

A rejeição do Dr. Ferre aos ensinamentos de Jesus sobre o inferno se passa em um contexto que inclui a negação do nascimento virginal. Seu princípio básico é Ágape ou "bondade indiscriminada para com todos" (p. 57). Isso é claro
significa salvação universal (pp. 246247), [3] se existe algo como o pecado para ser salvo.

Vale a pena destacar aqui algumas das inconsistências na posição do Dr. Ferre, inconsistências que, de uma forma ou de outra, atormentam outros liberais.

Primeiro, se Agape é suficientemente definido como bondade indiscriminada, baseada (?) No verso que Deus envia sol e chuva a todas as pessoas, ainda é impossível deduzir desse princípio básico a cristologia que o Dr. Ferre deseja ou qualquer outra cristologia , ou. Em segundo lugar, Dr. Ferre não pode apelar para o verso no sol e da chuva, porque ele não pode depender de "qualquer fantasiosa ipsissima verba " (p 57.); e porque o próprio Jesus era inconsistente (p.60); nem os discípulos o entenderam. Por exemplo, a denúncia de Jesus aos fariseus não é um "relato autêntico em detalhes" e permanece "um problema dentro do principal contexto conclusivo da vida e ensino de Ágape por Jesus" (p. 83). Além disso, "não podemos conhecer o Jesus histórico" (p. 58). Se, agora, as Escrituras são tão indignas de confiança como o Dr. Ferre diz, ninguém pode recorrer a elas por nada. A religião do Dr. Ferre

6. Cristo e o cristão.

portanto, não é cristianismo, mas uma invenção subjetiva pessoal. "O uso da Bíblia como autoridade final para a verdade cristã é idolatria. Na verdade, tornou-se um guarda-chuva muito espesso e formidável para
esconda o Sol. " [4] Mas é a Bíblia em sua totalidade, e somente a Bíblia, que define o cristianismo.

Outros liberais que professam um respeito um pouco maior pelas Escrituras tentaram evitar a doutrina do inferno por expedientes tão pueris que uma Teologia Sistemática provavelmente achará uma perda de tempo mencioná-las. Mas um exemplo ou dois podem ser dados. Uma tentativa foi afirmar que a palavra eterna em "destruição eterna" significava apenas "por muito tempo". Isso terminaria o inferno em um tempo finito. Mas também estabeleceria um fim para o céu, pois é a mesma palavra usada para "vida eterna". Também não pode ser mantida, uma idéia muito tola, que eterna não comprimento denote de tempo, mas a qualidade de Estado. Obviamente, a qualidade é denotada pelas palavras de vida e morte ; ambos são eternos. JAT Robinson tentou reduzir a idéia de punição eterna à frase "a eternidade seriedade da escolha diante do homem". Mas reduzir o inferno é também reduzir o céu; e torna-se questionável se o autor acredita em alguma vida futura.

A resposta para todas essas evasões está no uso das palavras no Novo Testamento. Existe o significado

está claro. Para ser mais específico, a palavra aionios , eterno ou milenar, descreve a felicidade futura dos santos cerca de cinquenta vezes, e sete vezes a punição dos ímpios. Dr. Kuehner foi justificado completamente em citar WR lnge, "Nenhum som erudito grego pode fingir que aionios meios menos de eterna nada" (p. 238).

Há outra confusão que pode ser facilmente evitada. Além de Geena , o Antigo Testamento menciona sheol e do Novo Testamento menciona hades .Há também “seio de Abraão ". Muito frequentemente estes foram considerados como lugares, posições no espaço, localidades geográficas. Desde tanto os justos quanto os iníquos descem igualmente lá na morte, algumas pessoas dividem o local em dois compartimentos: um é o purgatório, onde os justos aumentam os méritos

8. O Sol e o guarda-chuva , p. 39

de Cristo sofrendo o suficiente para compensar o que o sacrifício de Cristo não cobria; e o outro é um lugar de tormento que é finalmente lançado intoto no lago de fogo.

Deveria ser óbvio que sheol e hades não são lugares. As duas palavras simplesmente se referem ao fato de que as pessoas em questão estão mortas. Que isso não envolve espaço, é evidente o fato de que a ressurreição ainda não ocorreu e os corpos dos mortos estão em seus túmulos. O homem é sua mente ou alma; isso é espírito e, como Deus, não ocupa espaço.

I Pedro 3: 1822 é uma passagem que imaginações engenhosas, sob a ilusão de que sheol é um espaço, têm usado por suas visões fantasiosas de uma parte do estado intermediário e tempo.

Os versículos 19 e 20 intrigaram muitas pessoas e tentaram vários meios para explicar como Cristo pregava aos espíritos na prisão. Em geral, existem dois tipos de explicação. Primeiro, os versículos são entendidos como significando que Cristo usou Noé para pregar aos iníquos que estavam prestes a se afogar no dilúvio. Segundo, os versículos são interpretados como significando que Cristo pregou pessoalmente aos espíritos no reino dos mortos. Esta segunda interpretação está dividida na identidade dos mortos: os mortos a quem Cristo pregou podem ser os justos mortos, ou eles podem ser os iníquos mortos. Vamos examinar esta segunda interpretação primeiro.

Esta é uma interpretação antiga e amplamente aceita. Irineu, Tertuliano, as igrejas grega e romana, e também Zwingli e Calvino sustentam que Cristo anunciou a salvação aos crentes do Antigo Testamento e os trouxe dos reinos da morte para o céu. De acordo com essa idéia, João 3: 13: "Ninguém subiu ao céu, a não ser aquele que desceu do céu", diz-se que nenhum santo do Antigo Testamento poderia preceder a Cristo no céu. Eles tiveram que esperar pela ascensão de Cristo. A prisão é a morada dos mortos, e a pregação é a proclamação da vitória de Cristo.

Como apoio adicional a essa visão, Atos 2: 27, 31 significa que a alma de Cristo foi para o inferno ou pelo menos para a morada dos mortos, embora, é claro, Deus não permita que sua alma seja mantida lá. Alguns também apelaram para Filipenses 2: 10, pegando as coisas debaixo da terra que

curvem-se diante do nome de Jesus para serem mortos justos ou iníquos. Mais plausível é o uso de Efésios 4: 8, 9. "Quando ele subiu ao alto, levou o cativeiro em cativeiro ... Agora que ele subiu, o que é isso, senão que ele também desceu às partes mais baixas da terra?" Supõe-se que essas partes inferiores da terra sejam o reino dos mortos, e é repudiada a idéia de que essa descida é a Encarnação ou a descida de Cristo à terra.

Antes de adotar essa visão antiga, certos problemas devem ser enfrentados e resolvidos. Em primeiro lugar, o texto de Pedro não menciona nada sobre a pregação aos santos. Os espíritos a quem Cristo pregou são explicitamente chamados de desobedientes. Este fato deve ser tomado como um ponto fixo de interpretação. Não há referência aos santos do Antigo Testamento. Portanto, se Cristo pregasse pessoalmente a alguém entre o tempo de sua morte e ressurreição, teriam que ser os mortos iníquos e qualquer que fosse o cativeiro que Cristo levasse cativo, não poderiam ser os santos do Antigo Testamento considerados mantidos na prisão.

Em seguida, as únicas pessoas desobedientes que Pedro menciona são aquelas que viveram nos dias de Noé. Essa referência temporal é outra razão para se recusar a pensar que Cristo pregou a Abraão, Davi e aos profetas. Não é apenas errado chamar esses homens de desobedientes, mas eles ainda não viveram na época em que Pedro menciona.

Essa referência temporal também milita contra a visão de que Cristo pregou a todos os mortos iníquos. Pelo que Pedro realmente diz, só poderíamos concluir que Cristo pregou àqueles que eram desobedientes no tempo de Noé. Mas, sem levar esse ponto muito longe no momento, vamos considerar outros aspectos da idéia de que Cristo pregou pessoalmente aos iníquos no inferno, e que a pregação, por necessidade, é o anúncio de sua condenação.

Quanto à noção de que Cristo anunciou a condenação dos ímpios no inferno, é difícil ver como ela se relaciona com o contexto. A idéia principal que Pedro deseja aplicar é que os cristãos devem estar dispostos a sofrer por causa de Cristo e a sofrer injustamente. Pregar aos iníquos no inferno não promove o principal objetivo de Pedro. Ou, se a atenção estiver centrada na idéia mais próxima da

sendo ressuscitado dentre os mortos pelo Espírito Santo, ainda não está claro como esse anúncio de condenação se soma ao tema. E dificilmente será necessário dizer que Peter apenas teve que preencher espaço para fazer sua epístola por tempo suficiente e, portanto, foi levado a inserir algo verdadeiro, mas irrelevante.

Mas a objeção decisiva ao entendimento dessas palavras para se referir ao anúncio da condenação é que o verbo, pregar, normalmente significa pregar o evangelho. Não significa uma sentença judicial, nem no Novo Testamento se refere a diversos anúncios. O significado regular é o anúncio do evangelho.

Por ser tão óbvio, alguns intérpretes tentaram manter a visão geral enquanto a modificavam para tornar a obra de Cristo a pregação do evangelho, em vez do anúncio da condenação. Embora essa manobra escape a essas objeções imediatas, ela deve enfrentar outras pessoas.

Como a Bíblia não ensina que há uma segunda chance de ser salva, uma chance na próxima vida, mas ensina que o destino do homem é irrevogavelmente fixo nesta vida, não haveria um propósito razoável de pregar o evangelho aos iníquos no inferno. . E, voltando a um ponto anterior, todas essas tentativas falham em explicar a menção dos incrédulos antediluvianos. Qualquer pregação no inferno deve ser dirigida a todos, e não apenas a alguns. Mas o texto menciona especificamente aqueles que viveram nos dias de Noé.

Essa visão, portanto, embora adotada por muitos e mantida por tanto tempo, deve ser posta de lado. Talvez a outra visão, sustentada por Agostinho e Beza, se mostre melhor. Acordo

a essa interpretação, acredita-se que Pedro diga que Noé falou pelo Espírito Santo a seus contemporâneos desobedientes e que o dilúvio que os destruiu é um tipo de batismo.

Essa interpretação também deve enfrentar objeções. Por um lado, salienta-se que Pedro faz o assunto do verbo Cristo. Cristo foi e pregou, e, portanto, Noé não pode ser o pregador. No entanto, essa objeção não é tão séria quanto pode parecer à primeira vista. Na verdade, Pedro diz que Cristo foi vivificado pelo Espírito, por quem também ele pregou. Esta pregação foi, portanto,

feito por Cristo através do Espírito. O que isso pode significar pode ser visto no capítulo um, versículo onze. No primeiro capítulo, Pedro fala dos profetas do Antigo Testamento. Esses profetas haviam recebido uma mensagem de Deus e estudaram a mensagem para ver o que Deus queria dizer. As palavras são: "procurando o que ... o Espírito de Cristo que estava neles significou quando testificou de antemão

... "Agora, obviamente, se o Espírito de Cristo falou através dos profetas, também Cristo através do Espírito poderia muito bem pregar na pessoa de Noé. Suponha que o Espírito de Cristo não seja o Espírito Santo e, portanto, não poderia inspirar Noé é uma suposição contrária ao pensamento de Pedro e contrária a outras passagens do Novo Testamento.Por exemplo, Paulo em Efésios 2: 17 diz virtualmente que foi Cristo, por meio de seus missionários, que pregou o evangelho em Éfeso. portanto, essa interpretação permanece sob escrutínio.

Se a pregação foi o testemunho de Noé aos seus contemporâneos, então alguém deve fazer a pergunta: O que é a prisão? A outra interpretação supunha que a prisão deveria ser um inferno ou um inferno. Mas poderia ser um inferno, se Noé estivesse pregando para pessoas vivas? Existem duas respostas para essa pergunta. Primeiro, pode-se supor que a prisão é a prisão do pecado. É tão razoável falar dos laços do pecado como é, falar dos laços do inferno. A menção de uma prisão, portanto, não descarta a idéia de que Noé era o pregador. Mas há uma segunda e uma resposta melhor para a pergunta. A prisão ainda pode ser um inferno e Noé ainda o pregador. Pois o versículo pode ser interpretado como "os espíritos (agora) no inferno". Ou seja, os homens a quem Noé pregou estão agora nos dias de Pedro sofrendo sua justa recompensa. Isso não é apenas um palpite, mas é baseado na maneira de falar de Peter. Em 4: 6, veremos que o evangelho foi pregado a certas pessoas que agora estão mortas. A pregação havia sido feita anteriormente; quando Pedro escreveu, eles estavam mortos. Além disso, que Noé era o pregador é apoiado por II Pedro 2: 5.

Outro argumento é que os particípios, ***morreu*** , ***Feito vivo*** , ***passou*** , eo verbo ***pregada*** , indicam uma sucessão temporal, e, portanto, a pregação deve ter ocorrido após a morte de Cristo, e não no tempo ou Noah. Mas, em primeiro lugar, se assim fosse, a pregação teria que ocorrer após a ressurreição de Cristo, e não entre sua morte e ressurreição, como normalmente se supõe. Além disso, a menção da pregação não está tão claramente relacionada a

suposta sucessão temporal, como acontece com a referência ao Espírito. É claro que a ressurreição teve que seguir a crucificação; mas o pensamento da passagem não está no elemento do tempo, mas no significado desses eventos em trazer pecadores a Deus.

Assim, as várias objeções levantadas contra a pregação pessoal de Noé não tornam essa interpretação impossível.

Agora, positivamente, essa interpretação é a única que pode explicar a menção dos iníquos na época de Noé, e a menção a Noé é motivada pelo desejo de Pedro de mostrar que o dilúvio é um tipo de batismo. Na conexão maior, Pedro está explicando a obra de Cristo, o afastamento do pecado, a salvação dos crentes de um mundo ímpio e suas tribulações durante a vida. Peter acha que pode esclarecer suas idéias com um exemplo do Antigo Testamento, e Noé é mais adequado do que qualquer outro. Por esse motivo, Pedro pode limitar seu pensamento a um grupo de homens. Se ele estivesse pensando em uma pregação pessoal de Cristo no inferno, ele não poderia ter restringido sua atenção a esse grupo.

A referência ao tempo de Noé é obviamente explícita e óbvia; e a afirmação de que oito almas foram salvas na arca é uma simples questão de fato.

Algumas informações históricas adicionais podem ser úteis. Nos séculos anteriores, vários teólogos mantiveram visões não-bíblicas sobre o inferno. Orígenes (185254) de Alexandria e John Scotus Eriugena (810877) fazem declarações que soam como universalismo. Mas eles também parecem falar da reprovação fixa dos iníquos. Freqüentemente, por escritores muito conservadores, eles são castigados por terem corrompido o cristianismo através da intervenção da filosofia neoplatônica. Há alguma verdade nisso, particularmente no caso de Eriugena, que trabalhou sob a má compreensão de que "Dionísio, o Areopagita" era na verdade o convertido de Paulo, quando na verdade ele viveu no século V. Orígenes, é claro, não poderia cometer esse erro. É preciso notar que ele viveu antes de Atanásio, que se opunha ao gnosticismo, que chegou pelo menos perto da doutrina

da Deidade de Cristo, usando o conceito de Sabedoria do Antigo Testamento, que assim e de outras maneiras antecipavam toda a doutrina atanasiana, mesmo usando os "termos consubstancialidade e coeternidade. Mas é difícil para nós, que vivemos sob a influência de dezesseis séculos do trinitarianismo, e quase cinco séculos de teologia reformada, para avaliar justamente a confusão dessas primeiras mentes.

Os anabatistas na época da Reforma eram claramente universalistas do que Orígenes. O grande credo luterano, a Confissão de Augsburgo de 1530 (capítulo 17), diz: "Eles [as igrejas luteranas] condenam os anabatistas que pensam que condenar homens e demônios será um fim de tormentos".

Atualmente, além das igrejas liberais da "linha principal", grupos menores como as Testemunhas de Jeová e os adventistas do sétimo dia negam a doutrina bíblica do inferno. Um deles (e, portanto, não necessariamente uma opinião oficial) explicou ao presente. escritor que os fogos do inferno consomem os ímpios, mas depois de completamente queimados, os fogos se apagam naturalmente Estranho: nunca ouvira falar do verme que não morre e do fogo que não se apaga?

Objeções à doutrina bíblica do inferno são facilmente respondidas exegeticamente, se o opositor reconhece as palavras escritas de Deus. É claro que a grande maioria dos opositores contemporâneos não acredita na Bíblia; e é inútil basear uma resposta cristã em seus critérios não-cristãos particulares. No entanto, um pouco de atenção a seus pontos de vista pode revelar, às vezes, autocontradições ou deturpações da posição bíblica. Por exemplo, alguns podem dizer que não é razoável e injusto punir um homem eternamente por um crime que levou apenas alguns minutos para cometer. O procedimento mais completo seria exigir que o opositor deduz sua teoria da justiça de sua base empírica; e isso não pode ser feito porque os princípios normativos nunca seguem a observação factual. Porém, mais superficialmente, embora ao mesmo tempo mais embaraçoso, At pode ser apontado que a gravidade de um crime não é proporcional ao tempo que leva. Um assassinato pode demorar um segundo; um desfalque há muito tempo; mas a maioria das pessoas faria

admitir que assassinato é pior que roubo. Além disso, a gravidade de um crime depende da posição da parte ofendida. Mentir ao seu próximo é um pecado; mas mentir no tribunal sob juramento é um pecado maior. Pecar contra Deus merece punição eterna porque Deus é o Deus eterno.

Dar tais respostas é obedecer ao comando divino de

I Pedro 3:15 Santifique sempre o Senhor Cristo em seus corações e esteja pronto para dar uma resposta a todo homem que lhe pede uma razão da esperança que há em você.

Em resumo, a Bíblia ensina que todo pecado merece a ira e a maldição de Deus nesta vida e naquilo que está por vir; e que esse castigo dura para sempre. Seria difícil afirmar a doutrina em linguagem mais clara que as próprias palavras da Bíblia.

2 Céu

Se o Dr. Buswell deu tão poucas falas ao desagradável assunto do inferno, alguém poderia pensar que os teólogos se expandiram no céu. HB Smith tem uma página em 621. HC Thiessen tem cerca de uma página e meia em 281. WGT Shedd dá ao céu apenas cerca de duas páginas de 1350 e termina com 137 páginas no inferno. Hodge não se sai muito melhor. Se o presente escritor tem alguma melhora na proporção, pode ser porque ele encheu a seção com citações bíblicas.

Que os justos mortos, após a ressurreição, desfrutem de uma felicidade eterna já foi indicado nesses versículos que a contrastam com o castigo eterno dos iníquos. Vários versículos de Mateus (capítulos 10, 13 e 25) foram citados, e não há necessidade de repeti-los aqui. Havia também uma ligeira referência a II Pedro 2:49, algo um pouco mais completo que Romanos 2, e algumas referências apenas por capítulo e versículo. A estes deve agora ser adicionado, de forma condensada, o mais longo de todos os relatos bíblicos do céu.

Ap. 21: 1 22: 5 E vi um novo céu e uma nova terra ... a nova Jerusalém

8. preparado como uma noiva ... E ouvi uma grande voz ... Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens ...

E Deus enxugará todas as lágrimas dos seus olhos, e não haverá mais morte, nem tristeza nem choro, nem haverá mais dor ... a santa Jerusalém ... tendo a glória de Deus ...

E não vi templo nele, pois o Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o templo dele ... E não haverá mais maldição; mas o trono de Deus e do Cordeiro estará nele. seus servos ... verão seu rosto ... Pois o Senhor Deus lhes dá luz; e eles reinarão para todo o sempre.

Além da ausência de lágrimas, tristeza, choro e morte, isso. A passagem exclui também a causa de tais males, a saber, o pecado. Como é dito em

Matt. 13:43 Então os justos brilharão como o sol.

Desde que o joio foi colhido e queimado, e todas as coisas que ofendem e os que praticam iniqüidade foram lançadas na fornalha, e Satanás foi lançado no lago de fogo, os remidos se acharão os espíritos de justos homens perfeito. Referências adicionais substanciam esse ponto de uma maneira ou de outra.

Para mostrar a natureza sistemática ou inter-relacionada da verdade teológica, a menção da justiça indefectível dos que estão no céu nos lembra a negação anterior do livre arbítrio. Como Agostinho há muito tempo apontado, no homem o céu não peccare posse , não pode pecar. Ele não tem livre escolha, seja para roubar, cometer adultério, amaldiçoar a Deus ou não. Se houvesse algo de livre-arbítrio, seria uma maldição, e não uma bênção, como os arminianos sustentam.

Antes de continuar com as referências do Novo Testamento, note-se que muitos teólogos liberais negam ao Antigo Testamento qualquer noção de céu e uma vida futura. Tal visão, no entanto, parece totalmente inconsistente com o tema da Aliança. Quando Deus disse: "Não temas, Abrão, sou o teu escudo e excede grande recompensa", embora o contexto se refira principalmente aos assuntos terrestres, é preciso refletir que, se existe um Deus e é difícil entender como aqueles que negam a Deus podem ter qualquer esperança de uma vida futura, seja qual for, e se Deus fizer tal convênio com seu povo escolhido, uma vida eterna com quem é eterno é mais provável. Mas, além das seções do Pacto que prevêem as bênçãos terrenas, existem outros ensinamentos mais claros do Antigo Testamento. Admitimos que o Antigo Testamento diz muito menos que o Novo Testamento. No entanto, existem declarações definidas e implicações bastante claras. O caso de Enoque e Elias vem imediatamente à mente. Essas duas traduções exigem absolutamente uma vida após a morte. Caso contrário, as contas não teriam sentido. Outra passagem, curta mas mais explícita, é

> Jó 19:26 Depois que os vermes da minha pele destroem esse corpo, ainda na minha carne verei Deus.

Então, também, embora um rabino judeu ortodoxo hesite em admitir que o Novo Testamento interpreta corretamente o Antigo, para nós

> Heb. 11: 1719 Pela fé Abraão ... ofereceu Isaque ... seu único filho, ...
>
> contabilidade que Deus foi capaz de levantá-lo, mesmo a partir do
> morto ...

é pelo menos uma dica de que Abraão acreditava na possibilidade de vida após a morte. É verdade que o versículo pode significar apenas que Abraão esperava que Deus levantasse Isaque a esta vida novamente. Mas mesmo esse significado mínimo sugeriria mais idéias. Não se deve optar automaticamente pelo mínimo literal.

Da mesma forma, a ressurreição em 1 Reis 17:21 e segs. e II Reis 4:34 e segs. requer algum tipo de estado intermediário e uma alma incorpórea. Em conjunto com os convênios e promessas, essas duas implicações levariam uma mente meditativa a pensar no céu. O Salmo 86: 1213 é um tanto de apoio; e o Salmo 16: 1011 fala explicitamente da felicidade eterna à direita de Deus.

Embora isso seja suficiente para mostrar que o Antigo Testamento não limita a vida humana a três e dez anos, o que significa que não há mais nenhuma obrigação de defender a presença no Antigo Testamento das idéias do céu, pode-se fazer referência a

> Provo 14:32 O justo tem esperança na sua morte. E se alguém se opuser a esta tradução.
>
> Prov. 15:24 O caminho da vida está acima do sábio, para que se afaste do inferno,

não pode ser alterado por uma tradução melhor. Veja também Prov. 23:14

É indubitável, portanto, que as Escrituras contenham uma clara promessa do céu. Mas a Bíblia fornece informações detalhadas sobre o caráter e as atividades dessa vida futura? Essa é uma pergunta que não apenas interessa aos crentes, mas também estimula os incrédulos a suas objeções.

Corliss Lamont, em um capítulo notável, Esta vida é todo e bastante (Humanismo como uma filosofia, segunda edição, pp 100,144;. E A filosofia do Humanismo, ou seja, a quinta edição do precedente, pp 81115.) Para além seus argumentos para o behaviorismo evolutiva, onde a memória consiste em "caminhos neurônicos do córtex", que significa que " corpos humanos pensam " (Ital. a), ataca a idéia de uma vida após a morte no chão de sua trivialidade chato. Se houvesse uma vida futura, não apenas o "bom e velho Rover" deveria ser imortal, mas também a hera venenosa. Agora, enquanto muitas pessoas adorariam acariciar o bom e velho Rover no céu, a idéia de hera venenosa não é tão atraente. as fugas celestes e os piolhos são, na visão de Lamont, uma tolice: "Esta vida é tudo e o suficiente". A igualdade comunista pode tornar essa vida atual tão amável que ninguém deseja a imortalidade. A medicina aumentará a vida útil se 100 anos for melhor do que 70, por que não é mil, ou uma eternidade, ainda melhor? No entanto, a morte é inevitável e nós também gostamos. Essa visão também remove o medo do inferno. De qualquer forma, há muita diversão aqui.

claramente um sucesso porque a população está aumentando constantemente e a uma taxa cada vez mais alta "(p. 137). Em breve, poderemos produzir o Super-Homem e como isso alegrará as vias neurônicas do nosso córtex enquanto ele se deteriora na sepultura! Também no longo prazo executar, precisamos antecipar o fim do progresso porque não precisamos
aceite a segunda lei da termodinâmica: que é certamente verdadeira, mas irrelevante.

Mas então, e incrivelmente, esta vida, se é tudo, realmente não é suficiente; pois "Mesmo eu, por mais descrente que seja, sinceramente ficaria mais do que feliz em despertar um dia para uma vida eterna que vale a pena" (p. 124). Lamont pensa claramente que o quadro bíblico da vida futura não vale a pena. é o seu lamento humanista!

Se algum cristão no banco estiver perturbado pelas refutações de argumentos de Lamont a favor da imortalidade, uma palavra o estabilizará. Teólogos bem intencionados, mas nem sempre inteligentes demais, tentaram defender a doutrina da imortalidade e do céu por, por exemplo, "a luz da natureza e da razão". Até o Bispo Butler, cuja bolsa de estudos era considerável, abriu sua Analogia

da Religião com um capítulo sobre a vida futura, com base em observações empíricas, e não chegou a Revelado Religião até a página 185 (Obras, ed. por Gladstone, 1896). Até John Gill tentou isso e acrescentou um parágrafo sobre o desejo natural da humanidade pela felicidade, além de outro sobre a distribuição desigual de bens e males. Podemos admitir que todos esses argumentos são falácias lógicas, como Duns Scotus, que não era idiota por nenhum meio, mostrou há muito tempo. Os argumentos de Lamont, portanto, não perturbam o cristão, porque ele baseia sua esperança na informação revelada e não na observação sensorial.

Aceitando agora a verdade de uma vida futura no céu, buscamos a revelação para obter algumas informações sobre a natureza de suas atividades. [6]

10. Quanto ao progresso inevitável, cf. Uma visão cristã dos homens e das coisas, pp. 42 e segs .; e em termodinâmica, cf. A filosofia da ciência

ea crença em Deus (tanto pelo presente escritor).

6 Liberais místicos e neo-ortodoxos geralmente negam que a revelação é uma questão de informação. Deus não deve nos comunicar nenhuma verdade ou informação, mas ele nos dá a si mesmo. E o que é verdade sobre esse deus?

Com o pecado e todos os seus efeitos deletérios desaparecidos, somos restaurados à posição de Adão no Éden ou desfrutamos de um tipo de vida mais alto e mais feliz? O que a Bíblia diz?

O ponto um, embora expresso em linguagem figurada, é a afirmação bíblica de uma visão direta de Deus. Além do versículo em Jó, citado anteriormente, existem

> Matt. 5: 8 Eles verão a Deus.

> I Cor. 13:12 Por enquanto, vemos através de um copo sombriamente, mas então cara a cara.

> 1 João 3: 2 Seremos como ele, porque o veremos como ele é.

> Ap 22: 4 Eles verão o seu rosto.

O Antigo Testamento já havia dito que seríamos como ele:

> Salmo 17:15 contemplarei a tua face em retidão; ficarei satisfeito quando acordar com a tua semelhança.

Como Deus é espiritual e não corporal, essa "visão" será bem diferente da nossa visão atual. Não citemos desatentamente: "Os olhos não viram ... nem entraram no coração do homem, as coisas que Deus preparou para os que o amam". Aqui Paulo fala do que "Deus [já] nos revelou por seu Espírito". Não devemos minimizar as riquezas da revelação atual de Deus. No entanto, a revelação celestial será maior. Quando Paul

foi arrebatado ao terceiro céu, Deus lhe revelou verdades que lhe era proibido repetir

para nós. Sem dúvida, Deus também nos dará essas verdades e outras pessoas quando o virmos 'cara a cara'. De

modo de "contraste, Pedro, no lago da Galiléia, no 'grande calado de peixes, disse a Jesus:" Partida

de mim, porque sou um homem pecador, ó Senhor. "Às vezes, portanto, Jesus revelou sua divindade que os homens queriam escapar de sua presença. Mas no céu, com o pecado erradicado, podemos ver Deus como ele é.

Mas nós apenas ficamos de pé e olhamos? Dificilmente: pelo menos 'visão' é figurativa. Um significado inteiramente literal pode ser obtido a partir da cena no Monte da Transfiguração. Não é que Moisés e Elias tenham literalmente visto Cristo através de seus olhos, pois o corpo de Moisés, se não o de Elias, estava enterrado além do Jordão. O que eles viram foi a doutrina da Expiação, quando a discutiram com Cristo. O verbo ver muitas vezes significa entender. Quando um aluno do ensino médio discute a explicação do instrutor sobre um teorema da geometria, ele finalmente (esperamos) exclama como a verdade 'amanhece' para ele: "Entendo." Da linguagem comum, portanto, e da Transfiguração, podemos supor que grande parte de nossa atividade no céu será estudo teológico, mas antes de prosseguir com a idéia de que Deus é verdade e, portanto, racional, e que, portanto, a suposição está correta, aqui na terra, estamos interessados em outros assuntos.

Algumas coisas que nos interessaram nesta vida, como a teologia, também nos interessarão no céu; mas nem todas as nossas atividades atuais serão reproduzidas. Isso é de se esperar, pois "Seremos como ele". Em que aspectos devemos ser e em que permaneceremos diferentes dele deve ser determinado por várias referências. Um interesse atual é o casamento. No entanto, mesmo na terra, o vínculo matrimonial é dissolvido pela morte e o cônjuge sobrevivo é livre para se casar novamente. Agora todos nos lembramos da pergunta sobre a mulher com sete maridos. Veio como uma objeção ao conceito da ressurreição; e Jesus respondeu

> Marcos 12:25 Quando ressuscitam dentre os mortos, não se casam nem se dão em casamento, mas são como os anjos que estão no céu.

Outras funções corporais também cessam. Considere carne assada e caudas de lagosta.

> I Cor. 6:13 Carnes para a barriga, e barriga para carnes; mas Deus destruirá ambos

e eles.

Este versículo nos dá algumas dificuldades. Em Lucas 24:43, o Cristo ressuscitado comeu um peixinho. No que diz respeito à "ceia das bodas do Cordeiro", e Cristo não está bebendo vinho novamente até que ele o beba de novo conosco no reino de seu Pai (Mateus 26:29), podemos considerar a linguagem como figurativa. Certamente não há rebanhos e manadas no céu; se houver, não haverá carne e fornos. Mas Cristo comendo peixe diante dos olhos de seus discípulos só pode ser literal. Agora, deve-se reconhecer que o corpo de Cristo após a ressurreição era surpreendentemente diferente daquele que ele possuía antes. Primeiro, nem sempre foi reconhecível, como Lucas 24:16 indica. Se esse versículo significa apenas que Deus alterou a visão dos dois discípulos, e, portanto, não tem nenhuma influência no reconhecimento do corpo de Cristo como tal, o último versículo do relato (em 24:31) relata algo que nunca aconteceu antes da ressurreição. O versículo 36 também é surpreendente; e

o versículo 51 registra a ascensão. Semelhante a Lucas 24:36 é João 20:26. Portanto, parece razoável supor que comer peixe, pode ter sido um milagre anômalo, incomum na vida da ressurreição. Caso contrário, eu Cor. 6:13 seria difícil de entender.

Mas há algo mais. Paulo em 1 Coríntios. 15: 322 afirma com mais força a ressurreição corporal de Cristo, não apenas como um evento histórico, mas como um evento histórico absolutamente indispensável ao cristianismo. Karl Barth, portanto, não pode ser chamado de cristão, como provou sua famosa ou infame entrevista com Carl FH Henry. No entanto, Paulo faz algumas declarações intrigantes sobre o corpo da ressurreição.

I Cor. 15: 3550 Com que corpo eles vêm? Tu és tolo, aquilo que semeas não é vivificado, a menos que morra. E o que semeia, não semeia o corpo que será ... Mas Deus lhe dá um corpo ... É semeado na corrupção; é criado em incorrupção ... um corpo espiritual

... [assim] também teremos a imagem do céu ... Nem a corrupção herda a incorrupção.

Esses versículos são uma resposta a objeções levantadas por algumas pessoas na igreja de Corinto. Eles pensaram que uma ressurreição era impossível por causa da natureza do corpo. Paulo começa bruscamente sua resposta chamando-os de "estúpidos!" Ele continua enfatizando a grande diferença entre nosso corpo atual e o corpo da ressurreição. Em vez de se referir à natureza alterada do corpo da ressurreição de Cristo (talvez porque ele já tenha falado longamente sobre a ressurreição de Cristo), ele faz uma analogia de um grão de trigo e da planta que cresce a partir dele. Mas analogias não fornecem muita informação específica. O aluno pode querer consultar alguns comentários.

No entanto, e por maiores que sejam as diferenças, pelo menos uma coisa permanece a mesma. O homem ainda é um ser temporal no céu. Os ortodoxos gregos costumam dizer: 'Deus se tornou homem para que o homem pudesse se tornar Deus'. Mas é um pouco tarde para o homem se tornar eterno e onisciente. A eternidade é sem começo; homem começou. Onisciência não significa meramente 'conhecer tudo'; isso também significa não ter aprendido. Mas os homens aprendem. Em conjunto com isso, Agostinho fez da memória o princípio da identidade pessoal. Jones no céu é a mesma pessoa que Jones na terra, por causa de sua continuidade intelectual. Mas a memória requer um tempo anterior. O homem, um ser criado, permanece para sempre um ser criado e, portanto, permanece temporal.

Entre parênteses, aconselha-se o aluno a comparar o relato humanístico de identidade pessoal de Hume com o do grande bispo de Hipona.

Mas, embora temporal, o homem foi criado à imagem de Deus. A imagem é racionalidade, porque Deus é espírito e verdade. Portanto, a vida no céu será principalmente ou talvez inteiramente atividade intelectual, pois seremos como ele. Se a memória serve ao escritor, foi CS Lewis quem disse que qualquer coisa no céu que não seja silêncio é música. Se por "silêncio" ele quis dizer a ausência de comunicação, a Bíblia o julga errado. Discutiremos a Expiação com Moisés e Elias, e também com Cristo, e também com o Pai. No céu, saberemos e saberemos mais.

> I Cor. 13:12 Agora vemos através de um copo sombriamente, mas então cara a cara. Agora eu sei em parte, mas depois saberei, assim como também sou conhecido.

Alguns teólogos, o grande exegeta HAW Meyer, por exemplo, querem que esse versículo diga: 'Saberei como Deus sabia ou me escolheu no momento da minha conversão'. Essa interpretação depende da restrição do tempo aoristo a um único ponto do tempo, o que geralmente ocorre. Mas o capítulo não se preocupa com um contraste entre nossa escolha parcial no momento da conversão e nossa escolha mais completa e perfeita de Deus mais tarde no céu. Meyer adota sua opinião, a fim de evitar a compreensão superficial do verso que torna nosso conhecimento futuro inteiramente ao nível da onisciência de Deus. Mesmo assim, ele não consegue, pois diz: "Então, meu conhecimento de Deus será tão diferente de um meramente parcial, como é agora, que, pelo contrário, corresponderá ao conhecimento divino, até agora?" como uma vez em minha conversão me fez seu objeto, ou seja, (em frente de ek merous) por completo conhecimento do conselho divino." Mas, com conhecimento completo, um item faz parte de todos os outros. O conhecimento completo de um evento envolve o conhecimento de todos os outros eventos. Assim, com "conhecimento completo do conselho divino", Meyer atribui demais aos seres humanos no céu.

Não obstante, devemos insistir que a vida celestial é de conhecimento. Isso introduz uma pequena dificuldade em um versículo, para 1 Coríntios. 13: 8 diz que o conhecimento desaparecerá. Isso pode significar que a atividade de Deus em revelar novas informações aos apóstolos cessará com sua morte. O cânone será fechado. Ou pode-se buscar a explicação no próximo versículo, introduzida pela conjunção gar, para indicar uma razão do que precede: "pois sabemos em parte". Assim, um conhecimento mais amplo abolirá a característica parcial dos tempos antigos. De qualquer forma, o versículo 12 afirma a continuidade e multiplicação do conhecimento no céu. Naturalmente, o amor ou a obediência também permanecem porque, como mostrado anteriormente, o pecado ou a desobediência terminou.

Algumas pessoas, com base no versículo 2, depreciam o conhecimento. Eles devem lembrar, no entanto, que sem conhecimento não poderia haver amor nem obediência. Desculpas Paul, ou em

menos atenua, sua jovem perseguição aos cristãos porque ele fez isso ignorantemente em descrença. A responsabilidade depende do conhecimento.

De qualquer forma, quando Paulo enfaticamente afirma: "Mas temos a mente de Cristo" e "Que esta mente esteja em você que estava em Cristo Jesus", e quando João registra as palavras de Jesus, "Sabereis a verdade e a verdade vos libertará, não devemos assumir que toda a sua força e aplicação se esgotaram nesta vida terrena.

Pelo contrário: "Seremos como ele, pois o veremos como ele é", como Jó disse anteriormente. Embora isso não garanta que o pobre aluno que foi privado de uma educação sólida pela moda do novo matemática e outras atrocidades da Associação Nacional de Educação se tornarão instantaneamente especialistas em cálculo; no entanto, cada santo se tornará totalmente racional, como Deus é, já que os efeitos noéticos do pecado desaparecerão, de modo que ninguém mais cometerá erros de maneira simples. .

Nem devemos mais ser enganados por emoções perturbadoras, pois Deus não tem partes nem paixões; e ninguém baseará suas conclusões em induções empíricas. Em vez,

> Salmo 36: 9 À tua luz veremos luz.

> 1 João 1: 5 Deus é luz, e nele não há trevas.

Se nesta vida

> I João 5:20 O Filho de Deus nos deu entendimento, para que possamos conhecer aquele que é verdadeiro, ... Este é o Deus verdadeiro e a vida eterna,

se nesta vida temos a luz gloriosa, porém incompleta, do evangelho, e se "agora sois luz no Senhor [e] andamos como filhos da luz", quanto mais viveremos em verdade e entendimento quando não estivermos mais confinado a um espelho e a um enigma sombrio!

1 João 5: 6 O Espírito é a verdade.

Apocalipse 21:24 As nações dos que são salvos andarão na luz [da glória de Deus e do Cordeiro].

Ap 22: 5 Porque o Senhor Deus lhes dá luz.

Rm.11: 33,36 Ó profundidade das riquezas da sabedoria e do conhecimento de Deus ... Porque dele e por ele e para ele são todas as coisas: a quem seja glória para sempre. Amém